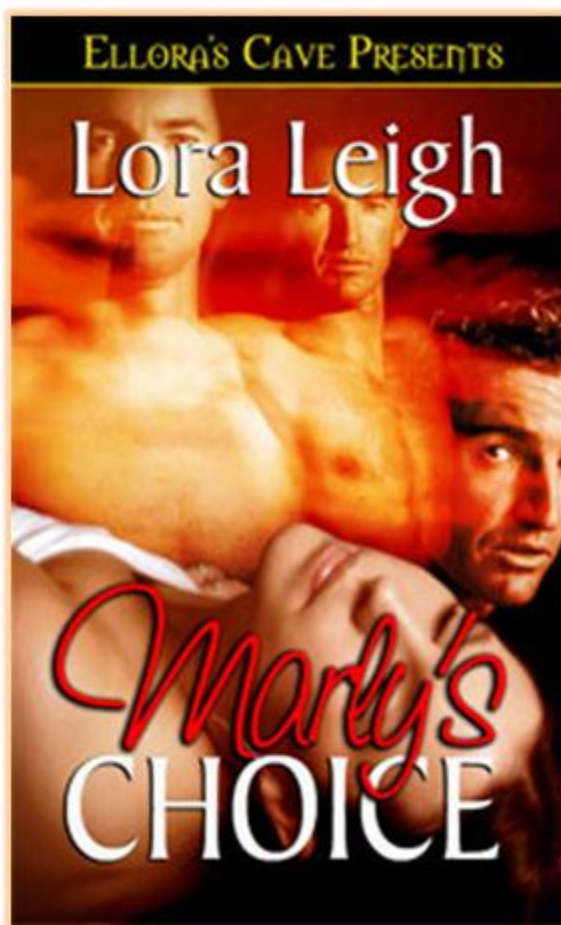


A Escolha de Marly

Lora Leigh



MEN OF AUGUST 01

O amor de Marly por Cade abrangeu seus anos de adolescência, e sobreviveu forte e intacto em sua idade adulta. Suas fantasias e sonhos diários a haviam sustentado, mas ela não está satisfeita somente imaginando o toque de suas mãos, o sabor de seus beijos. É tempo de seduzir o duro e sexy vaqueiro.

Ela tinha ouvido os rumores durante anos, histórias sobre suas preferências sexuais. Tinha se preparado para aceitar seus desejos. Preparado o corpo para seu toque.

Mas não estava preparada para a escolha que se aproximava...

Os desejos sombrios de Cade e seus excessos sexuais estão fundados no passado. Em um tempo quando a dor, a vergonha e o sangue haviam tingido sua alma. Ele guardava um segredo compartilhado somente com seus irmãos. Um segredo que marcou o vínculo, a habilidade de ser um irmão ou aceitar o amor dos homens com quem se criou. Ele conhece a única forma de provar sua lealdade, seu amor por esses irmãos, e Marly será a chave.

Ela tem uma escolha. Pode render-se às necessidades de Cade, os mais profundos desejos de sua alma, ou pode ir embora. Uma escolha que só Marly pode fazer. Uma escolha que pode mudar sua vida para sempre.

Disponibilização e Tradução: Eve Dallas e Rosie

Primeira Revisão: Ana Guedes

Revisão Intermediária: Tessy Silva

Revisão Final: Camila Luppi

Formatação: Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



CAPITULO 1

Os olhos de Marly se abriram lentamente, piscando com a consciência de que ele a estava observando. Cade estava em pé ao lado da cama, o corpo duro e excitado, os olhos quase negros enquanto olhava fixamente o corpo nu dela. Tinha os olhos enfocados entre suas coxas, onde seus dedos se moviam lentamente contra a carne suave e o pequeno broto de seu clitóris era claramente visível enquanto ela o massageava sensualmente.

Seu fôlego obstruiu a garganta. Estava nu, com uma ereção longa e grossa, uma mão a massageando com golpes lentos, constantes, os cílios caindo sobre a luxúria que enchia seus olhos. Respirando entrecortadamente, Marly o observou deitar-se a seu lado. Estremeceu, reconhecendo o sonho, mas necessitando-o tanto que só podia rezar para que desta vez, desta vez fosse real.

Ele se estendeu a seu lado, pôs um braço sob o pescoço dela, apoiando-se sobre o cotovelo, enquanto com a outra mão tocou suavemente seu rosto. Seu corpo estava quente e vibrante, esquentando seu sangue, aumentando a paixão.

— Sabe o quanto é bonita, Marly? — sussurrou, com voz baixa e áspera, baixando a cabeça para acariciar a comissura de seus lábios com um suave e quente toque.

Marly só podia choramingar. Não pôde responder. Não tinha fôlego.

Depois não teve oportunidade. Seus lábios se moveram sobre os dela, abrindo-os. Sua língua lambia sensualmente os lábios, deslizando-se em sua boca, tomando-a em um beijo tão quente que despertou para vida cada nervo de seu corpo.

Ela arqueou contra a mão que se movia sobre o estômago. Dura e larga, cálida e calejada pelo trabalho, movia-se sobre sua pele, deslizando-se lenta e segura em seus pesados seios. Ele pôs os braços sob seus ombros enquanto a virava para ele. Desejava esfregar-se contra ele. Regozijar-se com a calidez e masculinidade pressionada tão intimamente contra seu corpo. A ardente longitude de seu sexo descansava ao longo de seu quadril, abrasando-a com o erótico toque do aço coberto de seda.

— Mantive-me afastado tanto tempo como pude. — Grunhiu ele contra seus lábios, a mão cobriu o seu seio, os dedos roçaram o mamilo, fazendo-a gritar de prazer. — Tanto como pude, Marly. Tenho que ter você agora.

Baixou a cabeça lentamente, a boca cobrindo o bico de um seio, arrastando-o para a ardente calidez, sugando sua enrugada carne com fortes e rítmicos movimentos. A língua esfolou o tenro bico com lentas e ardentes lambidas, concentrando na boca toda a emotiva sexualidade contida em seu corpo duro.

— Tão bela. — Moveu-se sobre ela, colocando-a de costas e os lábios vagaram de um seio ao outro.

Lambeu e sugou. As mãos juntando os montículos, facilitando o acesso a seus bicos duros, fazendo Marly arquear-se desesperadamente contra ele, precisando de mais. Ela sabia que seria assim. Teria a mente destroçada quando a tomasse entre seus braços; seria levada à loucura com as carícias sensuais que faria.

Cade movia-se lentamente... os lábios sorvendo a pele do abdômen, seu corpo se deslocava mais para o dolorido centro. A necessidade animal fazia migalhas do seu corpo, reconstruindo-a. Com a respiração entrecortada e o corpo zumbindo, Marly observou Cade separar suas pernas, os olhos centrados entre suas coxas, os lábios sensualmente cheios. Ela choramingou. As mãos, grandes e ásperas pelo trabalho, percorriam suas coxas, os dedos se movendo lentamente para sua enrugada e úmida carne. Doía-lhe todo o corpo, pulsava, implorava para ser possuído.

— Vou lambe cada gota da nata de seu corpo, Marly. — A voz, rouca e profunda, revoava

sobre ela — Começando agora.

Baixou a cabeça, e Marly gritou quando sua língua deslizou através de sua carne. Gritou novamente momentos depois, sentindo-o rodear seu clitóris com tortuosos e lentos movimentos. Arqueou os quadris para ele, as coxas estremecendo com a tensão; a necessidade do clímax e saciar a fome crescente em seu corpo afligindo seus sentidos. Os dedos mudaram para os suaves lábios, separando-os com cuidado, e a língua ambiciosa se moveu devagar para apanhar a inundação de sucos que se derramavam de seu corpo. Chupando-a com a boca, lambendo-a e extraindo a doçura para sua boca, estava levando-a a beira loucura.

— Não posso resistir. — Sussurrou, as mãos se enredaram no cabelo dele. — Por favor, Cade, por favor, me tome.

— Não tão rápido, Marly. — Pressionou a mão em seu estômago, segurando-a na cama. — Acabo de começar. Estava avisada. Não foi advertida sobre o que eu iria querer de você?

Sua expressão era tensa e dura, os olhos quase negros quando levantou a cabeça, olhando-a fixamente com coxas abertas. Estremeceu-se, repentinamente temerosa. Tinha se preparado, assegurando-se de que poderia fazer o que ele quisesse, mas agora não estava tão certa.

Ela sentiu seus dedos estendendo a espessa essência ao redor da vagina, indo lentamente, de maneira brincalhona, para o apertado e pequeno buraco mais abaixo. Sobressaltou-se quando afundou o dedo nele, depois o retirou, estendendo mais lubrificação, preparando-a. A cada passada, o dedo deslizava mais e mais no interior de seu ânus. Marly lutava para relaxar ante a crescente tensão de seus próprios e incontrolados desejos.

Tinha as coxas tensas, e seus gemidos eram excitados soluços no silêncio do quarto, quando ele inseriu primeiro um, depois dois dedos nela. Moveu-se lentamente, estirando a pequena abertura enquanto sua boca continuava sorvendo seus aveludados lábios interiores, a língua acariciando-a em um inferno de necessidade enquanto os dedos estiravam o buraco inferior com impulsos profundos e lentos. Inundando-se dentro, tirando mais lubrificação natural de sua carne pulsante e estendendo-a até o pequeno buraco apertado, preparando-o com os impulsos sensuais e lentos de seus dedos.

— Quero que goze para mim. — Sua voz soou selvagem e sensual. Sussurrou as palavras contra o sensível clitóris, ignorando os movimentos corcoveantes de seus quadris e a súplica de seus gritos. — Quero que grite para mim, Marly. Grite...

Os dedos empurraram profunda e duramente, a língua atravessou o apertado canal de sua vagina. Estava perto, tão perto. Arqueou-se contra ele, sem respiração, com a garganta fechada ante o grito crescente.

— Não há grito, não há clímax.

O sonho se fez em pedaços.

Os olhos de Marly se abriram de repente com um grito de protesto, e o silêncio a saudou. Um quarto vazio, uma cama vazia, um corpo vazio; as coxas trêmulas da luta pela liberação. Os seios estavam inchados e vibrantes, os mamilos doloridos e duros. Choramou de angústia, girando-se para o travesseiro, o corpo enroscado em uma bola torturada. Precisava dele. Que Deus a ajudasse, precisava-o tanto que sabia que isso a mataria.

Seu corpo doía e pulsava no ritmo do duro tamborilar de seu sangue através das veias, os dedos crispados no colchão, os olhos fortemente fechados pela febre crescente de seu corpo. Ele era seu sonho, sua única fantasia, e Marly sabia que nunca sobreviveria se ele não a tocasse logo.

Cade. Seu Cade.

Amava-o desde sempre. Aos quatorze anos, entregaram-na para ele, sendo abandonada por sua mãe e sua meio-irmã, em um desesperado intento de esconder Marly de seu padrasto, Jack

Jennings. Este tinha uma fixação aberrante e pervertida em assediá-la a cada oportunidade. Quando sua mãe, Annie, viu a obsessão de Jack por Marly, tratou de partir e esconder-se. Mas ele continuava encontrando-a, e a cada vez machucava ainda mais Marly. Por fim, Annie renunciou. Tinha levado Marly ao único lugar no qual acreditava estaria a salvo. Depois, Annie desapareceu, esperando com isso despistar Jack.

Marly perdeu sua mãe. Tinham se passado seis anos desde que a tinha visto, e se perguntava diariamente o que teria acontecido. Mas tinha feito o certo, trazendo Marly para o rancho. Cade e seus irmãos a protegeram, embora seu pai não o fizesse.

Mas Joe agora estava morto. Seu enterro no dia seguinte acabaria com seu reinado de sofrimento. O velho bastardo tinha vivido machucando tudo o que pudesse. No fim morreu em sua própria cama, amaldiçoando Cade, e a miserável sorte que o tinha atado ao pequeno condado de Madison, Texas.

Marly rodou sobre a cama, enterrando a cabeça nos travesseiros, tentando dormir de novo. Desejava poder meter-se às escondidas na cama de Cade, esfregar-se contra ele, senti-lo duro e ardente enquanto fazia amor. Reprimiu um gemido, pensando nos últimos dois anos de preparação, os esforços realizados, os atos cometidos.

Tecnicamente, ainda era virgem. O hímen estava ainda presente, mas Marly sabia que os tecnicismos nem sempre contavam. Estava resolvida a conseguir a atenção de Cade, e mantê-la. Não podia fazer isso sendo tão pura como a neve. E sem dúvida alguma já não era pura. Agora estava quente e impaciente, e quase fora de controle.

Estava nua e desejosa. Os lábios brilhando de umidade, inchados e cheios por seus beijos, os olhos azul escuro estavam negros e cintilavam com a necessidade. Cade podia sentir a ereção vibrando intensamente, pulsando com exigência.

Observou a respiração entrecortada soando muito alta no quarto silencioso, enquanto lentamente ela ficava de joelhos diante dele. Compridos, os longos cachos negros se enredaram em suas mãos enquanto os lábios úmidos e quentes se fechavam sobre a parte superior de seu membro. Grunhiu ferozmente quando um relâmpago percorreu rapidamente a grossa longitude de sua carne e abrasou sua barriga. O escroto se esticou dolorosamente, a ereção pulsava com a necessidade acumulada em seu interior de soltar-se na apertada e esperada profundidade de sua boca.

— Chupa. — Sussurrou, a voz soando demente até para seus ouvidos. — Chupa mais profundo, Marly.

Estava empurrando lentamente em sua boca, gemendo pelos sons de sucção que fazia, pela tensão de seu corpo. Queria que isto durasse eternamente. Queria que o prazer não terminasse nunca. Era incrível, sua boca tão apertada e ardente, a língua lambendo-o em um banho abrasador, um agonizante gozijo.

Baixou o olhar, observando como a boca o apertava, quase tomando a metade de sua longitude, os lábios estendendo-se sobre sua carne, as bochechas cavando-se enquanto o sugava. Ela o desejava. Ela o desejava empurrando em seu interior até que liberasse cada gota de sua semente em sua boca. Estava ávida por isso. Faminta por ele.

Empurrou mais forte, mais rápido, sentindo o gemido que provinha de sua garganta reverberando ao longo de seu eixo. Seu corpo se estremeceu. Agora tinha as mãos no escroto, apertando-o, acariciando-o, a boca sugando-o até que enlouqueceu por liberar-se.

— Vou gozar... — Empurrou mais forte contra sua boca, sentindo a umidade e os ardentes movimentos aumentando enquanto a língua tamborilava sobre sua carne. — Vou gozar, Marly.

Empurrou mais rápido, a respiração entrecortada, áspera. Então suas mãos rodearam seu

cabelo, arrastando mais sua boca para ele, empurrando até onde as vazias profundidades de sua boca o permitiam antes de descarregar-se em sua garganta. Jorro atrás de jorro de ardente esperma saiu disparado da ponta de sua ereção, enquanto ela sugava mais forte, mais rápido, resolvida a capturar cada gota da semente de seu corpo.

Cade despertou com um grito entrecortado, a mão apertada sobre seu membro ardente, enquanto ejaculava brutalmente por suas próprias carícias. A amargura abria caminho em seu interior enquanto o sonho se dissipava, e se dava conta de que ela não estava ali. Sua boca ardente realmente não tinha estado acariciando-o, recebendo seus duros impulsos enquanto lançava nela sua liberação. Seus gemidos não tinham acariciado sua carne; seu corpo não tinha estado nu e disposto frente a ele.

Amaldiçoando com dureza, levantou-se lentamente da cama e caminhou cansativamente para o banheiro, lavando as mãos rapidamente, e depois, seu ainda duro membro. Quando o último rastro de sua humilhante liberação desapareceu, suspirou profundamente e fixou o olhar no espelho sobre o lavabo.

Era o mesmo de sempre. Os mesmos olhos cinza, o mesmo e muito comprido cabelo negro e os rasgos bronzeados. Mas sabia o que espreitava bem sob a superfície. O monstro com o qual continuava lutando diariamente.

Cade sabia que não deveria ter bebido na noite anterior. Sabia que não deveria ter entrado furtivamente no quarto de Marly e observá-la enquanto dormia. Se a tivesse deixado sozinha, se só afastasse dela, não estaria atormentado agora. Mas tinha sido incapaz. Deslizou silenciosamente no quarto, permanecendo emocionado ao pé de sua cama; incapaz de acreditar o que seus olhos estavam vendo na fraca luz do abajur sem a qual ainda não podia dormir.

As mantas lhe cobriam só o estômago. Tinha-as afastado descobrindo os quadris e as coxas, e os plenos e vigorosos seios. Os mamilos estavam duros, alargados e bicudos, lhe suplicando que os saboreasse. E entre as coxas... tragou com dificuldade. A carne de seu montículo estava completamente depilada e nua. Não ficava nem uma mecha de pêlo, e brilhava.

Espessos e abundantes, seus sucos cobriam a carne macia. Tinha sido incapaz de resistir, incapaz de parar. Arrastando-se mais perto se inclinou, percorrendo com os dedos o doce verniz do desejo. Reprimindo um gemido de necessidade, levou os dedos à boca.

Ainda podia saboreá-la em seus lábios. Doce, aditiva. Como a fruta mais saborosa, e suplicou por mais. Não sabia como se obrigou a afastar-se dela. Não sabia como conseguiu abster-se de afundar seu duro membro dentro dela uma e outra vez até que ambos gritassem no clímax. Mas o tinha feito. Voltou para seu quarto com o coração palpitando ferozmente e suas bolas ardendo de necessidade. Necessitava-a. Necessitava-a muito, e ela era a única mulher que não podia ter.

Negando com a cabeça, sentiu que não podia manter o olhar no espelho. Era tão pervertido quanto seu pai. Tão sexualmente desviado como o monstro que tinha tentado tomá-la quando era tão só uma menina. Não muito melhor que seu demônio.

Tinham-na criado, amava-a, mas sempre soube que não eram parentes. Enquanto crescia, esse pensamento sempre esteve no fundo de sua mente, e enquanto crescia, tinha-o atormentado cada vez mais freqüentemente.

Deus do céu, quando tinha começado a depilar-se? Por que o fazia? Isso o deixava mais duro que qualquer outra coisa. Fazia sua boca encher de água, sua necessidade de saboreá-la ainda mais imperativa. Carne impecável, úmida. Brilhando com o rocío de seu desejo. Seu doce sabor e frescura. Estava morrendo. Lentamente, sem dúvida alguma, era um homem morto, expirando de necessidade.

CAPÍTULO 2

Finalmente o avô Joe tinha morrido. Marly olhava fixamente pela janela da limusine enquanto partiam do cemitério, estudando no vidro a expressão ferozmente controlada de Cade. Os traços selvagens de seu rosto, com as maçãs altas, as sinistras pestanas negras, e a marcada linha do nariz. Mas seus lábios eram mais suaves quando não os tinha tão apertados como agora. A curva inferior ligeiramente mais cheia, e sorria freqüentemente quando estava com ela. Mas hoje não sorria. Estava distante, silencioso. Tinha sido assim desde morte do avô Joe. Não falava com ninguém, e menos ainda com Marly. Tinha excluído a ela e a todo mundo.

Marly sabia que a morte do avô Joe o afetaria. Tinha abandonado a escola tão logo se inteirou de sua morte, mas não esperava por isto. O avô Joe não tinha tratado exatamente seus filhos com amor e carinho. Especialmente Marly tinha sido excluída de sua boa disposição. Mas isso lhe tinha convencido, porque tampouco tinha se importado muito.

Marly suspirou, depois voltou a cabeça para os outros no carro. Seus irmãos, Sam e Brock, estavam em silêncio. Eram gêmeos, e só dois anos mais jovens que Cade, embora não fossem menos difíceis como seu irmão maior.

Sam e Brock tinham os olhos azul claro, e o cabelo era tão negro e sedoso como os de Cade, embora seus rostos não fossem tão grosseiramente esculpidos. Eram quase tão altos como seu irmão, com a mesma constituição na largura dos ombros e quadris estreitos que caracterizava os varões August. Poderiam ter sido trigêmeos de tão parecidos que eram.

Agora estavam também em silêncio, mais porque Cade estava calado que por meditação. O avô Joe não tinha sido a pessoa mais agradável do mundo. Freqüentemente era insultante, com a língua cortante como uma faca. Cade parecia ser o único capaz de ignorá-lo. Marly simplesmente tinha permanecido afastada dele tanto quanto foi possível. Parecia que sua simples presença era suficiente para fazê-lo explodir.

Sentado do outro lado dos meninos estava seu amigo, Greg James. Tinha vindo com ela de Dallas na manhã anterior para acompanhá-la. Greg era quase tão alto como Cade, quase dois metros de altura, mas não estava tão cômodo com sua altura. Encurvava os ombros freqüentemente para escondê-la, e se queixava com regularidade de que seria um fracote toda sua vida. Não era um atleta, e freqüentemente se lamentava deste fato.

Greg tinha o cabelo espesso, moreno e os olhos verde avelã. Usava óculos de fina armação metálica, e tinha uma conduta mais de intelectual que de enérgico macho. Marly pensou que era o rapaz mais agradável que tinha conhecido. Era tranquilo e considerado, e nunca fez grosseiros avanços como os outros jovens da universidade. Era falador uma vez que ultrapassava seu acanhamento, e tinha uma lealdade intensa e assombrosa. Era quase tão intensa como a de Cade e seus irmãos. Mas agora estava extremamente incômodo. Como se a tensão de Cade se estendesse pelos assentos e o asfixiasse. Pensando bem, Marly não o duvidou. Cade era mais que intimidante, mas normalmente essa atitude não recaía sobre ela ou seus convidados. Até a morte do avô Joe. Agora pouco falava com ela. E isso machucava Marly mais que outra coisa. Nos oito anos que tinha vivido com ele, Cade nunca a tinha afastado do seu lado.

Respirando fundo, Marly cruzou as pernas e voltou a olhar pela janela. Sorriu ligeiramente quando Sam fez algum comentário a Brock, a visão dos perfeitos dentes alinhados projetados na imagem criada na janela. Ainda a assombrava como Cade tinha sido decidido para que não fosse ridicularizada por seus dentes quando era menina. Tinha sido sua primeira viagem fora da casa. O segundo tinha sido por roupas novas. Cade sempre tinha estado ali para ela, não importava por que. Reparando os dores de sua infância, e acalmando as lágrimas amargas.

Cade, entretanto, não permitia que o ajudasse, por mais que pudesse necessitá-la agora. Mas a deixou sentar-se a seu lado, apertando-a contra a porta quando havia mais que suficientes assentos para sentar-se. Esfregou-lhe a coxa com a sua, e se quisesse, poderia recostar a cabeça no largo ombro.

— Ouça, Pequena, onde conseguiu estas pernas? — Sam estava olhando suas pernas enquanto falava, atuando como se não as tivesse visto antes, tirando-a de seus pensamentos.

O olhar azul claro era curioso, e francamente admirado enquanto a percorria dos pés até onde as coxas desapareciam sob a saia.

Marly olhou para baixo franzindo em cenho, perguntando-se o que acontecia. Será que já tinha desfiado as meias novas de seda?

— O que acontece com minhas pernas? — perguntou ela, girando uma, de maneira que pudesse ver sobre o que estava falando.

— Demônios, afinal cresceu um pouco. — Brincou. — Não tinha me dado conta antes. Umas pernas muito sexy.

Marly levantou o olhar com a intenção de arremeter contra ele, mas vendo a apreensão em seus olhos, em lugar disso sorriu abertamente. O silêncio de Cade afetava os outros dois homens além dela.

— Tão tolo como sempre, Sam. — Sacudiu a cabeça. E o era. Sam era o brincalhão, e todo mundo o amava. Mesmo aos vinte e oito anos, não tinha amadurecido completamente e indicava freqüentemente que não tinha a intenção de fazê-lo nunca.

— Marly tem as pernas mais bonitas da universidade. — Defendeu-a então Greg, com grande seriedade, enquanto jogou um tímido olhar para Marly. Sua admiração só lhe valeu um dos ferozes olhares de Cade.

O olhar foi mais sinistro do que qualquer um que Marly podia recordar de haver visto em muito tempo. Os olhos entrecerrados, a mandíbula se sobressaindo em um movimento desafiante. Estava impressionada. Tinha recebido freqüentemente elogios em sua presença durante anos. Nunca antes tinha reagido de maneira tão mordaz.

— As pernas de Marly não são tema de discussão. — Informou a todos de maneira ameaçadora, o cinza em seus olhos obscurecendo-se perigosamente.

Sam olhou para Brock com cumplicidade. O outro irmão só sacudiu a cabeça enquanto Marly ficou olhando-o, confusa. Não tinha nem idéia que tipo de problema tinham esses dois.

O silêncio desceu de novo. Um incômodo e pesado silêncio. Não podia se colocar contra Cade quando usava esse tom assim perigoso. Até Marly era extremamente cuidadosa a maioria das vezes. Encolhendo os ombros, cruzou as pernas, ajustou a prega da minissaia para assim cobrir suas coxas e olhou pela janela outra vez.

Viu-o dar uma olhada nas suas pernas quando a imagem se refletiu no vidro escuro. O cenho franzido ficou ainda mais escuro. Depois ele levantou o olhar, incluindo a longa trança francesa e seu próprio reflexo enquanto lhe devolvia o olhar. Os olhos completamente abertos, os lábios entreabertos, e Marly sabia que estava tão encantada com ele como sempre. O bom aspecto bronzeado de Cade, e o corpo musculoso sempre lhe tiravam a fôlego.

— Esta saia é muito curta, Marly. — Ele disse, a voz ainda sinistra e mortal. — Pensei que tivéssemos enviado bastante dinheiro para roupas novas.

— Esta é nova, Cade. — Ela respondeu enquanto dava a volta, encarando sua cólera diretamente. — As minissaias estão na moda.

A minissaia azul marinho combinava com a blusa tipo jaqueta que era uma de suas favoritas. Saltos combinando acompanhavam o conjunto, elevando-a alguns centímetros mais de sua estatura normal, de um metro e cinquenta e quatro centímetros.

— Cobre só o seu traseiro. — ele espetou.

Marly ruborizou, enquanto a expressão de Greg agora refletia assombro.

— Ignore-o Greg, na realidade não morde. Simplesmente gosta de latir muito. Mais ou menos como o cão do sucateiro de quem me fala sempre. — Marly ignorou as risadas apagadas dos outros dois homens, assim como a cólera que iluminou os olhos de Cade.

— Uh... umm... o cão também morde, Marly — disse Greg advertindo-a enquanto olhava com apreensão para Cade. — Realmente forte.

— Ah, Cade não te morderá. E se atrever a me morder, devolverei a dentada. — Lançou-lhe um olhar furioso. — Assim pára de tentar intimidar meus amigos e a mim, Cade.

Cade arqueou uma negra sobrancelha enquanto o cinza de seus olhos mudava, como nuvens de uma tormenta alinhando-se. Pôs ela nervosa quando fez isso, fazendo-a ela querer fugir e se esconder. Mas estava resolvida a não fugir mais.

— Nunca tento nada, Marly. — ele recordou sinistramente, sorriu mostrando todos os dentes e sem calidez. — Faria bem em se lembrar disso. Se quisesse te intimidar, teria êxito.

— Não disse que não pudesse, — ela replicou docemente — simplesmente te digo que pare. Agora a olhou com curiosidade, como se a recém encontrada insolência o intrigasse.

— Maldição, Marly tem dentes! — Murmurou Sam, ganhando seu próprio olhar “Cade”. — Eu sinto muito, Cade. — Deu de ombros, mas Marly entendeu o cuidadoso controle de seu sorriso.

O silêncio desceu mais uma vez. Era incômodo, asfixiante.

— Sinto não ter estado aqui até ontem, Cade. — Ela disse baixinho; temendo que essa fosse a razão pela qual estava zangado com ela. Ele não tinha sido capaz de encontrá-la. Ela e vários amigos estavam na casa de Greg naquela noite, estudando para um exame. Não tinha se informado da morte do avô Joe até a manhã seguinte.

— Não havia nada que pudesse fazer. — Negou com a cabeça.

— Podia ter estado aqui com você. — Pôs a mão em seu braço. — Deveria ter estado.

Ele baixou o olhar para a mão descansando sobre seu musculoso braço como estivesse surpreso de que o houvesse tocado.

— O testamento foi lido na noite anterior, antes que voltasse para casa. — Ele informou repentinamente. — Eu sinto, mas Joe nunca encontrou tempo para mudá-lo...

— Nunca esperei que me deixasse nada. — Marly retirou a mão por seu tom frio de voz. — Não gostei dele desde primeiro dia. Assim não importa.

Simplesmente reafirmava o que já sabia. O avô Joe realmente a tinha odiado. Odiado tanto, que estava decidido que nada do que tinha fosse para à pequena abandonada que acolhera. Às vezes, perguntava-se por que o tinha feito.

— Não era aversão. — Começou Cade.

— Não, era ódio. — refutou Marly — E não tem sentido discutir sobre isso agora que se foi. Não queria nada do que tinha. Não quero nada do que tem. É por isso que fui à universidade, para aprender como me manter por mim mesma.

Cade suspirou.

— Cuidarei sempre de você Marly, assegurei-lhe disso. — ele disse baixinho — Não tem que se preocupar.

— Então pode ficar sossegado. — Ela respondeu com calma — Porque não quero, Cade.

Greg agora estava virtualmente olhando-os boquiaberto, atraindo de novo o furioso olhar de Cade. Baixou a vista, mas seus olhos marrons ainda estavam abertos de surpresa.

— Podia ter enviado a limusine. — resmungou Cade, e ela sabia que estava falando sobre a decisão de levar Greg. Marly franziu o cenho por seu comportamento rude. Nunca tinha visto Cade de forma tão áspera, tão difícil de tratar.

— Poderia ter feito isso. Mas não queria ficar sozinha, Cade, e ninguém se ofereceu para vir me buscar.

Isso doeu. Marie, a antiga governanta e agora cozinheira eventual, tinha sido a única que tinha a informado da morte do avô Joe. Cade tinha sido incapaz de nem sequer chamar pela segunda vez, ou deixar uma mensagem em seu apartamento. Sabia que estaria ocupado. Mas também sabia que podia ter sido bastante considerado para que o fizessem Sam ou Brock.

— Se tivesse pedido algum de nós o teria feito. — ele disse quietamente, olhando-a com surpresa.

— Se tivesse oferecido, talvez o tivesse aceito. — disse bruscamente em resposta — Mas não se ofereceram, e não queria dirigir sozinha. Greg amavelmente se ofereceu para me acompanhar.

Marly sorriu docemente para Greg em agradecimento. Observou com assombro como seu peito parecia estufar um pouco mais. Que demônios acontecia com ele? Evidentemente, Cade também o viu, como se seu olhar de desgosto fosse algo para passar por cima. Sam mal conteve seu regozijo quando o olhou, com o cenho franzido. Como sempre, Brock ficou em silêncio, mas quando seus olhares se encontraram, Marly viu a faísca de diversão nele.

Marly negou com a cabeça a todos eles. As fases da lua têm que estar hoje realmente descontroladas, pensou. Cada homem com quem se encontrou atuava como se tivesse pedras no cérebro. Era, como mínimo, desconcertante.

Cade não sabia por que estava tão furioso com Marly. Não era culpa dela que o velho tivesse uma mente pervertida e desagradável, ou que fosse um monstro depravado. Que tivesse visto emoções e necessidades em Cade que não podiam ser, não deveriam estar ali. Não era culpa dela que suas pernas fossem magníficas, e que qualquer homem com olhos na cara estivesse mais que impressionado. Não era culpa dela que mal pudesse controlar a resposta de seu corpo a ela, ou o veloz endurecimento da carne entre suas coxas cada vez que a via.

Tinha sido criada como sua sobrinha. Tinha crescido, quisesse admitir ou não. Provavelmente já tinha feito sexo, a maioria das garotas de sua idade já o fez. Cade queria apertar os punhos com esse pensamento, e mal reprimiu a necessidade. Talvez tivesse feito sexo com o jovem sentado frente a ele.

Cade olhou fixamente para o rapaz, sem se importar a pálida cara alargada e os amplos olhos avelãs atrás das lentes dos óculos. Greg tragou forte e com dificuldade, dando a Cade uma medida de satisfação.

— Por favor, Cade... — A voz de Marly envolveu sua fúria, suplicante, desesperada.

Reprimindo um xingamento, Cade olhou fixa e resolutamente para o vidro tinto que separava o condutor da família. Estava de péssimo humor e o sabia. Não era uma boa companhia nem para um cavalo, e devia ter dirigido só ao cemitério. Mas Marly ia de carro com a família, e maldição se não tinha sentido sua falta durante o último ano e meio desde que começou a universidade.

Vinha para casa com pouca frequência, apesar da curta distância de Dallas. Natal, Semana Santa e aniversário. Somavam três semanas no total, e o odiava. A casa estava tão quieta, tão silenciosa sem sua risada, ou suas birras infantis. Marly já não entrava às escondidas em seu escritório de noite, quando os pesadelos infestavam seu sonho, para dormir no sofá enquanto ele trabalhava. Perguntava-se quem tranquilizava seus pesadelos agora. O olhar furioso atravessou o jovem James, mas este mantinha a cabeça baixa olhando com fascinação um fio solto na jaqueta. O pequeno imbecil.

Cade não esperava que ela chegasse com um amigo. E sem dúvida não tinha esperado um amigo varão, considerando quão cautelosa era com os homens. Sempre o tinha sido, desde seu

padrasto, e o avô Joe.

Cade apertou os dentes com fúria renovada. Ela tinha uma cicatriz na perna da primeira e única surra que recebeu em casa. Uma surra que Joe lhe administrou no primeiro mês que Marly foi viver com eles. Cade nunca esqueceria o horror desse dia quando Marie tinha havia corrido gritando para o estábulo que o senhor Joe estava batendo na senhorita Marly.

— OH Deus, Sr. Cade, — tinha gritado — vai matá-la.

Cade tinha corrido para a casa, horrorizado ao ver seu pai batendo na menina com uma correia de pele. Joe estava violento, furioso, louco de cólera. Cade quase o tinha matado nesse dia.

Tinha-a açoitado quando a ouviu, por acaso, contando a Marie que algum menino na escola tinha tentado beijá-la. Um inocente beijo no rosto de um namoradinho, e Marly o tinha pago de forma que a deixou incapaz para ir à escola durante duas semanas, até que os intensos hematomas, lacerações nas pernas e nádegas se curaram.

— Cade? — A voz preocupada interrompeu os pensamentos, a suave mão em seu braço esquentou sua pele. — Está tudo bem?

Ele cobriu sua mão lentamente, enquanto voltava a cabeça e olhava dentro dos profundos lagos desses misteriosos olhos azuis. Ela o atraía, a inocência e a carência de astúcia apaziguaram a furiosa besta em seu interior. Como, em nome de Deus, sobreviveria quando se fosse outra vez?

— Estou bem, carinho. — Suspirou, com a mão cobrindo as suas, segurando-a perto quando quis se mover. — Só meditava. Sinto muito, fui muito resmungão.

A cabeça dela foi para seu ombro, fios de alvoroçados cachos caíram sobre o peito quando escaparam da trança. Apoiou a face contra o sedoso cabelo e aspirou profundamente sua essência.

— Está tudo bem, Cade. Eu te entendo. — Já não era a voz uma menina. Uma menina muito imatura para sua idade quando chegou a eles.

A voz era doce e poesia lírica. Uma voz de mulher e sabia, por observar o maldito jovem James, o que provocava na espécie masculina ouvir esse sexy som.

— Senti sua falta, Pequena. — Suspirou outra vez contra seu cabelo, sentindo uma sensação de calidez substituindo o frio nó de fúria que o tinha preenchido.

— Também senti sua falta, Cade. — Havia uma nota de pesar em sua voz. Um suspiro de desejo no qual não queria se aprofundar muito atentamente.

Estendeu o braço atrás dela, puxando-a para seu peito enquanto a limusine ia para o rancho. O cemitério em que Joe tinha querido descansar estava a horas do rancho, e completamente desligado dele. Joe não tinha tido amigos, nem família enterrada nessa terra sagrada. Não tinha querido ter nada a ver com o rancho depois da sua morte, tinha-o odiado durante toda sua vida.

A mão de Marly estava pousada agora em seu peito, bem sob a cabeça. Confiante, cálida, apoiou-se contra ele, um peso frágil e tão precioso para ele, mais que qualquer outra coisa. Não podia imaginar não tê-la em sua vida, sem necessidade de segurá-la, assegurar-se de que estava bem. Ainda era baixa, apenas um metro e cinquenta e quatro centímetros contra quase dois metros. Era magra e leve, com uma espessa massa de negros cachos que fluíam além de seus ombros e quase até os quadris. Não o tinha cortado porque ele gostava muito. Tinha jurado durante anos que se não fosse por Cade, teria cortado o cabelo a zero.

E ele amava seu cabelo. Quando era pequena, Cade o tinha escovado e trançado todo dia, até que fez dezesseis e começou a ficar mais nervoso com ela. Mesmo então, havia vezes em que ela pedia que lhe escovasse o cabelo. Muitas vezes, quando o buscava em seu estúdio bem tarde da noite, trazia a escova de prata que ele tinha comprado. Colocava-a na mesa ao lado do sofá e ia para ele, que escovava seu cabelo até que dormisse.

E nesse sofá dormia, até que ele fosse para a cama. Quando a levava até seu quarto, metia-a na cama com dossel de encaixe e beijava seu rosto antes de ir para o seu quarto. A última vez que

o tinha feito tinha sido na noite anterior à partida para a universidade. Os pesadelos tinham sido maiores nessa semana.

— Quero ficar em casa um tempo. — Sussurrou contra seu peito. — As férias da primavera começam amanhã, e pensei em ficar até que comecem as aulas.

Tinha passado as férias estudando, abrindo mão das festas.

— Então fique em casa conosco, carinho. — Ele respondeu, ignorando Sam e Brock enquanto os observavam estarecidos.

— Pode deixar a caminhonete para seu amigo voltar, e eu te levarei de volta à universidade quando precisar voltar.

— Não, Greg também precisa de umas férias. — Bocejou quando a estreitou entre seus braços. — Ficaremos os dois. Você se importa?

Cade voltou o olhar lentamente para o repentinamente nervoso Greg James.

— E... e... está bem, Marly — gaguejou Greg — De verdade. Bem. Posso voltar.

— Certamente que não. — Marly moveu a cabeça contra o peito de Cade. — lembro quão entusiasmado estava em passar uma semana aqui. Ficaremos e vadiaremos pelos arredores e nos divertiremos. Além disso, sabe que não quer voltar para casa de sua irmã.

Cade notou o fio de cólera no comentário de Marly. O jovem deu de ombros e olhou para Cade suplicante. Maldição, todos os jovens tinham esse olhar, essa súplica de compreensão quando se enfrentavam à determinação de Marly?

— É bem-vindo para ficar, Greg. — Cade não queria instigar Marly e fazer com que se movesse de seu abraço.

Fazia muito tempo desde que tinha deixado abraçá-la. Não queria o jovem ali. Não queria saber se sua doce e inocente Marly estava dormindo com um jovem tão incompetente, mas permitiria a visita para manter agora o tênue abraço nela.

— Obrigado. — Havia uma veia de pesar, uma dose de profunda solidão na voz do jovem.

Maldição, pensou Cade, outro jovem era a última coisa que precisava agora. Marly o deixava bastante louco. Não precisava de ajuda. Não precisava de alguém ajudando-a a levá-lo ao limite. Ela já o estava fazendo bastante bem se por si mesma.

CAPÍTULO 3

O amanhecer mal apontava pelo horizonte na manhã seguinte, quando Marly se aventurou a sair de seu quarto e se dirigiu à cozinha. Provavelmente Cade já teria se levantado e já tinha ido, mas sabia que ele sempre preparava uma jarra de café para Sam e Brock antes de sair de casa. Uma xícara da forte e embriagadora bebida era o que ela procurava.

Ainda vestida com a enorme camisa e as grossas meias $\frac{3}{4}$ que ela tinha roubado de Cade no dia anterior, caminhou sonolenta pela cozinha. As meias $\frac{3}{4}$ faziam parecer miúdos seus pequenos pés, mas os mantinham quentes e abrigados. A camisa caía quase até seus joelhos, o suave algodão cor canela a cobria por completo e de algum jeito o fazia sentir-se mais perto de Cade. Raramente dormia com outra coisa que não fossem suas camisas.

— Perguntava-me o que tinha acontecido com essa camisa. Sabia que era uma das minhas favoritas, Marly? — A voz divertida de Cade a deteve bruscamente, olhou para o canto da cozinha, onde Cade estava sentado numa mesa redonda.

Estava curvado sobre uma fumegante xícara de café, os restos de seu café da manhã em um prato frente a ele, enquanto a observava. Seus olhos estavam brilhantes e divertidos; os lábios

curvados em uma espécie de meio sorriso que fez com que seu coração palpitasse forte e rápido.

— Achei que já tivesse saído para trabalhar. — Encurvou seus ombros sob o algodão, esperando que ele se esquecesse da camisa.

— Estou atrasado. — Seus olhos cinza estavam escuros enquanto percorriam lentamente seu corpo — Minhas meias 3/4 também, hein? Quantos pares roubou desta vez? — O tom de exasperação em sua voz estava suavizado pelo afeto. Era rotina, um jogo. Ela roubava suas camisas e meias ¾ e ele fingia preocupar-se com quantas tinha escamoteado.

— Só um. — deu de ombros — Não é como se os perdesse. — Marly ocultou seu sorriso enquanto lhe dava as costas, seus sentidos tentados pelo aroma do café quente, fumegante. Seu corpo tentado pela vista do homem sexy e sonolento.

Ele ficou em silêncio enquanto ela se servia de uma xícara grande de café, logo tomava um gole do líquido quente. Seus olhos se fecharam enquanto a cafeína golpeava sua língua, antecipando a rajada que chegaria mais tarde.

— Ainda deveria estar na cama. — Ele disse brandamente quando ela sentou na borda da pia, com as mãos envoltas ao redor da xícara.

— Normalmente me levanto cedo. — respondeu sonolenta, sufocando um bocejo — Não dormi bem ontem à noite.

Ela lutou contra o rubor que podia sentir sob sua pele. Não tinha dormido porque cada vez que fechava os olhos via Cade e sua excitante boca flutuando frente a ela. Seus lábios estavam cheios, com um bordo áspero, duro. Seus olhos cinza sempre diretos, as pestanas grossas, negras, emoldurando-os, lhe dando uma aparência carnal, erótica.

— Sim, eu também estava inquieto. — Agachou a cabeça, sorvendo seu café.

Ela o tinha ouvido em seu quarto. Tinha observado a porta, rezando para que viesse até ela. Marly inalou profundamente. Via-se sexualmente atraente e perigoso, e um pouco adormecido. Ela desejou que a sonolência tivesse sido causada por algo mais, além de caminhar de cima abaixo pelo quarto toda a noite.

— Sente falta do avô Joe? — Ela levou seu café para a mesa, sentando-se na cadeira a seu lado e o observou.

Cade grunhiu.

— Esse velho bastardo durou mais tempo do que deveria.

Marly se sobressaltou. Não tinha gostado de Joe particularmente, mas não sabia que Cade estava tão amargurado com ele. O fio de ódio em sua voz era amargo, apaixonado.

— Não foi um homem feliz. — Ela se encurvou, tentando encontrar uma forma de confortá-lo.

A expressão de Cade era hermética, mas Marly vislumbrou uma ponta de dor e fúria em seus olhos no último segundo, formando um nó em sua garganta. Como podia não ter sabido, durante todos estes anos, da cólera que ele sentia por Joe?

— Não o desculpe. Era um bastardo e todos sabiam. Mas era meu pai, tinha que suportá-lo. — Na voz de Cade, havia anos de pena e desespero. E dor.

Cade não deveria sofrer assim. Sozinho, com suas emoções cuidadosamente escondidas sob a superfície, como uma escura e zangada besta bramando dolorida, sem ninguém que o escutasse. Esse pensamento pôs lágrimas em seus olhos, em seu coração. Ele sempre tinha evitado a dor em sua vida. Ela também queria evitá-la na dele.

Marly o contemplou, vendo um raio de tristeza aparecendo em seus olhos. Uma tristeza que ele já não podia esconder. Moveu-se de sua cadeira antes de pensar no que fazia, e antes que Cade pudesse detê-la, sentou-se em seu colo.

Sentiu como a aceitava, surpreso a princípio, rodeando-a com seus braços para, finalmente,

segurar com força a seu redor para aproximá-la. Ele enterrou o rosto em seu cabelo, esfregando a face sobre a parte superior de sua cabeça lentamente. Os braços dela estavam ao redor de seu pescoço, o rosto contra seu ombro, e Marly quis chorar porque se sentia tão cálida, tão bem estando em seus braços.

— Senti sua falta, Cade. — Sussurrou suavemente, roçando com seus lábios a parte inferior de sua mandíbula. — Senti muito sua falta.

Ela sentia como suas mãos a apertavam. Uma em sua cintura, a outra na coxa. Seu calor era como uma marca erótica em sua pele.

— Eu também senti sua falta, neném. — disse ele, com voz áspera — Mais do que imagina.

O tecido da camisa subiu pelas suas coxas, mostrando uma quantidade indecente de pele nua. A mão dele parou ali, simplesmente sob a prega da camisa, o polegar roçando sua pele suavemente. Era como fogo contra sua carne, o calor da carícia a deixava louca.

— Vai ter que deixar de roubar minhas camisas, Marly. — Sua voz era rouca, divertida, enquanto seus dedos esfregavam o algodão em sua cintura — Era uma das minhas favoritas.

Ela lutou por controlar sua respiração, o sangue rugia nas veias.

— Talvez te empreste ela em alguma ocasião. — Sorria contra o peito dele, torturada pela sensação de seu corpo grande e duro contra o dela, e desfrutando-o.

Sentiu o sorriso dele contra a parte superior de sua cabeça, e inclinou a sua para trás para olhá-lo. Meu Deus, era tão bonito, tão escuro e rude que fazia com que seu coração pulsasse descontrolado. Seus olhos encontraram os dela, a cor obscurecendo-se e formando redemoinhos de um modo que secou sua boca e enfraqueceu seus joelhos.

— É tão bonita. — A mão dele se separou de sua coxa, os longos dedos tocando seu rosto enquanto acariciavam sua pele.

Marly engoliu com força, depois umedeceu os lábios nervosamente enquanto seu corpo se derretia contra o dele. Olhava-a de um modo como nunca tinha feito antes, intensamente, ardendo em sua alma enquanto cravava os olhos nela. A ternura se refletia em seus olhos, mas também podia ver o núcleo quente de desejo. Tinha que ser necessidade. Desejo.

— Cade... — Não podia suportar a necessidade, o desejo. Morria por sentir os lábios dele contra os seus.

As pálpebras dele desceram, o olhar centrado em seus lábios. A tensão, densa e quente se formava redemoinhos sobre eles, aproximando-a a ele, deixando-a quase sem fôlego em seus braços. Ele a teria beijado. Ela sabia que o teria feito. Mas nesse momento Brock e Sam irromperam na cozinha.

— Maldição, é muito cedo para esta merda. — Sam foi direto para a cafeteira, enquanto Brock dava tombos para o forno onde Cade tinha deixado um prato de bacon e pãezinhos. Nenhum dos dois parecia estar acordado ou consciente, embora estivessem vestidos e tentassem ao menos fingi-lo.

Ela suspirou, seu olhar se separou da tranqüila e escura intensidade de Cade enquanto dirigia o olhar para os irmãos.

— Hey, Cade, Marly. — Sam quase caiu de sua cadeira, seus olhos nublados mal tinham vida enquanto os olhava.

Marly sentiu Cade suspirar. Depois ele aplaudiu sua coxa antes que as mãos agarrassem sua cintura para levantá-la do seu colo.

— Reúnam-se comigo, os dois. — grunhiu enquanto ficava de pé e acabava seu café com uma careta de desgosto — Estarei esperando no celeiro.

Sem outra palavra, levantou-se da mesa e saiu da cozinha.

— Maldição, temos um chofer conduzindo uma limusine, mais dinheiro do que qualquer um

de nós pode gastar, e ele ainda nos trata como trabalhadores do rancho. — Sam negou com a cabeça, demonstrando seus sentimentos de injustiça sobre esse fato. — Não temos cozinheiro, e fazemos nossa cama. Esse homem nasceu para ser negroiro.

Marly sorriu, sacudindo a cabeça ante sua aparência mal-humorada.

— Se anime, Sam. Ao menos, ele já não te faz limpar os estábulos. — ela disse enquanto se levantava também. — Vejo vocês mais tarde, meninos. Vou tentar tirar algumas horas mais de sono.

Não que ela pensasse que conseguiria. Seu corpo ainda estremecia, o calor e o desejo percorriam com força suas veias. Mas precisava afastar-se de Sam e Brock. Precisava pensar no que tinha visto nos olhos de Cade, os redemoinhos de emoções, o obscurecimento do desejo. Tinha que ser desejo.

Cade apoiou-se, desanimado, contra a parede de um estábulo vazio, segundos depois de entrar no celeiro. Um suspiro profundo e cansado saiu de seu peito, e seus olhos se fecharam com tristeza. O corpo pulsava, duro e atormentado, seu membro vibrando por aliviar-se. Filho de puta, pensou, outro segundo com ela em seus braços e teria feito o impensável, o inconcebível. A mão flexionada a seu lado, a percepção de sua coxa suave ficaria impressa ali para sempre. Sua pele era cálida, macia, como a seda mais suave.

Apoiou a cabeça contra a parede, sacudindo-a com resignação. Não o negaria mais. Desejava Marly, e o tinha feito durante anos, tal como Joe o tinha acusado. Os sonhos já eram o suficientemente maus. O momento roubado em seu quarto na noite anterior, um crime. Mas isto, isto era mais do que podia suportar. Só alguns minutos com ela em seus braços e tinha estado a ponto de tombá-la sobre a mesa do café da manhã e comê-la, no lugar do bacon e os pãezinhos que esperavam no forno.

Tirou o chapéu da cabeça, correndo os dedos através do cabelo com crescente frustração. Não podia tê-la. Sabia disso. As coisas que queria fazer com Marly a deixariam aterrorizada. Demônios, aterrorizavam até ele.

Não era um homem fácil. Sua sexualidade era difícil de dirigir, e algumas vezes mais rude até do que gostaria. Era intensamente dominante, em todos os sentidos, especialmente no sexual. Nunca machucou suas parceiras, mas sabia que o que queria fazer com Marly a deixaria tremendo de medo. As formas em que a queria a assustaria. E ela tinha feito a única coisa que poderia destruir sua força de vontade. Depilou a pele entre suas coxas. Tentava-o com seda fresca e úmida e com o calor doce de seu corpo.

Corpo suave e sedoso, revestido com o desejo provocado por não importa que sonho que estivesse tentando-a. Quem era seu amante nos sonhos? Seus dentes se apertaram com força pelo ciúme. Quem era o homem que a tinha deixado disposta e quente, seu interior preparado para a penetração?

A fúria era agora como um ácido amargo devorando seu estômago. Sua ereção era como uma besta grunhindo sob seu jeans, exigindo liberação, reclamando Marly. Não a qualquer mulher, somente Marly. Doce e cálida, seus olhos inocentes, escuros e adoráveis enquanto o olhavam. Ele os queria escuros e necessitados, seus lábios úmidos abertos para os seus, ou envoltos ao redor de seu membro duro.

Queria ouvir seus gritos ressonando a seu redor enquanto empurrava dentro dela, impulsionando-se no pequeno portal quente que enfeitiçava seus sonhos. Queria penetrá-la até que gritasse, rogando por mais. Queria o que sabia que não podia ter dela. Suas demandas sexuais a aterrorizariam, e ele sabia. Quis gritar pela perda de sua decência. Tinham-no despojado dela, desprendido de sua alma muito antes de que ela tivesse vindo a sua casa.

Um gemido se retorceu em seu peito ao pensar em tomá-la. O suor umedeceu sua fronte, e sua ereção era um demônio torturante pulsando entre as coxas.

— Preciso me deitar com alguém. — Resmungou, sabendo que não o faria, sabendo que não haveria satisfação verdadeira no corpo de outra mulher.

— Cade, está aqui dentro? — gritou Brock enquanto entrava no celeiro.

Sacudindo a cabeça, Cade conteve a necessidade, rogando que a dureza entre suas coxas diminuísse, ao menos o suficiente para terminar seu trabalho da manhã.

— Aqui atrás. — Cade agarrou sua sela do banco ao fundo do estábulo e com ela deu a volta para a parte dianteira do celeiro — Sela. As cercas precisam ser reparadas.

Ignorou a careta de desgosto de Brock.

— Cercas. — resmungou seu irmão — Demônios, esperava ter um dia fácil.

Igual a ele, pensou Cade, mas não parecia que fosse ser assim. Queria terminar antes do almoço. Tinha que acabar, porque não sabia se podia esperar até a tarde para ver Marly outra vez.

— Finalmente decidiu abrir os pastos de trás? — Brock se surpreendeu com sua pergunta enquanto selavam os cavalos.

— Ainda não. — Cade aplaudiu seu cavalo carinhosamente depois de apertar a cilha — Por quê?

— É estranho. Tive a impressão de ver alguém na colina esta manhã. Deve ter sido um dos trabalhadores rondando pelos arredores. — Brock deu de ombros — Esperava levar até lá algumas das mães antes que parissem.

— Essa é a minha intenção. — Cade assentiu — Não mandei nenhum dos rapazes ainda, mas pode ser que estivessem comprovando o lugar antes. Viu quem era?

— Não, só vi o cavalo. — Brock conduziu seu cavalo ao pátio, voltando-se para olhar para Cade enquanto saíam do celeiro — Descobrirei quem era mais tarde. Assegure-se que descubram a velha guarida que o lobo usava no inverno passado. Não quero perder mais bezerros por causa desse cão velho e ardiloso.

Cade assentiu, olhando para a pequena colina que se elevava atrás do rancho. Com sua ladeira, abrangia a melhor parte dos pastos de trás, e no outro extremo, os lobos eram propensos a usar a caverna natural como guarida. Tratavam de mantê-la livre de animais, mas sempre conseguiam encontrar uma maneira de entrar.

— Me faça saber o que encontrarem.

Cade assentiu, depois deu a volta em seu cavalo e cavalgou a meio galope ao longo da cerca. A cerca de arame e estacas se estendia ao longo de várias milhas.

Cade desfrutava mantendo em seu lugar a cerca de pranchas pintadas de branco perto da casa. Marly gostava quando era só uma menina, proclamando que fazia o rancho parecer mais um lar. Isso fazia que merecessem a pena todas as moléstias do mundo.

Pensar em Marly outra vez só fez com que seu pênis pulsasse. Sacudiu a cabeça, tentando expulsar da mente a visão dela em sua cama. Seu tato, suave e quente, seu sabor doce e picante. Apertou os dentes. Maldição, ia ser um longo dia.

CAPITULO 4

Era bom estar em casa. Marly parou no balcão de seu quarto, passeando o olhar sobre a piscina e os jardins floridos, e inalou os aromas doces da primavera. A paz suave da tarde brilhava ao redor dela, aliviando ligeiramente o desejo inquieto de seu corpo.

Abaixo, a piscina climatizada brilhava com uma luz trêmula devida ao calor crescente, e os jardins de flores mostravam estalos em verde. A renovação da Terra. Adorava a primavera. Os dias eram frios, as noites frescas e claras, e por tudo ao redor, parecia que o ar pulsava com energia.

Podia ouvir os débeis sons do rancho a uma jarda de distância. Os vaqueiros trabalhando fora do celeiro ao lado da casa, a chamada dos cavalos no pasto. Os sons que a tinham consolado durante anos desde que sua mãe a tinha deixado com o avô Joe e Cade. Não tinha mais visto sua mãe. Nenhuma chamada telefônica, um postal ou uma carta. Havia presentes de Natal sob a árvore todos os anos para ela, mas Marly suspeitava que eram de Cade. Sempre tinha feito tudo o que podia para aliviar a dor do abandono.

Amava-o. Marly fechou os olhos ante o agridoce pensamento. No primeiro dia que o tinha visto, seus olhos se tornando redemoinhos emocionados, o rosto severo abrandando-se ante a vista de sua aparência imunda, tinha-o amado. No princípio, tinha sido o amor simples e doce de uma menina que sabia que se havia uma pessoa na Terra que a protegeria, essa pessoa era Cade.

Mas em algum momento, o sentimento tinha mudado. Com o passar dos anos, ficou mais profundo, cresceu, e não importavam os argumentos contra, amava-o. Queria-o. Não era o desejo da adolescência, cheio com as visões de beijos e toques quentes. Era uma necessidade que pulsava nela, enchia-a, fazia com que as noites que passava sob seu teto fossem intoleráveis.

Dormia no quarto contíguo. Sempre o fizera, por causa de seus pesadelos. Às vezes, podia-o ouvir movendo-se pelo quarto, tarde da noite, inquieto. Escutava-o e o imaginava vindo para ela, deslizando na cama a seu lado, seu corpo duro movendo-se contra ela, sobre ela. Mas nunca o fez. Nunca pareceu vê-la como nada mais que a menina pequena que tinha criado.

Era anormal, pensou Marly. Estava tão doente como o avô Joe sempre a tinha acusado de estar. Uma mulher marcada com os pecados de sua mãe, e forçada a sofrer as mesmas necessidades pouco naturais. Marly sempre se perguntou o que seriam essas necessidades pouco naturais; até que se deu conta de que seu sentimento por Cade não era o que achava que deveria sentir. Não achava que doeria, que sonharia com ele tocando-a, movendo-se sobre ela, dentro dela. Não achava que doeria por ele, até que a dor tornou-se como uma dor física, conduzindo até a loucura com sua intensidade.

Sacudiu a cabeça, sentindo o peso da trança nas costas. Cade adorava seu cabelo. Sempre o fizera. E uma vez, uma única vez, ela tinha vislumbrado algo profundo e escuro em seus olhos enquanto o escovava uma noite. Quando as mãos correram pela massa revolta, lentamente, acariciando, tinha olhado para trás, e soube que tinha visto desejo. Estava segura disso. Mas então desapareceu, e nunca mais ele a tocou da mesma maneira.

— Marly? — A voz de Greg a chamou pela porta enquanto — Está vestida?

Marly sorriu carinhosamente ante sua voz vacilante.

— Entre, Greg. Estou completamente nua e preparada. — Riu enquanto voltava a entrar no quarto, dando a resposta de reserva, sabendo que sua cara estaria ruborizada e sua expressão seria estritamente desaprovadora.

A porta explodiu contra a parede, fazendo-a gritar pela surpresa. Greg estava ali, pálido e tremendo agarrado por um homem que parecia louco. Os olhos de Cade estavam tão escuros que eram quase negros, o rubor subindo pelas bochechas, o rosto tenso de fúria.

— Cade? — A surpresa fluiu por ela.

— Está preparada? — grunhiu, a voz baixa e vibrante pela ira.

A fúria parecia fluir por seu corpo, pulsando pelos músculos enquanto a olhava fixamente com olhos tempestuosos.

— Sim, mais do que acredita. — Piscou com surpresa, mal conseguindo manter a serenidade

— Poderia soltar o pescoço de Greg, Cade? O médico mais próximo é um curandeiro, e acredito que está você o está machucando.

A mão de Cade agarrava o jovem pelo pescoço, as juntas estavam quase brancas pela força, e Greg não parecia estar respirando muito bem. Cade olhou o jovem, depois o liberou com um grunhido de desgosto. Greg quase caiu no chão.

— Greg, você está bem? — Ignorando a fúria de Cadê, correu para seu amigo, envolvendo um braço ao redor da cintura enquanto o guiava para o quarto e o sentava em sua cama — Ele te machucou? Estou certa de que não queria isso.

Marly lançou a Cade um olhar furioso.

— Neandertal. Que demônios está errado com você?

Olhava-a fixamente como se estivesse possuído, a fúria lhe esticando o corpo, os olhos entrecerrados, brilhando com uma emoção que fez seu corpo tremer.

— O jovem está bem, por agora. — Cade bufou de forma audível.

Ela nunca tinha visto tal expressão de ira demente em seu rosto. Era como um estranho. Sua cara escura formava linhas selvagens, suas sobrancelhas baixadas sobre os olhos obscurecidos.

— Perdeu o juízo, Cade! — gritou — O que te fez agir assim? Não acha que sou grande o bastante para fazer sexo?

Não esperava sua reação. Ele estremeceu como se um chicote tivesse caído sobre suas costas nuas, o rosto empalidecendo sob o bronzeado.

— Deus. Não. Não. Nós não temos relações sexuais. — Greg estava frenético enquanto negava com a cabeça, olhando para Cadê, implorante. — Esta mulher está possuída, senhor August. Juro sobre o túmulo de meus pais que nunca a toquei. Nunca.

Os olhos de Marly se estreitaram ante o temor na expressão de Greg.

— Oh, Greg... ele não vai te machucar realmente .

Ela revirou os olhos diante seu terror.

Cade não ia machucá-lo realmente. Deveria ter se dado conta. Se Cade quisesse feri-lo, já estaria caído no chão, quebrado e sangrando.

— Cale-se, Marly. Claro que o faria. — Implorou Greg em voz rouca — Por favor, diga que não temos relações sexuais, Marly.

Nunca tinha ouvido Greg usar a palavra com "S", como a chamava, tão facilmente. Geralmente gaguejava durante uma hora antes de consegui-lo. Estreitou os olhos sobre Greg, depois girou para Cade. Respirava com dificuldade, os punhos apertados enquanto a olhava com um olhar escuro e violento.

— Só estava brincando sobre estar nua e preparada, como pode ver. — Usou os braços para assinalar os jeans e o suéter de mangas longas. Enquanto o fazia, os olhos de Cade foram à parte de ventre nu que o suéter levantado mostrava. Oh, oh. O aro de ouro em seu umbigo era claramente visível, também a fina corrente de ouro ao redor da cintura que passava no aro.

Cade franziu o cenho sinistramente, seus punhos abrindo e fechando como se fosse fazer mal fisicamente. Mais que assustá-la, o olhar a excitou.

— Para baixo. — Sua voz foi dura e zangada, o olhar concentrado no pequeno anel e na corrente que o conectava. — Para baixo, agora.

Deu a volta e saiu a pernas do quarto, enquanto Marly o olhava com cenho franzido.

— Deus, Marly, que espécie de jogo está jogando? — Greg esfregava a nuca enquanto gemia a pergunta implorante — Vou voltar para junto da minha irmã. Pelo menos ali só há palavras. Este homem vai me matar.

— Cade não vai te matar. — Murmurou, olhando ainda fixamente para porta — Acha que se mostrou interessado, Greg?

— Interessado? — A voz de Greg era incrédula — Marly, não pode estar falando a sério.

Marly ignorou a incredulidade áspera na voz de Greg enquanto olhava a porta vazia.

— Hummm, só curiosidade. — disse amavelmente — Melhor descer e ver qual é o problema. Te encontro lá fora em seguida. Talvez possamos ir nadar.

Uma vez que já não havia nenhuma necessidade de esconder o anel em seu ventre, podia gozar da piscina. Marly lambeu os lábios nervosamente enquanto abandonava o dormitório. Cade quase tinha saltado quando vira o anel. Tinha estado ali no rubor de suas faces, na incredulidade em seus olhos. Gostava, embora tivesse doído uma barbaridade colocá-lo. Gostava especialmente da fina corrente de ouro que rodeava seu corpo e conectava com o anel. A fazia sentir-se sexy, mesmo que ninguém jamais o tivesse visto. Até Cade.

Esperava-a no escritório, onde sabia que estaria. Fechou a porta suavemente atrás de si, olhando-o enquanto se aproximava da mesa. Ele estava nas portas corrediças, olhando fixamente para a piscina. A licoreira no escritório estava aberta, e tinha um copo vazio na mão.

— Não acha que está reagindo um pouquinho exageradamente, Cade? — Sua voz era suave, perguntando — Foi só uma piada. Greg é fácil de provocar...

— Assim, estava só se divertindo? — Cade girou para ela lentamente — Até onde vai provocá-lo, Marly?

Marly piscou. Estava realmente furioso. Sentiu uma pequena labareda de irritação, mas mesclada com ela havia um entusiasmo que não podia definir. Enfraquecia seus joelhos, fazia os músculos do estômago se esticarem com a antecipação. Podia sentir o tenro portal entre suas coxas quente, preparando-se.

Deu de ombros com inquietação.

— Não me porto mal com ele, Cade. E não o provoco de maneira errada. Sabe que não faria isso.

— Sei? — preencheu o copo — Você mudou no colégio, Marly. Quanto mudou?

Marly umedeceu os lábios, tentando ignorar o estalo de sentimentos feridos que seu tom e seu olhar causavam dentro dela.

— Já não sou mais uma menina, Cade. — Sussurrou. — Não faria nada que envergonhasse a família, mas não sou uma menina.

Marly sempre tinha sido muito consciente do bom nome da família. Sempre tinha lutado para certificar-se de que Cade não sentisse vergonha dela. Não queria que se envergonhasse dela, mas ele agia como se o pensasse.

Cade não respondeu. Engoliu o licor como se fosse água, fazendo-a engolir apertadamente. Nunca tinha visto Cade tão aborrecido.

— Está tendo transando com esse pequeno garotinho incompetente? — perguntou afinal com dureza, negando-se a olhá-la.

Marly engoliu com força, de repente nervosa pela presença de Cade. Nunca o tinha visto assim, enfurecido desta maneira. Suas emoções pareciam pulsar apenas sob a superfície, preparadas para entrar em erupção.

— Não transei com ninguém, Cade. E Greg é um bom sujeito. É muito solitário e é meu amigo. — Marly ouviu o tremor em sua voz e se odiou por ser tão fraca diante dele.

As pupilas de Cade se dilataram ante seu anúncio. Um fôlego duro lhe atormentava o peito e as mãos se apertaram.

Seu olhar a transpassou.

— Alguma vez? — perguntou duramente.

— Nunca, Cade. — sacudiu a cabeça.

— Vai transar com ele?

Virou para longe dela como se não pudesse suportar olhá-la.

Marly sentiu as lágrimas derramando nos olhos. Era tão bonito. Os jeans caíam baixos em seus quadris, com um cinturão de couro largo, acentuando o duro estômago e os ombros largos. Suas pernas eram grossas e musculosas, e tinha um suave balanço ao andar que a deixava louca. Necessitava-o, queria-o, mas ainda a via como uma menininha.

— Sou uma mulher. — Sussurrou outra vez, ignorando seu estremecimento. — Não sei como responder a sua pergunta. Se me apaixonar por ele, eu o farei. Amo-o agora? Não, não o faço, exceto como um bom amigo.

Cade suspirou profundamente, passando as mãos pelo cabelo enquanto virava para ela. O olhar em seu rosto era agonia pura.

— Marly, não chore. — gemeu, e só então ela se deu conta de que as lágrimas corriam por seu rosto.

Morria. Marly sabia. Queria-o tão desesperadamente que não podia suportar a dor. Queria que a tocasse, a segurasse. Quanto mais tinha que esperar? Já tinha esperado uma vida.

— Sinto muito. — Sussurrou enquanto enxugava as bochechas, sacudindo a cabeça — Talvez devesse voltar para a escola. Não causo nenhum problema lá.

Tinha causado problemas em casa desde que tinha começado a ter encontros. Como se Cade esperasse, a cada minuto, entrar na casa e encontrar uma orgia.

— Deus, não. Neném, te julguei mal. — Puxou-a para seus braços, e a dor por necessitá-lo foi como um golpe físico no estômago.

Os braços dela se envolveram ao redor da cintura, as mãos segurando fortemente a suas costas. Era tão quente e duro. Tão masculino, que queria gritar sua necessidade por ele. Seu aroma, uma combinação de especiarias e puro calor masculino, se elevou a seu redor, alagando-a. Sentia os seios inchando-se sob as taças do sutiã, os mamilos endurecendo-se. Segurou-o mais apertado, sabendo quão desesperadamente tinha sentido falta de seus estranhos abraços nos anos passados, a sensação de suas mãos acariciando sua cabeça.

— O anel no umbigo foi uma surpresa. — Ele sussurrou na orelha dela, os lábios acariciando apenas o lóbulo, tornando quase impossível suprimir seu tremor. — E essa corrente é decadente, Marly.

A voz de Cade era forte e profunda. Perfurou-lhe o estômago, e mais à frente, fazendo a dor mais doce. As mãos acariciaram suas costas lentamente, os dedos percorrendo o ouro fino de sua cintura. As mãos estavam quentes, enviando fogo por seu corpo em qualquer lugar que a tocasse. Necessitava-o. Que Deus a ajudasse, quanto mais podia viver com esta dolorosa necessidade?

Marly era suave e morna em seus braços, as mãos apertadas em suas costas, a respiração áspera enquanto tentava acalmá-la. Lentamente, acariciou suas costas com uma mão. Depois com as duas, as palmas deslizando facilmente sobre o material suave do suéter. Podia sentir a corrente em sua cintura, e a vista de seu brilho ante seus olhos. O brilho do ouro contra a pele pálida, a cintura baixa de seu jeans, o pequeno anel de ouro atraindo seu olhar tão forte como o faria um relâmpago.

Cade tinha se enfurecido tanto, tinha ficado tão furioso de que tivesse despido o estômago para um estranho, suportando ter uma área tão sensível perfurada, que mal tinha sido capaz de conter a violência que já fluía por seu corpo.

Ouvir sua voz suave e rouca convidando esse pequeno menino de bosta para entrar em seu quarto, onde estava nua e preparada, tinha-o feito ver tudo vermelho. Quisera matar o moço. Lentamente, indubitavelmente. E a confusão de Marly, a chama quente de excitação em seus olhos quando o viu, tinha sido quase mais do que podia suportar. Por que estava procurando uma briga com ele? E não havia nenhuma dúvida de que a tinha procurado. Seus olhos brilhavam com como

se estivesse se preparando para a batalha enquanto estava diante dele, onde nunca tinha estado antes. Estava empurrando-o, e não acreditava que pudesse suportar a pressão.

Suas próprias necessidades, a fúria e os temores o destruiriam. Cade admitiu, silenciosamente, que desfrutava da sensação da carne suave enquanto seu suéter se elevava uma polegada escassa sobre sua cintura. Afogava-se em seu aroma, selvagem e doce. O sangue corria por suas veias, e não queria nada mais que espremê-la mais entre seus braços. Tinha sentido saudades. Tinha sentido demais a sua falta.

Tinha tido saudades segurá-la, vê-la rir e sentir o calor que isso lhe trazia. Não tinha percebido quanto ela o preenchia até que se foi. Não percebera o quanto suavizava as bordas desiguais e feridas de sua alma solitária.

Os dedos brincaram com a corrente que rodeava suas costas, roçando contra a pele, sentindo a carne suave, levemente, sob a fina e fria corrente de ouro. Cetim quente, tão malditamente suave que seus dedos saborearam o toque. Uma e outra vez acariciou-a, até que suas mãos deslizaram sob o suéter enquanto a acariciava. O fôlego de Marly era ainda entrecortado, a respiração áspera. Não quisera transtorná-la tão profundamente. Ficou louco. Lançado além de qualquer limite que pudesse dirigir ante o pensamento de sua nudez convidativa, sorrindo, enquanto se movia sobre ela. Metido entre suas coxas. Seus quadris arqueando-se. Sua voz um murmúrio rouco enquanto implorava...

Marly se moveu contra ele, e Cade sentiu a ereção crescendo com rigidez atrás do zíper dos jeans. Movia-se contra ele lentamente, sentindo a dura longitude pressionando contra seu estômago delicado. Cade sabia o que ela estava sentindo quanto ouviu o gemido baixo, necessitado, que saiu de sua garganta.

— Não, Marly. — Seu sussurro de protesto foi um sopro de som enquanto sentia seus lábios no peito, a pequena língua quente acariciando sua pele. — Filha da puta... — sua cabeça caiu para trás enquanto suas mãos a puxavam para mais perto, os joelhos dobrando-se enquanto a levantava, conduzindo a ereção coberta de tecido contra o V de suas coxas sem poder conter-se.

Não podia acreditar que ela estivesse fazendo isto. Que estivesse reagindo desta maneira, o alcançando, o necessitando. Não podia permitir. Seu controle já era do mais instável, e tinha que protegê-la. Tinha que protegê-la do ódio que sem dúvida sentiria por ele mais tarde. Mas neste momento, tinha que lutar por respirar. Seus lábios eram quentes, sua pequena língua úmida e abrasadora contra a pele.

Cade apertou os dentes, lutando contra a compulsão de tomar o comando. De empurrá-la contra seu corpo apertado e duro, e lhe mostrar o que estava pedindo. Seu membro pulsava, tão apertado e quente sob os jeans que era uma agonia. A necessidade corria e se elevava dentro dele, tornando seu corpo tão tenso que se sentia como se fosse quebrar a qualquer momento.

Marly se esfregou contra ele, com um pequeno suspiro de desejo, de querer sussurrar sobre sua pele enquanto a agarrava pelos quadris, empurrando-a mais perto e inclinando-se para pressionar a ereção entre suas coxas.

— Cade!

Seu grito rouco, cheio de luxúria, fez com que seu cérebro explodisse com a necessidade furiosa de transá-la. De golpear seu membro dentro dela, de sentir a onda de suave veludo encerrando-o, agarrando-o.

— É isto o que quer, maldição? — grunhiu violentamente, olhando seus olhos frágeis pelo choque enquanto se balançava contra ela — É isto o que quer Marly? Porque te juro por Deus, que estou a dois dedos de lhe enfiar isso. — Estava zangado. Mais zangado do que jamais estivera. Estava provocando-o, tentando-o, empurrando-o além da razão. Ou era ela? A luxúria, quente e carnal, nublou seu cérebro enquanto olhava os picos dos mamilos sob seu pulôver. Empurrou-a

contra si fortemente uma vez mais, empurrando sua carne nela enquanto os olhos de Marly se fechavam com um gemido desigual. Necessidade ou temor?

Emoção, ardor e arrependimento queimavam no mais profundo da sua alma. Deixou cair as mãos e virou, afastando-se dela rapidamente, indo instantaneamente para garrafa de licor na mesa. As mãos tremiam enquanto vertia a bebida, o peito pulsando. Parecia que ia gritar de frustração.

— Cade? — ele fechou os olhos quando sua voz lhe transpassou o corpo.

Quente, rouca, necessitada. Deus, estava tão na borda que estava lhe emprestando seus próprios desejos pouco naturais. Tinha criado ela, pelo amor de Deus! Não tinha o direito de agir desta maneira. Não tinha o direito de roubar sua inocência e atraí-la para seus pesadelos.

— Sinto muito, eu... — Cade baixou a cabeça, olhando desesperadamente como o líquido enchia o copo. — Eu prometo, não tirarei conclusões tão rapidamente de agora em diante. Tem razão, é uma mulher... — não pôde continuar.

Inclinou o uísque, dando boas-vindas ao ardor que desceu por seu estomago e quase substituiu o outro calor que lhe queimava por dentro.

— Então posso dormir com quem eu quiser?

Cade sabia que estava imaginando a amargura em sua voz. Uma amargura que gotejava em sua alma.

— Não posso te deter.

Sacudiu a cabeça, tomando outro gole desesperadamente, rogando a Deus por algo, algo que apagasse de sua cabeça a visão dela dando as boas-vindas a sua cama a algum bastardo.

— E se eu quiser você, Cade?

A pergunta sussurrada queimou sua pele. Sua mão tremeu. Cade teve que tomar uns momentos preciosos para controlar a reação instintiva de seu corpo a suave pergunta.

— Não, Marly. — Negou com a cabeça tensamente. — Não me quer. Não realmente. Só pensa que sim.

Houve um silencio atrás dele agora. A tensão fluiu a seu redor, estrangulando-o, fazendo seu estômago se rebelar ante a quantidade de licor que tinha consumido. Graças a Deus logo beberia o bastante para afogar aquela terrível dor.

Precisava de uma mulher, pensou Cade desesperadamente. Isso é tudo. Uma mulher. Perguntava-se quanto tinha passado desde que tinha tomado uma em sua cama. Anos, sabia. Não podia recordar a última vez que tinha provado o calor molhado do desejo de uma mulher. Tinha estado ocupado; desculpava a falta de desejo nos anos passados. O rancho, a enfermidade de Joe. Havia um milhão de detalhes para repassar a cada dia, e somente não tinha tido tempo. E outra vez, mentalmente viu Marly, convidativa, aberta. Mas não era aquele menino pálido e fracote em cima dela, movendo-se entre aquelas coxas esbeltas o que viu. Era ele, cobrindo-a, movendo-se sobre ela... que Deus o ajudasse, era hora de deixá-la antes de que fizesse algo estúpido.

— Tenho trabalho para fazer, Marly. — Sua voz foi mais dura do que pretendia enquanto se sentava na mesa do escritório e começava a folhear a agenda.

Certamente não tinha passado tanto tempo que não pudesse encontrar a uma mulher disposta.

— Claro, Cade. — Não havia engano no aborrecimento de seu tom agora. — Quero ir nadar, de qualquer modo. Sinto muito se o incomodei.

— Marly. — Deteve-a antes que pudesse afastar-se.

Girando lentamente, respirando duramente, lutou por explicar-se.

— Não queria dizer... — Não sabia que demônios dizer. — Estive sem uma mulher... — Sacudiu a cabeça. Maldição.

— É só porque você está quente e eu estava bem aqui, correto? — Quase grunhiu a resposta — Sou como sua sobrinha, e por favor não há “mais” que isso. — Sua voz era zombadora e fria. — Esquece, Cade, porque não é algo que queira ouvir.

Girou e saiu a pernas do escritório enquanto ele finalmente levantava o olhar. Que bom, ela não queria ouvir, pensou mal humoradamente, porque era certo como o inferno que não era o que ele queria dizer. Enquanto saía do escritório, teve uma perfeita vista de suas nádegas redondas e de suas pernas ágeis embainhadas em jeans. Fechou os olhos fortemente, lutando pelo controle, lutando por parar as visões que rondavam por sua cabeça. Se não fizesse alguma coisa, e logo, a ereção dura como o aço em seu jeans tomaria o controle por ele.

As acusações de seu pai o obcecavam agora. O velho bastardo tinha sabido quanto Cade a queria, tinha-o visto quando ninguém o tinha feito. Viu-o e o atormentou com isso.

Cade sentia a fúria amarga lhe revolvendo o estômago. Deus, não podia ser tão demente, tão depravado como esse velho bastardo. Não o permitiria. O passado quase lhe tinha destruído uma vez antes, não permitiria que terminasse o trabalho agora.

CAPITULO 5

Marly apoiou uma mão em seu estômago tremulo, o rastro da excitação de Cade ainda lhe queimando a carne. E tinha estado excitado; não havia equívoco possível. Sentiu-se alternadamente aturdida e furiosa por tê-la afastado no momento exato em que ela a sentiu. Como se fosse algo sujo, pensou com o cenho franzido, percorrendo ligeiramente com os dedos a pele de seu estômago. Tremeu, recordando seus dedos nas costas, sua carne áspera lhe percorrendo calidamente a pele. Seus dedos brincando com a corrente como se não pudesse evitá-lo. Marly voltou a tremer.

Era a primeira vez que a tocava de um modo diferente de uma menina. A primeira vez que sua própria respiração tinha sido dura, e seu coração palpitava violentamente sob a face feminina. Quisera com tanto desespero levantar o rosto para ele, tentá-lo para que baixasse a cabeça, que tocasse seus lábios com os seus... mas sabia que não o faria, e Marly não queria que o momento terminasse. Tinha finalizado muito cedo, da maneira que tinha sido.

— Hey, Marly, tudo bem? — Greg voltou a chamar à sua porta, a voz suavemente interrogante.

Caminhando para a porta, Marly a abriu. Olhando além de Greg, comprovou o corredor com rapidez, depois recuou para que passasse.

— Entre.

Agarrou seu braço e o meteu no quarto.

Os olhos de Greg se aumentaram com surpresa enquanto se afastava dela.

— Tudo bem? — Seu olhar percorreu seu rosto com curiosidade, como se esperasse hematomas.

Marly revirou os olhos enquanto fechava a porta com rapidez.

— Estou bem. Cade nunca me bateu, e nunca o fará.

Bom, pelo menos não para machucá-la, pensou com um calafrio.

— Então o que está acontecendo? — Greg sacudiu a cabeça ao sentar-se na grande cadeira ao lado da cama. — Estava realmente zangado, Marly. Não deveria brincar com ele dessa forma.

O sincero rosto de Greg igualava seu tom de advertência. Marly deixou escapar um brusco fôlego.

— Posso dar conta de Cade.

Sacudiu a cabeça, quase rindo de si mesma. Sim. Claro. Com certeza que podia. Tinha-o tido bem onde o queria, e ele tinha escapado.

— Alegra-me que um de nós possa. — Greg esfregou a nuca com uma careta de dor — Ainda estou pensando que deveria ir para casa.

— Não. Não pode partir.

Marly falou antes que surgisse o desespero que se derramava em seu tom.

Greg levantou o olhar para ela, os olhos entrecerrados com especulação sobre o rosto de Marly.

— O que está tramando, Marly? — perguntou lentamente, seu olhar suspicaz.

— Não estou tramando nada.

Mas algo tinha acontecido a Cade. Marly sabia que ia se queimar viva pensando nisso.

— Não está me convencendo — suspirou Greg bruscamente — Marly, não vai tentar me usar para deixar Cade com ciúmes, vai?

Marly piscou. Não tinha pensado nisso.

— Oh, oh, sua mente está funcionando. — Greg meneou a cabeça, o medo obscurecendo seus olhos. — Pare Marly, sabe que isso sempre me assusta.

— Medroso. — Cruzou os braços sobre o seio — E além disso, não tem nem idéia do que estou pensando.

Greg grunhiu.

— Não sou estúpido, Marly, vi o olhar em sua cara depois de que Cade quase me matou. Desfrutou-o muito, se quer saber a minha opinião.

— Estava interessado. — A satisfação se filtrou por ela, tremendo sobre sua pele — Sei que estava, Greg.

Greg piscou com surpresa.

— Queria que estivesse interessado? — perguntou como se tivesse ficado louca. — Ficou louca, Marly.

— É que ainda não conhece o Cade. Vai amá-lo uma vez que chegue a conhecê-lo. — Ondeou a mão desdenhosamente ante seu comentário. — Mas agora tenho que pensar como fazer com que se dê conta de que está interessado.

Greg sacudiu a cabeça como se temesse estar imaginando esta conversa.

— Acredite, Marly, saberia se estivesse. — Assegurou algo burlonamente enquanto a olhava. Marly franziu o cenho.

— Talvez não. — meditou com uma careta — Ainda me vê como um bebê. A menina pequena que criou.

Esta era a parte que Marly não conseguia pensar em como superar. Cade insistia em tratá-la como se ainda tivesse doze anos. Tinha que haver uma maneira de que se desse conta de que queria ser tratada como uma mulher, não uma menina.

— Marly, e se ele não quiser nada com você? — perguntou Greg, gentilmente. — Os homens às vezes reagem, inclusive quando não é a mulher que realmente querem. E se fosse só isso tudo o que aconteceu?

Marly o olhou, seu estômago protestando contra a idéia com uma onda de dor. Tinha esperado muito tempo, não podia ser só isso. Cade a desejava, da mesma maneira que o desejava. Se não fosse assim, não sabia se poderia sobreviver à dor.

— Ele o fará. — disse em voz baixa. — Tem que fazê-lo, Greg.

Greg suspirou duramente. Olhou-a com seus tranquilos olhos, o rosto sombrio enquanto tentava convencer-se do muito que isto significava para ela.

— Francamente, Marly, não sei como pode resistir a você. — Ficou em pé e caminhou para

ela, abraçando-a gentilmente, brevemente. — Agora, o que te parece esse mergulho de cabeça que prometeu? Inclusive traga um traje de banho curto. Mas não se atreva a dizer a ninguém que usei isso. Certo?

Olhou-a sorrindo, e Marly vislumbrou a tristeza em seus olhos.

— É o seguinte, Greg. — Disse suavemente. — Você vai ver. Encontraremos uma garota maravilhosa que te ame.

Ele riu enquanto se separava dela.

— Encontrar a alguém que não se importe com um tipo fracote. — Seu sorriso era mais uma careta quando meneou a cabeça. — Meu pai tinha a mesma constituição que eu, só que mais velho. Queixava-se sobre isso todo o tempo antes de morrer.

— Bom, eu penso que é maravilhoso. — Assegurou brilhantemente, e sabia que era. Era o melhor amigo que já tinha tido. — Agora, vá pôr esse traje de banho, e nos vemos na piscina.

E com um pouco de sorte, pensou Marly, Cade ainda estaria no estúdio, e captaria o efeito completo de seu novo biquíni com tanga se ainda estivesse olhando. Soltoou ar duramente. Seduzir não ia ser tão fácil como tinha esperado.

Isso não era um traje de banho; era uma desculpa andante para sexo. Cade observou Marly colocar o pé na piscina climatizada, depois voltar a vista atrás para o jovem que a seguia para dizer algo. Usava um biquíni azul escuro, com tanga. Fechou os olhos com força, rezando porque não estivesse realmente vendo suas nádegas nuas com essa ligeira peça de tecido entre elas. Mas ali estavam quando voltou a abrir os olhos. As pálidas e perfeitas curvas brilhavam no fraco sol da tarde, e faziam que seu corpo pulsasse acaloradamente.

Desejava-a. Sua ereção palpitava, quente e dura, deixando-o louco de necessidade. Sabia que se não tivesse logo uma mulher, não seria capaz de evitar tomar Marly.

— Maldição, se não fica mais bonita cada dia. — Observou Brock suavemente ao mover-se atrás dele para olhar à local da piscina. — Com certeza tem esse menino tão condenadamente quente que está a ponto de explodir.

— Não se souber o que lhe convém. — grunhiu Cade, lutando contra sua cólera.

Maldição, isto não ia funcionar.

— É uma mulher adulta, Cade. Não pode mantê-la como uma menina toda a vida. — Disse Brock suavemente. — E pelo aspecto que tem, se esse menino não está tendo sexo com ela agora, o fará logo.

— Como pode falar assim dela? — Cade voltou-se, irado, para seu irmão. — Nós a criamos, Brock.

Brock ficou em silêncio durante um comprido momento, depois Cade escutou a profunda baforada que aspirou para seus pulmões.

— Sim, criamos, mas não é de nosso sangue, Cade. Se não soubesse o duro que se põe cada vez que a olha, já teria tentado levá-la para minha cama.

Cade se virou lentamente para ele, a cólera comendo-o vivo.

— Está completamente louco? — perguntou Cade roucamente. — É nossa sobrinha...

— Não é minha sobrinha. — Brock baixou o olhar, e Cade soube que não podia ocultar a grossa ereção que esticava seu jeans. — E tampouco sua, pelo que parece.

— Pela maneira que se veste, até um santo teria uma ereção. — Espetou Cade, apertando os dentes quando ela olhou para as portas francesas. Seus seios quase transbordavam da maldita parte superior do biquíni.

Cheios e firmes, o frio endureceu seus mamilos até que se sobressaíram contra o tecido de uma maneira que fez a boca de Cade encher a boca de água. Quase podia senti-los em suas mãos,

em sua boca. Lutou contra o desejo, sabendo que era inútil.

— Preciso transar. — Sussurrou duramente, afastando-se das portas. — Faz muito tempo desde que estive com uma mulher.

— Um ano ou mais. — Assentiu Brock.

— Como demônios sabe? — espetou Cade —. E quando começou a fazer a conta?

— Na noite em que atirou Marge Cline para fora da casa depois que Marly fugiu chorando de seu estúdio, depois que os pegou no sofá. No dia seguinte, queimou o sofá e comprou um novo. Não teve uma mulher depois disso.

Tinha razão. Cade amaldiçoou silenciosamente, recordando essa noite. Acabava de levar Marge até um ruidoso clímax quando Marly entrou no estúdio, com a escova de cabelo nas mãos, um caminho de lágrimas em suas bochechas por outro pesadelo. Tinha entrado na sala.

Cade recordou a expressão em seu rosto, a maneira que seus olhos pousaram em sua ereção quando se pôs em pé de um salto, a fúria atravessando sua cara.

— Como pôde? — Tinha jogado a escova nele, apontando a sua proeminente excitação, e falhando. — Como pôde fazer isso com ela? Não sabe o que conta a todo mundo? — e tinha partido correndo da sala, seus soluços ressoando pela casa.

Marge tinha se divertido com a exibição, lhe informando tranqüilamente, enquanto se vestia, da afirmação de sua irmã de que Marly acreditava estar apaixonada por ele. Cade tinha negado, energicamente.

Mas tinha visto o olhar de Marly. Tinha visto a dor, e a fúria possessiva. Tinha visto o desejo em seu olhar quando seus olhos se abriram muito ante a visão de sua carne dura como o aço.

— Estava assombrada...

— Merda. Estava condenadamente ciumenta. — Brock riu com diversão genuína e carinhosa. — Vamos, Cade. A garota esteve tentando chamar sua atenção há quatro anos. Por que não ceder a isso?

— O que é isso, seu fanfarrão? — grunhiu Cade. — Desde quando está tão ansioso para que a deflorem?

— Desde que se transformou em uma besta resmungona cada vez que ela está por aqui — grunhiu — Maldição, já não se pode falar com você, Cade. Se Marly estiver ao redor, é ainda pior. E ela não está melhor. Come você com os olhos cada vez que vira a cabeça, e você faz o mesmo com ela. Transa já, e supera-o.

O copo de uísque que Cade segurava explodiu contra a parede quando a última sílaba deixou a boca de Brock. Cade se virou para seu irmão, vendo tudo vermelho pela cólera, branca e quente, e mal controlada, que surgia por seu corpo.

— Cale-se! — rugiu, dando-se conta disso enquanto o retumbe das palavras deixava sua boca. — Maldição, cale-se! E se te pego tocando-a, eu te mato.

Os lábios de Brock formaram um sorriso, embora pequeno, o olhar divertido fazendo com que Cade se contivesse energicamente em dar um chute no traseiro do irmão.

— Bem, vejo que vai ser tão fácil conversar com você como sempre acontece quando ela está em casa. — Brock suspirou com exagerada tolerância. — E também condenadamente miserável para variar. Está ficando ambicioso com a sua avançada idade, Cade.

Cade queria grunhir. Contentou-se servindo-se outro copo de uísque e o bebeu rapidamente. Não estava ficando tão ambicioso como Brock pensava. Esse era o problema. Que Deus o ajudasse, e a Marly, se não fosse capaz de controlar isto.

— Bom, vou sair. Tenho uma garota boa esperando na cidade. Depois de ver o pequeno espetáculo de Marly para você aí fora, estou preparado para ela. — Brock soltou uma risadinha ante seu próprio humor enquanto saía tranqüilamente do estúdio. — Que tenha uma boa noite

irmão. Nos vemos amanhã.

Cade girou de novo para as portas francesas, seus olhos estreitando-se quando Marly avançou pelo trampolim. Quando seu flexível corpo se colocou para iniciar o salto, seu olhar encontrou o seu no vidro. Cade viu como seu rosto se avermelhou, os mamilos se endureceram. O olhar do homem voltou para seu rosto, e sua pequena língua rosada percorreu seu lábio inferior lentamente. Então saltou. Seu corpo atravessou suavemente a água, e Cade sentiu seu estomago dar um salto. Estava perdido.

Baixou a cabeça, sombrio, triste. Seu passado era mau, os resultados dele até mais escuros. Era um animal, um bastardo ambicioso que rasgaria sua inocência e sua pureza com as exigências que lhe faria. Brock sabia, igual a Sam, que esperavam ansiosos o dia em que Cade se rendesse a seus próprios desejos obscuros. Amava-a, sempre o tinha feito. Mas também sabia que de nenhuma forma Marly veria seu amor como a terna e gentil emoção que ela precisava. Chegaria a vê-lo pelo que era. Uma emoção faminta e decadente que se alimentaria de seus desejos, aumentando-os, obscurecendo-os. Cade estava condenado ao inferno, sabia, por isso faria finalmente o amor que Marly lhe oferecia.

CAPÍTULO 6

Cansada, agitada e desanimada, Marly foi cedo para cama esta noite. Cade era indulgente, tratando-a com delicadeza, aparentemente divertido por seus intentos de aproximar-se dele. Tinha-a frustrado em cada ocasião, fazendo-a sentir como uma inútil cinquentona em vez de uma bela mulher.

Finalmente teve o bastante, retirou-se para seu quarto e tomou banho, depois se arrastou para cama. O sono não demorou a chegar, mas se soubesse que o pesadelo a perturbaria esta noite, teria ficado acordada mais tempo.

Invadiu-a o olhar lascivo de seu padrasto, o olhar demoníaco em seus olhos enquanto a puxava bruscamente sobre seu colo. As nádegas estavam nuas, e ele desfrutava surrando-a enquanto lhe descrevia com todo luxo de detalhes o que faria quando fosse maior. Gritou, lutando contra ele, sabendo que estava bêbado, rogando para afastar-se dele.

— Você é minha, Marly. — O malvado sussurro não soava bêbado. Intencionado, cruel, mas não bêbado. — E eu te terei, menina. Logo.

Brigou para afastar-se dele. Chutou-o, o pé conectou com sua carne. Arranhou os braços fortes, lutando para gritar. Queria rogar, suplicar, mas sabia que não ajudaria.

— Cade! — gritou com desespero, a garganta por fim liberada enquanto sentia uns dedos fortes apertando os tenros lábios entre suas coxas.

Marly despertou quando caiu da cama, arranhando e arranhando enquanto lutava para manter o equilíbrio e alcançar o quarto de Cade. O quarto estava frio, ou ela estava. Muito fria, tremeu e gritou, quase paralisada no instante em que o frio golpeou seu corpo.

— Merda. Marly. — Cade estava ali. Seu grande corpo quente de repente esteve a seu lado, puxando-a para seus braços, abraçando-a contra o peito nu enquanto gritava seu nome, tentando convencê-la que o demônio se foi, e o pesadelo tinha acabado.

— Que demônios você fez? — Agasalhou-a com uma manta, deixando-a por um momento no chão enquanto algo dava golpes — Maldição, foi dormir com as portas do balcão abertas, Marly.

Foi? Olhou ao redor com cara de espanto enquanto a levantava em braços, levando-a rapidamente para seu cálido e seguro quarto. Mas ela não tinha deixado as portas abertas.

— Está ensopada. — Sua voz era doce, suave, quando a sentou na cama — Sente-se aqui,

neném. Deixe-me ir procurar uma toalha.

Separou-se dela, e Marly soube que a observava atentamente. Estava tremendo. Tremendo tão forte que seus dentes batiam. Doía-lhe o corpo, e a repetição da lembrança da dor poderia enlouquecê-la. Tentou apertar os dentes enquanto Cade se ajoelhava na frente dela, secando seu rosto com a toalha, depois o cabelo.

— O que você fez, Marly? — Soou agonizante, e sua expressão severa a luz do quarto era inquieta, indescritivelmente preocupada.

Só podia sacudir a cabeça. Tentar falar só fazia que seus dentes batessem mais forte.

— Ainda está gelada. — Subiu a seu lado, envolvendo-a entre seus braços, aproximando-a a ele.

A calidez do grande corpo se filtrou através das mantas e em sua pele.

— Jesus, Marly, esta foi má. — Os dedos sulcaram no cabelo, penteando os enredados cachos enquanto tentava acalmá-la.

O terror ainda corria através do seu corpo, fazendo o sangue correr e tremer o corpo. Não parecia capaz de conseguir entrar totalmente no calor, não importava quão duro o tentasse. Continuou tremendo, tiritando com dureza.

— Estou assustada. — Ela sussurrou por último com lágrimas nos olhos, tremendo em seus braços. — OH, Deus, Cade. É como se realmente estivesse aqui esta noite. Como se não pudesse escapar. — As lágrimas saltaram de seus olhos enquanto os braços se apertavam a seu redor.

— Está tudo bem, Marly. — Balançou-a suavemente, como estava acostumado a fazê-lo quando era jovem e gritava, incapaz de separar a realidade do pesadelo. — Olhe o que está se fazendo, neném. Tem que parar isto.

— Não posso fazê-lo. — gritou, tentando aproximar-se mais dele, para roubar tanto de sua calidez como pudesse.

— Não pode, Marly? — perguntou suavemente, inclinando sua cabeça para trás enquanto olhava para ela. — Pense nisso, neném. Está se empenhando em acreditar que me deseja, mas não é verdade. Tem medo de que te abandone se não se deitar comigo? O que se passa pela sua cabeça?

Um susto de outra espécie a deixou agora imóvel. Negou com a cabeça lentamente, o corpo agora estremecendo com sofrimento. Pensava que tinha pesadelos porque o desejava? Não tinha sentido. Por que usava isto em seu contrário?

— Como pode usar isso? — sussurrou dolorosamente, um áspero soluço arrancou de seu peito — Está tão desesperado em negar o que quer, que usa meus pesadelos contra mim, Cade? Não é seu estilo.

— Mas desta foi pior. Está tremendo como uma folha, e malditamente perto de morrer de frio. Não está pensando com sensatez. — acusou-se severamente, embora seu abraço ainda fosse suave.

— Evidentemente, não penso absolutamente. — Maldição, por que não posso parar de chorar? — Jogo-me nos braços de um homem que nem sequer me deseja. Acredito que é hora de encontrar alguém que o faça. Isto te convém mais, Cade? Se sentiria melhor se outro homem estivesse em minha cama?

— Eu o mataria. — As palavras soaram rasgadas em seu peito.

— Ouça o que está dizendo. — ela acusou com severidade — Não quer me tocar, mas não pode nenhum outro fazê-lo. Maldição, Cade, tenho vinte anos e nunca fiz sexo. Nem sexo oral. Não posso te esperar para sempre.

De repente ele estava respirando com dureza. Tinha as mãos em seus braços, os dedos firmes sobre a carne.

— Nenhuma vez? — grunhiu, como se parecesse inconcebível. — Nada?

— Nada. — ela espetou, agora mais zangada que assustada. — E estou mais do que farta de despertar com nada mais que sonhos vazios. Não quero ser uma monja por você, e que assim possa se esconder disto.

— Não estou me escondendo. — Negou com dureza. — Maldição, Marly. Não sou um de seus meninos adolescentes. As coisas que quero lhe fazer a deixariam histérica. As coisas que quero lhe fazer destruiriam em você qualquer amor que tivesse por mim.

Ele não desejava isso. Não podia ter isso. Precisava de Marly. Precisava de seu amor e sua risada mais do que ela nunca saberia.

— Prove-me. — Lhe desafiou duramente. — Não me afaste, Cade. Preciso de você. Por favor, preciso de você.

Os lábios dele tragaram a última de suas palavras quando cobriu os seus. Rápido e seguro, sem fazer concessões à inocência ou aos pesadelos enquanto a puxava para ele, uma mão segurando sua cabeça firmemente, a outra afastando a colcha com rudeza enquanto o braço a rodeava sua cintura.

Beijou-a como um homem possuído. Comendo-lhe os lábios, a língua reclamando a umidade do interior de sua boca. Marly gemeu contra a invasão, permitindo a sua língua enredar-se com a dele, as mãos tentando agarrar seus ombros.

— Vai me matar. — Sussurrou enquanto afastava sua boca, percorrendo o pescoço com os lábios.

— Me toque. — Ofegou, estremecendo quando seus dentes lhe beliscaram a pele do pescoço. — Cade. Por favor, por favor, me toque.

Afastou-a só o bastante para olhá-la no rosto.

— Gozou alguma vez para um homem? — ele grunhiu — Diga agora se o tiver feito, Marly. Preciso saber como tornar isso mais fácil. Não minta, não sobre isto. — Selvagem e intensamente, seus olhos apanharam os dela.

Ela negou com a cabeça violentamente, a excitação eliminou seus sentidos.

— Nunca. — ofegou — Nunca, Cade. Nenhum outro homem me tocou. Por favor, me faça gozar. Por favor.

Ele apertou os dentes, a respiração retumbou em seu peito como se lutasse consigo mesmo. Depois a recostou na cama, ficando sobre ela enquanto seus lábios se arrastavam para a ponta de seu seio, a língua enroscando-se no mamilo, raspando os nervos ultra sensíveis com uma carícia de fogo.

— Quer gozar para mim, neném? — Abriu-lhe as coxas, movendo-se sobre ela enquanto seus lábios desciam para o estômago, a língua desenhando sua pele com necessidade, enquanto os lábios enviavam a seu corpo estremecimentos apaixonados.

— Sim. — ofegou, os dedos dela agora em seu cabelo, a cabeça retorcendo-se na cama enquanto ele se movia rapidamente para baixo, sobre seu corpo. — Só você, Cade. Só quero gozar para você.

Ele se deteve no momento em que seus lábios estavam pousados sobre a união entre suas coxas. Marly abriu os olhos, observando como olhava fixamente para baixo.

— Sexo oral. — gemeu — Isto não é sexo oral, Marly, é um festim de reis, e estou a ponto de devorá-la.

Desceu a cabeça, logo a língua a tocou. Marly gritou, arqueando-se ao suave tamborilar de sua língua enquanto rodeava o clitóris. As mãos separando mais as coxas, os lábios decididos, sugando-a ao mesmo ritmo das lentas passadas de sua língua.

Marly ofegava por ar. O coração estava a ponto de explodir no peito, a excitação disparando-

se nas alturas. Já não tinha mais frio, nem mais medo. Estava tão quente que se sentia arder. A língua de Cade era um instrumento de prazer tão intenso que era quase dor. Estendendo as aveludadas dobras de sua pele, lambendo sensualmente o clitóris, depois sugando-o firmemente. Estava corcoveando contra sua boca, resistindo na borda, o que era ao mesmo tempo aterrador e estimulante, enquanto lutava com as sensações sem sentido que faziam migalhas de seu corpo.

Cade não protestou pelo ondeante corpo. Simplesmente agarrou suas coxas com as mãos, imobilizou seus quadris e continuou a tortura de uma forma que a deixou sem fôlego, suplicante. Então a diabólica língua se moveu mais devagar. Afundando-se na suave curva de seu corpo, empurrando em seu interior, fazendo-a gritar brutalmente.

Estava desorientada, tremendo de necessidade enquanto ele grunhia, levantou-se do delicado festim que estava dando, e a colocou rapidamente sobre seu estômago.

— Cade? — Sentiu a mão suave sobre as suaves colinas de suas nádegas.

— Shhh. Neném, o que tem feito a este bonito e pequeno traseiro? — Gemeu — Está malditamente vermelho, juraria que alguém o esbofeteou.

Marly estremeceu. Tinha sido açoitada no sonho. Lhe teria perguntado, mas de repente sentiu seus lábios sobre a tenra carne. Gemeu, estremecendo-se enquanto as palmas a acariciavam suavemente, apartando as arredondadas bochechas meigamente.

— Assustada Marly? — perguntou rudemente, mantendo-a separada com os dedos, a respiração quente e úmida no tenro broto que ela sabia que ambicionava.

— Não — gritou fortemente.

Sacudiu a cabeça quando ele desceu, a língua passando rapidamente sobre a área. Da apertada e empapada abertura vaginal até o pequeno e apertado buraco do ânus. A língua lambendo uma e outra vez, afundando-se em cada entrada com hábil deliberação enquanto suas mãos separavam mais as coxas, lambendo sua pele, fazendo-a esticar-se, gemer e empurrar contra sua boca, pedindo por mais.

Depois a pôs de costas de novo, elevando suas coxas, a língua penetrando-a com um suave e profundo impulso que a fez corcovear-se contra sua boca.

— Assustada? — grunhiu, elevou a cabeça, a voz escura, dura.

Assustada? Aterrorizada de que parasse.

— Mais — suplicou — Mais, Cade.

Os dedos se uniram a sua boca, passando a espessa lubrificação de seu corpo por volta do ânus. Os dedos afundando-se a cada passo, pressionando contra ela, facilitando o caminho para seu corpo. Marly estava ardendo. Ofegava, lutando por relaxar-se, para facilitar a invasão de seu dedo em seu corpo. Quando ocorreu, quase gritou pela força do êxtase que a queimou.

Seu dedo estava dentro dela agora, alargando-a, movendo-se suavemente enquanto ele lambia a vagina até o delírio, estendendo o sedoso líquido para trás, mantendo a entrada quente e de fácil acesso enquanto a levava mais e mais alto.

Estava rendida. Agonizante. O áspero ruído do telefone na mesinha ao lado da cama de Cade foi apenas perceptível, até que ele recuou com uma maldição virulenta.

— Não. — ofegou agarrando-se a ele, seu corpo voltando de repente para terra. Relegada ao esquecimento, ficou destroçada.

Grunhindo, amaldiçoando, agarrou o telefone da mesinha.

— O que? — Sua voz era tão dura, tão rouca que até Marly se acovardou.

— Então devolvam os bodes aos malditos pastos. — passou os dedos pelo cabelo, o peito palpitando. — Merda. Merda. Vou ter que ir lá.

Cade pendurou o telefone com um golpe, depois voltou e desceu o olhar para Marly. Parecia bêbada, aérea e aturdida.

— O gado está ocupando o pátio. Têm que sair para o pasto. — passou os dedos pelo cabelo de novo. — Tenho que ir, Marly.

Ela estava lutando para respirar, os punhos apertados aos lados, os olhos bem abertos, escuros e suplicantes. Tinha estado tão perto. Tão malditamente perto, mas não o bastante perto para soltar-se antes que o maldito telefone a incomodasse.

— O gado? — ofegou, fechando os olhos.

Tinha o corpo tenso, uma vez mais molhado pelo suor e trêmulo. Tremendo de necessidade. Era um resplendor através do corpo dela que ressonava no seu. Uma necessidade de alívio. Não podia deixá-la desta forma. Deixou-se cair na cama outra vez, a boca indo para a saturada carne entre suas coxas e começou o festim de cremoso néctar.

Com o polegar sobre o sensível clitóris, raspando-o com doces golpes, moveu a cabeça mais abaixo, depois afundou a língua rapidamente dentro de sua derretida vagina. Um empurrão, e ela se levantaram. No segundo se esticou, arqueando-se alto e duro. O terceiro a fez gritar, convulsionando-se sem sentido enquanto a doce essência de seu alívio começava a encher sua boca, e sua própria ejaculação vazia se derramava nos lençóis.

Ela se paralisou sobre a cama momentos depois, desfeita e esgotada, as mãos caíram dos ombros dele. Cade se elevou dolorosamente de seu corpo, e sacudiu a cabeça com incredulidade. Estava dormindo. Maldição, demônios, mas estava dormindo. Atirou a manta sobre seu corpo, e foi rapidamente ao banheiro limpar-se. Dez minutos mais tarde estava vestido e descendo as escadas rapidamente para se encontrar com Sam e Brock na porta principal.

— Que demônios aconteceu? — balbuciou Sam sonolentemente.

— O gado anda solto no pátio. Bret disse que parecia que toda a manada estava ocupada mascando a grama. — Cade estava tão furioso que mordia, sem estar seguro de por que estava tão cheio o saco. O gado se soltava todo o tempo. — Saiam daqui e recuperem à manada, logo encontraremos a ruptura na cerca.

— Maldição, pensava que tínhamos peões contratados. — suspirou Sam.

— Temos, e precisam ajuda, assim move seu rabo daqui. — Empurrou Sam, não muito suave pela porta, depois olhou com surpresa a maré de bovinos convidados. — Maldição. — Sua maldição ressonou através do pátio com indignação. — Devolvam esses malditos animais ao inferno onde pertencem.

Havia dias, ou noites neste caso, pensou Cade, que se perguntava se Sam realmente não teria razão. Sem dúvida nenhuma podia pagar a alguém que se encarregasse desta merda.

Arrastaram-se para casa muito tempo depois do amanhecer, cheios de pó e cansados, com os nervos crispados ao limite. Entrando na cozinha, encontrou Marly e Greg sentados na mesa da cozinha, rindo de alguma brincadeira enquanto acabavam o café da manhã. Ovos, presunto e torradas. Ele estava faminto.

— Bem, ao menos vocês estão cômodos. — disse bruscamente, olhando-os receosamente.

Uma vez mais, Marly estava vestida somente com uma de suas camisas e um par de suas meias $\frac{3}{4}$. Tinha as pernas cruzadas na linha de visão do jovem e isso o enfureceu. Especialmente considerando o fato que isso era tudo o que o jovem James podia fazer para manter os olhos separados delas.

Marly piscou surpreendida.

— Humm, preciso de uma ducha, Marly.

Greg ficou em pé, inseguro ante a presença de Cade, e a visão de seu aborrecimento foi suficiente para despedir-se a toda pressa.

— Qual é seu problema? — Marly franziu o cenho enquanto se levantava.

— Qual poderia ser meu problema? — grunhiu, golpeando a cafeteira — Deixou a porta do balcão aberta toda a noite, depois despertou gritando como uma banshee. Algum idiota deixou escapar o gado, e entro aqui para encontrá-los agarrados sobre o café da manhã. Ao menos seria bastante bom que o fizessem em particular.

Observou a dolorida surpresa cruzando seu rosto.

— Tampouco tenho tempo para me fazer de babá hoje. — Disse mordazmente — Tenho trabalho a fazer.

— Não lhe pedi isso. — Seu lábios tremiam, mas manteve as lágrimas cuidadosamente controladas. Isso o zangou mais. Maldição. Tinha-a feito gritar a noite com seu orgasmo, e aqui estava na manhã seguinte atuando como se nunca tivesse ocorrido.

— Se assegure que não. — grunhiu.

— Maldição, Cade, faça sexo ou algo. É um bruto. — Disse mordazmente. — Deixa Marly em paz.

Marly empalideceu, piscando incomodada, enquanto seu olhar voava para Cade.

— Talvez é justo o que preciso. — disse furiosamente — Uma mulher para variar.

Não esperou para ver as lágrimas crescendo em seus olhos, caindo por seu rosto. Voltou-se e saiu da cozinha com fortes pernadas, enojado consigo mesmo, furioso com Marly, e incapaz de encontrar sentido a nada daquilo. Sabia que se não escaparia dela, antes de tomá-la. Mais tarde morreria ao ver o medo em seus olhos.

Seguiu andando pela casa, o corpo tremendo de luxúria, fadiga e fúria. Ela era muito jovem, muito inocente e a mulher malditamente errada. Maldição, quando ia se convencer disso?

— Ahh, demônios, Marly, não queria dizer isso. — Sam a segurou enquanto tentava fugir da cozinha chorando, empurrando a cabeça contra seu peito enquanto esfregava suas costas docemente. — Sabe quão bruto pode ser quando está estressado.

Marly conteve o fôlego enquanto lutava com as lágrimas. Sabia por que Cade a estava atacando; só que não sabia que lhe machucaria. Apoiou-se em Sam, sentindo suas mãos nas costas, acariciando-a através da seda da camisa de Cade. Era quente, reconfortante. Gostava da forma em que a tranquilizava, segurando-a. Piscou, suspirou. Estava tão quente pelo Cade que até o toque do Sam converteu-se em sexual. Suas grandes mãos lhe percorreram as costas, pressionando-a contra ele.

Afastou-se nervosa. Rumores sexuais e de outro tipo apareciam, mas não a aterrorizaram como deveriam.

— Estou bem. — Esfregou os braços rapidamente, reprimindo a dor entre suas coxas.

Tinha estado esperando Cade, esperando tentá-lo, para experimentar de novo as impressionantes alturas de prazer que ele tinha dado. Em troca, estava permitindo a Sam, seu querido amigo e confidente, avivar ainda mais as brasas.

— Está segura, carinho. — Abraçou-a mais perto, o braço lhe rodeou a cintura, os dedos descansavam sob os peitos sem sutiã. — E ficará bem. Só espere. Cade tem que superar seu pequeno período de loucura e tudo estará bem.

Haviam seus dedos acidentalmente tocado seu mamilo enquanto se afastava, ou tinha sido deliberado? A suspeita surgiu inclusive enquanto o rejeitou implacavelmente. Rumores cruéis, isso é tudo o que eram. Isso não era o que Cade tinha lhe assegurado anos atrás, quando lhe perguntou sobre isto?

— Tenho que ir. — Sacudiu a cabeça; o enfrentamento com a demência de Cade estava fartando-a — Meninos, vejo-os depois.

Saiu rapidamente da cozinha, a cabeça baixa, o corpo amotinado. Talvez fosse ela que

precisava deitar-se com alguém, e rápido, antes que fizesse alguma estupidez.

CAPÍTULO 7

— Perguntei-te o que pensava, Devon? — A voz de Cade ressonou através da casa com uma nota de crescente ira.

Marly se deteve bem no vestíbulo quando saiu da escada, observando enquanto Cade atirava da porta aberta pelo furioso vaqueiro.

— Tudo o que te pedi que fizesse era que recolhesse os novos potros. Não te pedi que pensasse, e estou seguro como o inferno que não te pedi que contradissesse minhas ordens. Acha que poderá dirigir tanto?

— Seguro como o inferno que posso, chefe. — Devon colocou de novo o chapéu na cabeça enquanto saía com passo irado para a porta — E seguro como o inferno que posso partir logo que o faça. Não assinei por esta merda.

O vaqueiro saiu pisando em forte da casa, e Marly estremeceu quando a porta se fechou de um forte golpe atrás dele.

— Outro que se farta de seu caráter? — inclinou-se contra a parede, cruzando as pernas lentamente enquanto ele se voltava para ela.

Seus olhos estavam entrecerrados, as pálpebras baixas e ameaçadoras enquanto a olhava.

Tinham passado quase dois dias desde que ele quase a tinha tomado no quarto. Dois longos e torturantes dias onde seu temperamento furioso alternava entre frio e silencioso, ou acalorado e forte. Até Greg o evitava, permanecendo nos estábulos com Sam ou Brock quando não estava estudando, mas nenhuma vez se aventurava perto de Cade. Marly era a única valente o bastante. Estava fazendo-a sentir-se culpada por lhe pressionar para que ficasse. Honestamente, tinha pensado que ele desfrutaria da visita.

— Por que não está vestida? — grunhiu, seu olhar foi se obscurecendo enquanto examinava seu corpo.

Marly jogou um olhar para baixo, ao curto vestido cor bronze e os sapatos de salto alto combinando. Meias de seda completavam o conjunto. Sabia que estava bem. Sabia que o vestido chamaria sua atenção.

— Estou vestida, Cade. — Sorriu, lentamente, o desafiando que se fixasse nela. — Por que não está de melhor humor? Continue esperneando como um velho touro mau e eu voltarei para a escola onde há paz.

— Você odeia a escola. — grunhiu — Nem sequer sei por que se matriculou. Podia ter tomado aulas aqui. Em casa.

Aproximou-se dela lentamente, as calças jeans baixas nos quadris, e de uma breve olhada, com um vulto crescendo sem parar sob a roupa. Os joelhos de Marly enfraqueceram. O pescoço de botões da camisa branca de algodão que vestia e o largo cinturão de couro que encerrava seus quadris enfatizavam o duro estômago.

Marly sentiu que lhe secava a boca, então a umedeceu. Queria saborear sua pele. Muito.

— Ainda jogando? — grunhiu, enquanto se aproximava mais dela.

Marly levantou o olhar, arqueando uma sobrancelha de um modo que sabia que só o poria furioso.

— Ainda quente? O que, perdeu seu livrinho negro?

Seus lábios se esticaram. Baixou o olhar para ela, o cinza de seus olhos se escureceu, a cor

formando redemoinhos como nuvens de tormenta pronta para explodir.

— É uma fina linha essa pela qual está caminhando, Marly. — Sussurrou, baixando o olhar para ela, sua expressão escura e perigosa. — Se alguém neste mundo me conhece, é você, e sabe que não está pronta para o que te faria.

O calor disparou no estômago dela, fazendo seus joelhos tremerem.

— Sonhei com o que me ofereceria, Cade. — sussurrou, tocando seu peito com a palma da mão, sentindo seu coração trovejando no peito, como estava o seu. — Esperei por isso durante dois longos anos.

Ela viu sua mandíbula apertar-se.

— Não sabe, Marly. — grunhiu ele. — Não pode sabê-lo.

— Sei o duro que você gosta. — Sua voz era rouca, carregada e crua pelo desejo. — Áspero e duro, suas mulheres sobre os joelhos, submetidas a você. Sei que você gosta de coisas das que a maioria das mulheres saíam fugindo aos gritos. Eu não fujo facilmente, Cade. Sabe disso.

Suas mãos cobriram as dela, os dedos pressionando contra a camisa, para sentir o calor da carne dela cravando-se em sua pele.

— Então sabe que não tomo juvenzinhas. — Irregular e tensa, sua voz contradizia a ira que tentava projetar.

Ela riu com vivacidade, então deu de ombros.

— Ainda sou virgem, mas não estúpida. Sei que me deseja, Cade.

Seus olhos se estreitaram, seus lábios se afinaram ameaçadoramente.

— Aterrorizaria-se.

— Talvez no princípio. — admitiu ela. — Mas pense, poderia me ensinar isso tudo. Como você gosta, onde você gosta, quando você gosta. Não tive outros amantes, Cade. Ninguém mais me ensinou como fazê-lo.

— O que lhe ensinaram? — Sua voz era baixa, enroscando-se nela como uma chama.

Ela lambeu os lábios. Estava caminhando por um terreno perigoso, e sabia. Cade era como um vulcão, preparado para entrar em erupção. Quando o fizesse, sabia que a queimaria viva com seu toque. Mas não desejava sua ira. Queria que a desejasse, que aceitasse essa necessidade. Não o queria zangado por isso.

— Suponho que terá que descobri-lo. — disse sorrindo secretamente. — Experimenta, por assim dizer, e olhe se pode descobrir o que me foi ensinado, e o que não foi.

Era um desafio. Ela sabia o que um desafio lhe faria. Podia ser que não o aceitasse agora mesmo, mas o faria. Sabia que o faria.

Ele estava respirando com dificuldade. Excitou-a observá-lo lutar para respirar, saber que o fazia as mesmas coisas que fazia a ela.

— Se souber tão condenadamente tanto, então saberá que eu gosto de mulheres submissas. — grunhiu. — Eu não gosto de ser desafiado, nem no sexo nem na vida. Saltar quando o mando, transar quando eu quero.

— Nunca disse que seria como elas. — Moveu-se contra ele, o corpo acariciando o seu, sentindo o calor emanado dele. — Disse que sei o que você gosta. E a maioria disso, posso aceitar. Mas não serei uma total, Cade.

— Vem para minha cama e te escravizarei. — Jurou ele obscuramente. — É o que quer Marly? Uma escrava sexual, rogando por mim, e aprendendo a amar a degradação que te infrinja? É o que realmente quer?

Agarrou-a com rudeza, empurrando-a para dentro de seu estúdio, depois contra a parede atrás da porta. Manteve-a ali, o estômago e os seios pressionados contra a parede, seus quadris segurando-a firmemente. O vestido foi levantado até os quadris, sua mão agarrando a carne nua

de uma nádega enquanto ele grunhia asperamente no ouvido.

Depois deu uma bofetada na nádega. Marly gritou, revolvendo-se enquanto a aguda labareda de calor a queimava.

— Abre as pernas. — Não lhe deu tempo para obedecer; simplesmente afastou suas pernas com um puxão, depois golpeou a outra nádega ligeiramente, embora o bastante forte para que ela soubesse que se avermelhava a carne.

— Tire as calcinhas. — Golpeou-a de novo, fazendo-a sacudir-se, fazendo que seu corpo ferver com uma excitação que não tinha esperado.

Deus querido. Isto não era o que tinha esperado. Lançada a uma excitação tão quente e intensa que estava pronta para gozar agora. Suas mãos, duras mas sem machucar, seguravam-na ainda. Seu fôlego, áspero contra o pescoço, a fazia tremer com uma dolorosa consciência de sua força.

Movendo-se torpemente, deslizou as mãos no cóis da tanga e a empurrou por seus quadris e coxas. Deu um passo fora delas lentamente quando formaram um atoleiro a seus pés.

Sua mão passou suave por seu traseiro, duro e quente, seus dedos percorrendo lentamente para baixo a fatia, detendo-se ante o tenso franzido mais abaixo, então se mergulhou rapidamente na quente e deslizante dobra de seu canal feminino. Marly gritou, a cabeça caiu para trás sobre peito dele e seus dedos empurraram para diante lentamente. Recolheu a escorregadia essência, massageando desde sua dobra até seu tenso clitóris e volta. Estava tão úmida, tão escorregadia e quente que a tinha lubrificado rapidamente.

— Não me conhece, Marly. — ele grunhiu ao ouvido. — Não assim. Não sexualmente. Não importa o que tenha ouvido, não importa o que pense, o que saiba.

Seu dedo raspou o ânus de novo, escorregadio e quente enquanto trazia a umidade de sua vagina.

— Sou duro e grosso, neném, e tudo o que quero neste mundo agora mesmo é te ouvir gritar de prazer enquanto deslizo meu membro em seu tenso traseirinho. Vou te comer ali. Está preparada para isso?

Ela esmagou as mãos contra a parede; as costas arqueando-se enquanto seu dedo deslizava dentro e depois fora.

— Eu te quero. Como você quiser, Cade. Onde quiser. — Sua cabeça sacudiu. Sabia que ele queria isto. Sabia que era sua prática sexual favorita.

O coração de Marly estava trovejando no peito, sua respiração era entrecortada, quase um choro enquanto ele continuava lubrificando ambas as áreas lentamente.

— Respire fundo. — ele ordenou com aspereza. — Agora.

Inspirou com profundidade. Sabia como fazer isto, assegurou-se que seu corpo estaria preparado para quando ele o quisesse. Mas mesmo assim, os olhos se abriram de repente, a boca aberta em um ofego, depois um grito quando seu dedo deslizou profundamente em seu ânus. Ouviu-o gemer asperamente atrás dela enquanto seus músculos se afrouxavam ao redor dele, aceitando, depois apertando-o forte.

Era tão bom. Não podia deter a necessidade de empurrar contra ele, ou o gemido estrangulado enquanto os dedos da outra mão se moviam para seus clitóris. Estava em chamas. Tão quente, tão preparada para ele que não sabia se podia sobreviver a isso.

— Quem te transou o cu, Marly? — Havia fúria soando agora em sua voz. — Esse pequeno merda lá de acima?

Negou com a cabeça, incapaz de falar enquanto o sentia tirar o dedo, para depois acrescentar dois.

— Quem? — grunhiu.

Negou com a cabeça de novo, ofegando enquanto ele empurrava profundamente agora.

— Apertado. Tão malditamente apertado. — Sua voz era torturada, soando com luxúria agora. Empurrou dentro dela de novo, fazendo-a gritar pelo prazer, revolver-se em seus braços e desejar.

Cade ficou quieto atrás dela. Seus dedos estavam alojados profundamente, então deslizou lentamente fora dela, deixando-a dolorida, quase rogando por mais. Ela gritou em protesto, na borda do esquecimento e ofegando por voar para ele. E ele estava rejeitando-a. De novo, estava rejeitando-a.

— Eu não gosto deste jogo que está jogando comigo. — Acusou bruscamente, a boca em seu ouvido, baixo e furioso. — Pare, Marly. Pare agora, antes que faça algo mais que ambos acabemos lamentando.

Ele puxou o vestido para baixo, e o sentiu afastar-se dela. Permaneceu onde estava, escondendo sua desilusão e suas lágrimas.

— Tenho trabalho para fazer. — virou-se, dirigindo-se para porta. — Troque de roupa, maldição. Está deixando loucos meus vaqueiros. Acabarei tendo que matar um deles.

CAPITULO 8

Esta devia ser a noite dos pesadelos. Cade ouviu o grito estrangulado de Brock. Segundos mais tarde a porta do quarto do outro homem se fechou de repente e este desceu irado ao vestíbulo, vestido, dirigindo-se para a noite. Todos eles se dirigiam para a noite depois dos pesadelos. A escuridão, as sombras, escondendo-se dos demônios que os espreitavam continuamente.

Respirou profundamente, cansado. Contemplou o teto, sentindo o familiar peso da pena e a culpa que rasgava por seu ventre cada vez que os gêmeos sofriam pelos sonhos. Ele não sabia como aliviar a dor. Não sabia como aliviar a pena. Levava os seus próprios, e só encontrava o esquecimento no sexo. Conduzindo-se pela dura borda de luxúria, suor e gritos irregulares. Não havia nenhum consolo a ser encontrado na noite. Os grandes espaços abertos não faziam nada para aliviar o confinamento de uma jaula fechada e a impotência de estar totalmente a mercê de outra pessoa.

Levantou-se da cama e se vestiu, sabendo que nunca dormiria até que se assegurasse de que Brock ainda mantinha a prudência. Era fina a linha que os mantinha em algo que eles tinham perdido durante preciosos meses, há muito tempo.

A noite era escura, sem luar. Andou pelo alpendre, cheirando o odor acre do tabaco das sombras a sua direita. O brilho demoníaco de um cigarro aceso flamejou na escuridão, uma aguda exalação, um grito estrangulado como o de um homem lutado por seu controle.

— Está bem? — Cade apoiou-se contra o poste do alpendre, a vários centímetros da forma obscurecida pela sombra.

— Bem. — A voz de Brock era dura, tensa.

— Acabou-se Brock. — Não sabia como tranquiliza-lo. Como fazê-lo sentir-se melhor. — Temos que deixá-lo para trás.

A risada cínica continha um grunhido quebrado. Como um animal, uma criatura agonizante que luta para aceitar. Cade apertou os dentes ante a fúria que aquele som lhe provocou.

— Deixá-lo para trás, não é? — A ponta do cigarro flamejou outra vez. — Então me diga irmão: você já o deixou para trás?

Cade colocou as mãos nos bolsos dos jeans. O céu era tão negro como às vezes pensava que era sua alma, mas ainda procurava a luz. As espetadas diminutas de lucidez que provavam que havia ao menos a esperança de que a vida existia.

— Temos que continuar tentando. — Era tudo o que tinha para aferrar-se. Algum dia, as sangrentas lembranças se suavizariam, e conseguiria a paz.

— Ele sabia, Cade. — A voz de Brock estava enrouquecida por seu conhecimento, com lágrimas não derramadas. — Ele sabia o que aquele bastardo ia fazer conosco. Não me importa o que dissesse. Ele sabia.

Seu pai. Joe August. Sim, ele sempre suspeitou o mesmo, apesar das juras suplicantes de Joe de que não sabia. Apesar das distâncias que tinha andado para encobrir o sangue que Cade tinha derramado, ele sabia. De jeito nenhum qualquer um dos dois, Joe ou sua mãe, poderia ter ignorado o que lhes acontecia.

— Eu sei, Brock. — Encurvou os ombros, franzindo o cenho na noite.

— Queria matá-lo. — A voz do Brock tremeu. Não havia nenhuma lágrima. Não mais desde aquelas semanas, depois que o pesadelo tinha começado. Brock nunca mais havia chorado.

— Eu não poderia protegê-lo. — Se pudesse, se tivesse sido possível, sabia que teria matado Joe também. Aquela necessidade tinha vivido nele durante anos, como um monstro com presas e enfurecido, preparado para escapar.

— Necessito-a, Cade. — A solidão em sua voz era abrasadora. — Deus. Maldição, Cade, necessito-a.

Cade estremeceu.

— Não podemos fazer isso com ela, Brock. A nenhuma delas. Nem a Marly nem a Sarah. Sabe disso.

— Então, que seja outra. — grunhiu furioso. — Odeio isto, Cade. Odeio esta maldita sensação de que não há mais nada no mundo. Maldição, está nos matando a todos.

— Tornaria mais fácil alguém mais, Brock? — Cade ouviu a brincadeira em sua entonação, mas não fez nada por filtrá-la. — Tentamos isto, mais de uma vez. Não ajudou.

Esta era sua vida. A fúria o carcomia, tal como sabia que comia Brock. Eles estavam sozinhos. Tão isolados dentro de si mesmos e do negro segredo que carregavam, que não havia nenhuma facilidade, nenhuma comodidade, à exceção de uma coisa. Marly. Marly, ou a mulher cujo nome Brock recusava-se a mencionar. Uma que o rejeitou, e portanto era melhor esquecer-se dela.

Cade abaixou a cabeça, ouvindo um ligeiro golpe, cheirando um novo cigarro filtrar-se pelo ar. Brock raramente fumava, mas quando o fazia, levava horas para deixar de acendê-los.

— Já transou com ela? — Ouviu o desejo na voz de Brock.

Fechou os olhos, lutando contra isso. Lutando contra isso, mas necessitando-o tanto quanto seus malditos irmãos o faziam. Eram monstros, todos eles, embora nunca os acusasse tão severamente. Esta era sua falta. Sua culpa, já que não tinha sido capaz de encontrar nenhuma outra saída para eles.

— Não.

— Terá que fazê-lo, Cade. Logo.

— Ela nos abandonará, Brock. É isso o que realmente quer?

— Vai te abandonar, de qualquer jeito. — predisse Brock — É uma mulher, disse-lhe isso. Quer você, e tanto se o admitir como se não, ela aceitaria a Sam e a mim. O vi. Sei que o faria. Sobretudo se você explicar.

— Não. — recusou a idéia completamente. Não diria, e mataria a quem quer que o fizesse. Não poderia agüentar a culpa, menos ainda a vergonha. Não poderia suportar ver o conhecimento, nos olhos de Marly, de que ele era menos que invencível.

Os gritos ressoaram através da noite, mas não eram os gritos da atualidade. Eram os trovões distantes do passado, que lhe invadiam. A impotência, a dor atormentadora, tanto física quanto mental. O aroma de suor, sangue, medo e sêmen flutuavam no ar.

— Foi nossa culpa? — Brock e Sam, ambos, tinham feito aquela pergunta. O mesmo tom de voz, com a mesma raiva presente.

— Sabe que não foi, Brock. — ele recordou. — Não fizemos nada para causá-lo. Sabe disso.

Um suspiro, mais suave, já não entrecortado como a fumaça, foi à deriva através da noite.

— Não será capaz de parar isto. — Disse Brock, enquanto respirava profundamente. — Igual a Sam, não posso deixar de querê-la. Isto vai passar.

Se ele tomasse Marly. Se a transasse e a fizesse sua mulher de algum jeito, então Cade soube que seria o melhor. Pela primeira vez desde que tinha encontrado um modo de salvá-los da brutalidade do passado, odiou-o. Não porque isto significasse compartilhar à mulher que amava com os irmãos que ele já não sabia como amar, mas sim porque o desejava malditamente. Desejava-o, embora estivesse apavorado, com medo de que isto destruísse Marly. Destruiria a ela, e a qualquer amor que ainda escondesse em seu coração por ele.

— Se eu a perder, isto me matará. — Disse, negando com a cabeça. — Sabe disso, não é, Brock? Isto é uma coisa a qual não serei capaz de sobreviver.

— Então estamos todos condenados, Cade. — Disse Brock, com voz amarga e perdida. — Tal como estávamos desde o começo. Malditamente condenados.

CAPÍTULO 9

Na manhã seguinte, Marly observava do curral como Greg e Sam trabalhavam dentro com um dos cavalos. O sorriso de Greg era tão amplo que quase lhe cobria a face quando Sam o ensinou como montar em Beanie, a égua mais dócil. Ela sabia que isto era um sonho feito realidade para Greg, o menino de cidade com nenhuma experiência em montar. E embora pudesse dizer que estava entusiasmado, também estava levando estranhamente a sério.

— Quer sair para cavalgar conosco, irmãzinha? — Sam aproximou-se dela montando sobre o grande garanhão baio com os cabos negros. — Pode selar um dos cavalos rapidamente.

— Hoje não. Vão Greg e você. — Despediu-se com a mão, sorrindo enquanto Greg se movia na sela, franzindo o cenho ao cavalo, completamente concentrado. — Talvez vá da próxima vez.

— Certo. — Assentiu Sam, olhando atrás dela. — Então voltaremos daqui a pouco.

Deu a volta no cavalo, meio galopando junto de Greg, quando Marly sentiu Cade movendo-se atrás dela. Esticou-se, sentindo o calor de seu corpo quando ele passou os braços de cada lado do corpo.

— Estes vestidos curtos vão levar meu vaqueiro ao limite, Marly. — Seu fôlego fez revoar os cabelos soltos ao longo de sua trança.

— Os vaqueiros passaram o dia fora. Lembra? — Disse roucamente, recordando a mesma acusação do dia anterior.

— Este vestido mostra mais de seu traseiro do que o de ontem. — Inclinou-se mais perto, o fôlego quente sobre seu pescoço.

Marly respirou profunda e duramente. Depois paralisou no peito o fôlego quando uma mão caiu em sua cintura. Fechou os olhos, sentindo a tensão no corpo, uma estranha resolução que emanava dele.

— Não transou ainda, Cade? — Sua voz era tensa. — Homem, deveria encontrar uma

mulher disponível para sua idade. Já estão todas casadas ou o que?

Ele apertou sua cintura com a mão, depois os dentes raspavam seu pescoço. Marly gemeu enquanto seus joelhos dobravam. Um som velado, entre um gemido e um grito saiu dela quando seus dentes se fecharam sobre a pele, a língua golpeando suavemente sobre a carne que mantinha cativa.

— Cade? — Ele passou um braço forte ao redor da cintura, atraindo-a contra ele enquanto ela gritava. Com outro empurrão transpassou a prega do vestido, apontando para as suaves e nuas bochechas de seu traseiro.

— Malditas calcinhas. Deviam que ser proibidas. — Os dedos apartaram o frágil elástico, até que dois deles estiveram empurrando dentro da estreita e empapada profundidade de sua vagina.

Marly gozou. Não podia acreditar. Ali mesmo, mal havia sentido o apertão em sua entrada, esses dois longos dedos empurrando em seu interior, chegou ao clímax com um agudo grito. Sentiu a umidade da escorregadia liberação que sabia estaria banhando os dedos dele, cobrindo a carne de nua seu tremente sexo.

O braço ao redor de sua cintura se moveu, uma mão segurou seu seio, beliscando um dos mamilos entre o polegar e o indicador. Os dedos movendo-se outra vez em seu interior, lentos e suaves, retiraram-se, depois empurraram dentro das cálidas profundidades até encontrar a barreira de sua virgindade. Uma e outra vez. Compridos, suaves e deslizantes movimentos que a fizeram tremer, ofegando para respirar.

— Quero você de joelhos, com meu membro em sua boca. — Sussurrou sedutoramente em sua orelha, os dentes mordiscando a pele. — Estou duro, Marly, e dolorido. Pára de me pressionar; obterá algo para o que com certeza não está preparada.

Os dedos mudaram das empapadas profundidades de sua vagina para trás, para o apertado e pequeno broto de seu traseiro, retornando outra vez. Marly tremeu. Estremeceu. Fraca e ardendo. Sabia o que ia acontecer, e ansiava. Cada vez que seus dedos passavam pelo pequeno broto, empurrando a umidade dentro, mais profundo com cada passada, ela empurrava, necessitando-o em seu interior, precisando lhe dar algo, o que quisesse dela.

— Posso te arrancar agora esta peça de roupa, e fodê-la até que esteja gritando. — ofegou, pressionando sua ereção na suave e nua fenda de seu traseiro, o material jeans raspando a pele suave.

Os dedos se afundaram no úmido canal, depois se retiraram. E outra vez, até que a pequena e apertada entrada cedeu facilmente à pressão da ponta do dedo pressionada suavemente contra ele. Marly gritou, lutando para manter-se direita enquanto o dedo que a atormentava entrava e saía, logo dois dedos pressionaram o interior de sua vagina outra vez, só para repetir a manobra uma e outra vez.

— Posso te pôr de joelhos, e foder sua pequena e quente boca, ou te inclinar para frente e tomar por trás. Posso fazê-lo, garota. Pára de me mostrar o cu. Pára de me mostrar esses bonitos e apertados mamilos, ou o farei. — Seu dedo se afundou na profundidade de seu buraco, obtendo um agudo e destroçado grito dela enquanto os músculos se apertavam a seu redor.

Marly estava aturdida. Incomodada por suas ações. Inclinou-a sobre seu braço, empurrando o dedo em seu interior uma e outra vez, ignorando as costas arqueadas, o tenso agarre por seu corpo enquanto a provocava. Depois a girou, o braço arqueado a seu redor, o dedo recusando liberá-la do vergonhoso empalamento.

Levantou-a contra ele enquanto se inclinava contra o estábulo, segurando-a firmemente enquanto a levantava quase sem tocar no chão, seu grosso dedo entrando mais profundo, fazendo-a ofegar enquanto a úmida necessidade começou a empapar a coxa coberta só pelo jeans ele empurrava entre as penas dela.

Uma mão arrancou o sutiã do vestido, jogando de lado as frágeis taças, até que os seios estivessem nus. Marly gritou quando desceu a cabeça, os dentes mordiscando o mamilo, e logo sua boca o cobriu, sugando-o, lambendo-o com a língua.

Retirou o dedo, depois empurrou em seu interior outra vez. Marly se arqueou, pressionando o peito mais profundo em sua boca enquanto a dor que ele provocou com o empurrão a fez montar sua coxa mais forte.

— Deseja muito isso, não é, neném? — Grunhiu contra seu seio, segurando-a firmemente enquanto entrava no estábulo.

O dedo que havia fodido o traseiro se liberou enquanto entrava nos escuros limites do estábulo livre mais próximo. Depois lutou com os botões de seus jeans, livrando-se deles com rápidos e bruscos movimentos.

— Cade? — Sua voz tremeu quando seu membro saltou livre. Era largo, grosso e parecia zangado enquanto ela abria amplamente os olhos diante da visão.

— Não. — Fechou os olhos, atormentado. — Não o faça Marly. Não tenha medo de mim. Só desejo que chupe meu pau, neném. Por favor... só quero sentir seu boquinha quente ao meu redor.

Empurrou-a suavemente de joelhos, apoiando-se sem forças contra a parede do estábulo enquanto a observava com uma expressão selvagem e dura.

— Juro por Deus que não te farei mal, mas não agüento mais, Marly. Me chupa agora, neném. Me chupa até eu gozar na sua boca.

Temor, excitação, a quente e pulsante luxúria mesclava e fundia dentro de Marly, enquanto a grossa ereção empurrava contra seus lábios. Cade estava gemendo, os olhos quase negros enquanto observava sua boca aberta para ele.

— Sim. Sim. — Gritou. — Abre a boca, Marly.

A cabeça de seu membro deslizou dentro lentamente. Uma mão grande envolvendo a base, e a outra metade enterrada profundamente dentro de sua boca, quase tocando as amídalas enquanto ela lutava por tomá-lo.

— Chupa meu pau. — Ordenou com força, retirando-se, só para deslizar entre seus lábios outra vez. — Agora, Marly.

Seus lábios se estreitaram, movendo uma mão para cobrir a base de seu membro com suas próprias mãos, agarrando-o firmemente enquanto sua boca cobria a carne restante e suplicante de atenção. Alargou os lábios, sentindo-os machucados enquanto empurrava contra ela, mas a sensação dele em sua boca, seus profundos gemidos ressonando no celeiro a animaram.

Cavando as bochechas, sorvendo seu pênis, os lábios acariciantes, passando a língua, ela começou um rápido balanço de cabeça. A mão livre se enterrou em seu cabelo, movendo sua cabeça mais rápido enquanto seus quadris empurravam a ereção dentro e fora de sua boca, uma e outra vez.

Marly gostava da sensação de sua ereção, tão dura e quente, enchendo sua boca, alargando os lábios. Olhou fixamente seu rosto, observando o rubor que subia pelas bochechas, a forma em que seus olhos se obscureciam, cobrindo-se de luxúria.

— Chupa com força. — Ele disse bruscamente. — Chupa com força, Marly. Vou gozar, neném.

Dois fortes empurrões mais tarde, sentia o espesso jorro de seu sêmen pulsando dentro de sua boca, deslizando-se pela garganta enquanto ele enterrava profundamente seu membro. Seu corpo se sacudiu, ao mesmo tempo em que a quente pulsação de sua liberação, os ofegos ásperos e agonizantes enquanto ela continuava sugando, drenavam cada gota de liberação de seu apertado e quente saco.

De repente, tão rápido como tinha empurrado o membro em sua boca, de um puxão a deixou

livre. Olhou fixamente para ela, os olhos escuros, quase aterradores, o pênis ainda duro enquanto respirava violentamente.

— É isto o que quer, Marly? — Grunhiu, como se sofresse. — Realmente é isto o que quer? Porque juro Por Deus, que não sei se serei capaz.

Guardou seu ainda duro membro dentro das calças, fechando-a rapidamente enquanto o olhava fixamente. Ela passou a língua sobre os lábios, provando o resíduo salgado do orgasmo. Cade se paralisou com o movimento.

— Seus lábios estão manchados com meu gozo. — Sua voz soou atormentada. — Parece uma puta, Marly. Minha puta.

Deu-lhe as costas, partindo airadamente do estábulo enquanto Marly sentia seu rosto empalidecer. Baixou a cabeça, lutando com as lágrimas que começavam a cair dos olhos, a sensação de vergonha que lhe enchia o corpo. Lentamente, levantou-se do chão cheio de feno, arrumando o vestido e as calcinhas, e caminhou dolorosamente de volta para casa.

Cade estava na frente da porta de seu estúdio enquanto ela entrava, uma garrafa de licor na mão enquanto a observava. Manteve o olhar, entretanto tomou cada medida de integridade que pôde obter para fazê-lo.

— Vou embora esta noite. — Sussurrou, depois se afastou dele.

Antes que pudesse detê-lo, puxou-a bruscamente contra ele, olhando-a furiosamente.

— Não, não vai. — Ele espetou. — Me prometeu todas as férias da primavera, Marly. Duas completas e malditas semanas, e que me condenem se me tirar isso.

Ela abriu completamente os olhos enquanto ele a puxava para o estúdio, fechando a porta de um golpe, depois deles.

— Não! — Marly se separou de um puxão, cheia de fúria pela forma como ela a estava tratando. Encarou-o, a fúria aumentando dentro nela, secando as lágrimas que ameaçavam sair de seus olhos.

— Vem aqui, Marly. — Podia ver o propósito em seus olhos, a protuberância sob seu jeans.

— Assim posso me prostituir para você outra vez? — Quase se engasgou com as palavras. — Bastardo. É muito covarde para admitir que me deseja tanto quanto eu a você; em vez disso, prefere me tratar mal. Me ensinar uma lição.

Ele passou os dedos pelo cabelo em um gesto de intensa frustração, enquanto fazia caretas de pesar.

— Marly, por favor. Não estou tentando te machucar. — Sussurrou, sacudindo a cabeça. — Está me matando, e não quer ver isso. Pelo amor de Deus, por favor, pare antes que isso machuque a nós dois.

— Não posso voltar a ser uma menina. — Ela gritou, as lágrimas finalmente caindo. — E isso é o que você quer, Cade. Admita!

— Droga, sim! Deus. Maldição, sim é isso sim. — A garrafa voou, quebrando-se na parede, a forte essência do licor impregnando a habitação. — Jurei que iria criar você, Marly. Não te criei para transar com você.

Marly sacudiu a cabeça, os soluços agora fazendo seu corpo tremer.

— Não o farei. — Apertou os punhos enquanto olhava fixamente seus traços atormentados. — Não o farei, Cade. Eu te quero muito. Preciso muito de você para desempenhar um papel para que você possa se esconder do fato do quanto me deseja.

— Não. — Fez uma careta pela acusação.

— Não? — Perguntou ela com uma risada de assombro. — Então, de quem era o pau que empurrava em minha garganta? De quem era o dedo que se meteu em meu cu, Cade? Poderia jurar que eram seus. E poderia jurar que estavam conseguindo. Está se enganando pensando em

que são os de alguém mais?

Sua voz se elevava com irritação enquanto o encarava, ignorando a tormenta que se formava em seus olhos, a fúria crescendo em sua expressão.

— Pare. — Ele espetou. — Somente pare, Marly.

— O que quer de mim, Cade? — Agora deu um passo para ele, o corpo vibrando com a injustiça do que ele tinha feito. — Me deixou de joelhos na sujeira, o sabor de seu orgasmo ainda na minha boca, necessitando de você. Também te necessitava. Onde está meu orgasmo, filho de puta?

— Está frustrada, Marly? — Retrucou ele.

Marly se deteve rígida, ignorando as lágrimas e a dor.

— Demônios, sim, e sou mulher o bastante para admitir. — Disse lentamente. — E sabe o que mais, Cade? Sou mulher o bastante para fazer algo a respeito.

Afastou-o bruscamente, dirigindo-se para a porta. Deu a volta na maçaneta, preparada para abri-la quando sua voz a deteve.

— Que demônios significa isso? — Havia perigo em cada sílaba.

Ela deu a volta para ele, o sorriso zombador e amargo.

— Simples, Cade. Se não pode apagar o fogo que acendeu, então foda-se. Encontrarei a alguém que o faça.

Abriu de repente a porta enquanto falava, voltou-se e trombou precipitadamente com o peito de Sam.

Levantou os olhos, vendo a silenciosa ira em seu rosto, a compaixão em seus olhos. Devia ter ouvido tudo. Sacudiu a cabeça, a cara flamejando de vergonha.

— Hey, Pequena. — Levantou-lhe o rosto, o polegar tocando a comissura dos lábios brevemente, logo olhando fixamente ao cremoso resíduo que limpou. Marly se sentiu doente, afligida pela humilhação e a fúria.

Sam elevou o olhar, olhando sobre seu ombro enquanto sua expressão se endurecia.

— Sam. — A voz de Cade lhe advertia que não interferisse.

— Vamos, Marly. — Sam a tirou da sala, com o braço ao redor de seus ombros em um gesto de preocupação fraternal. — Greg e eu decidimos ir comer uma pizza esta noite. Pode ir conosco para buscá-la.

— Sam. — A voz de Cade era mais severa agora, enquanto ia para eles.

— Pare. — Sam evitou problemas a Marly, empurrando-a para o silencioso e sério rosto de Greg. — Deixa-a só, por Deus, Cade! Acho que já chega. Vá desfrutar de seu licor, se houver algo que afaste seu mau humor. Vou levar Marly daqui esta noite.

— Marly, não vá. — Cade a olhou sinistramente. — Não acabamos ainda.

— Sim, acabamos, Cade. — Sacudiu a cabeça, caminhando para a porta. — Ao menos por esta noite, acabamos.

Capítulo 10

A noite estava escura. Embora Marly tivesse deixado as cortinas de seu balcão abertas, o céu cheio de nuvens filtrava a luz da lua. A lamparina estava acesa, lançando uma suave luz sobre a cama, sobre seu corpo pálido e nu, enquanto ela dormia desassossegadamente. Cade entrou no quarto, caminhando silenciosamente para a cadeira ao lado da cama e se acomodou nela com movimentos lentos, controlados.

Sam tinha deixado que ela chegasse tarde. Ele sabia que seu irmão menor estava furioso com ele, tão zangado que negava-se a lhe falar. Cade se odiou, mas por sua vida, ele não conseguia pensar em nenhuma maneira de solucionar este problema. A consciência e a luxúria o faziam migalhas até o ponto em que estava: sentado silenciosamente, olhando-a, porque não podia tê-la de nenhuma outra forma.

Seu magro corpo estava estirado sobre o colchão, um braço inclinado sobre o estômago, o outro colocado ao lado. Suas coxas estavam separadas, o montículo nu refulgindo. Maldição, permanecia molhada? Seu corpo pulsou com o pensamento.

Reprimiu um gemido, esfregando as mãos sobre a cara, negando a necessidade de despojar-se das calças de treinamento e engatinhar na cama com ela. Sua membro o exigia, a cabeça recusava, e o coração estava quebrado. Como desejar à mulher que passara oito anos protegendo e criando? Que espécie de perverso fazia isso? Reclinou-se na cadeira, observando-a dolorosamente.

Estava acostumado a fazer isto quando era uma menina. Sabendo quando viriam os pesadelos e querendo estar ali, para ela, quando chegassem. Ele não tinha tido nenhum destes pensamentos então. Nenhuma luxúria. Ela tinha se enrolado inocentemente na cama, dormindo enquanto ele tentava protegê-la. Ela tinha sido tão condenadamente pequena de menina. Silenciosa. Com esses grandes olhos azuis e todo esse cabelo. Tinha-a amado desde que Annie havia a trazido para casa aquele dia. Quando tinha mudado?

Não podia precisar o dia no que tinha começado a sentir desejos. Sabia que não tinha começado antes de seu décimo oitavo aniversário, mas sabia que quando começou tinha sido forte e rápido. Recordou o dia no que se deu conta disso. Imediatamente depois de sua graduação, na piscina com sua amiga Lexia. Tinha-a tocado, um olhar breve fora das portas de seu estúdio, e a luxúria o tinha consumido. Fazia tudo o que podia fazer por abster-se de espreitá-la, tomá-la e empurrar dentro dela imediatamente. E tinha piorado depois.

— Cade? — Sua sonolenta voz hesitou enquanto seu olhar encontrava a hermética expressão dele.

Não lhe correu tampar-se, não parecia se importar que estivesse nua e ele estivesse duro, dolorido de necessidade. Seus azuis olhos estavam obscuros, seus lábios cheios e sensuais.

Seus mamilos endureceram quando o olhar dele se centrou neles, franzindo-se para ele, os doces montículos de seus seios endurecendo-se. Sua boca secou.

— Fez? — grunhiu, incapaz de afastar a cólera de suas anteriores palavras para ele.

— Não, a menos que conte a masturbação. — Sua voz era risonha, mas suave e doce com sonolência. — Isso conta, Cade?

Ele tragou apertadamente. O fôlego deixou sua garganta enquanto os dedos dela, magros e graciosos, acariciavam a carne entre suas coxas.

— Isso conta. — Grunhiu, movendo-se rapidamente para antecipar seus movimentos.

Sua mão estava sob a dele, o calor úmido de seu corpo como uma marca em seus dedos.

— Quer me ajudar? — Sua voz estava mais pastosa, fumegante e obsessivamente sexual e atraente.

O dedo indicador dele se estendia incrivelmente perto de seus clitóris. Poderia jurar que sentia o pequeno nó de nervos pulsando. Quase deitado a seu lado agora, olhando-a fixamente, impotentemente, apanhado na brilhante sensualidade que exsudava.

— Quero te comer. — Ouviu como segurava fôlego; viu a acusada ascensão de seus seios enquanto a excitação flamejava em seu interior. — Mas não posso.

Por quê? Por quê? A pergunta rasgou através de seu cérebro, seu corpo. Sua luxúria exigindo uma razão.

— Você transou minha boca até gozar. Deve-me isso. — Seus quadris se levantaram contra a mão dele, fazendo o dedo percorrer seu clitóris. Ele o sentiu inchar-se, endurecer-se.

Sua ereção pulsou recordando sua boca quente. Como o apertava e sugava ao amá-lo. Quis fechar os olhos, recordando o pulso quente da liberação, mas não podia afastar o olhar. Ela lambeu os lábios lentamente.

— Pensa que me tem, não é, Marly? — Tocou-a com a mão, empurrando para trás sua mão, cobrindo a área inteira de seu sedoso e molhado sexo. — Pensa que pode me dominar, pode me pôr de joelhos.

— Não, Cade. — Protestou em um ofegante grito enquanto ele esticava seu toque sobre ela, o suficiente para fazê-la aferrar com força pelo prazer. — Isso não é o que eu quero.

Colocou o dedo médio em sua vagina, a palma lhe esfregando o clitóris enquanto ela tremia e gemia bruscamente.

— O que quer então? — Empurrou o dedo dentro dela outra vez, logo fazendo que outro se unisse ao ele.

Ele observou o calor subir a suas bochechas, seus olhos se faziam mais escuros enquanto seus seios firmes se moviam com a demanda do corpo por mais oxigênio. Com as coxas abertas, seus quadris se levantavam e caíam contra sua mão enquanto ela agarrava com força o pulso dele, como que tentando segurá-lo ali.

— Simplesmente te quero. — gritou ela.

— Então me diga a verdade, Marly. — lhe sussurrou — Como fez para aprender a tomar meus dedos tão facilmente em seu pequeno e apertado traseiro. Uma virgem teria escapado gritando.

— Não. — gritou ela, dolorosamente — Não é isso.

Ele podia ver uma labareda de vergonha em seus olhos.

— Então, o que é? — Esfregou seus clitóris mais forte, levando-a mais perto, nunca deixando-a chegar. — Diga Marly. O que é?

— Sabia que você gostava. — Ela ficou sem fôlego enquanto lhe chupava um mamilo, seus olhos nunca deixando os dela. — Tive que aprender como fazê-lo, assim não me rejeitaria.

O ciúme ferveu dentro dele.

— Quem te ensinou, Marly? — Diminuiu a carícia contra seu clitóris, sabendo que estava desesperada para gozar.

— Não pare! — O desespero cintilou em sua expressão. — Por favor. Por favor, Cade. Não pare.

— Então, me diga o que quero saber, Marly. — Seu toque foi mais leve, mas não a deixou. — Quem te ensinou? Quem comeu você ali?

— Eu o fiz. — gritou miseravelmente.

O choque deixou-o rígido.

— O que quer dizer? Você o fez? — Perguntou ele lentamente.

— Vi filmes, e li livros. Comprei coisas... — Tentou girar a cabeça, mas ele se negou a permitir-lhe

— Consolos? — perguntou suavemente, seu corpo endurecendo-se impossivelmente.

— Sim. — respondeu miseravelmente.

Ele ficou completamente ardente.

— Plugues? — Sua voz suave.

Ela mordeu o lábio, avermelhando-se ainda mais.

— Sim.

Cade fechou os olhos.

— Ainda os usa? — perguntou ele com voz áspera.

— Sim. — Ele podia apenas ouvi-la, tudo o que sabia era que Marly, sua inocente e doce Marly, em um dado momento, estava passeado a seu redor com um dispositivo dentro de seu corpo, tentando preparar-se para ele. Estremeceu, seu dedo movendo-se de sua vagina para baixo.

A decepção o atravessou como uma lança no intestino enquanto percebia que ela não estava usando naquele momento.

— Onde está? — Mal podia falar. Estava tão duro que lhe doía. Tão torturado que apenas o podia agüentar.

O choque brilhou nos olhos dela, o pânico estendendo-se por sua expressão.

— Cade? — Havia uma ponta de medo em sua voz. Maldição, era o momento condenadamente incorreto para assustar-se.

— Onde? Não perguntarei outra vez, Marly. — Exigiu muito severamente.

Ela se sobressaltou, mas ele podia ler a excitação em seus olhos, no tom exigente de seu corpo. Maldição, desejava-a assim, e ele não parecia poder opor-se a isso. Deixava-o louco.

— Na mesinha. Sob os livros. — Ela lançou um olhar à mesinha ao lado da cama.

Cade se levantou. Abriu de um puxão a gaveta, atirando os livros no chão até que encontrou o que procurava. Os músculos do estômago se contraíram com força quando encontrou o tubo de lubrificante e o grosso plugue usado para estirar e alargar os músculos anais. Ao lado havia um consolador de borracha, quase tão grosso como seu membro, mas não tão longo.

— Filha de puta. — Levantou o plugue e o lubrificante da gaveta lentamente depois se voltou para ela.

Ela estava observando ansiosamente, os olhos muito abertos, indo para os artigos, depois retornando para Cade.

— Vire-se. — Ele ordenou. — Quero vê-la tomá-lo.

Ele estava morrendo. Cade sabia que nunca sobreviveria a essa noite.

— Cade. — Ela tremeu contra ele. — Sinto muito. Por favor, não se zangue comigo.

Zangar-se. Ele estava furioso. Tão atormentadamente furioso que tudo o que podia fazer era apenas tentar agüentar. Com os dois. Com ela por querê-los, e com ele por querer dar a ela tão condenadamente tanto.

— Vire-se, Marly. Agora.

Observou como tremia enquanto dava a volta, apresentando as bonitas curvas de seu traseiro.

— De joelhos.

Ficou atrás dela, vigilante, enquanto ela se movia lentamente, elevando os quadris.

Ele não pôde resistir. Agachou a cabeça, abrindo as curvas de seu traseiro enquanto cravava os olhos no pequeno e rosado oco, um segundo antes de atravessá-lo com a língua, como uma lança. Ela gritou com aspereza, os quadris tremendo em resposta ao calor de sua boca, do impulso dentro dela. Depois ele se voltou para baixo até que pôde repetir o movimento nas profundidades empapadas de sua vagina.

Ela gozou. Seu doce suco encheu sua boca, embebedando-se dela. Moveu-se para trás, tomando o plugue e o lubrificante da cama.

— Quanto tempo faz que o usou? — Não queria machucá-la, mas tinha que vê-la tomá-lo. Tinha que vê-la cheia com o brinquedo.

— Ontem. — Gritou quando ele começou a espalhar o espesso lubrificante sobre seu pequeno oco, depois colocou a boca na abertura e apertou.

Ela gemeu e se estremeceu. Gritou enquanto o suor cobria a pele. Depois cuidadosamente ele lubrificou o grosso dispositivo, aplicando a cabeça na pequena abertura. Abriu as bochechas de

seu cu, separando-as cuidadosamente, observando com admiração o estreito olho enquanto ela gemia excitada, expandindo-se para aceitá-lo, gritando de prazer enquanto a base grossa se alojava completamente dentro dela.

— Marly. — Suas mãos acariciaram os pálidos globos enquanto cravava os olhos no bracelete acoplado que o acautelava de entrar nela mais à frente—. Pequena Marly. Está me matando.

Ele a pôs sobre de costas, ficando com o olhar fixo no temor misturado com prazer deslumbrado em sua cara, os mamilos largos, duros, ruborizados e necessitados. Subiu sobre ela, os lábios cobrindo uma dessas duras pontas enquanto suas mãos agarravam sua cabeça e gritava de prazer.

A mão se moveu para sua vagina, tão molhada e quente, lhe massageando o clitóris enquanto ela se empurrava contra ele, quase gritando quando a luxúria a consumiu. Em segundos seu corpo estava tremendo com o clímax, surpreendentemente provocando o dele quando a ereção roçou contra sua coxa. A ejaculação rápida o assombrou, aterrorizou-o. Nunca tinha deslocado tão rápido, tão quente, sem o agarre do corpo apertado de uma mulher.

Separou-se bruscamente dela. Ficou com o olhar fixo em suas separadas coxas, o fim do plugue claramente visível, seus lábios abertos como uma flor, sua vagina molhada e escorregadia. Suas calças estavam manchadas com a liberação, as mãos tremendo de necessidade.

— Maldição. Maldição. — Sentia-se como um monstro. Era um monstro. Esta era Marly. Sua Marly. E ele a estava tomando como às putas comuns que usara durante anos.

Passou as mãos através do cabelo em agonia frustrada enquanto ela sussurrava seu nome. Ainda o desejava. Ainda o necessitava. Tal como ele o fazia. Estava lhe matando, esta necessidade.

— Transformou-me em um monstro, Marly. — Sussurrou, torturado. — Olhe para mim, tremendo por tomar ali, para te foder em qualquer parte. Agi como se fosse minha, Marly. Acredite. Isto é mal. É simplesmente mal.

Ele deu a volta, saindo de seu quarto, ignorando seu grito de dor. Não podia agüentá-lo. Tinha que pensar, saber o que estava fazendo, e como pará-lo. Se o podia parar. Tinha o mal pressentimento de que simplesmente tinha passado o limite onde alguma vez pudesse deter-se.

CAPÍTULO 11

A tarde seguinte foi tão inquietante como a anterior, com Cade espreitando na casa e os pátios do rancho, seus escuros olhos observando Marly a cada oportunidade. Era como um animal, preparado para morder. Negava-se a lhe sorrir; nem sequer falava com ela. Olhava-a como se não a conhecesse. Isto era suficiente para que ela desejasse fazer as malas e voltar para a faculdade, mas Sam estava certo de que estivesse progredindo com Cade. Simplesmente não tinha idéia da noite anterior, e ela não o diria. E Cade se negava a escutá-la quando mencionava a possibilidade de retornar. Mas agora, observando Sam, Marly estava certa de que sua idéia era o melhor curso de ação. Embora com certeza isso fosse matá-la. Sam, Greg e ela iam terminar com a pele em tiras quando Cade terminasse de fustigá-los com a bronca que certamente ele daria, pensou Marly, enquanto se sentava silenciosamente para almoçar. Sam estava como sempre, com sua indiscreta personalidade, atuando impulsiva e apaixonadamente removendo as águas. Marly nunca tinha imaginado que ele iria tão longe. Especialmente não depois da derrota de ontem.

— Vamos, Marly, sem dúvida alguma tem alguns namorados na universidade. Não passa todo seu tempo estudando? — Pressionou-a Sam; seus olhos brilhavam com travessura e lhe advertiam para mentir se tivesse que fazê-lo. Conhecia esse olhar. Sam estava mais que de saco

cheio com Cade. Decididamente, estava procurando vingança.

Marly lutou contra a risada, ignorando o aspecto ameaçador de Cade à cabeceira da mesa. Lançou-lhe um olhar por debaixo das pestanas. Sam tinha passado horas lhe ensinando como fazer isso no espelho essa manhã. Ambos estavam decididos a opor-se ao fogo de Cade com mais do seu próprio.

No princípio, Marly tinha estado indecisa. Cade já estava furioso, caminhando irado pela casa como um homem desequilibrado. Mas refletira, e dada a profunda compreensão de Sam da estupidez de uma mente masculina, ela a contra gosto tinha concordado com ele.

Deu de ombros lentamente, negando com a cabeça. Realmente não tinha nenhum namorado.

Cade lançou a Greg um olhar furioso quando ela não respondeu. Marly quase soltou uma gargalhada quando Greg empalideceu. Tinha terror de Cade. Teriam sorte se não descobrisse o jogo por causa de seu medo.

— Lembra a aquele pequeno adulator que te deixava tão quente há alguns anos? — perguntou Sam franzindo o cenho.

Os olhos de Marly se ampliaram quando quase se engasgou com a comida. Não havia ninguém por quem ela se esquentasse. O que Sam estava fazendo agora? Negou com a cabeça desesperadamente para convencê-lo de parar agora.

— Claro o que lembra. — Ele se inclinou para frente, olhando calmamente em sua direção. — Qual era seu nome? Deixe-me pensar... — entrecerrou os olhos. — Dillon, não era isso? Dillon Carlyle? Pensei que era quando falei com ele ontem.

Oh, Senhor, não! Dillon não. Era o playboy mais venerado de Madison County, até o dia de hoje. Marly não se engasgou com a comida desta vez, mas Cade pareceu respirar com dificuldade enquanto lançava a ela um olhar furioso.

— Maldição, seria bom que não me contasse sobre isso. — Sua voz era baixa e firme, os olhos duros enquanto a percorria com o olhar.

Sam pareceu assombrado.

— Maldição, Cade. Disse-lhe que podia vir de visita esta noite. Mencionou que queria vê-la na cidade ontem, assim eu disse que viesse. — Sam tinha o cenho franzido, aflito. Quem imaginava que ele e Dillon eram tão amigos? — Além disso, penso que Marly precisa de um descanso de você. Ver o que é ser corretamente tratada por alguém que sabe o que é uma mulher.

Cade colocou o garfo cuidadosamente no prato enquanto seu olhar se elevava à altura do de Sam. A necessidade de violência pulsou no ar ao redor dele. Agradecidamente, escolheu ignorar o último comentário.

— Está louco? — perguntou ele cuidadosamente. — Dillon não é companhia adequada para Marly.

— Dillon está condenadamente perto de ser tão rico como você. — Sam começou a enumerar as qualidades do homem com os dedos de uma mão.

— Nem de perto. — mordeu Cade.

— Anda procurando uma esposa, e seria um bom marido. — Ponto número dois.

— É um cão de caça que não saberia o que é a fidelidade se lhe mordesse no cu — grunhiu Cade.

— É muito respeitado...

— Pelas mulheres com as quais se deita, ou por seus sócios nos negócios. Ninguém mais. — Cade ficou friamente furioso.

— Quem mais se importa? — Sam riu abertamente, seu engenho próprio dos homens fora de controle — Ora, vamos, Cade. Simplesmente quer vê-la. Marly agora é uma garota maior. Uma mulher. Deixa-a decidir.

Marly observou como Cade empalidecia quando Sam disse essas palavras.

— É muito velho para ela. — Burlou ele. — É mais velho que eu.

— Só dois anos. — Sam deu de ombros com indiferença. — É adulto. Ela não quer um menino, Cade. — Seus olhos se direcionaram para Greg. — Sem intenção de ofender, guri.

Greg sufocou de risada ou de cólera, Marly não estava segura.

— Ninguém a levará. — Garantiu a Sam com firmeza. Talvez fosse cólera, pensou Marly.

— Marly? — Ela saltou quando a voz de Cade ressonou através da sala. — Diga a Sam que cancele o jantar. Não te terei saindo com esse pervertido. Quem sabe que enfermidades terá?

Marly abriu muito os olhos; esperava que parecesse puro assombro.

— Você não me quer? — perguntou ela cuidadosamente. Se o fizesse, não teriam este problema. — Cade, esquece que sou eu quem dito com quem saio e com quem não. E desde que você obviamente quer me tratar como uma menina, acredito que seria genial ser tratada como uma mulher para variar.

Um silêncio, total e entristecedor, propagou-se pela sala. Sam observou Cade cuidadosamente, enquanto Cade olhava com fúria para Marly. Greg estava nervoso, a olhar oscilando de cima abaixo freneticamente. Marly parecia calma, mas o estômago protestava com violência. Brock estava recostado em sua cadeira observando tudo como se fosse algum estranho filme em que ele tivesse que decifrar o guia.

— Dillon Carlyle está fora de sua lista, Marly. — mordeu ele.

— Fora de minha lista? — perguntou ela curiosamente. — Não sabia que estava dentro de uma, ou que você soubesse se eu estava.

Ai. As sobrancelhas de Cade se franziram, o músculo em sua mandíbula contraindo-se com fúria enquanto a observava.

— Então, tudo bem se ele vier? — perguntou Sam a Marly como se Cade não estivesse ali. — Ele parecia realmente interessado em vê-la.

— Penso que seria divertido. — Sorriu alegremente, embora ainda pudesse sentir Cade observando-a, uma grossa nuvem de fúria gravitando sobre ela. — Quando acha que estará aqui?

— Esta noite. — Sam se reclinou na cadeira com um amplo sorriso. — Melhor vestir calças jeans porque acredito que trará a Harley nova que comprou. É um tolo sorrindo estupidamente sobre essa máquina.

Cade se levantou repentinamente da mesa e saiu da sala. Sam sorriu com satisfação quando ouviu a porta do estúdio de Cade fechar-se com uma brutal batida.

— Fim do primeiro ato. — Respirou com satisfação. — Se eu fosse você, entraria ali dentro e perguntaria qual diabos é seu problema.

Marly alargou seus olhos completamente assombrada.

— Está louco, Sam? Está completamente furioso. Sabe o que faria. — Disse quando a adrenalina surgiu através dela com o pensamento.

— Ah, ele não te machucará, Marly. — Negou Sam com a cabeça. — Entretanto não está o suficientemente de saco cheio até para gritar. Está aborrecido comigo. Pensa que você é uma espectadora inocente. — Sam riu disso. — O homem. Não tem nem idéia.

— Os dois estão jogando um jogo perigoso. — Disse repentinamente Brock, com voz fixa e pensativa. — Se fosse você, não pressionaria tanto Cade, não tão rápido. Especialmente depois de ontem. Não sei se vocês se deram conta ou não, mas Cade marcou sua reclamação. Não deixará outro homem tê-la, e qualquer outro só vai conseguir ser ferido.

Marly, Sam e Greg o percorreram com o olhar surpreendido.

— Só um cego não veria o que está tramando, Marly. Todos vocês. — Negou com a cabeça para eles. — Felizmente para você, Cade esta real e condenadamente cego agora mesmo. Não o

empurre muito longe, e quando ele abrir os olhos, poderia ser mais do que pode dirigir.

— O que sugere? — Sam franziu o cenho colericamente. — Ele a trata como merda, Brock.

— Devolver o golpe só vai piorar coisas. — Brock se levantou, afastando-se cuidadosamente da mesa. — Nossa, Marly é uma beleza, e o sentimento já está ali, Sam. Deixe-o vir a ele naturalmente, ou alguém vai sair ferido. — Brock saiu da sala, sua perna casual e fácil.

— Ele tem razão? — perguntou Greg curiosamente.

Sam franziu o cenho.

— Não sei. Nunca tinha feito nada como isto antes.

Brock sempre tinha deixado Sam e Marly com suas brincadeiras, dando um passo para trás, vigiando com uma expressão tolerante quando se enredavam.

— Acha que tem razão? — perguntou Marly, inquietamente. — Cade estava furioso, Sam. Talvez alguém menos perigoso que Dillon teria sido uma boa idéia.

Dillon era quase tão alto como os rapazes August, com o cabelo café escuro e vividos olhos verdes. Era magro e musculoso, e o pior sedutor com o que Marly alguma vez se encontrou.

— Dillon é um gatinho. — riu Sam. — Os rumores são falsos na maioria dos casos. Eu sei. Essas orgias nas montanhas das que lhe acusam que tem, na realidade são pescarias comigo e os rapazes. Não posso dizer às vezes que rimos de sua crescente reputação, e o fato de que nada fez para merecê-la.

Marly olhou surpreendida.

— Cade sabe isso?

— Infernos, não. Ele arruinaria tudo, Marly. Dillon ama sua reputação. Deixa o rapaz desfrutar enquanto pode. — Sam estava absolutamente agradado por seu papel em tudo isso. — Você só vai lá em cima se vestir bonita de verdade para esse passeio que vai dar com ele. Prometo, não tentará nada. Sabe que o mataria.

A confiança absoluta em seu tom era uma boa indicação de que Sam tinha colocado uma forte ameaça no outro homem. Marly só se perguntava como tinha convencido Dillon a unir-se ao jogo.

— Então todo esse bate-papo aproxima que seja capaz de lhe manipular foram simplesmente palavras. — Sorriu abertamente por seu engano.

— Você não poderia manipular a um gatinho em uma bolsa de papel molhada. — sorriu abertamente — E nenhum de nós confia em outro homem para não lhe machucar, excetuando um de nós. Então, seria uma boa idéia se escolhesse ir atrás de Cade.

— Eu gostaria de assinalar que Cade não pode estar de acordo com você. — disse brandamente Greg, com preocupação — O que ocorre se Marly for ferida com tudo isto, Sam?

Sam franziu o cenho.

— Não há forma no inferno. Não podemos vê-la chorar, Cade menos que todos. Ele se encarregará dela, menino. Simplesmente espera e verá. Confia em mim. — Todos estremeceram.

Ia acabar matando Dillon Carlyle. Cade se precipitou na cadeira do escritório e ficou com o olhar fixo através do quarto, sua fúria aumentando. Mas primeiro ia matar Sam. O que havia possuído seu normalmente protetor irmão, para permitir a Marly estar a dez milhas da criatura depravada que era Dillon? Não era que o tipo não tivesse suas coisas boas, mas Cade sabia que o mataria caso se atrevesse a tocar em Marly. Não seria capaz de controlar-se. E maldição, melhor que levasse mais roupa posta quando Dillon aparecesse que a que levava posta agora. Aquele vestido curto, apesar das mangas longas, era matador. A seda elástica se pegava a cada curva de seu corpo como uma segunda pele. E seus condenados mamilos estavam outra vez duros. Não tinha posto sutiã?

Gemeu, fechando os olhos. Não pensaria nisso. Não o faria. Mas não podia esquecê-lo. A visão dela ajoelhada a seus pés, sua carne dura e grossa afundando-se em sua boca enquanto observava com aturdido desejo. Os sons de sua sucção, gemidos de necessidade quando ele lançou o jorro duramente dentro dela. A lembrança da noite passada ardeu em seu cérebro. Dobrada diante dele, seu precioso traseiro nu e vulnerável para ele, aquele plugue estirando-a, lhe deixando louco. Gemeu, pressionando a cabeça contra o respaldo da cadeira enquanto os dedos a agarravam fortemente. Meu deus, desejava-a. Desejava-a tão desesperadamente que corria o risco de machucá-la se decidisse para pôr as mãos sobre ela outra vez.

Da próxima vez, jurou. A próxima vez a teria suave e ardente, ia come-la como o inferno antes de que alguma vez a deixasse ir. Não. Negou bruscamente. Maldição. Não podia tomá-la assim. Não como às mulheres que teve antes dela. Sua sexualidade era como uma besta quando a deixava solta. Marly merecia respeito, ser amada docemente, não essa sexualidade dominante que não podia refrear quando tinha a oportunidade de liberar-se. E não poderia controlá-la. Não havia nunca uma forma para controlá-la, especialmente quando a necessidade o estava castigando assim duramente.

Entretanto, não podia obrigar-se a chamar a qualquer das mulheres disponíveis que conhecia. O pensamento era instantaneamente censurável. Uma traição. Sacudiu a cabeça. Isso não era verdade, esta atração por Marly era a traição, e ele ia ter que recordar isso.

Mas não podia convencer seu corpo, nem a seu rebelde cérebro. Fechou os olhos, e instantaneamente a viu, nua e disposta, suave e convidativa. Moveria-se sobre ela, separando suas coxas, agachando a cabeça. A língua a tocaria e saborearia, os dedos explorariam e invadiriam. Recordou a percepção de seu apertado e pequeno cu lhe agarrando com força o dedo e se perguntou... não. Abriu os olhos, respirando asperamente, brigando por conter a luxúria.

Quando se sentou e meditou sobre a presente situação, um firme golpe na porta interrompeu seus escuros pensamentos.

— O que? — ladrou, sem se importar que o estado de ânimo lhe transparecesse na voz.

A porta se abriu, e um vaqueiro do rancho, Bret, deu um passo vacilante dentro do estúdio.

— Chefe, acabamos de encontrar uma das éguas feridas. Quer sair fora e olhá-la?

Cade ficou rapidamente de pé.

— Qual?

— Storm's Promise. Vinha dos pastos de atrás e está ferida. — O vaqueiro se arranhou a mandíbula, confuso. — Estava bem ontem.

Storm's Promise era o cavalo de Marly. Agarrando o chapéu do canto do escritório, Cade o enfiou na cabeça. Só esperava que ninguém tivesse falado para Marly sobre o cavalo. A velha égua era muito frágil para ser montada agora, mas Cade sabia que lhe tinha carinho.

— O que aconteceu? — conservou a voz baixa enquanto deixavam a casa e corriam para o celeiro.

— Recebeu disparos, ou pelo menos eu acho q sim. — Bret sacudiu a cabeça. — Chamei o veterinário, deve estar aqui em qualquer momento. Estava justamente no rancho de Carlyle e a ponto de sair de qualquer maneira. Há algo estranho, Cade, nenhum de nós ouviu nenhum disparo, e essa égua não estava o suficientemente longe para que não o tivéssemos ouvido.

Condenado Carlyle, agora usava o mesmo veterinário que usava Cade também. O homem se empenhava em receber uns murros.

Quando Cade se aproximou do posto de Storm, inclinou-se lentamente, inspecionando a larga fenda com o passar do flanco do cavalo. Estava em carne viva e ensangüentada, e mais profunda do que ele teria esperado. A ferida não era muito antiga, só umas horas, quando muito, pensou Cade.

— Não estava no pasto principal? — perguntou suavemente, referindo-se aos pastos ao redor da casa.

— Ontem à noite estava. — Bret Wayne se apoiou contra a porta do posto, observando Cade enquanto examinava a ferida. — E me deixe lhe dizer que os disparos não foram hoje, e ponto. Teríamos ouvido.

— A ferida não é muito antiga. — Cade tocou o sangue recente no flanco do cavalo. — Algumas horas, se muito.

— Sim. Coxeava muito quando alcançou o celeiro, suarenta e respirando com força. Como se tivesse deslocado tudo o que podia depois de ser golpeada.

O pasto ao redor da casa se estendia por milhas a tudo ao redor do pátio do rancho. Mas a réplica de um disparo não podia haver-se perdido, até nessa distância. Cade se endireitou, franzindo o cenho para a égua quando ela trocou de posição dolorosamente, sacudindo a cabeça enquanto seus pés pisoteavam o chão coberto de feno.

— O veterinário está a caminho, então? — Cade olhou com o cenho fechado a ferida.

— Disse que estaria aqui dentro de pouco. — Bret assentiu com a descabelada e morena cabeça. — Disse que lhe necessitamos urgentemente, creio que não deve demorar.

— Traz dois dos rapazes, faça com que inspecionem o pasto, que se assegurem de que nenhum dos outros cavalos ou gado foi ferido — ordenou Cade enquanto retornava à porta do estábulo. — Pode ter sido ladrões de gado tentando feri-la suficiente para apanhá-la. Peça para revisarem em busca de qualquer corte na perna ou algo incomum.

À medida que se movia através do estábulo, Cade se detinha, inspecionando os outros cavalos cuidadosamente. A maioria estava dentro, para o tratamento de problemas menores. Uma pata dianteira distendida, vacinações. Tinham várias dúzias de cavalos no rancho, e em qualquer momento os estábulos podiam encher-se de animais. Mas esta era a primeira vez que tinha sido por uma ferida de disparo. Pelo ataque de um coite ou um lobo, inclusive um urso, mas nunca feridas como estas.

— Querera ver o doutor quando terminar? — Bret levou o mesmo passo detrás dele.

— Não, a menos que haja algo que precise saber. — disse Cade — Tenha-o limpo e arrumado. Chamarei-lhe amanhã para os detalhes.

— Certo, chefe. — Bret inclinou a cabeça quando Cade atravessou o pátio do rancho, encaminhando-se de volta para casa.

Franziu o cenho, pensando na bala, a falta de som era o problema. Não havia dúvida, um disparo de arma teria ecoado em milhas, e tinha que ter sido ouvido pelos vaqueiros que se teriam dirigido ao pasto para inspecioná-lo.

Da única forma que poderia haver-se feito era com um rifle com silenciador. Os ladrões de gado usualmente não possuíam tais armas caras, nem perdiam o tempo com velhos cavalos. Os jovens, que se podiam amestrar, era o que procuravam. Também lhe incomodava que fosse o cavalo de Marly que estava ferido. Cade não acreditava nas coincidências. Considerando as circunstâncias por trás da infância de Marly, estava ainda mais inquieto.

Suas tripas se agitaram em advertência, mas não tinha sabido de Annie, e ela teria chamado por telefone se Jack a tivesse encontrado. A menos que tivesse sido incapaz de chamar por telefone.

Amaldiçoou suavemente, caminhou a grandes passos rapidamente para a casa, e chamou Sam e Brock ao estúdio. Não sabia se era justificado, mas advertiria os rapazes; arrumaria um olho extra protegendo Marly. Porque Deus sabia, ele não sabia se poderia se controlar caso algo acontecesse a ela.

Capítulo 12

Dillon Carlyle estava tão atraente como sempre. Seu grosso cabelo castanho era bastante longo e encaracolado e uns olhos verde escuro ainda transbordantes de risada. Entretanto Marly nunca tinha tido um amor com o atraente rancheiro, nem na adolescência, os anos mais impressionáveis. Recordava a distante figura das fofocas e das breves visões fugazes no povoado de Glaston, mas sua imagem nunca a tinha impressionado.

Estava no caminho de entrada falando com Sam e vigiando cuidadosamente a carrancuda expressão de Cade, quando Marly desceu as escadas. Vestida com jeans, um grosso pulôver e a jaqueta de pele, sabia que parecia mais que pronta para um passeio na nova Harley. Não é que o esperasse com ilusão, a não ser para fomentar a causa.

— Perfeito, está pronta. — O alívio marcava a voz de Dillon enquanto se movia sob o olhar de Cade outra vez. — Esta noite não é muito fresca, não deveria ter frio.

Marly lhe sorriu docemente, jogando uma olhada em Cade sob suas pestanas. Ele a olhava silenciosamente, sinistramente, enquanto Sam lutava para conter a risada. Ameaçadoramente atraente, seus olhos cinzas penetrantes e intensos, era o epítome do macho forte e perigoso. Maldição, desejava que fosse mais fácil de seduzir.

— Não chegarei tarde, Cade. — Caminhou para ele, ficando nas pontas dos pés e lhe plantou um lento e breve beijo na mandíbula. Estava quente e duro, e furioso como o demônio. — Mas em todo caso não me espere.

Voltou-se bem a tempo de ver Sam estremecer-se.

— Se quer sair até tarde, conheço um lugar maravilhoso sobre o limite do condado com uma vista para os penhascos. — ofereceu Dillon em voz baixa enquanto se encaminhavam para a porta.

— Não verá um horizonte mais bonito.

— Soa fantástico... — começou Marly.

— Dillon. — A voz de Cade os deteve na entrada.

Marly respirou profundamente enquanto ela e Dillon se viravam para Cade.

— Sim, Cade? — perguntou ele com cautela.

O olhar de Cade se dirigiu rapidamente para Marly, abrasador e furioso.

— Marly, melhor volta para casa da mesma forma em que saiu. Entendeu? — Havia um tom mortal e duro na voz de Cade.

Marly observava com tensão enquanto os olhos de Dillon se estreitavam, sua expressão ficou vazia enquanto olhava para Cade.

— Voltará da forma em que ela quiser, Cade. — Disse finalmente baixinho. — É uma mulher, não uma menina sob sua supervisão.

— Dillon...

— Cade, não se atreva a começar com estas coisas de “machos”. — Marly entrecerrou os olhos em advertência. — Não tolerarei. Ao menos tente ser amável.

— Oh, estou sendo amável, carinho. — Sorriu mostrando todos os dentes. Era uma visão aterradora. — E te esperarei acordado, Marly.

— Maldição, age mais como seu amante do que como seu tio. — Dillon riu entre dentes, jogando com a vida. — Vamos, Marly, antes que lhe saiam chifres e comece a jogar fogo pelo nariz.

Dillon colocou a mão sobre a parte baixa das costas de Marly e a escoltou para fora da casa. Marly podia sentir o olhar de Cade em suas costas, queimando além da mão de Dillon sob a carne,

lhe chamuscando a carne, lhe picando a pele. Começava a perguntar-se se era acertado pressioná-lo assim. Talvez Brock tivesse razão.

— Maldição. — murmurou enquanto a porta se fechava atrás deles. — Terei que falar com Sam sobre o pagamento do combate.

Marly amorteceu a risada enquanto colocava a mão em suas costas outra vez e a dirigia para a enorme motocicleta.

— De qualquer maneira, como o convenceu? — perguntou ela docemente enquanto a ajudava a subir atrás da máquina.

— Não pergunte. — Dillon riu, sacudindo a cabeça. — É muito estranho, e provavelmente nos levará à morte. Agora, fique quieta enquanto o faço bem. Sam foi muito específico sobre o que fazer antes de ir.

Marly lhe sorriu, sentada quieta enquanto agarrava o capacete e o punha na cabeça, depois ajustou e grampeou a correia lentamente. Os dedos se arrastaram sobre a bochecha em uma paródia de carinho. Foi tudo o que Marly pôde fazer para abster-se de comprovar se Cade estava observando da janela do salão dianteiro. Então Dillon colocou o capacete e montou escarranchado na besta baixo eles.

O motor se acelerou, zumbiu e vibrou entre as coxas de Marly enquanto ele levantava o cavalete e se dirigia à estrada do rancho.

— Agarre-se a mim. — Sua voz proveio através dos pequenos alto-falantes em suas orelhas.

Inclinando-se para frente, Marly abraçou a sua cintura, a altura acrescentada na parte de atrás da poltrona lhe permitiu apoiar o queixo no ombro.

— Faz isto freqüentemente? — perguntou-lhe com um sorriso, feliz que o pequeno microfone em sua boca fizesse possível o falar.

— O que? Tirar as sobrinhas de meus amigos para encher o saco do tio adotivo? — Riu, olhando para trás. — Não, tenho que admiti-lo, é minha primeira vez. Mas ao menos se acrescentam pecados a meu nome.

Marly riu disso. Estava consciente da lista de pecados acrescentados a seu nome.

— Assim, seja o que for, quer me contar o jogo, encantada Marly? — perguntou-lhe com um carregado tom de regozijo. — Posso ser um demônio de jogador de equipe se as regras forem as corretas.

Cade andava de um lado para outro, grunhindo quando falava com alguém e bebendo muito licor para seu estado de ânimo. Tinha bebido mais uísque estes últimos dias do que tinha bebido nos anos anteriores. Marly o estava deixando louco.

Como podia sair de casa com esse pervertido amante-das-orgias? Como podia se quer considerar estar com outro homem? Porque lhe disse que não podia tomá-la. Porque a culpa era tão profunda que a tinha rejeitado. Se não tinha sido homem para tomar o que queria, então outro homem poderia fazê-lo por ele. Grunhiu com voz áspera enquanto permanecia na porta principal, o corpo tenso, rígido. A fúria absoluta e esmagadora lhe percorrendo o corpo. Ela era dele, e quando retornasse, demonstraria-lhe que era dele.

Fechou os olhos, imaginando-se quão estreitamente seu corpo o aferraria, quão quente e doce seria ela quando o veludo das paredes de sua vagina o apertassem e empapassem com sua liberação. Gritaria quando a tomasse analmente, suplicando por mais, gritando de prazer. Apertou os punhos, brigando com a necessidade de ir agora atrás dela. Ia fazê-la pagar por esta noite. Quando a tomasse, gritaria de necessidade, o som retumbaria por toda a casa até que todo mundo por ali soubesse quem a possuía. Faria-a suplicar pela liberação. Ensinar-lhe quem levava a mão ganhadora, e quem se submeteria.

Saiu ao alpendre, com o copo de uísque na mão, e se sentou nos degraus. A noite era cansativa, e ela tinha estado fora várias horas com o libertino playboy do condado de Madison. O auto-proclamado destruidor de corações estava atrasado em trazê-la a casa. Era mais que provável que estivessem estacionados nos penhascos, o cabelo de Marly ondeando ao vento enquanto se sentava atrás dessa maldita Harley, Dillon voltado para ela...

Cade respirou profundamente, fortificando o fôlego enquanto passava os dedos de uma mão pelo cabelo. Depois sorveu o uísque, querendo golpear a algo. A alguém. Preferivelmente a esse atraente bastardo moreno que tinha saído com sua Marly.

Fechou os olhos. Estava ficando louco. Sabia que estava em um apuro quando começou a beber outra vez. A este ritmo, estaria bêbado antes de meia-noite. Demônios, não o faria. Se Marly não chegasse em casa durante a próxima hora então recolheria o rifle e iria caçá-la. E levaria Sam, só para lhe mostrar quantos bastardos queriam machucar Marly. Tocá-la. Tomá-la.

Cade gemeu. Tinha perdido a cabeça.

— Ei, Cade. — Sam saiu ao alpendre, observando-o de maneira inquisitiva. — O que está fazendo aqui fora?

Levantou o olhar para seu irmão menor; a afável expressão na cara de Sam foi suficiente para querer apagar-lhe com o punho.

— Esperando Marly. — espetou Cade zangado. — Desde que a jogou aos lobos pensei que ao menos um de nós teria que estar preocupado.

Sam se sentou no degrau a seu lado, reclinando-se no alpendre, os cotovelos apoiados no chão.

— Ai, demônios, Cade. Dillon bem cuidará dela. É um bom sujeito. — protestou Sam.

Cade tinha melhor critério. Não sabia quem Sam pensava que enganava, mas não era Cade. Tinha estado em suficientes festas de Dillon; sabia quão pervertido o homem podia chegar a ser.

— É um pervertido, e um mulherengo mentiroso que não lhe importa nada uma mulher depois de brincar um pouco. — espetou. — Onde está com a cabeça, Sam?

Sam ficou em silencio durante muito tempo, e Cade pôde sentir o olhar de seu irmão centrado atentamente nele.

— E você é melhor? — grunhiu Sam, sua ira tomando corpo de novo. — Acha que sou estúpido, Cade? Sei o que aconteceu ontem. Sei o que lhe fez. O que teria estado bem se tivesse sido o bastante inteligente para ao menos aceitá-lo pelo que foi.

— Não é assunto seu, Sam. — Grunhiu ameaçadoramente.

— Errado. Quando fodeu sua boca e a deixou chorando, fez com que se tornasse assunto meu, irmão. — Sam voltou-se para ele com fúria. — Ela não é só sua, pertence a todos nós. E sei que isso é o que te assusta como o demônio. A mim também. Mas Marly não é estúpida; já ouviu os rumores. Sabe o que acontecerá.

— Temos que protegê-la. — espetou.

— E não podemos protegê-la para sempre. — Disse Sam com dureza. — Maldição, Cade, ela está tão quente, está morrendo por isso, e se não se resolver dá logo, virá para mim ou Brock. De verdade, quer que um de nós seja o que lhe tire a virgindade, que a reclame primeiro?

Entretanto, com o tempo eles a reclamariam. Cade sabia, e seu corpo se endurecia mais com esse pensamento. Marly, tombada, gritando de prazer enquanto os homens que mais a amavam a tomavam de cada forma possível em que um homem pode tomar a uma mulher.

— Irá embora. Fugirá. — Sacudiu a cabeça. — É por isso que não quero, Sam.

— Não acredito que o faça. — disse em voz baixa Sam, descrente. — Não se formos com calma, Cade. Não se você facilitar. Eu sei. Observei-a. Fica excitada com todos nós em algum grau.

Cade se esfregou a cara furiosamente. Maldição, queria voltar atrás e matar o monstro que

lhes fez isto outra vez. Depois quis matar a seus pais por entregá-los ao bastardo. Além disso, quis matar seu pai por entregá-los ao bastardo. Não podia chorar por eles, tinha perdido essa capacidade fazia anos. Não podia fazer nada exceto tentar de lhes proteger, e lhes ensinar da única forma que sabia, quão importantes eram para ele. Compartilhando Marly. E isso era o que ele queria, o que ele necessitava. Uma extensão de seu amor por ela, e o amor por seus irmãos.

— Merda, deveria nos matar e ir ao inferno por isso. — Então ficou de pé, e entrou com fortes pisadas, furiosamente, na casa.

Sam dissimulou o sorriso, assobiando uma silenciosa melodia e reclinando-se contra o alpendre enquanto também esperava Marly. Enquanto relaxava, observava a estrada que conduzia ao pátio do rancho, e ouviu na distância o som do telefone de Cade.

Capítulo 13

Marly olhava com aturdida fascinação o redemoinho de estrelas no céu. Moviam-se ao azar, passando como um raio e impactando, estalando em um caleidoscópio de cor e dor. Estava tombada de costas. Por que estava tombada de costas? Podia ouvir a moto vibrando na distância, chiando, um zumbido que lhe ralava os nervos e lhe revolia o estômago de temor. Havia algo errado com esse som. Algo que deveria saber, deveria entender.

Tentou sacudir a cabeça, mas sentia como se a envolvesse um bloco de cimento, asfixiando-a. Maldição, Cade ia ficar louco, realmente louco desta vez. Ao menos nos outros acidentes tinha estado protegida pela carroceria do carro. Nunca havia sentido como se cada osso de seu corpo tivesse sido golpeado de maneira inapropriada.

— Cade?

Gritou seu nome, temerosa, enquanto piscava aturdida, lutando por entender a dor difundindo-se nela, entender a desorientação que fazia a cabeça dar voltas. Onde estava Cade? Sempre estava ali quando se machucava. Ela sabia que estava machucada. Sabia que por alguma razão tinha algo quebrado outra vez. Isso era o que sempre acontecia quando se machucava.

— Marly. — Irritante, maligna, a voz sussurrou a seu lado.

Uma mão lhe tocou o seio sobre a jaqueta, fazendo-a retroceder de terror. Deus, por que não podia ver?

— Marly, você é minha. — A voz de novo, atravessando a dor na cabeça, deixando-a louca de medo.

Não era Cade. Marly tremeu, estremecendo-se quando a voz retumbou em sua cabeça de novo. Depois gritou de terror e dor enquanto umas fortes mãos a agarravam pelos braços, atirando dela, arrastando seu corpo. Alguém tentava levá-la. Cade não poderia encontrá-la se alguém a afastasse dali. Não podia deixar que a levassem.

Marly curvou os dedos como garras, arranhando a pele nua, lutando para liberar-se do que tinha segurado a cabeça, no corpo. Gritou na noite, tentando golpear com sua cabeça o corpo da pessoa que a arrastava pelo chão, e embora sentisse a forte dor impactando em sua cabeça, havia uma sensação curiosa de levar algo envolto. Asfixiando-a. Isolando-a do mundo.

De repente estava livre. Estava caída no chão, respirando com dificuldade enquanto ouvia outro homem gritando, uma briga, o som de pneus chiando em protesto enquanto um veículo se afastava rapidamente.

— Cade. — Tentou engatinhar. Ficar sobre suas mãos e joelhos, mas o peso na cabeça a arrastava para baixo, machucando-a.

— Marly. — Tampouco reconheceu a voz, mas estava assustada, preocupada. — Deus, Marly, Cade vai me matar.

Mãos gentis mãos a baixaram ao chão, uma rouca e preocupada voz soava sobre ela. Marly lutava para ver o homem que a tocava, tratando-a com suavidade. Tinha os olhos completamente abertos, e tudo o que podia ver era um mundo escuro e cinza de sombras em movimento.

— Não posso ver. — Gritou, tratando de arranhar o rosto, mas algo mantinha as mãos bloqueadas, afastadas dos olhos, sinistro e inflexível enquanto ela lutava para tirar isso da cabeça.

— Calma, Marly. Por Deus, me deixe te liberar disto. — Um corpo se montou escarranchado no seu enquanto as mãos, firmes e decididas, trabalhavam sob o queixo. Logo o sólido envoltório foi retirado de sua cabeça e estava vendo a cara de Dillon dando voltas sobre ela.

— Pronto. — Tranqüilizou, enquanto sua expressão permanecia tensa pela preocupação. — Você está bem, Marly? Quebrou alguma coisa?

Quebrado? Doía-lhe tudo. Como demônios se supunha que tinha que saber se algo estava quebrado?

— Esse filho de puta nos tirou da estrada. — Tirou o celular do bolso da jaqueta, os dedos marcando os números com tremente rapidez. — Acredito que estava tentando te ajudar até que me viu, depois desapareceu. Louco bastardo.

Marly não podia encontrar o sentido no que estava dizendo. Não, algo maligno a havia tocado, arrastando-a para o pior do inferno. Piscou, lutando para clarear memória, para entender a dor e a espiral de luzes.

— Dor... nenhum osso quebrado... está aqui. — Ouviu sua voz na distância.

— Cade. — Sussurrou seu nome outra vez. Por que não veio ainda? Onde está?

— Já está vindo, Marly. — Jurou Dillon, tirando a jaqueta e colocando em cima dela. — Tudo vai ficar bem, carinho. Só relaxe.

As mãos dele começaram a lhe percorrer as extremidades, comprovando, examinando-a. Não, não tinha danos em nenhum lugar em concreto. Sim, podia sentir os braços, as pernas.

— Onde está Cade?

— Cade já vem, carinho. — Prometeu Dillon de novo.

Lentamente, a confusão se desapareceu e Marly se moveu penosamente, rodando sobre um lado, depois ficou de joelhos.

— Marly, deite até que cheguem os paramédicos. — Obrigou Dillon com severidade. — Pode estar machucada.

Suas mãos lhe tocaram os braços. Deu de ombros, afastando-se com um grito. Onde estava Cade? Tinha que encontrar Cade.

— Me deixe ir. — Separou-se dele, quase caindo de cara no chão enquanto se separava de seus braços. — Quero ir para casa.

Tinha que encontrar Cade. Maldição, deveria estar aqui agora. Onde demônios estava? Estava ferida e assustada, e estava tão gelada que não podia parar de tremer.

— Maldição, Marly, fique quieta. — Agarrou-lhe pelos braços outra vez, pondo-a no chão com ele, envolvendo-a em seus braços, segurando-a quieta.

Lutou com ele. Rebelando-se contra ele, gritando contra a restrição, o cabelo batendo-se ao redor dela, cegando-a, o corpo gritando de dor. Ou foi seu grito? Grunhindo. A fúria ressonou na noite, e de repente esteve livre.

— Bastardo! — Ouviu sua voz, surda e furiosa como um demônio que se tornou louco.

— Cade. — Lutou com a cascata de cabelo que caía sobre o rosto, quase caindo de joelhos antes que umas mãos a agarrassem, aproximassem-na.

Lutou para liberar-se, gritando seu nome, aterrorizada que de repente sua visão estivesse

outra vez às escuras. As ondas de cabelo não se moviam, não se afastavam. Puxou a massa desesperadamente, temerosa que não pudesse recordar o que tinha ocorrido, onde estava. Por que Cade não a ajudava?

— Marly. — Era Cade, sua voz angustiada, atormentada. Puxou-a para a calidez de seu peito, as mãos tremulas, estremecidas, quando suavemente afastou o cabelo da cara, sua expressão sulcada com lágrimas, com cólera quando ela piscou.

— Dói. — Sussurrou, a cabeça apoiada no peito, o ânimo de luta diminuindo, sabendo que Cade a manteria a salvo. — Dói, Cade.

Um grunhido animal soou sob sua orelha enquanto a subia em seus braços. As luzes davam voltas outra vez, amarelas, brancas e azuis, estilizando sua cabeça com a dor. Marly enterrou a cabeça contra o peito de Cade, lutando com a náusea que brotava em seu interior, e o temor que pulsava em seu peito.

— Está bem, neném. A ambulância está aqui. Tudo ficará bem. Prometo. — Sua voz era rouca e profunda, sulcada pela dor.

— Nenhuma ambulância. — sacudiu-se em seus braços — Nem hospital, Cade. Prometa-me. — Ela cravou as mãos nos ombros e costas, segurando-se tão firmemente como pôde, aterrorizada que a deixasse.

— Neném, precisam examiná-la. — ele disse ferozmente contra o cabelo. — Pode ter se machucado Marly. Tem que ir ao hospital.

— Fique comigo. — Segurou-o mais forte, atemorizada. Se a levasse ao hospital poderia partir. Ficaria sozinha. Indefesa. O monstro ainda estava ali fora. — Não me deixe, Cade.

— Não te deixarei, neném. — Baixou-a até uma maca, olhando-a com tal expressão de preocupação que sentiu o temor atravessando-a de novo.

— Jure, Cade. — Agarrou-lhe forte a mão. — Jure que não me deixará.

— Juro, Marly. — Inclinou-se mais perto, a boca roçando seus trêmulos lábios por uma fração de segundo. — Eu juro, tranqüilize-se, não te deixarei.

— Nunca? Prometa-me. — Sentia-se doente. A cabeça dava voltas outra vez, e o rosto de Cade parecia tão impreciso.

— Nunca, Marly. — Sua voz era distante, escura, como era seu rosto. Depois a escuridão se abateu sobre ela, lhe fecharam os olhos enquanto a dor chegava em uma escura e sufocante onda.

Cade estava em um estado de ânimo violento. Dillon foi atendido por feridas leves, a menor das quais era o nariz quebrado que Cade tinha feito. Marly estava dormindo, pálida mas ilesa na cama do hospital, sob observação pela comoção sofrida na noite anterior. Tinha alguns machucados pelas costas, a perna esquerda, mas nada sério. O capacete integral de Dillon tinha protegido a cabeça do impacto com a estrada. Sem ele, certamente estaria morta. Não mudava o fato que não teria havido um acidente se tivesse estado em casa onde pertencia.

Não teria havido um acidente se ele tivesse seguido seu instinto e a tivesse proibido subir nessa maldita motocicleta. Sabia que deixá-la sair de casa era uma má idéia.

Mas desde quando tinha negado algo a Marly? Fez um gesto ao pensá-lo. Aterrorizou-o, essa absorvente necessidade que tinha de assegurar-se que tinha de tudo, algo que quisesse. Mas ela nunca pedia nada. Um novo conjunto, possivelmente. Aquele maldito Jipe que tinha destruído no ano passado. Mas ao menos tinha sido um Jipe relativamente econômico de segunda mão. Tinham aprendido com os anos a não comprar para Marly um veículo novo. Nunca falhava, terminava destruído o maldito, novo ou usado. Pelo menos ninguém mais tinha estado envolvido em seus acidentes. A menos, ninguém fora do veículo no que ela estava.

Cade sacudiu a cabeça. Durante oito anos, cada ano, de uma forma ou outra terminava no

maldito hospital. O primeiro ano, tinha sido uma pneumonia. Cada ano depois disso tinha sido uma comoção. Uma queda do cavalo. Uma queda do telhado, e só Deus sabia que tinha estado fazendo ali acima. O modo dos acidentes nunca era o mesmo, a consequência sim. A cabeça, graças a Deus, era dura.

— Cade. — O doutor Barnett entrou no quarto, o corpulento corpo se movia com uma graça surpreendente, sua cara pouco atraente se enrugava em um sorriso, o cabelo cinza de ponta.

Tinha sido o médico de Marly desde sua primeira visita; dias depois que sua mãe a deixara no rancho. Cade ainda recusava permitir que ninguém mais a tratasse.

— Olá, Doc. — Cade passou a mão sobre a áspera cara. A mandíbula estava coberta com uma barba de um dia, e ainda não tinha tomado banho.

— Parece cansado, Cade. Deveria ter pego um quarto no motel, ao menos ontem à noite. — O doutor Barnett franziu o cenho com desaprovação. — A este passo, o próximo será você.

Cade fez uma careta. Tinha prometido a Marly que não a deixaria, sem importar nada. Despertou algumas vezes durante a noite, assustada, chamando-o. Tinha estado ali, aproximando-se de seu lado, inclinando-se perto dela para que visse que não estava sozinha.

— Estarei bem. — Sacudiu a cabeça com cansaço. — Quando Marly pode ir para casa?

— Logo que desperte esta manhã. Só queriam mantê-la em observação. A comoção era bastante má. Entretanto, conhece procedimento. Vigia-a; desperta-a bastante freqüentemente depois, vá dormir durante as seguintes quarenta e oito horas. Muito líquido e descanso.

Não era a primeira comoção de Marly. Nem a segunda. Cade duvidava seriamente se seria a última.

— Então, posso despertá-la? — Só queria sair dali e levá-la a casa.

— Vai em frente e desperta-a. — Assentiu o Dr. Barnett. — Tarei a receita e os papéis da alta quando estiver vestida. Leva-a para casa e deixa-a descansar, é o melhor para ela.

O Dr. Barnett fez várias notas na tabuleta que levava, depois inclinou a cabeça despedindo-se de Cade enquanto abandonava o quarto. Quando se foi, Sam e Brock entraram com cuidado. Cade olhou o machucado no rosto de Sam. Quase lamentou ter batido em seu irmão a noite anterior, mas não o bastante para desculpar-se. Para começar, era culpa de Sam que ela estivesse nessa condenada motocicleta. Podia dar graças a seu anjo da guarda que não tivesse também o nariz quebrado.

— Trouxe sua roupa? — espetou. As roupas de Marly ficaram feito pó na noite anterior, inclusive sua querida jaqueta de pele. Tinham sido rasgadas de seu corpo, manchadas de sangue e feitas tiras com sujeira e imundície.

— Aqui. — Brock trazia consigo a bolsa. — Também lhe compramos uma nova jaqueta. A espécie de jaqueta que sugeriria para Natal.

Cade tomou a bolsa, dando um olhada dentro. Havia um vestido de algodão amplo, sapatilhas de lona brancas, e a jaqueta. O traje normal para partir do hospital. Este hábito tinha que terminar. A cabeça estava sendo muito maltratada.

— Saíam daqui, vou desperta-la e vesti-la. Trouxeram a limusine? — Soltou a pergunta.

— Esperando lá fora. — Sam assentiu cautelosamente. Cade apostou que doía o olho arroxado. Merecia.

— Alguém descobriu quem bateu neles? — A pergunta do dia.

Tudo o que Dillon podia recordar era a pickup quatro por quatro negra e um sujeito tentando ajudar a Marly a entrar. Tinha-a deixado cair e foi correndo quando Dillon se levantou da sujeira do campo no que tinham chocado e fugido deles. Estava muito escuro para uma descrição e não tinha reconhecido a caminhonete. Depois do acidente com o cavalo, Cade não acreditava mais em coincidências.

— Ainda nada, Cade. — Sam jogou uma olhada para Brock, que também negava com a cabeça. — Não havia ninguém mais na estrada essa noite que a polícia tivesse sido capaz de encontrar.

Cade deixou as roupas de Marly com cuidado, franzindo o cenho pela informação recebida. Não nada gostava dessa sensação.

— Onde está o jovem James? — Perguntou-lhes.

— Esperando lá fora. Está muito assustado com você depois do episódio do destroço. Não pudemos convencê-lo que sempre golpeia a alguém quando Marly se machuca. — Sam sacudiu a cabeça como se tivesse perfeito sentido para ele.

— Especialmente ao responsável por isso. — grunhiu Cade — Saiam daqui enquanto a acordo. Se assegurem de que a limusine esteja ligada e quente, e quero que esteja em frente da porta quando a levar para baixo. Entenderam?

— Certo, Cade. — Deveriam saber as instruções a estas alturas, pensou Cade.

— Vamos. Vou despertá-la.

Os outros dois homens saíram do quarto, dando uma olhada em Cade com o cenho franzido. Cade sacudiu a cabeça; há tempo que se cansou de tentar entender os gêmeos. Seus cérebros simplesmente trabalhavam diferente de todos os demais. Exceto com Marly. Suspirou com cansaço. Estes acidentes anuais tinham que terminar. Se é que isto tinha sido um acidente.

Capítulo 14

— Marly, sua vida aqui é muito excitante. — Greg meneou a cabeça enquanto fazia as malas, sua voz soava muito desconcertada. — Palavra. Não compreendo. Nunca teve problemas na faculdade.

Marly conteve a risada, a cabeça ainda doía muito para soltar uma gargalhada. Mas sorriu, descansando comodamente sobre a cama de Greg onde Cade a tinha levado, depois de haver despertado essa tarde e inteirar-se de que Greg retornava a Dallas.

— Não pode estudar, Greg? — perguntou com um sorriso.

Greg fez uma pausa, negando com a cabeça ironicamente. Marly sabia que Greg estava decidido a apressar-se e passar pela universidade tão rápido como fosse possível. Todos que o conheciam, sabiam. Estava desesperado por encontrar a maneira de manter-se por si mesmo, e começar a cancelar os empréstimos estudantis que acumulava.

— Sentirei saudades. — suspirou Marly. — Encaixa bem aqui.

E encaixava mesmo. Quando Cade não se abatia sob a presença do homem mais jovem, Greg sentia alívio e realmente se divertia observando como funcionava o rancho. Inclusive tinha aprendido a montar a cavalo.

— É um lugar incrível, Marly. — Agitou a cabeça, enquanto fechava o zíper da mala. — Não sei como suporta deixá-lo por um dia que seja.

Ela ouviu o fio de desejo em sua voz, sua necessidade de uma casa, um lugar que lhe desse as boas-vindas. Marly sabia que desde morte de seus pais anos atrás, Greg não tinha tido mais esse sentimento de “casa”.

— Não o faria se não tivesse que fazê-lo. — Marly bocejou, trocando de posição na cama enquanto fechava os olhos. Doía-lhe a cabeça. — Esta é minha casa, Greg.

E o era. Ela sentia saudades de casa, e da família terrivelmente enquanto estava ausente. Sabia, entretanto, que chegaria o dia no que não teria outra opção além de ir embora. Se não podia obrigar a Cade a entrar em razão, lhe fazer ver que ele a amava como algo mais que a uma

sobrinha, então essa já não seria mais a sua casa. Ele eventualmente se casaria, levando a outra mulher, e então não haveria forma de que pudesse viver aqui.

— O senhor August tem um dos trabalhadores esperando para me levar, então ainda terá a caminhonete quando quiser voltar para casa. — Ele disse enquanto se sentava na borda da cama. — Sabe quando estará de volta?

— Hum, na próxima segunda-feira. — Ela respondeu adormecidamente. — Tenho um exame.

Um exame para o qual precisava estudar e não o tinha feito. Entretanto, ainda tinha alguns dias, reconfortou a si mesma. Além disso, esse maldito medicamento que Cade continuava lhe colocando pela garganta a deixava muito atordoada para tentar estudar. De qualquer forma, não é que ele a deixasse. Era como uma mamãe galinha tentando antecipar suas necessidades desde que a trouxe para casa essa manhã.

— Está dormindo? — Marly ouviu a voz de Cade quando entrou no quarto.

— Na realidade não, principalmente está à deriva. — Ouviu a resposta preocupada de Greg.

— Bret está preparado para te levar quando quiser partir. — Disse Cade suavemente, enquanto baixava o olhar para Marly. — Não tem que ir, Greg. Agora ela se acalmará com essa comoção. Ao menos durante alguns dias.

— Juro, nunca a vi assim. — Disse Greg com uma sacudida da cabeça. — É sempre tão tranqüila e contida na faculdade. Nunca se mete em problemas. Tem idéias algumas idéias estranhas as vezes, mas nenhum problema sério.

Marly ouviu Cade grunhir, e imaginou a expressão de incredulidade de sua cara. Aqui no rancho sempre se metia em problemas.

— Nunca está tranqüila nem contida, e se mete em problemas em todos lados, por qualquer motivo. — Disse Cade com paciente tolerância para Greg. — Mas a amamos, assim nos ocupamos disso.

Ele soou como um tio outra vez, pensou com repugnância. Odiava-o quando fazia isso.

— Bem, acredito então que estou preparado para partir. — Suspirou Greg. — Foi divertido, senhor August. Obrigado por me deixar acompanhar a Marly.

— Agradeça a Marly. — A voz de Cade era divertida. — Também é sua casa, Greg, e ela traz quem deseja. Graças a Deus, tem bom gosto para os amigos.

Marly se perguntou por que Cade tinha olhado furiosamente para Greg desde que chegaram se isso era o que pensava? O homem era tal contradição que queria o esbofetear.

— Obrigado. Ela é uma boa garota, senhor August. Uma boa amiga. — A voz de Greg se afastou do quarto.

— Sim é, Greg. Cuide-se, e nos veremos outra vez em alguma ocasião. — Marly teria olhado às escondidas para ver a expressão no rosto de Cade, mas as pálpebras simplesmente pesavam muito.

Entretanto, soube assim que Greg se foi. Seus passos foram amortecidos enquanto descia para vestibulo, e depois ouviu a porta principal fechar quando saiu da casa. Esperava que ele estivesse bem. Seus colegas de quarto estavam fora pelas férias até no domingo, e Greg estaria sozinho na moradia. Algumas vezes esquecia comer quando começava a estudar.

— Vamos, Bela Adormecida. — Cade a levantou amavelmente em seus braços. —. Pode dormir lá em baixo onde te posso vigiar.

No sofá, onde ela tinha passado muitas noites durante sua infância, havia-se enrolado, esperando que Cade terminasse a contabilidade antes de ir para à cama. Ele sempre tinha tido que levá-la para cama. Agasalhando-a meigamente, beijando sua testa, algumas vezes sentando-se ao lado de sua cama durante compridos minutos enquanto ela dormia.

— É meu Príncipe? — perguntou brandamente enquanto a levava pelo corredor.

Sentiu seu coração acelerar-se com a pergunta. OH, pensou, ele não era completamente indiferente.

— É isso o que quer, Marly, um Príncipe? — Perguntou enquanto desciam pela escada.

— Não. — Suspirou. — Só quero você, Cade. Você inteiro.

— E o que faria uma vez que me tivesse, amada Marly? — Havia um traço de tristeza em sua voz. — É muito jovem para querer a alguém tão endurecido como eu.

Marly tinha a mão agarrada a beira de sua camisa, o calor de sua pele lhe queimando os dedos. Era uma sensação estranha, apanhada entre despertar e dormir, o corpo embalado contra o dele enquanto a levava a seu estúdio.

— Poderia me mostrar o que fazer. — Sugeriu, um sorriso curvando os lábios ao pensar nisso.

Marly sentiu tremer seu corpo como se uma sacudida elétrica o tivesse atravessado como um relâmpago. Ele continha o fôlego, tal como o fazia ela, ao pensar nisso.

— Você é perigosa. — Baixou-a, seu corpo afundando-se nos felpudos contornos do sofá coberto com uma manta, sua cabeça deitada com delicadeza em um suave travesseiro.

— Posso ser pior. — Um sorriso lhe curvou os lábios.

Sua fantasia favorita. Iria às escondidas até seu quarto enquanto dormia, nu e quente. Ela deslizaria silenciosamente sob as mantas, pressionando seu corpo contra o dele acaloradamente. Ele se voltaria para ela. Beijando-a. Tocando-a. Quis gemer com a necessidade que tal imagem gerava no corpo.

— Não tenho dúvida que poderia. — Grunhiu Cade.

Repentinamente, sentiu seus lábios na comissura da boca em um breve beijo. Não, não breve. Doía-lhe, necessitava mais. Moveu a cabeça lentamente, os lábios procurando os dele com vacilação. Cade se deteve, mas não se afastou. Os olhos de Marly se abriram, o olhar encontrando-se com o dele conforme brigava por mantê-los abertos. Ele tinha o olhar cravado nela, a cor formando redemoinhos em seus olhos à medida que os lábios dela tremiam sob os dele.

Depois, ela fez algo que sempre tinha desejado fazer. Desde que podia recordar tinha querido lhe saborear. Deslizou a língua entre seus lábios, tocando os dele enquanto observava a labareda em suas pupilas. Seus lábios abertos, sua língua conhecendo a dela enquanto sua cabeça se inclinava seus lábios cobrindo os dela experimentalmente.

Marly não fechou os olhos, não podia fazê-lo. Seu olhar foi apanhado pelo dele, mantendo-a em um fascinante transe enquanto lhe acariciava os lábios suavemente.

— É isto o que quer, Marly? — Ele levantou o pescoço o suficiente para sussurrar contra suas arredondadas curvas.

Marly estava respirando com dificuldade, lutando por colocar ar nos pulmões, para convencer a si mesma de que era real e não outro sonho erótico que zombava dela.

— Mais. — Sussurrou contra seus lábios, a dor de cabeça quase esquecida enquanto a língua dele deslizava lentamente por seus lábios.

Marly choramingou. Tremia de necessidade.

— Temos que pensar sobre isto, Marly. — Sussurrou ele, enquanto ela sentia sua mão na cintura, a outra segurando sua cabeça. — Temos que falar disto. Não quero que acabe ferida.

Ele falou contra o lóbulo de sua orelha, depois deslizou lentamente os lábios para baixo, por seu pescoço. Marly gemeu pelas sensações que provocou. Quente, como fogo correndo a velocidade através de sua pele, fazendo-a enlouquecer mais por ele do que já estava.

— Shh — Sussurrou sobre sua pele. — Quero que descanse, Marly, para melhorar, então poderemos falar sobre isto.

Seus dentes afundaram amavelmente na pele descoberta pela queda da manga de sua blusa. Um relâmpago a atravessou do ombro para as coxas, fazendo-a arquear os quadris.

— Cade. — Elevou as mãos à altura de seus ombros, depois a cabeça, os dedos atravessando seu cabelo. — Me beije de verdade. Por favor, Cade.

— Shsh, Marly. — Sussurrou, lambendo a pequena dentada sensualmente. — Um pouco cada vez, lento e relaxado, até que descobriremos aonde vamos. Certo? — Ele esfregou a face contra seu antebraço, e Marly quis gritar de frustração.

— Só uma vez. — Implorou desesperadamente. — Por favor, Cade. Só uma vez.

Cade amaldiçoou severamente, depois cobriu os lábios com os dele, a língua impulsionando-se profundo e duro, um beijo tão carnal que fez que sua pressão sanguínea aumentasse incontrolavelmente. Suas mãos espremeram o cabelo enquanto inclinava os lábios sobre os dela. Seu corpo se arqueou contra o dele, seu centro derretendo-se em uma súplica acalorada. E as mãos dele não estavam quietas. Os dedos acariciaram sua cintura só por um momento, depois cavaram o peso firme de um seio alentador.

— Merda. — Sua maldição ressonou através do quarto quando ele rapidamente se jogou para atrás.

— Não. — Gemeu quando ele afastou dela, levando-se seu calor e paixão, deixando-a despojada.

— Acalme-se, carinho. — Gemeu apressadamente ele, segurou suas mãos quando ela tentou alcançá-lo. — Não está em forma para beijos, e muito menos para o que poderia fazer com esse pequeno e quente corpo teu.

Ela o observou sonolentemente, vendo o rubor acumulado nas maçãs do seu rosto, a plenitude cheia de seus lábios. Quis esses lábios contra os sua outra vez, saboreando-a, tomando-a.

— Cade... — O amor fluíu dentro dela, quase explodindo seu coração de esperança.

— Não, Marly. — Colocou os dedos em seus lábios, detendo a efusão de devoção. — Não diga, não diga nada. Temos que conversar primeiro.

Marly ficou olhando fixamente, respirando com dificuldade, vendo a labareda de desejo em seus olhos, na maneira em que ele a observava acaloradamente.

— Descanse por agora. — Disse amavelmente, afastando-se dela enquanto agarrava a leve manta do respaldo do sofá e a colocava sobre ela. — Descanse. Falaremos quando estiver melhor.

CAPÍTULO 15

Cade observava seu sono. Não tinha conseguido trabalhar, as contas jaziam estendidas e esquecidas frente a ele na mesa, mas estava satisfeito observando Marly.

Observá-la, a sua dor e preocupação. E tentar encontrar a saída para maldita confusão em que se encontrava.

O toque e o sabor dela eram embriagadores. Não deveria tê-la beijado nunca, não deveria tê-la tocado no estado físico em que estava. Mas tinha visto a necessidade em seus olhos, tinha-a sentido em seu corpo. As drogas tinham anulado as inibições e o olhava como ansiosa por seu toque, por seu sabor.

Reclinou-se no assento, os olhos não deixando face pálida, do corpo relaxado. Tinha afastado a manta de uma patada, deixando-a vestida com a longa camisa que tinha roubado fazia pelo menos um ano. Maldita moça, não queria dormir com as centenas de camisolas que tinha

comprado durante anos. Surrupia as suas camisetas, as camisas de flanela e inclusive as camisas de seda para dormir.

Seda cinza mar cobria seu corpo agora, e deveria terminar nos joelhos. A camisa era muito grande para ela, mas enquanto estava deitada ali, a seda se ajustava aos amadurecidos seios, o estômago plano, e ajustava ao longo das coxas sedosas. Já a tinha coberto duas vezes, tentando esconder sua visão. Não conseguiria distanciar-se dela outra vez se a tocasse.

Sentiu-se culpado pelo acidente. Saiu com Dillon para lhe chatear, tinha-o admitido enquanto delirava pela comoção. Para deixá-lo com ciúme. Para lhe fazer desejá-la tão desesperadamente como ela o desejava.

Cade a desejava. Tinha o corpo tão duro e quente por ela; mal podia resistir à opressão de seus jeans. Mas a amava da forma em que ela necessitava que a amasse? Ou será que estivera muito tempo sem uma mulher, e se ficou louco logo pela primeira que parecia disponível? Isso era amor ou luxúria?

Suspirou cansativamente, passando as mãos pelo cabelo em um gesto de desespero. Não podia tomá-la até que soubesse. Não até que pudesse entender as sensações e necessidades que assaltavam seu corpo. Ela retornaria à escola logo. Teria três meses para acalmar o temporal de seu corpo, para resolver o que sentia, para estar certo de que ela sabia o que queria. Três meses era um tempo insuportavelmente comprido, mas o resto de suas vidas era ainda mais longo. Se tomasse, queria casar-se com ela. Tinha que estar certo dela, porque Cade sabia que não poderia suportar o pensamento de perdê-la.

Marly se moveu no sono, um leve gemido proveio de seus lábios enquanto seu corpo protestava com o movimento. Um braço enroscado graciosamente sob a cabeça, ressaltando a plenitude de seus seios contra a seda. Seus compridos e sedosos cachos caíam da cabeça até o chão. Tinha a cabeça muito sensível para trançar a massa de cachos, e este fluía ao redor dela, fazendo-a parecer lasciva, tentadora. Como se precisasse o cabelo para contribuir ao quadro total. Ia ficar louco, se não já estivesse.

Deixá-la partir ia ser impossível. De algum jeito, teria que manter-se afastado dela até domingo. Até que partisse para escola outra vez. Se a tomasse, nunca seria capaz de deixá-la ir, sabia disso. E este pensamento o aterrorizava.

Sussurrou seu nome no sonho. Cade engoliu com força quando lhe endureceram os mamilos sob a seda, e de repente um fino brilho de transpiração cobriu sua pele. As coisas tinham mudado condenadamente rápido, e não estava confortável com isso. Tinha estado escondendo seu desejo por ela durante dois compridos e solitários anos. Fazendo-o recuar onde não tivesse que examiná-lo, não tivesse que vê-lo pelo que era. O escuro e pulsante monstro de necessidade que tornava sua carne dura e dolorida, que tornava sua alma cansada e rendida.

Durante anos tinha temido que ela se apaixonasse por um dos rapazes consentidos com a cara-cheia-de-espinhas com os quais estudava. Jovenzinhos muito apegados a si mesmos para cuidar dela, para saber como tocá-la e como lhe agradar. E agora sabia que por isso tinha odiado cada jovenzinho que brigava para obter um encontro com ela. Odiava-os. Franzia o cenho, e lhes fazendo tudo o que podia para afugentá-los. Inclusive os vaqueiros sabiam que era melhor afastar-se de Marly. Alguns deles se encontraram sem trabalho depois de tentá-lo. Não o tolerou. Não o toleraria.

Cade era possessivo e obsessivo, e estivera combatendo esse sentimento durante anos para assegurar-se que isso era porque ela era tão especial. Tinha-a criado. Lutado batalhas por ela. Cuidado suas enfermidades e seus joelhos raspados, e uma vez inclusive tinha sido Papai Noel para ela. Só para ver seus olhos iluminar, para ver a alegria cruzando sua face. E Deus, morreria agora mesmo para ver sua expressão perdida na paixão, o sobressalto e o assombro quando a

levasse a clímax. Desejava-a tanto que mal podia suportar a necessidade.

Tinha-lhe dado todas as primeiras coisas na vida desde que tinha doze anos. Sua primeira bicicleta, seu primeiro carro, seu primeiro vestido de graduação, seu primeiro baile de graduação. Não tinha tido companheiro de baile, e ele tinha sido incapaz de resistir às lágrimas. Jurou que tinha sido invejada por todas as garotas quando dançou seu primeiro baile com ela. Tinha estado incômodo como o demônio. Mas não podia suportar vê-la chorar. Agora queria ser também o primeiro. Seu primeiro amante, seu único amante.

Ela o estava observando. Os olhos sonolentos, escuros e tentadores. Não mudou de posição; não moveu nem um músculo enquanto seu olhar vagava lentamente sobre seu corpo.

— Temos um problema, Marly. — Estava respirando bruscamente, a ponto de fazer algo que sabia lamentaria.

Os seios se elevaram rapidamente, acelerou a respiração. Pôde ver a excitação dela em seus olhos, no rubor que coloria suas bochechas.

— Estou sonhando? — A voz era rouca, chamando-o de uma forma que mal podia resistir.

— Sim. — Gemeu. — Seu pior pesadelo. Volte a dormir, assim poderá despertar e fazer com que tudo seja normal outra vez.

— Vem e me beije outra vez, assim saberei que não é um sonho. — Sorriu, lenta e suavemente, maravilhosa em sua emergente sensualidade.

Marly era consciente do poder que exercia sobre ele. Ele apertou os punhos enquanto combatia a petição.

— Volta a dormir. — Tentou lhe sorrir. — Talvez te darei um beijo de boa noite quando for para cama.

— Então estou pronta para ir para cama. — Sussurrou com inocente sedução. — Me agasalhe, Cade.

A carne entre suas coxas se endureceu, quase explodindo em seus jeans enquanto sua voz rouca saqueava seu corpo.

— Marly. — Sua voz era baixa, o protesto carecia de força.

— Poderia me deixar dormir com você e me manter quente. Sabe quanto frio tenho de noite. — Suas pernas se moveram, a camisa subindo ligeiramente mais alto com o movimento.

Tinha dormido com ela uma noite, a anterior a que se fosse para a universidade. Essa noite ficou marcada a fogo no cérebro, como o fizeram as palavras de seu pai quando encontrou Cade ali na manhã seguinte. Tinha sido inocente. Ela estava deprimida por deixar a casa, chorando. Só tinha tentado consolá-la. Mas a mão lhe envolveu o seio, sob o material de outra de suas camisas que já não tinha. Nem estava ereto sob suas calças esportivas, tinha sido inocente. Este sucesso tinha sido o princípio de sua queda, e Marly não se deu conta. Que ele soubesse.

Cade respirou violentamente. Agora não sobreviveria uma noite com ela em seus braços. Sabia, e o aterrorizava. Observava-a enquanto pressionava uma mão contra o estômago, e se perguntava se a dor de suas tripas era uma repercussão de dela.

— Pelo amor de Deus. — Gemeu, fechando os olhos e sacudindo a cabeça quando de repente imagens eróticas lhe apareceram na mente. Arderia no inferno por isso. Com toda certeza arderia.

Um golpe na porta do estúdio o fez saltar com um sobressalto culpado. Olhou-a um instante enquanto ela apressadamente puxava a manta sobre seu corpo, sua face ruborizando de vergonha. Sacudindo a cabeça, observou como a porta se abria umas polegadas, perguntando-se se os pensamentos dela eram um reflexo dos seus. Rogava que não, porque se em efeito o eram, sabia que seu coração exploraria.

— Cade. Tem um minuto? — Sam estava na porta, a face machucada estranhamente séria.

Demônios, teria que levantar-se.

— Sim, um momento. — Levantou-se, agradecido de ter tirado anteriormente sua camisa do dentro das calças. Não teria havido forma de esconder sua excitação se não o tivesse feito.

Marly engoliu com força enquanto Cade abandonava o estúdio, fechando a porta atrás si. O corpo pulsava sob a manta, tremendo pelo olhar de Cade. Nunca tinha visto nada tão quente, tão dolorosamente possessivo e necessitado como esse olhar. Enquanto ele observava os dedos dela movendo-se ligeiramente sobre a seda do estômago, tinha visto sua necessidade, seus desejos. Fechou os olhos. Sabia o que ele queria. Sabia que ele não seria capaz de resistir se ela o fizesse.

O pesar a encheu enquanto seus dedos permaneciam sobre o estômago, a manta repousando sobre seus quadris. Estivera tentada, mas aterrorizada. Amaldiçoou sua própria imaturidade e falta de experiência. Outra mulher saberia como seduzi-lo, como lhe dar o que desejava sem estar indecisa ou assustada.

Cade era um homem muito sexual. Tinha ouvido isso quando tinha quatorze anos. Ele era jovem, mas inclusive então, mantinha cuidadosamente afastadas suas mulheres de Marly. Mas isso não a tinha mantido afastada dos rumores. Nada tinha parado às mulheres que ele levava a cama de sussurrar os contos que ouviam. Como podia durar toda a noite. O toque lento e seguro, os beijos quentes e selvagens, as mãos atrevidas e os desejos tão carnis como o pecado original. Tinha odiado os rumores, o ciúmes a corroendo, mas tinha escutado. Tinha escutado e lutado por entender o que significavam. Tinha sabido, mesmo assim, que amava Cade e que um dia teria que saber as necessidades do homem, melhor que uma amiga.

Poderia fazê-lo, perguntava-se? Poderia provocá-lo e tentá-lo como outras mulheres tinham feito? Poderia o Cade amadurecido ainda desfrutar da vista e os sons de suas mulheres como fazia o jovem Cade?

— Esse olhar em seu rosto me está matando. — A voz soou selvagem e rouca. Quando ela abriu os olhos, seu olhar era uma chama quente enfocada na mão e nos dedos que ainda esfregavam a seda suavemente.

Permanecia de pé ao lado do sofá, a face morena ruborizada, os olhos brilhando e enfocados com desejo nessa mão.

— Que olhar? — Marly não podia respirar. Sentia-se tão quente, tão excitada. Necessitava tão malditamente seu toque para esperar muito.

— Marly — Sussurrou advertindo-a. — Não sabe o que está fazendo.

Marly se lambeu os lábios.

— Quando tinha dezesseis anos, Kari Black me contou esse pequeno caso que teve com sua irmã. — Disse em voz baixa.

Cade abriu os olhos, incomodado.

— As irmãs falam. Estava tão zangada com você, Cade. Lembra-se? Não quis falar com você, até que deixou de vê-la.

— Recordo-o. — Seu tom era gutural.

— Sua irmã lhe contou todo tipo de coisas, Cade, e eu escutei. Odiava-o, mas escutei, porque queria saber o que você gostava. Como fazer que me necessitasse tanto que não pudesse resistir.

— Não. — Sussurrou fracamente, os olhos ávidos, paralisado enquanto os dedos dela foram para os botões da camisa de seda.

Marly estava respirando violentamente. Toda vergonha, todo sentido da decência a abandonou quando o olhar de Cade se transformou em fascinação por seus lentos movimentos, as mãos imitaram as suas enquanto começou a desabotoar camisa que usava.

Um a um os botões foram desabotoados, até que as bordas descansaram precariamente no centro de seu corpo.

— Marly. — Disse com voz pastosa, bruscamente, enquanto ela movia a mão, seus dedos riscaram na lenta carícia do decote de seus pesados seios para baixo.

Ele tirou a camisa dos poderosos ombros enquanto a observava, o rosto ruborizado pelo desejo, com impotente fascinação enquanto os dedos dela chegavam ao estômago. Lutou consigo mesmo, lutou contra sua necessidade por ela. Depois os dedos alcançaram a linha de seus quadris, tocando a cintura da calcinha.

— Deus, Marly. — Apertou os punhos enquanto os dedos dela brincavam com a cintura deliberadamente. — Tire-a, ou pare. Você escolhe, mas decida-se agora.

Seus dedos desapareceram sob a cintura, mas sabia que não deteria o conhecimento, a clara visão de onde estavam tocando. Depois se retiraram, percorrendo sobre a carne sob a seda da calcinha, deixando uma tira de umidade no centro do triângulo de tecido.

Cade lambeu os lábios, observando-a hipnotizado, quando se ajoelhou a seu lado.

— Está bem. — Sussurrou, os dedos enganchando na cintura da calcinha e a baixaram rapidamente pelas pernas.

Marly gritou fracamente, as coxas se separaram em sua urgência, sentindo a marca de seu olhar centrado em seu ponto mais vulnerável.

— Não. — Grunhiu. — Me deixe vê-la, Marly. Me deixe vê-la.

Tocou a si mesma, gritando quando as mãos dele tocaram as coxas, seus longos dedos movendo-se mais perto.

— Me diga o que quer, Marly. — Grunhiu enquanto seus dedos percorriam lentamente as úmidas dobras da carne escorregadia pelo desejo. — Diga-me Marly.

Dizer-lhe. Deus, não podia respirar, muito menos falar.

— Agora. — Sua voz ficou áspera quando um dos dedos tocou o centro de sua necessidade. — Me diz o que você quer agora.

— Beije-me. — Ofegou duramente, desejando que fizesse algo. Algo. Estava morrendo.

Elevou o olhar para ele, os olhos quase negros enquanto um dedo se deslizava suavemente sobre as dobras da pele, alojando-se na entrada de seu corpo.

— Onde?

Marly gemeu quando suas coxas tremeram, os músculos internos apertando-se em agonizante necessidade.

— Cade — Gritou fracamente.

— Tara te contou isto, Marly? — Perguntou em voz baixa, os lábios indo para a coxa. — Te contou como eu te beijaria? Te provaria?

Estava provocando-a, atormentando-a. A língua tocou a carne acetinada seus lábios, acariciantes, arrastando-se mais acima só uns poucos graus.

— Não a beijou aí. — Marly negou com a cabeça, quase chorando de dor ao pensá-lo. — Não. Não o fez.

— Não, não o fiz. — Ele concordou. — Mas Por Deus, vou beijar você aí.

Antes que pudesse gritar, estava entre suas coxas, os lábios cobrindo-a, a língua atravessando-a. Marly ficou sem respiração. As estrelas explodiram a seu redor enquanto ele segurava firmemente seus quadris, empurrando nela repetidas vezes, conduzindo a língua mais profundo e forte dentro centro de seu corpo, enquanto ela explodia em multidão de fragmentos, e pensou que estivesse morrendo.

Quando abriu os olhos outra vez, Cade estava ajoelhado frente a ela, o olhar ardente, as mãos trabalhando freneticamente com o botão da braguilha de seus jeans. Depois os abriu, empurrando o material de seus quadris enquanto a grossa longitude de sua ereção saltava livre.

— Deus. Maldição, Cade. — A voz scandalizada de Sam foi como um balde de água fria,

quando Cade se inclinou para frente.

CAPITULO 16

— Por que não fechou a maldita porta? — Uma hora depois, a profunda voz de Sam estava invadida pela compreensível comoção.

— Cale-se, Sam. — Cade se moveu na cadeira, com o olhar perdido no profundo negrume da noite enquanto cavalgavam através do pasto. Esta não era a cavalgada que tinha estado esperando.

— Maldição. — Sam ainda sacudia a cabeça. — Só que não esperava por isso.

Não era a primeira vez que Sam fazia esse comentário na última hora.

— Cale-se, Sam. — Grunhiu Cade, o advertindo.

Cade ainda podia cheirar a doce essência dela, a paixão e o desejo, ouvir seu grito de alívio enquanto o orvalhava sobre a língua. Estava morrendo. Uma hora depois, sua ereção era como uma dura barra de aço. Doía-lhe tanto que mal podia estar sentado na sela. Se não desaparecesse logo, teria que ir andando em lugar de no maldito cavalo.

— Não o esperava. — disse Sam outra vez. — Ainda não.

— Se não se calar, vou chutá-lo para fora dessa maldita sela. — Disse Cade, chiando entre seus dentes apertados.

— Tá, como se pudesse fazê-lo com essa ereção te matando. — Sam riu, divertido—. Diria que ainda estou a salvo durante algumas horas.

Moleque, pensou Cade. Não tinha um irmão com um pingo de sentido comum; tinha um que era um imbecil que não sabia o que fazia.

— Não cheguei a ver nenhum tipo de proteção, irmão. — Sussurrou Sam o bastante alto para que o ouvisse. — Conhece os perigos, não?

Merda. Cade fechou os olhos, recordando a ardente paixão de sua carne coberta de suor contra ele enquanto se posicionava para entrar nela. Demônios não, não tinha havido nenhuma proteção. Moveu-se incômodo, o pensamento disso o preocupava como nada podia fazê-lo. Nunca tinha esquecido de usar proteção em toda sua vida de adulto.

— Cade, vai com mais cuidado da próxima vez, não é? — perguntou Sam sobriamente. — Suponho que não vai se arriscar, não?

Cade estava em silêncio. O pensamento de Marly, grávida de seu filho, estava esquentando o corpo. O suave ventre arredondado de vida, e a face resplandecente por isso. Não acreditou que fosse possível, mas seu corpo só se endureceu mais.

— Não se preocupe, Sam. Cuidarei de Marly. Agora quer me explicar uma vez mais por que estamos aqui sobre estes malditos cavalos?

Uma hora depois, chegaram à altura dos dois vaqueiros que os estavam esperando. A cavalgada tinha sido lenta devido à escuridão da noite, e a necessidade de proteger as patas dos cavalos dos buracos ocultos ou das rochas desconhecidas. Depois deles cavalgavam meia dúzia de vaqueiros, seus cavalos soprando suavemente no silencioso ar da avançada noite.

— Bret. — Cade desmontou, alcançando os dois cavaleiros que os esperavam. — Tudo bem?

— Sinto te arrastar assim até aqui chefe, mas tinha medo que o helicóptero nos delatasse, e as caminhonetes também. Acredito que precisa ver isto e não sei se quer deixar que alguém mais veja o que encontramos.

Uma das velhas cabanas sem uso do limite estava protegida na montanha que se elevava frente a eles. A porta estava aberta, e só se via uma tênue luz quando a porta rangeu ao abrir-se e os homens entraram.

— Não quis esperar até manhã. Por isso disse ao Sam que se assegurasse que um de vocês permanecesse com a senhorita Marly.

Entraram na cabana, um edifício que tinha sido esquecido, sem usar por homens ou animais desde que Cade comprou o helicóptero. Mas ali havia provas de que alguém o tinha usado. Isso, e em vários outros cantos do rancho. Mas o que pôs um terrorífico golpe na alma de Cade foram as fotos esparramadas sobre a mesa.

Marly. Cada foto que havia, era de Marly. E todas elas foram tomadas nos últimos dois anos. Algumas enquanto estava na escola, em casa. Havia fotos dela montando em seu cavalo, conduzindo a caminhonete, rindo com o Cade, estendida sob o vapor da piscina, Greg a seu lado, as nuas nádegas, o traseiro brilhante no papel acetinado.

Havia fotos dela em seus braços fora do estábulo. Esse primeiro toque, o poder e a paixão pareciam algo ordinário e vulgar quando se via através das lentes da câmara. Estava pendurada em sua coxa, a mão dele colocada entre as curvas de seu traseiro, a posição do dedo claramente visível, enterrado profundamente no pequeno e estreito buraco.

Cade sentiu algo congelando sua alma. Tampouco era a única foto dele e Marly. Havia dúzias expostas sobre a mesa. Cade levantou o olhar, cravando-o em Sam enquanto o sangue pulsava lentamente através de seu corpo.

— Chame Brock, assegure-se de que Marly está bem. Diga que a tranque em um quarto e fique com ela.

— Já deve ter feito isso. — Sam assentiu, mas de qualquer forma tirou o celular da capa em seu quadril. Rapidamente, teclou os números. — Eu disse antes de partir. Antes de saber o que Bret tinha encontrado.

Cade escutou silenciosamente enquanto Sam falava com seu irmão. A voz de Sam permanecia estável e calma, indicando que não havia problemas na casa. Enquanto continuava a chamada telefônica, Cade passeava pela cabana, o feixe de lanterna ressaltando mais sinais de habitação. As caixas de munição, algumas das quais estavam meio vazias. Lubrificantes de armas e trapos, empapados pelo esforço de limpar e manter mais de uma arma.

A cama na parte de trás estava pulcramente feita. Sobre ela estava outra foto. Uma de Marly olhando à câmara do balcão, a expressão sonhadora, os olhos azuis obscurecidos pela emoção enquanto trançava o cabelo. A foto devia ter sido tirada no verão anterior, porque estava descalça, apoiada contra o corrimão e desfrutando da manhã.

Caminhou para a mesa lentamente, olhando fixamente as fotos de novo, e uma onda de fúria o invadiu. O bastardo estava observando-a, violando-a. O filho de puta estava obcecado com ela.

— Elas estavam assim quando as encontrou? — Cade agitou a mão sobre a mesa e as fotos que continha.

— Não tocamos em nada, chefe. — Assegurou Bret. — Encontramos este lugar ao anoitecer, verificamos o local e depois chamamos Sam. Suponho que deveríamos ter chamado você.

Cade respirou profundamente, lutando para acalmar-se. Seu coração pulsava fora de controle, o medo serpenteando como um malvado vento descendo por sua coluna.

— Parece que quem quer que seja, esteve aqui não faz muito. — O outro vaqueiro, Jake, deslocou-se do lado da cabana, para o forno de lenha. — Estas cinzas não têm muito tempo, o forno mal está frio. Também tinha café e comida enlatada na parte de trás. Tem a intenção de voltar.

Cade apertou os punhos. O bastardo estava preparando a cabana para trazer Marly?

Convenceu-se de algum jeito que podia arrebatrar Marly de Cade, e da família que a queria? O homem estava claramente obcecado com ela, de uma forma que descartava qualquer possibilidade de prudência.

— Vamos embora daqui. Deixem tudo da forma em que o encontraram. Retirem-se, iremos para a beira da colina. — Cade saiu com cuidado da cabana, voltando para a noite, dirigindo-se ao cavalo.

Apagaram a luz dentro da cabana, a porta fechada de novo enquanto se apressavam para retornar a noite. Cade queria tudo livre, fora da vista. Para apanhar o bastardo, tinha que fazê-lo acreditar que ainda estava bem escondido, indetectável para a família ou os vaqueiros.

— Apaguem os rastros de cavalos do local. — Ordenou Cade, enquanto reunia as rédeas dos cavalos e os guiava longe do pátio da cabana. — Façam mais natural possível.

Retirou os cavalos até que estiveram na grama alta de pasto que convertia a remota zona em perfeita para pastar.

— O que faremos? — Cade pôde ouvir o temor na voz de Sam. Era marcada, interrompida pela respiração irregular e o forte batimento do coração.

Deus. Alguém estava espreitando Marly. E se essas fotos eram algo ao que ater-se, tinha sido durante bastante tempo. A parte verdadeiramente terrorífica era o alcance dessas fotos. As mais velhas eram imprecisas, à distância. Ao ir passando os meses, tomaram-se mais de perto. Cade apertou os punhos enquanto observava aos vaqueiros apurando-se para limpar a área de rastros de pegadas, ou qualquer sinal de visita. Cade queria apanhar o bastardo. Queria saber quem era, e o que queria, e era a única forma de fazê-lo. Tinham que apanhá-lo antes que se desse conta de que Cade sabia que estava ali. Deixar que o bastardo soubesse que estavam de sobreaviso, faria-o fugir, faria-o o mais esquivo, mais perigoso para Marly.

Podia ser Jack Jennings? Cade deixou os cavalos com um dos vaqueiros e andou silenciosamente ao longo da saída do canhão por um lado da cabana. Passando sobre pedras e grama, com cuidado de não deixar rastros, tinha a lanterna enfocada no chão. O último relatório que tinha do ex-marido de Annie, era que estava trabalhando no Leste, e Annie estava a salvo na Califórnia, entretanto a última vez que falou com ela, estava certa que Jack não estava onde se supunha que devia estar. Teria jurado que a tinha encontrado de novo. Mas o investigador foi inclusive mais à frente, demonstrando com fotos que Jack ainda estava em Nova Iorque.

Ali estavam. Rastros de pneus. Grandes. Parecia um quatro por quatro. Cade estreitou os olhos. Dillon não estava certo do que tinha acontecido na outra noite, mas recordava um quatro por quatro negro, e um homem alto tentando arrastar Marly à caminhonete. Jack Jennings era um homem alto. Quase tão alto e largo como Cade.

— Merda. — Cade respirava bruscamente enquanto esquadrihava o cânion, pensando na local da cabana. Onde podiam fazer guarda, entrar e sair sem serem vistos até que pudessem derrotar o intruso?

Não havia nenhum lugar. O paredão sobre a cabana podia funcionar, mas seria duro para os homens descer sem ser ouvidos, o qual os punha em risco. Qualquer um tão ousado para arriscar-se a tirar as fotos de Marly no rancho, seria mais que perigoso. E também estava a munição encontrada na parte traseira da cabana. O sujeito estava muito bem preparado.

Seguindo o caminho de volta fora do cânion, encontrou-se com o Sam fora no pátio da cabana.

— O quatro por quatro está no cânion pequeno, bem escondido. — Disse em voz baixa. — Há munição na cabana, mas não as armas. Leva-as com ele.

— O que faremos, Cade? — Vaiou Sam. — Não podemos deixar que ela parta agora do rancho. Não há forma de protegê-la na escola.

Cade assentiu com a cabeça, tentando descobrir rapidamente a melhor maneira de resolver este problema. Marly lutaria contra eles se pensasse que estavam tentando protegê-la. Odiava-o, e não queria ficar. Ele não queria ter que brigar com ela, e com quem quer que a estivesse espreitando.

— Temos que deixar alguns homens aqui acima. Para apanhar bastardo quando voltar. — disse Cade imperiosamente. — Conhece o local melhor que eu. Onde os esconderemos?

Sam aspirou profundamente, olhando ao redor do local. A cabana limítrofe estava bem resguardada das temíveis tormentas que açoitavam as montanhas. Escavada na superfície da colina atrás dela, com apenas a fachada de tosca madeira à vista. Sem nenhuma outra forma de sair, o que ajudava. Mas tampouco nenhuma outra forma de entrar.

— Que tal o cânion? Pegamos ele quando sair da caminhonete? — perguntou Sam. — Há vários pequenos refúgios nas rochas onde um ou mais rapazes poderiam esconder-se.

— E os cavalos? — perguntou Cade. — Ali não há forma de esconder os malditos cavalos.

— Demônios, deixe-os soltos. O gado esteve pastando por todo este lugar durante um mês. Uns poucos cavalos mais não chamará a atenção. Depois de agarrar o bastardo, podem levá-lo com sua própria caminhonete. — Sugeriu Sam, a voz áspera pela fúria.

Havia fotos de Marly, no balcão, vestida com uma das camisas com as quais dormia. Cade entrecestrou os olhos, calculando o local de onde tiraram a foto.

— Vamos voltar. — Cade dirigiu-se rapidamente para seu cavalo. — Bret, você e Michael deixem seus cavalos aqui no pasto. Esconda-se em um dos refúgios nas rochas e vigiem o cânion. Quando pegar a caminhonete, pegue-o.

— Sim, Sr. Cade. — Bret assentiu rapidamente, apurando-se para ir com Michael e seguir as ordens.

— Tome cuidado, Bret. — Disse Cade bruscamente. — Não façam nenhuma tolice. Se não puderem apanhá-lo, deixem ir e o apanharemos mais tarde. Mandarei substituição pela manhã. Você tem celular? — Cade montou no cavalo, balançando-se rapidamente na sela e voltando o cavalo para casa.

— Ambos, Mike e eu. — Afirmou Bret com a cabeça. — Temos tudo o que precisamos. Leve os rapazes para fora, contatarei, em poucas horas.

Bret ainda estava tirando a cadeira sela do cavalo, verificando a lanterna e a pistola. Cade o observou uns longos momentos, conhecendo ciência certa a capacidade do homem ao cargo da vigilância. Bret não era um temerário, mas tampouco era dos que se retiravam. E os Augusts eram o mais próximo a uma família que tinha da morte de seus pais. Não deixaria a Cade na mão se podia lhe ajudar.

Cade assentiu, comprovando se tinha Sam a suas costas, depois pôs o cavalo a galope, ouvindo o constante tamborilar de cascos atrás dele. O tempo da prudência tinha terminado. Teria que confiar em sua experiência, e no instinto dos cavalos. Sua primeira prioridade era retornar a casa o quanto antes.

Aquelas últimas fotos tinha sido tiradas da costa depois do rancho. Era a única forma de conseguir esse ângulo, ou conseguir tal disparo no local da piscina. Quem fosse o bastardo tinha muitas armas, o que significava que a próxima vez podia apontar uma bala. O temor lhe percorreu o corpo, ajustando o ritmo do sangue tão forte como as pisadas dos cascos golpeando o chão.

Cade tinha que voltar para Marly. A esmagante necessidade quase lhe deixou sem respiração quando obrigou o cavalo a ir mais rápido, sentindo o vento golpeando no cabelo, a urgência fluindo através de seu corpo. Tinha que protegê-la. Tinha que mantê-la a salvo. E para fazê-lo, tinha que encontrar o louco que a espreitava.

CAPÍTULO 17

Cade e Sam deslizaram silenciosamente dentro da escura casa, com os rifles preparados e os olhos entrecerrados tentando penetrar a escuridão. Não se ouvia nada. Cade olhou para Sam, vendo a tensa disposição de seu corpo para entrar em ação. Sentia que se daria conta, se alguém tivesse conseguido entrar na casa. O vínculo que compartilhava com Brock o advertiria.

Entretanto era estranho, entrar em um lar que nunca tinha conhecido a escuridão. Pelo que Cade recordava, depois que obscurecia, ao menos a luz do vestibulo se deixava acesa toda a noite. Nesse momento a profunda escuridão os envolvia. Não se ouvia nem os rangidos das pranchas de madeira do piso; o único som que podia ouvir Cade era o pulsar de seu próprio coração.

— Calma. — O sussurro de Brock se ouviu cheio de cautela. — Marly e eu somos os únicos que estamos aqui.

— Então por que estão todas as pestilentas luzes apagadas? — Grunhiu Sam. — Não enxergo um palmo na frente de minha cara.

— Impede que as balas tenham um caminho fácil para seu coração. — Vaiou Brock em resposta. — Deixa de se comportar como um bebê.

— Bebê...

— É suficiente. — Cade teve desejos de agarrar suas cabeças e as fazer chocar entre si. Esse não era o momento para outra de suas discussões infernais.

Brock tinha saído de entre as sombras da escada curva que levava ao piso superior. Avançou, como uma silhueta escura movendo-se perigosamente através da escuridão. Estava mais controlado, tranqüilo e muito menos tenso que seu gêmeo.

— Onde está Marly? — A voz de Cade soava forçada e preocupada.

— Continua dormindo no sofá. Deixei-a ali. — Brock assinalou com a cabeça a porta aberta do estúdio. — Considerando tudo, talvez não devêssemos permitir que durma em seu quarto por um tempo

— Por que? — Enquanto se aproximava deles silenciosamente, Cade entrecerrou os olhos ante o rosto imóvel de Brock

— Veja a planta alta e te mostrarei por que. Vi-o justo depois que saíram. — Brock começou a subir agilmente os degraus e o seguiram. — Depois de que Marly foi dormir, o gado que está nos pastos da parte traseira começou a atuar de forma estranha. Então, fechei tudo, apaguei as luzes e me pus a observar. Não vi nada até que cheguei no quarto de Marly.

Abriu a porta do quarto de Marly, e ao entrar se pôs com cuidado contra a parede e de não se moveu para o centro do quarto. Avançando de lado e em silêncio se aproximou das portas de vidro do balcão.

— Olhe para fora, e me diga que vê. — Disse assinalando para a noite com a cabeça.

Agachando-se para usar o corrimão do balcão como cobertura, Cade se deslizou para o outro lado das portas. Inclinando-se lentamente, olhou para fora. Era uma noite sem lua, e uma grossa cobertura de nuvens fazia com que a terra estivesse mais escura do habitual e cheia de sombras. No princípio Cade não viu nada. Conhecía a área de onde era mais provável que o perseguidor estivesse tirando as fotos, assim centrou sua atenção ali. Só levou uns poucos minutos ver o que Brock tinha visto.

Um brilho de luz na escuridão, a faísca de um acendedor ou um fósforo a acender-se para prender tabaco. Enquanto Cade observava mais atentamente, um raio de lua iluminou a absoluta escuridão do céu e no ponto mais longínquo foi capaz de distinguir uma sombra movendo-se

contra as pedras.

— Está vigiando seu quarto. — Disse Cade em voz baixa. — É por isso que não estava na cabana.

— Também poderia estar usando binóculos com infravermelho. — Disse Brock, também em voz baixa. — O observei um momento através dos meus. Pode ver tudo o que ocorre na casa, e saberá no minuto que alguém se dirigir para ali de qualquer direção.

— Está certo que os usa? — Perguntou Cade com cautela.

Brock respirou profundamente.

— Não estou seguro, mas é provável. Nenhum de nossos homens o viu, e se não tivesse estado a par de que demônios estava acontecendo aqui, a esta altura já teria sido capturado.

— Iremos apanhá-lo. Em algum momento terá que sair. Amanhã poremos mais gado para pastar nesse terreno, e faremos ver que estamos trabalhando com ele. Isso o manterá afastado até que escureça. — Murmurou Sam. — Retornará logo. O homem está obcecado.

Cade observou a área, considerando o plano de Sam. Tinha seus méritos, mas requeria esperar, e arriscar-se a perdê-lo totalmente. Estava ali agora, observando a casa, esperando para ver Marly. Enquanto se despia. Cade cerrou os dentes, perguntando-se quantas vezes o bastardo a teria observado vestida, ou nua. Apertou os punhos pela necessidade de cometer um ato violento.

— Este quarto é fácil de se observar dessa altura. — Disse Brock enquanto continuavam olhando fixamente a alta elevação da colina. — Cade, o seu é mais difícil. Mas se o bastardo está teimando em apanhá-la, vai ser muito difícil capturá-lo desta forma. Somos fazendeiros, não Boinas Verdes.

Cade tirou o chapéu da cabeça, e passou os dedos através do cabelo com impaciência. Brock tinha razão, não eram soldados e não tinham idéia de como sê-lo. Mas um homem não tinha que ser um soldado para rastrear um animal raivoso. E o que estava nessa colina não podia ser outra coisa.

— Se dissermos a Marly o que está acontecendo, vai se aterrorizar. — Disse em voz baixa, afastando-se cuidadosamente da janela. — Vamos para baixo, preciso comprovar como está. Não há forma de vigiar esse filho de puta daqui durante muito tempo. Poderia escapular-se e nunca nos inteiraríamos.

Saíram do quarto, percorrendo o mesmo caminho pelo que tinham entrado, com cuidado de permanecer afastados da janela no caso de estivessem sendo vigiados com binóculos infravermelhos.

— Cade, lembra aquele par de investigadores que contrataram os Stewart faz um ano, quando um seqüestrador tentou levar a sua filha? — Perguntou Sam enquanto desciam pelas escadas. — Apanharam a quatro sujeitos, e resgataram a moça no último minuto. Talvez devamos considerá-lo. Brock tem razão, somos vaqueiros, não guarda-costas treinados nem do tipo militar.

Cade exalou com força. Seu coração tamborilava indolentemente em seu peito, e o temor abria espaço em seu interior. Entraram no estúdio silenciosamente, e imediatamente Cade percebeu que Brock tinha fechado as persianas do balcão.

Marly estava dormindo no mesmo lugar onde a tinha deixado, com o cabelo envolvendo-a e caindo a seu redor, seu rosto se via sereno e inocente no sono. Respirou profundamente, afligido pelo alívio. Brock e Sam permaneciam em silêncio atrás dele, mas de qualquer forma Cade quase se esqueceu de sua presença.

Estava deitada de costas, com o rosto voltado para ele, tinha os lábios abertos pelos quais inspirava profundamente. Cade se ajoelhou a seu lado, e suavemente, afastou com o dedo um cacho que caía sobre seu rosto. Ela sussurrou seu nome, voltando-se para ele, tentando alcançá-lo inclusive quando não era consciente de sua presença.

Cade baixou a cabeça, com o coração oprimido pela dor. Como demônios ia protegê-la disto?

— Traga dois dos moços aqui dentro. Brock, vem comigo. Sam, você fica. Tire Marly daqui se não tiver notícias nossas em um momento. — Levantou-se, saindo rapidamente do estúdio.

— Que demônios vai fazer, Cade? — Sussurrou Sam com ferocidade. — Demônios. Não vai sair lá fora, vai?

Cade foi para a porta, dirigindo-se para dois da meia dúzia de vaqueiros que tinha deixado esperando no alpendre, quando lhe viram o rosto outros ficaram em pés. A noite não tinha terminado ainda.

— Vocês dois ficam aqui com Sam...

— Maldição, eu não fico aqui. — ladrou Sam — Se você e Brock vão, então eu também.

— E que fazemos com Marly? — Cade se voltou para ele furioso. — Se nos acontecer algo, quem cuidará de Marly, Sam? Quem a tirará daqui e se assegurará que esteja a salvo?

Sam fez uma careta de indecisão.

— Cade tem razão, Sam. — Disse Brock, comprovando a pistola que levava na coxa, e tomando o rifle da parede onde o tinha deixado apoiado.

— Então fica você. — disse bruscamente Sam.

— Eu já fiz o papel de babá esta noite. — Informou Brock asperamente, mas Cade sabia que não tinha nada a ver ficar com cuidando de Marly. Sam não tinha o coração duro para a violência, e Cade e Brock sim. — É sua vez de fazê-lo, irmão.

— Parem de tentar me proteger. — Cuspiu Sam, olhando os dois com um olhar furioso. — Maldição, o que aconteceu a parte de “nós não somos Boínas Verdes”? Isto é estúpido. Marly precisa de todos.

— E nós precisamos de Marly, Sam, ou você se esqueceu disso? — Exclamou Cade. — Quem quer seja o bastardo que está ali fora, não jogou todas as cartas. Quer arriscar dessa maneira?

Cade observou Sam fazer uma careta. Seu rosto e seu olhar estavam acesos com fúria pura, mas sabia que não havia outra forma.

— Maldição, tomem cuidado. — Grunhiu. — E lembrem, se os dois morderem o pó, este rancho irá ao inferno. Que me condenem se for tentar levá-lo sozinho.

Por um momento, Cade abriu os olhos desmesuradamente. Demônios, Marly era mais importante que o rancho, mas igual... ia ter que assegurar-se de ter muito cuidado. Este rancho era o sustento de Marly.

— Vamos. — Cade dirigiu-se para a porta com Brock seguindo o de perto.

Cade esperou até que escutou que passavam o ferrolho, depois se voltou para os quatro vaqueiros restantes.

— Brock, leve dois com você e vá para a ladeira oeste. Eu levarei os outros dois e me dirigirei para o este. Com sorte, poderemos apanhá-lo no meio.

Lacônicas sacudidas de cabeça receberam suas ordens. Mantendo a cabeça baixa e movendo-se cautelosamente ao redor da casa, mantiveram um olho atento à área assinalada como a localização do perseguidor. Toda a área não era mais que uma sombra. Era impossível distinguir, ou captar algum movimento estando tão por debaixo da altura onde se escondia.

A lua estava cuidadosamente colocada atrás das nuvens, seus raios incapazes de chegar ao terreno que estava debaixo. Deixava a área inundada em uma manta de profunda noite, o que geralmente não seria um problema. A não ser que houvesse um demente com uma arma escondida ali.

Cade e os dois vaqueiros que o seguiam se aferraram às sombras enquanto abriam caminho através dos pastos traseiros. As árvores que tinham deixado crescer ali lhes provia um pouco de cobertura, embora era escassa. A noite limpa contribuía a sua maneira.

— Separem-se. — Ordenou Cade aos homens que o seguiam quando chegaram ao paredão da colina. — E pelo amor de Deus, tomem cuidado.

A elevação era uma colina alta, não era uma montanha na realidade, mas de igual forma o paredão era alto e levantado. Inclina-se aproximadamente meia milha, com um topo plano perto da cúpula. Nesse plano, escondido atrás de um esconderijo de grandes rochas, estava o perseguidor. Cade cerrou os dentes com fúria enquanto começava a seguir um caminho paralelo para o plano. O filho de puta estava observando-a, tirando suas fotos, e só Deus sabia quais eram seus planos.

As sombras eram longas e profundas na colina, as árvores lhe ofereciam resguardo enquanto avançava cautelosamente. Fez um esforço para mover seu corpo silenciosamente através das pedras e os ramos secos; embora não fosse fácil abrir caminho ao andar. Que o condenassem se sabia como faziam os índios. Uma coisa era malditamente certa, não tinham tentado fazê-lo usando botas.

Ainda assim, embora não fosse de tudo silencioso subia o mais devagar que podia. Manteve cuidadosamente vigiado o plano que estava por cima dele, desejando saber, esperando.

Cade não tinha problema em admitir a estupidez de tentar sequer apanhar o louco bastardo, mas estava furioso. Essas fotos de Marly tinham elevado seu nível de fúria mais alto que o teto. Desejava matar o homem que se atreveu a violar sua vida dessa maneira.

Movendo-se furtivamente, Cade se aproximou do plano, com os olhos entrecerrados na escuridão, procurando algum sinal de movimento que lhe indicasse a posição do perseguidor. Não se via nada. As árvores e os arbustos circundantes estavam em silêncio. Nem sequer se ouvia o chamado dos pássaros, nem o canto dos grilos.

Pisando com cuidado, moveu-se para passar do pequeno grupo de árvores que corria perpendicularmente ao plano, esforçando-se por captar qualquer movimento. Algo. Não havia nada. Movendo-se cautelosamente, Cade estava girando para tentá-lo de outro ângulo, quando lascas de madeira voaram da árvore que tinha a suas costas. Quase instantaneamente, seguiu-o o agudo estampido de um rifle.

Cade se deixou cair no chão levantando seu próprio rifle, esforçando-se para encontrar abrigo entre as árvores e as pequenas rochas que cobriam o extremo mais baixo do plano. Os disparos continuaram soando, seguidos de perto por rondas de disparos efetuadas pelos vaqueiros que estavam mais abaixo.

Mas isso não evitava que as balas continuassem chegando em sua direção. Outra rocha foi estilhaçada em cima de sua cabeça, fazendo com que pedaços de rocha do tamanho de vasos caíssem a seu redor. Apontando ao azar para a área de onde vinham os disparos, Cade abriu fogo, disparando várias saraivadas, depois ficou de pé de um salto, e se dirigiu para uma árvore maior que estava a vários metros diante dele.

Quase tinha chegado quando uma bala o alcançou. Atirou-o para trás como se tivessem dado um murro no ombro, fazendo-o cair pesadamente sobre as costas. Sacudiu a cabeça com brutalidade, lutando contra a dor, levantou a arma e voltou a disparar.

— Chefe, está se movendo! — Gritou um dos vaqueiros.

Cade disparou outra vez enquanto ficava de joelhos com muito esforço, seguindo a veloz sombra que corria e desaparecia do outro lado da colina.

— Maldição, está escapando. — A voz de Brock estava cheia de fúria.

Movendo-se pesadamente, Cade ficou de pé, e sustentou o rifle em uma mão enquanto se movia o mais rápido que podia, para perseguir o atacante. Filho de puta, amaldiçoou. Não podia acreditar que o bastardo tivesse conseguido lhe acertar. Mas sentia o ombro e o peito como se uma pedra estivesse comprimindo-os e estivessem pegando fogo. Oh sim, o bastardo definitivamente

tinha conseguido atirar nele. A dor era como um animal roendo a carne viva.

Respirando com dificuldade, e com a adrenalina e a fúria agitando-se por seu corpo, Cade aproximou-se do atacante, as pernas levando-o para frente, mais rápido, apesar da arrebatadora agonia de seu ombro. Quando estava apenas a alguns metros dele, Cade lançou seu corpo para o homem em um arranco, do qual se orgulhou dez anos antes, mas que jurou que ia ser sua morte no momento em que se chocou contra o grande corpo.

Não houve tempo de desfrutar de seu êxito nem de gemer pela agonia. Segurando as longas pernas com os braços Cade conseguiu derrubá-lo. Mas um pé coberto por uma bota deu um poderoso chute no ombro ferido, o que fez com que o soltasse quando a dor se apoderou de seu cérebro com uma tremenda força. Outro agudo chute nas costelas não melhorou sua situação.

— Bastardo. — Grunhiu uma voz em cima dele. — Você a tocou. Agora vai morrer.

Cade piscou ante a pistola que ele apontava.

— Cade! — A voz de Brock ressonou da escuridão, um disparo reverberou ao redor da colina, e o atacante, decidindo não fazer caso à precaução antes que à fúria, deu-se novamente à fuga.

— Chefe, você está bem? — Um dos vaqueiros chegou rapidamente a seu lado.

— Maldição, Cade. Está ferido? — Acendeu-se uma lanterna, e a brilhante luz o cegou. — Dois dos rapazes o seguiram, mas tinha uma endemoninhada vantagem sobre nós.

Brock se ajoelhou a seu lado, examinando com os dedos a ferida de bala.

— Atravessou-me. — Ofegou Cade, apertando as costelas. — Mas juro que o filho da puta deve ter me quebrado as costelas com esse chute.

— Maldição. Marly vai se zangar por isso. — Amaldiçoou Brock sombriamente—. Só espera e verá, vai chutar seu cu por isso.

CAPÍTULO 18

Marly ficou em silêncio enquanto o Dr. Bennett tratava de Cade em seu quarto. Sentou-se na comprida e acolchoada poltrona perto da cama, observando como a ferida de bala era limpa e enfaixada, e suas costelas apalpadadas e comprovadas.

— Não há fraturas. — Disse Bennett. — Talvez uma fissura ou duas. Pense com calma, continuo achando que deveria ir ao hospital para fazer umas radiografias.

— Nada de radiografias, Doc. — Cade, ainda pálido pelo exame, sacudiu a cabeça — Só vou descansar aqui por um momento.

O Dr. Bennett sacudiu sua grisalha cabeça e os olhos de Marly se estreitaram enquanto olhava para Cade, Sam e depois Brock.

— Tremendo acidente. — Murmurou sacudindo a cabeça. — Pensei que fosse mais inteligente, Cade.

Pelo menos tinha a decência de parecer sem jeito, pensou friamente Marly. Embora a mentira que os três homens tinham tramado era na realidade inacreditável.

— Sim, bom... — Encontrou o olhar de Marly, e ela quase sorriu enquanto via a expressão preocupada de sua cara. — Esta merda passa, sabe?

O Dr. Bennett simplesmente grunhiu.

— Acredito que sim. — Murmurou o bom doutor, baixo, mas Marly captou suas palavras, como também o fez Cade.

Uma vez mais seu olhar se encontrou com o dela, tranqüilo e sondando, como se ela não

pudesse ver a mentira naquelas profundidades tempestuosas.

— Obrigado por me remendar, Doc. — Cade clareou garganta, rompendo o contato visual com Marly. — Eu sabia que podia contar com você.

— Só espere até a conta chegar. Me tirar da cama depois da meia-noite são horas extras, juvenzinho. Preciso dormir. — O doutor grunhiu, enquanto fechava a velha maleta negra que levava e chegava até a porta. — Vou para casa agora. Trata de se afastar de animais raivosos no futuro.

— Eu te acompanho, doutor. — Brock se moveu atrás do homem mais velho, e Marly notou que ele ainda não havia tirado a cartucheira que levava posta, ou a pistola guardada nela.

— Obrigado, jovem. Não te direi quantos desses insetos estão à espreita fora da porta de entrada. — A voz de doutor era definitivamente zombadora esta vez. Não lhes acreditava mais do que fazia Marly.

Marly olhou para Cade, e depois para Sam. Contemplou tranqüilamente o irmão menor, arqueando uma sobrancelha curiosamente enquanto ele começava a mover-se nervoso por seu escrutínio.

— Está se sentindo melhor, Marly? — A voz cansada de Cade desviou sua atenção de seu irmão de volta a ele.

— Um pouco. — Respondeu cuidadosamente. — A dor de cabeça já passou.

— Bom. — Ele fechou seus olhos, e depois os abriu outra vez. A injeção que o doutor tinha lhe dado estava começando a fazer efeito. — Estava preocupado com você.

— Sim, claro. — Inclinou sua cabeça, observando-o enquanto seus olhos se fechavam de cansaço.

Ela observou como suspirava profundamente.

— Está zangada. — Moveu-se incômodo na cama, fazendo uma careta pela dor em seu ombro e suas costelas. — Foi um acidente, Marly.

Marly deu um olhar para Sam, que se moveu nervosamente enquanto Cade falava. Ele estava de pé, apoiado no armário, olhando silenciosamente para Cade e Marly.

— Foi? — Perguntou a ele enquanto continuava olhando para Sam.

Sam evitou seu olhar, e os olhos de Marly se estreitaram. Sam era como um livro aberto para as mentiras que estavam tentando lhe contar. A única pergunta de Marly era porque estavam mentindo.

— Pare de tentar intimidar Sam, Marly. — Suspirou Cade.

— Deixa de tentar mentir para mim, Cade. — Inclinou-se para trás na cadeira uma vez mais, cruzando suas pernas e ajustando seu traje. — O que aconteceu lá fora?

Ele a olhou, seus olhos estavam pesados.

— Lobo.

— Meu cu. — soprou.

— Tem um traseiro formoso, querida. Tão bonito e apertado que é o bastante para fazer um homem gozar só pensando nele. — Marly suspirou de exasperação quando a voz de Cade soou rouca.

Era mais que óbvio que não obteria nada dele essa noite.

— Sam, vá ajudar Brock. — Cade deu uma olhada a seu irmão, e Marly viu o ponto de preocupação em sua expressão.

— Certo, Cade. — Sam assentiu, e depois olhou para Marly.

— Marly me manterá quente. — Cade acariciou a cama ao lado dele. — Vem carinho, preciso de você esta noite.

Sam piscou com a surpresa. Sacudiu sua cabeça e sorriu, saindo do quarto.

— Por favor, Marly — Cade suspirou quando ela se levantou, acendendo a luz da mesinha e apagando a brilhante luz alta. — Dorme comigo.

Marly tremeu com o som de sua voz, rouco e baixo, como um estrondo profundo, sensual. Atacou seu corpo como uma carícia física.

— Deveria descansar. — Estava de pé ao lado da cama, olhando seus olhos escurecerem, como nuvens pesadas acumulando-se para uma tormenta.

— Preciso te abraçar, Marly. — Suspirou. — Me ajude a me despir e vem aqui comigo.

Assinalou as meias $\frac{3}{4}$ e os jeans que usava. Marly olhou seu magro e duro estômago e tragou profundamente pela ereção em seu jeans. Umideceu os lábios, seu olhar voltando para seu rosto. Ruborizou quando tomou consciência de aonde tinham estado seus olhos.

— Vamos, Marly. — Com uma mão soltou seu cinturão, depois os botões da braguilha do jeans. — Me ajude a tirar isso. Vem aqui.

Marly se moveu lentamente, sua respiração quase um gemido quando exalou. Suas mãos agarraram a cintura de seu jeans, tirando-os devagar de seu corpo, arrastando a roupa de baixo cuidadosamente com eles.

— Deus, Marly. — Ele gemeu levemente quando os dedos dela se arrastaram para baixo por suas coxas. — Maldição, estou muito drogado para fazê-lo bem e só está piorando.

— Pobre bebê. — Suspirou ela quando atirou seu jeans no piso, e fazendo a sua roupa unir-se a dele. Cade suspirou duramente.

Estava nua agora, seus cabelos flutuando ao redor do corpo, tocando suas costas em uma forma que lhe permitia sentir-se sexy e viva. Seus seios estavam inchados, seus mamilos duros e em ponta. Ela o necessitava. Necessitava-o desesperadamente. E não havia nenhuma forma de que ele a pudesse tomar esta noite. A dor estava aliviando devido ao que o doutor lhe tinha injetado, mas ele sabia que não estava em forma para fazer o que queria fazer com Marly.

— Vem aqui. — Indicou-lhe seu lado quando ela jogou as mantas sobre ele.

Ela moveu-se para cama, duvidosa e insegura quando ele a aproximou mais a seu lado.

— Sinto muito, Marly, pelo outro dia. — Sussurrou contra seu cabelo. — Estava como um animal. Diabos, ainda estou. Estou tão quente por você, está me matando.

— Poderia ter feito amor comigo. — Ela disse tristemente. — A qualquer momento.

Cade suspirou duramente.

— Você não me conhece, Marly. É tão malditamente jovem e terna, e eu sou brusco, neném. Mais brusco do que imagina.

— Acha que não ouvi sobre suas aventuras Cade? Disse a você que o fiz. — Espetou ela, a raiva atravessando-a ao pensar nisso. — Me depilei ali porque ouvi a respeito de Lisa Gilmore, e como você a fez depilar-se, e a todas as mulheres com as quais se deitou. Escutei sobre as horas e horas nas que montou a suas mulheres, e as diferentes maneiras como as tomou. Acredite, Cade. Estavam mais que ansiosas de me deixar sabê-lo, especialmente quando cresci.

Ela o sentiu esticar-se a seu lado enquanto falava. Levantando, o olhou fixamente nos olhos.

— Acha que não fui mais que consciente do significado de onde seu dedo esteve outro dia? Acha que não sei o que queria? O que é o que vai querer se vier a sua cama? Soube durante anos, Cade.

A mão dele se enredou em seu cabelo quando ela olhou o rubor em sua face, seus olhos fazendo-se mais pesados. Lentamente a atraiu para si, até que seus lábios quase se tocaram.

— Vou fodê-la aí. É isso o que quer, Marly? E não parar aí. Não haverá volta à escola, nem noites só de garotas, nem paquerar com outros homens, nada a não ser eu transado-a dia após dia, noite após noite. Entende isso?

Seu estômago se esticou, as coxas se enfraqueceram ao pensar nisso.

— Não aceitarei um não como resposta quando quiser algo sexual, neném. — Sussurrou energicamente. — Disse que era rude, e estava falando sério. Não vou te ferir deliberadamente, mas não sou um amante de virgens. Destruirei sua inocência, não somente sua virgindade.

— Não acha que já isso no chão do estábulo, Cade? — Estava respirando com dificuldade quando seu fôlego acariciou seus lábios. — Considerou aquilo romântico?

— Tão romântico como sou eu. — Grunhiu. — Luz de velas e sua boca me sugando como se estivesse morrendo de fome é minha grande idéia de romance. Isso ou minha boca em você, lambendo cada gota de mel que possa encontrar entre suas pequenas e suaves coxas.

Marly ofegou, o calor queimando em seu corpo enquanto suas palavras a acariciavam. Podia sentir seu corpo preparando-se, esquentando-se e molhando-se enquanto a necessidade fluía nela.

— Não está em condições...

— Maldito doutor e suas injeções. — Murmurou sonolentemente. — Se não estivesse preparado para desfalecer, Marly, iria te mostrar o que quero.

Marly tremeu pela ameaça sensual de sua voz. Deitada ao seu lado, sentindo seu corpo quente e tenso, sabendo quão duro que estava, era a pior tortura em que podia pensar. Só uma parte do sonho, sua mente sussurrou, necessitava-o tudo.

— Posso esperar. — Estava respirando com dificuldade, seu corpo zumbindo de desejo. Entre suas coxas, podia sentir a umidade crescente em sua carne nua.

— Está molhada para mim, Marly? — Seus braços dobraram-se debaixo de seu pescoço, os dedos afundando-se em seu cabelo.

— Não, Cade. — Sussurrou fracamente. — Preciso muito de você.

— Como precisei de você semana passada. Com tanta força que quase arrebentou meu jeans, e de que forma estava passeando esse lindo pequeno traseiro por toda a casa? — Sua voz soava torturada.

— Estava preparada. E disposta. — Recordou asperamente.

— Diabos, e vou estar dormido em cinco minutos. — Suspirou duramente.

Marly sorriu pelo desgosto em seu tom, apesar do calor que seu corpo irradiava.

— Vai dormir então. Ambos estamos cansados. Talvez amanhã me conte o que realmente aconteceu esta noite.

Seu grande corpo se esticou.

— Esse lobo é perigoso, Marly. — Murmurou, sua voz tão escura e atormentada que ela tremeu. — Fique perto da casa, e não saia mais sozinha.

— Um lobo não entraria nos terrenos do rancho, Cade. — Ela recordou.

— Um lobo raivoso aparece em qualquer parte. — Murmurou. — Só faça o que estou pedindo. Só por agora.

Marly franziu o cenho. Havia mais além desse lobo e ela sabia. Mas também sabia que Cade ainda não estava preparado para lhe dizer o que estava acontecendo de verdade.

— Ouviu o que eu disse, Marly? — Sua voz era lenta, quase mal pronunciada quando o sono o apanhou.

— Ouvi, Cade. — Disse suavemente. — Vá dormir, falaremos disso na manhã.

Estava dolorido, excitado e zangado. Cade estava de pé nas portas francesas de seu estúdio, e escutou Sam e Brock discutindo atrás dele.

— Não tinha que chamá-los. — Brock cuspiu furiosamente, não pela primeira vez. — Podemos cuidar disso nós mesmos.

— Sim, claro, cuidou muito bem ontem à noite. — Assegurou Sam sarcasticamente. — Dispararam em Cade, você torceu o tornozelo, e o bastardo escapou sem sequer saber quem era.

— Estava escuro... — começou Brock.

— Foi uma maldita e estúpida jogada, e sabe disso. — Disse Sam, furioso. — Não estamos treinados para algo assim. Precisamos de ajuda.

Fúria. Palpitou entre os três, um remanescente, não só pelo perigo da noite anterior, mas sim pelo passado. Já não havia mais a ilusão de controle. Deslizou-se perigosamente entre seus dedos. Tinham que encontrar seu caminho na estabilidade estruturada que tinham construído para eles mesmos.

— Tem razão, Sam. — Cade deu volta das portas e confrontou a seus irmãos. — Precisamos nos concentrar em proteger Marly. Isso significa alguém treinado em encontrar bastardos, como isto requer. Não podemos lutar sozinhos.

Olhou Brock grunhir uma obscenidade.

— Quando estarão aqui? — Perguntou a Sam.

— Amanhã. — Disse Sam, aliviado. — Falei com seus chefes esta manhã. Seus nomes são...

— Rick e Tara Glaston. — rugiu Brock.

Cade jogou uma olhada para Brock, sabendo que sua fúria estava dirigida à situação, não aos guarda-costas.

— Quero ocultar isto de Marly. — Advertiu Cade aos dois, seriamente. — Sam, encontre-se com eles antes de que cheguem ao rancho, não me importa onde. São amigos e só estão de visita. Não quero que Marly saiba que diabos são.

Sam pôs os olhos em branco.

— Cade, não podemos lhe esconder isto. — Advertiu sigilosamente. — Marly não é estúpida.

— Eu me ocupo de Marly, e sou mais que consciente de que não é estúpida. Quero-a protegida disto.

— Crê que ela não sabe que estamos mentindo sobre o maldito lobo? — Disse Sam. — Fala sério...

— Já me ouviu. — Moveu-se lentamente de volta a seu escritório, obrigando-se a ir devagar.

— E a respeito de seu quarto? — Perguntou Brock. — Tem uma vista direta a seu quarto de diferentes ângulos. E Marly tem essas condenadas cortinas abertas nas portas de seu balcão.

— Não mais. — Cade se inclinou para trás em sua cadeira, fatigosamente. — Ela dormirá comigo. Ficará comigo. Ela é minha agora.

O silêncio se espessou no quarto. Cade sabia que os outros dois homens conheciam bem as implicações dessa declaração. Moveu os dedos através de seu cabelo e suspirou cansadamente.

— Uh, Cade... — Se aventurou Sam.

Cade lhe dirigiu um olhar de advertência.

— Vocês dois estavam muito empenhados em me convencer de quanto a queria. Bom, tinham razão. Queria-a e ainda a quero. Começando hoje, Marly se inteirará de quanto.

Não era uma decisão com a qual estivesse totalmente cômodo. Para ser honesto, transformar-se no amante de Marly o assustava tremendamente. Estava aterrorizado de tomá-la, mantendo um equilíbrio que não estava seguro de poder manter. Amava-a, amava-a o suficiente para tentar dar o que ela necessitava primeiro, e para rezar a Deus que nada o empurrasse a essa fina borda que separava o homem do monstro.

Viu o Brock e Sam intercambiar um expressivo olhar. Eles também entendiam, e Cade era furiosamente consciente do fato que eles tinham estado pensando com muita ilusão essa probabilidade por um tempo.

— Ela é minha. Sem jogos. — Advertiu os dois tranqüilamente. — Não pode dirigi-los, e não vou forçá-la. Darei o que necessita pelo tempo que eu conseguir. Depois, será decisão de Marly.

A decisão de Marly. Queria morder língua, porque na verdade, podia não ter a força para lhe

dar essa decisão. Marly tinha ouvido contos de sua sexualidade, mas não o mais explícito. Malditas histórias que só faziam alusão à verdade de um estilo de vida que compartilhava com seus irmãos.

Fizeram um pacto há anos atrás; tinham-no jurado, e verdade seja dita, achavam grande prazer nisso. Era estimulante ver uma mulher que tinha reclamado ser tocada pelos irmãos que amava. Compartilhando a máxima intimidade de levar uma mulher à culminação juntos, com frequência, apesar de sua vacilação em aceitar. Cade nunca tinha questionado esse aspecto de suas vidas sexuais, até agora. Tinha protegido Marly disso toda sua vida, e sabia que ela nunca aceitaria o ato de afirmar seu laço com seus irmãos nessa forma. Ela nunca deitaria diante dos três, aceitando o prazer que poderiam lhe brindar a seu corpo.

Ela via o amor na bruma branca e preta de necessidade sexual e possessividade. Não que Cade não fosse possessivo. Mataria a qualquer homem, a parte de seus irmãos, se atrevessem a tocá-la. Mas o pensamento de vê-la, aturdida e cheia de luxúria, o único recipiente de amor, não só para ela, mas para cada um deles, era quase mais do que ele poderia suportar. Era também algo que sabia que sempre lhe seria negado com Marly.

— Marly não é tão tímida como acha, Cade. — Expressou Brock tranqüilamente, sua voz baixa e carregada com excitação.

Cade moveu sua cabeça.

— Não, Brock. Não farei isso com ela. Não posso suportar o pensamento de seu horror, se o tentar. Não estará conosco por muito tempo, me deixe tê-la enquanto posso.

Os outros homens baixaram suas cabeças. Sabiam que o amor de Cade por Marly era mais profundo que os seus. Ela era amada, desejada e necessitada pelos três. Mas ela era o amor de Cade

— Onde ela está agora? — Perguntou finalmente Sam.

— Dormindo. Ficou acordada a maior parte da noite depois da maldita injeção que me deu Bennett. Foi finalmente a dormir depois de que despertei. — Encolhida em sua cama, o cabelo enredado ao redor de seu corpo como pura seda. Teve que lutar para controlar o impulso de até ela agora.

— Então, o que fazemos a partir de agora? — Perguntou-lhe lentamente Sam.

— Mantemos Marly a salvo e deixamos a seus comandos fazer seu trabalho. — Disse Cade firmemente. — Os três ficaremos o mais perto da casa que possamos, e nos asseguramos que o bastardo não se aproxime dela.

Cade podia sentir o medo por ela avançando por seu corpo. Apoiou a cabeça atrás contra a cadeira. Fechando os olhos e brigando com a necessidade de tomá-la e fugir. De levá-la o mais longe possível do rancho e do perigo que sentia aproximando-se dela.

— Cade, vai devagar com ela. — Disse Sam cuidadosamente, sua preocupação por Marly aumentada, agora que Cade tinha tomado a decisão de levá-la a sua cama.

— Muito tarde, Sam. — Sacudiu a cabeça cansadamente. — Droga, homem. — Abriu os olhos, olhando-o com um ponto de cólera. — Ela é muito inocente para isto. Para mim. Mas é o que ela quer, e você ajudou a empurrá-la para mim. Agora os dois podem viver com isso.

Levantou-se de sua cadeira, armando-se de coragem e fazendo retroceder sua própria preocupação.

— Agora vão embora daqui. Vejam os rapazes que deixamos nessa maldita colina e se assegure de que estão bem. Quero saber imediatamente se virem algo. Mantenham o helicóptero preparado e fique alerta. Quero esse bastardo no minuto em que colocar a cabeça para fora de qualquer buraco no que esteja se escondendo.

— Não voltou para a cabana. Bret ainda está lá, e não viu nada até agora. — Brock moveu

sua cabeça. — De alguma forma o bastardo sabe que vamos atrás dele.

— Chame Bret. Diga-lhe que reúna as malditas fotos e venha para cá. Melhor até, você e Sam vão no helicóptero e o recolhem. Tragam as fotos vocês mesmos. Não quero nenhum risco desnecessário. Sabe que sabemos a respeito dele. Isso o deixará mais perigoso. — Cade se levantou, caminhando ao redor de seu escritório. — A casa está fechada, assegurem-se de fechar a porta principal quando saírem.

Não havia confusão em seu tom de voz, e Cade sabia. Tinha sido empurrado muito longe, tentado muito tempo, e agora seu medo por Marly estava no limite. Havia só uma forma de atá-la a ele, de estar seguro de que ficaria a seu lado aonde pudesse protegê-la.

— Cade — disse Sam, duvidoso. — Cuide dela.

Deteve-se, olhando a seu irmão por um comprido e tenso momento.

— Sempre tomei cuidado com ela, Sam, porque a amo. É a única razão pela que nunca a tomei quando cresceu. É muito tarde para advertências agora.

Saiu rapidamente do quarto, seu corpo o conduzindo para Marly, seu desejo por ela alcançando o limite. Necessitava-a. Tomaria. E o faria agora.

CAPÍTULO 19

Estava excitado, quase mais à frente do sofrimento, e Cade sabia. Além disso, conhecia si mesmo e seus desejos. Muitos podiam ser controlados, mas havia muitos outros que não podiam. Era extremamente dominante sexualmente. Exigia, não, necessitava submissão, sem importar a demanda que fizesse. Também era altamente sexual ao ponto que freqüentemente montava suas amantes durante horas. Sua primeira ejaculação podia simplesmente preparar a necessidade de outra.

Dirigiu-se a seu quarto, fechando a porta atrás dele e passando o fecho. Marly ainda estava dormindo, o que era bom no momento. Excitaria-a antes de despertá-la, mantendo-a relaxada, assegurando-se de que não se assustasse antes que ele tomasse. Não desejava machucá-la, mas nunca tinha tomado uma virgem, e o pensamento de tomar a inocência de Marly fez suar as palmas da sua mão.

Ela tinha chutado as mantas, afastando-as de seu corpo, exibindo-se para seu fixo e impaciente olhar. Seus seios eram plenos e duros, seus mamilos firmes pelo frio do ar condicionado do quarto. Sua mão descansava contra o estômago liso, a união de suas coxas separadas, permitindo que vislumbasse a pálida perfeição de seu corpo nu.

Ele ficou com a boca cheia de água, suas mãos se apertaram em punhos ante a vista dela. Seu pênis palpitou, exigindo aliviar-se. Lentamente se despiu, observando-a cuidadosamente, com impaciência. Ele tinha se negado durante dois anos, sabendo profundamente em seu interior quão desesperadamente a desejava. Joe tinha tido razão em sua acusação de que não havia nada que Cade desejasse mais que transar. E Cade raramente se negava algo a si mesmo quando o necessitava tão intensamente.

Nu, com o corpo duro, exigindo ação, dirigiu-se a rápidas pernadas para a cama. Ignorando a agora pequena dor de suas costelas, e da ferida de seu ombro, colocou-se a seu lado, delineando-se cuidadosamente contra seu corpo. Hoje, Marly se transformaria em sua amante.

O sonho tinha retornado, vivo e quente, torturando-a com sua necessidade. Os lábios de Marly se abriram sob o áspero grunhido de Cade, sua boca aceitando o suave arremesso de sua

língua enquanto ele a beijava. Seus lábios a devoravam enquanto a beijava, fazendo-a arquear-se contra ele, com sua pele sensibilizando-se, seu corpo esquentando-se pelo desejo. Dirigiu as mãos para seus ombros, sentindo seus lisos e duros músculos sob a pele, cravando as unhas neles. Ela gemeu asperamente, lutando para aproximar-se, aprofundando seu beijo, endurecendo-o. Ela o desejou como tinha ouvido que era. Um demônio, beijos quentes e aditivos, um toque exigente.

— Tão doce como um caramelo. — Ouviu seu gemido, enquanto finalmente dava o que ela desejava.

Seus lábios devastaram os seus enquanto se erguia sobre ela, sua língua um guerreiro conquistador enquanto capturava a sua. Mordiscou-lhe os lábios, os lambeu, chupou sua língua para sua própria boca enquanto suas mãos a enlouqueciam.

As mãos embalavam seus seios, seus dedos beliscaram os mamilos, brincando com eles, deixando-a louca com os quentes brilhos que se cravavam entre suas coxas, lhe fazendo arquear-se para aproximar-se da coxa que se cunhou repentinamente entre as suas.

— Sim. — Sua voz era um assobio de aprovação enquanto gemia pelas carícias.

Seus lábios abandonaram os dela para percorrer o pescoço, os dentes lhe arranhando a carne enquanto seus lábios e sua língua a faziam gritar pelas sensações que produziam. Os olhos de Marly se abriram lentamente, dando-se conta que não era um amante de sonhos que mordida sua pele, lambendo a pequena ferida suavemente. Era Cade, diferente de como ela o tinha conhecido sempre.

Seu corpo grande se apoiava contra ela, uma grossa e musculosa coxa pressionada firmemente entre suas pernas, enquanto ela o montava languidamente. Podia sentir a umidade do desejo que gotejava de seu corpo e cobria também sua carne.

— Cade? — Suas unhas cravaram em seus ombros enquanto os lábios se moviam para o seio, a língua golpeando o mamilo com rápidas e quentes passadas.

— Não posso esperar mais, Marly. — Ofegou ele contra seu mamilo, apertando-se contra ela brevemente, enquanto ela gritava.

O coração dela pulsava duramente, fora de controle. Suas coxas se apertaram, lhe rodeando, seus quadris se arqueavam contra ele, enquanto pulso atrás pulso de necessidade atormentava o interior de seu corpo. Seus lábios brincavam com os seios, bebendo deles, sugando-os firmemente nas ardentes profundidades de sua boca.

Marly só podia arquear-se para aproximar-se mais, pressionando as doloridas pontas de carne em sua boca. Sua cabeça se sacudia no travesseiro, enquanto as sensações assaltavam seu corpo, uma atrás da outra, muito rápidas para compreendê-las ou lhes encontrar sentido.

— Cade? — Ela pronunciou seu nome com um fio de medo. Precisava controlar sua respiração, para encontrar sentido à dolorosa tensão entre suas coxas e ao fogo que atravessava seu sistema como nada que ela tivesse conhecido antes.

— Está tudo bem, Marly — Murmurou ele contra seu estômago enquanto se movia para baixo. — Não quero te ferir, pequena. Juro que não quero te ferir. Mas não lute contra mim. Não lute contra mim, ou pode ser mais de que possamos dirigir.

“Ele gosta de sexo duro, é o que diz minha irmã.” As palavras a obcecaram enquanto as mãos dele agarravam seus quadris, os dentes lhe mordiscando a lisa pele de seu estômago. “Ela diz que fica louco se opuser a algo que ele deseja. Faz tomá-lo e faz com que o ame. Gosta quando ela luta contra ele. Ela diz que o faz ficar mais duro, faz montá-la eternamente. Como um animal.”

O medo patinou sob a quente necessidade que ele riscava em seu corpo. Não lhe dava tempo de assimilar as sensações. De controlar seu corpo.

Ela gritou seu nome quando sua boca de repente cobriu seu clitóris. Ele o atraiu rapidamente a sua boca, a língua batendo as asas sobre ele com ligeiros e rápidos golpes que a lançaram

imediatamente ao orgasmo. E não se deteve. Apesar da sensibilidade próxima à dor que atacou seu ardente nó de nervos, ele manteve o vibrante assalto sobre ela, sustentando seus quadris entre as mãos, enquanto se amamentava dela ao mesmo tempo em que a acariciava.

Ela afastou sua cabeça, derrubando-se contra a cama enquanto lutava por escapar do emergente inferno que ele estava impondo. Ele grunhiu, o som vibrou contra seu clitóris enquanto segurava os quadris em seu lugar, sua boca não a liberando nem por um momento da tortura.

— Não! — Gritou ela contra a destrutiva intensidade da sensação.

“Ela disse que nunca dissesse que não, porque te faria tomá-lo. Excita-o tanto que fica louco.” As palavras golpearam sua mente enquanto o assalto aumentava, e Marly sentiu seu sangue palpitando no clitóris, sua boca a trabalhava, destruindo-a. Ele estava absorto, concentrado e fora de controle. Quando o segundo orgasmo a golpeou, seu gemido ecoou a seu redor, então ela gritou outra vez quando sua boca mergulhou na pequena fenda de entrada a seu corpo.

A língua empurrou em sua vagina, enquanto ele sustentava os quadris arqueados contra sua boca. Grunhidos de prazer pulsavam contra ela enquanto sua língua extraía a escorregadia calidez, a boca chupando-a duramente. Ela se retorceu sob seu agarre, a luxúria rasgando-a até que a atemorizou. Ainda não. Não outra vez. Voava muito alto; quebraria-se sob sua boca se ele a para...

O impulso de sua língua a jogou em outra pulsante dimensão de sensações. Ela podia sentir a escorregadia essência de seu orgasmo fluindo de seu corpo, na boca dele. Cobria a nua carne de sua virilha, e o interior de suas coxas, fazendo que os lábios e as bochechas dele se deslizassem contra ela com veemência, sem nenhuma barreira entre seu desejo voraz e sua carne.

Então ele se elevou sobre ela, lhe separando as coxas. Seus olhos se encontraram, e ela gritou fracamente. Suas pupilas eram quase negras, a cara vermelha e úmida por sua culminação.

— Agora. — Grunhiu ele.

Ela sentiu a grossa cabeça de seu membro alojando-se em sua entrada.

— Me diga que não. — Sussurrou ele asperamente, com os dentes apertados, sua expressão tão carnal quanto o pecado.

— Cade. — Sua cabeça se retorcia fracamente contra os lençóis, o suor cobria sua pele, que brilhava contra a dele enquanto alojava a cabeça da ereção em sua entrada apertada

Ela sentiu sua vagina alargar-se incrivelmente, e seus olhos se abriram enquanto ele chegava ao ponto no que quase a possuía.

— Está tão apertada a meu redor. — Sua voz era gutural enquanto seus dedos foram aonde os lábios de sua virilha flamejavam, rodeando sua ereção. — Me peça para te comer.

Seus olhos se obscureceram mais enquanto o ordenava.

Marly estava respirando com dificuldade, piscando, olhando para cima enquanto ele baixava o olhar para ela.

— Cade. — Sua voz era um protesto.

— Eu a adverti. — Sussurrou ele duramente. — Eu te avisei sobre isso, Marly. Agora me diga isso, me pede para te comer. Diga: “Me come, Cade. Duramente”. Diga-o agora, Marly.

Sua voz era tão áspera e rouca que não soava dele. Então suas mãos se dirigiram a seus seios, seus dedos aferraram seus mamilos eroticamente enquanto se sacudia contra ela.

— Diga. — Exigiu. — Agora, Marly.

— Me come, Cade. Duro. — Sua cabeça caiu para trás enquanto a respiração abandonava seu corpo.

Seu membro inundou nela, rasgando seu hímen, afundando-se com fúria até o punho, enquanto as palavras saíam da boca dela. Marly não podia respirar pelo prazer. Seus músculos interiores apertavam e pulsavam na carne dele, estirando-se ao extremo para aceitá-lo,

protestando pela intrusão com uma dentada de dor que quase a fez culminar nesse ponto.

Cade se arqueou sobre ela, segurando seus braços nos ombros, enquanto inclinava a cabeça para ela. Sua língua transpassou a boca enquanto seus quadris começavam um duro ritmo de impulso que fez ofegar por respirar, pela liberação. Estava matando-a. As poderosas estocadas se introduziam em seu corpo uma e outra vez, levando-a mais perto, muito mais perto da morte. O orgasmo a mataria. Nenhuma mulher podia ser levada a tal prazer. Não podia suportá-lo. Ainda não.

Ela começou a lutar contra ele. Cravou-lhe as unhas nos ombros enquanto corcoveava contra ele, afastando a boca da sua, incapaz de controlar-se a si mesmo, a seu corpo, ou à mistura de medo/prazer que a rasgava.

Ele afastou as mãos de sua carne, afundando-se nela mais duramente enquanto a fixava de repente contra o colchão, sustentando-as ali. Sua boca baixou a seu pescoço enquanto a penetrava energicamente, mas ainda assim impedindo sua liberação, conduzindo-a mais alto, mais duro.

— Não. Não, Cade! — Gritou ela enquanto ele controlava seu agitado corpo.

— Não lute comigo, Marly. — Seu grunhido foi uma prece atormentada. — Por favor, pequena, não lute comigo agora.

Suas palavras mal ficaram registradas enquanto ela sentia sua carne interior aferrando-o, esquentando-se, fundindo-se, um prazer doloroso diferente a nada que ela tivesse conhecido incorporando seu corpo enquanto lutava por respirar. E ela lutou contra ele, lutou contra o prazer e o crescente vórtice que absorvia seu corpo.

— Não lute comigo. — Ele ficou de joelhos, sua face uma máscara de atormentado desejo enquanto empurrava suas coxas mais duramente contra ela, levando seu membro tão dentro que ela sentiu como se estivesse alojando-se em seu estômago mais que em sua vagina. — Maldição, não lute comigo.

Ele manteve suas coxas separadas, ignorando seus esforços, suas ofegantes súplicas enquanto o suor caía por seu corpo, e sua vagina pulsava rodeando o penetrante pênis que a possuía.

Estava acontecendo. Ia morrer. Marly lutou contra isso. Cravou-lhe as unhas nos braços, arranhando sua carne enquanto lutava para afastar-se, enquanto se retorcia sob as estocadas do pênis. Quando ocorreu, não pôde gritar. Não pôde se mover, só pôde ofegar, com a vista obscurecida enquanto a explosão rasgava seu corpo. Ouviu Cade gritar, mas só a pulsante carne entre suas coxas demandava sua atenção. A involuntária tensão de sua carne rodeando sua penetrante ereção, o agudo, doloroso orgasmo que não pôde parar.

Ela estava gozando. Cade se impulsionou para sua própria liberação quando sentiu os espasmos de seu corpo, a contínua fervura de seu orgasmo ao longo de sua carne ardente. Os múltiplos orgasmos que rasgavam seu corpo foram muito para ela. Estava aturdida, perplexa enquanto ele tentava segurá-la. Estremeceu contra ele, pulso atrás de pulso de sua rica nata banhando-o. Finalmente, com um último duro empurre na ardente e tensa profundidade de sua lustrosa carne sentiu seu esperma fazendo erupção de seu corpo, bombardeando-a com seu quente e espesso alívio.

Ela ofegou, sofreu um espasmo de novo, depois outra vez, e se deixou cair.

Cade respirava asperamente e se derrubou sobre ela. Seu membro ia perdendo lentamente sua desesperada rigidez, enquanto sua vagina tremia, rodeando-o. Ele se retirou lentamente, fazendo uma careta pelo prazer de sentir sua tensa carne deslizando-se sobre ele. Marly estava exausta debaixo dele, sua respiração saindo e entrando de seu corpo enquanto ficava inconsciente debaixo dele.

— Merda. — Murmurou ele, enxaguando o suor de suas sobrancelhas enquanto seu corpo se sacudia por sua própria liberação.

Nunca tinha sido tão bom. Nunca, em todos os anos de façanhas sexuais, um orgasmo como este tinha atravessado seu corpo. Repentinamente esgotado, os arranhões em seus braços e ombros das unhas de Marly pulsavam como símbolo de coragem, fez uma careta lenta e se deitou junto a ela. Agarrou-a entre seus braços, cobriu ambos com as mantas e lutou por recuperar sua própria respiração.

Sentia-se exultante. O sangue corria por suas veias, lhe dando mais energia em vez de cansaço. Seu membro estava flácido agora, saciado pela dura ejaculação que tinha experimentado. Mas não podia esperar para tocá-la de novo. Cade sabia que no momento em que lhe fizesse caso estaria grosso e palpitante outra vez, preparado para penetrá-la até que gritasse por mais. Maldição, não podia esperar que ela aprendesse como controlar a intensidade do desejo, e gritasse por mais.

Fechou seus olhos, afastando esses pensamentos. Ela dormiria um pouco, e quando despertasse, duvidava seriamente que estivesse pronta para mais. Estaria indecisa, teria que convencê-la de tomá-lo outra vez, de expor-se ao quente corrente de prazer que destruía seu controle. Esperava-o com impaciência. Custava-lhe esperar.

Marly despertou lentamente, espiando através de suas pestanas e vendo a marca na cama a seu lado. Respirou com tremendo alívio. Foi-se. Lambeu seus avultados lábios lentamente, sentindo-os sensíveis, assim como sentia o resto de seu corpo. Doía-lhe entre as pernas, os seios. Fechou os olhos de novo, tragando tensamente. Não tinha esperado a sensação, a intensidade do prazer que bordeava com a dor. Não o tinha esperado, e não estava segura de podê-lo dirigir de novo.

— Seu banho está pronto. — A voz de Cade era como um suave veludo negro, e arrancou um grito sufocado de seus lábios.

Apertou as mantas contra seus seios e girou a cabeça lentamente. Estava apoiado contra o marco da porta do banheiro, vestido com jeans de cintura baixa, sua ereção pulsando sob o material. Seus olhos se obscureceram, baixando as pálpebras pesadamente e observando-a cuidadosamente.

Lambeu os lábios de novo, então quase desmaiou quando seu olhar brilhou com intensidade, seguindo o movimento.

— Tomo banho depois. — sussurrou ela.

Ele sacudiu a cabeça lentamente.

— Está dolorida, Marly. E atemorizada agora. Juro que não tenho intenções de tomar de novo por um tempo. Só quero te ajudar.

Caminhou para ela, fazendo que seu coração pulsasse rapidamente com o lento, ondulante caminhar. Maldição, era muito sexy.

— Quero dormir mais.

Não queria estar nua diante dele. Não queria tentá-lo.

— Não, não quer. — Afastou as mantas, ignorando seu agarre enquanto as separava de suas mãos. — Vamos agora. Não lute comigo. Não agora, pequena.

Sua voz se fez mais profunda, o músculo de sua mandíbula contraindo-se furioso enquanto baixava o olhar a sua nudez. Olhando-o com angústia, Marly permitiu tirá-la da cama, mal ocultando seu medo enquanto suas coxas protestavam por cada movimento. Recordava suas duras mãos sustentando-a, suas estocadas dentro dela, e tremeu pelas lembranças. Muito. Tinha sido muito prazer, muitas sensações acumulando-se dentro de seu corpo sem lhe facilitar, sem lhe

dar tempo para assimilar.

— Não quero tomar banho agora. — Protestou enquanto ele a agarrava em seus braços e começava a levá-la para o banheiro. — Posso tomar banho em meu quarto, Cade.

— Este é seu quarto agora. — Sentou-a em frente da enorme banheira afundada, com borbulhante água quente.

Seus olhos se elevaram ante sua alarmante declaração enquanto ele recolhia o cabelo, enroscando-o sobre sua cabeça e prendendo-o ali com um grosso broche.

— Não ... — Ela sacudiu a cabeça em protesto.

Os lábios de Cade se curvaram sensualmente por sua reação instintiva, e ela viu a excitação que brilhou em seus olhos. Ela se estremeceu em resposta, seus mamilos se endureceram enquanto seus olhos se deslizavam sobre eles.

— Sim, Marly. Minha mulher dorme em meu quarto, em minha cama e se banha em meu banheiro. É simples assim. — Explicou com firmeza.

— As outras não o fizeram. — Ela sacudiu a cabeça, a confusão corria através de seu corpo.

— As outras não eram minha mulher, Marly. — Ele disse gentilmente. — Era sexo. Encontravam um alívio. Isso era tudo. Adverti você sobre o que estava pedindo. Não pode dizer que não te preparei.

A ternura subentendida em sua voz trouxe lágrimas a seus olhos que se negou a derramar. Seu corpo pulsava por ele, mas estava aterrada das sensações que se construiriam com ele.

— Vamos. À banheira, depois jantará. Nada mais jogos por agora, prometo isso. Sei que está dolorida, Marly. — Ele estendeu a mão, seus dedos acariciaram sua bochecha com um toque gentil.

Meteu-a na banheira, empurrando-a para trás até que ficou reclinada contra a borda da banheira. A deliciosa calidez da água corria sobre seu dolorido corpo, e lambia seus inchados seios. Seus mamilos estavam tão duros que lhe doíam.

— Ainda me deseja. — Ele sorriu enquanto seus dedos acariciavam um dos pequenos pontos duros com um suave movimento.

Marly fechou os olhos com um gemido. Estava muito sensível. Seu corpo estava lesionado e preparado, mas seus temores a rodearam.

— Sente-se e fique aí um momento. — Separou-se dela, fazendo um suave suspiro de alívio sair de seus lábios. — Coloquei uma dose extra de sais, e também azeite relaxante. Vai se sentir melhor quando sair.

— Tenho medo, Cade. — Não pôde deter as palavras. Os medos.

Ele suspirou asperamente e se ajoelhou junto à banheira, apoiando-se na borda enquanto a olhava.

— Sei que tem. Sabia que teria. — Fez uma careta. — O medo irá com o tempo, Marly. É tudo o que posso te dizer. Não te deixarei agora. Não posso. Não há nada que possamos fazer, mas passaremos este período de aprendizagem juntos, da melhor forma que possamos.

— Não posso tomá-lo de novo. — Ela se estremeceu, recordando o violento prazer que atravessou seu corpo. — É muito.

— Nem sequer está perto de ser suficiente. — Negou ele suavemente. — E você tomará, pequena, logo que esteja restabelecida. Sempre que achar que está preparada. E nunca será mais fácil, só menos atemorizante. É tudo o que posso te dizer.

Lhe acariciou a bochecha com os dedos, inclinou-se para aproximar-se e beijou a bochecha com um ligeiro, reconfortante toque.

— Suas roupas estarão na cama quando sair. Vista-se e desça para jantar. Estarei te esperando.

Havia muito significado naquelas últimas palavras, mas Marly não foi capaz de decifrar a mensagem. Ela somente rezava para que ele não se desse conta de que tinha medo do que ele tinha feito. Suspirou asperamente, afundou os ombros na água, e começou a reconsiderar Cade como amante.

CAPITULO 20

As roupas que Cade tinha ordenado teriam sido uma das escolhas de Marly, se ainda tentasse seduzi-lo. Uma calcinha de seda preta, um vestido tubo de seda preto, curto e ajustado, que por diante roçava a parte superior de seus seios, nas costas tinha um profundo decote, e fazia que Marly se sentisse como um milhão de dólares. Meias transparentes de seda preta com cintas-liga e seus sapatos pretos de salto favoritos completavam o traje. Parecia um anjo escuro quando terminou, com o cabelo caindo em cachos longos e alvoroçados pela metade de suas costas.

Alisou o vestido nos quadris, parando diante do espelho de corpo inteiro que de algum modo tinham levado de seu quarto para o de Cade. Suspirou. Suas roupas enchiam seu armário também, e sua penteadeira. Ele tinha estado ocupado enquanto ela dormia. Não estava segura de se preocupava muito com o arrogante método que demonstrava.

Ele estava tomando o completo controle dela agora, e não gostava de muito. Não lhe importava que já tivesse advertido que o faria, ela não era uma menina para ser ordenada, tampouco era tão total que lhe daria com gosto o controle total sobre tudo. Tiritou, recordando o controle que tinha exercido sobre ela na cama. Não podia lutar contra isso, e sabia. Pela primeira vez desde que começou sua campanha de sedução, duvidava de si mesma. Não era o bastante experiente para conduzir Cade, e sabia.

— Pare de se preocupar tanto, Marly. — Ele deslizou no quarto silenciosamente, e agora estava parado observando-a com esse atento olhar escuro que fazia que seu estômago se apertasse espasmodicamente.

Ela tragou profundamente enquanto ele ia para ela. Estava vestido com jeans outra vez, uma camisa cinza de algodão, e botas. E estava excitado. Ela fechou os olhos enquanto ele ficava atrás, afastando o cabelo do pescoço para depositar um beijo. Tremeu ante sua carícia.

— Você é linda. — Seus olhares se encontraram no espelho, e Marly mal conteve um gemido de pura comoção enquanto lhe percorria o corpo com o olhar. — Absolutamente linda.

As mãos se moveram lentamente por seus braços nus, fazendo sua respiração mais difícil. Ela não podia falar. Queria. Queria protestar pelo repentino calor que explodia no estômago, a ereção que podia sentir apertada contra suas costas enquanto ele se inclinava mais perto.

— O jantar está pronto. Marie cozinhou para nós e deixou tudo no forno para nós antes de ir. Os rapazes estão fora esta noite e temos a casa para nós. — Olhou-a enquanto falava, e Marly soube que estava valorando seu silêncio, sua expressão, tudo.

— Aonde foram? — Sua respiração se entupiu na garganta quando os lábios começaram a acariciar o pescoço outra vez e as mãos lhe agarraram os quadris, empurrando-a mais perto contra ele.

— Hmm. Quem sabe com esses dois? — Marly olhou enquanto seus olhos se fechavam, a boca movendo-se na união de seu pescoço e ombro.

— Cade. — O pescoço se arqueou apesar de suas melhores intenções enquanto os dentes beliscavam a pele, mandando calor por seu corpo.

— Shh, só é um beijo. — Mas ele respirava com dificuldade, e as mãos em seus quadris a

apertavam firmemente contra as coxas. — Prometo, nenhum jogo durante um tempo.

Mas seu controle era instável, pensou Marly. Desejava-a outra vez; podia ver no redemoinho selvagem de cor em seus olhos enquanto a olhava no espelho.

— Vamos. — Finalmente suspirou bruscamente, afastando-se dela. — Jantar. Depois possivelmente um filme. Nunca assistimos um programa juntos, Marly.

Marly se sentia aturdida, confusa. A voz de Cade suavizou uma vez mais enquanto a puxava pela mão e a guiava fora do quarto. Era quase como o velho Cade, gentil e não ameaçador. Marly era bem consciente da ironia da situação. Não quisera nada mais que sua paixão até que a teve. Agora, ainda a queria, mas o extremo disso a aterrava. Possivelmente deveria ter atendido às advertências que suas amigas lhe tinham dado anos antes.

Cade a acompanhou para fora do quarto, a mão apoiada abaixo em suas costas enquanto baixavam as escadas. As luzes estavam baixas na casa esta noite, o silêncio tão penetrante que o clique oco dos saltos no piso de madeira do corredor era quase assustador.

— Vai voltar a falar comigo outra vez, Marly? — Perguntou finalmente Cade, calmamente, enquanto a guiava à cozinha e lhe tirava a cadeira da mesa.

— Sinto muito. — Esclareceu-se garganta, lutando contra a rouquidão em sua voz.

— Aqui. — Serviu um copo de vinho, pondo-o suavemente diante dela, então se moveu para o forno.

O jantar era file à churrasqueira recém feito, camarões-rosa, batatas e verdura com fofos pãezinhos ao lado. O vinho era suave e deslizava facilmente por sua garganta, afrouxando a tensão de seu corpo enquanto o sorvia. Quando esvaziou o copo, Cade o preencheu, todo o tempo olhando-a enquanto o silêncio se envolvia ao redor deles.

— Terminou? — Perguntou ele finalmente quando ela afastou a metade de sua comida a um lado e bebia um gole da taça uma vez mais.

— Sim. — Os dedos brincaram nervosamente com o pé da taça.

Cade suspirou, ficando de pé e levando os pratos à pia enquanto Marly bebia um gole de vinho uma vez mais. Bebia raramente, em geral não se preocupava muito pelo estado em que a deixava. Quando suas inibições se afrouxavam, pensava muito, queria muito. Mas a tensão nervosa em seu corpo era má. Odiava sentir-se dessa maneira, odiava a vacilação que agora sentia em querer Cade. Amava-o tanto que lhe doía, mas a aterrorizava agora.

— Vamos, Marly. — Levantou-a lentamente da cadeira, olhando como recuperava apressadamente sua taça de vinho.

— Onde vamos? — Maldito esse som rouco em sua voz, pensou ela. Não queria soar sexy agora.

— Ver televisão. — Ela podia ouvir a diversão em sua voz.

— Está rindo de mim. — Sussurrou, enquanto ele a empurrava diante dele, com cuidado de manter a mão em suas costas no caso de precisar de estabilidade

— Está quase bêbada com dois copos de vinho. — Disse ele, e ela podia ouvir o sorriso em sua voz. — Posso assumir que isso significa que não houve festas selvagens na escola. Inclusive não está acostumada ao álcool.

Marly franziu o cenho. Ele soava tolerante. Odiava quando soava tolerante e paciente, como se ela fosse ainda uma adolescente.

— Eu não gosto das festas, sabe. — Deu de ombros enquanto a guiava ao salão e a tombava no sofá a seu lado.

— Sei que você não gosta, neném. — Empurrou-a contra ele enquanto ligava a televisão e começava a procurar pelos canais.

Marly tomou outro gole de vinho, fechando seus olhos enquanto sentia o álcool aliviando

lentamente sua terrível tensão. Quando os abriu outra vez, deu uma olhada na televisão, surpreendida de ver o último filme de ação que tinha ouvido anunciar. Graças a Deus, não tinha escolhido um dos canais mais picantes que sabia que chegavam por satélite

— Pare de se assustar comigo, Marly. — Levantou o copo vazio de sua mão e o deixou na mesa ao lado do sofá.

— Não estou assustada. — Estava aterrorizada.

— Sente-se melhor depois do banho? — Mudou de tema bruscamente.

— Sim, obrigado. — Seus dedos se enlaçaram nervosamente.

— Não queria ser tão duro com você, Marly. — Sua mão acariciou o cabelo, a atenção aparentemente no filme ante eles. — Perdi o controle.

Marly deu de ombros, insegura de que dizer.

Sentiu-o suspirar profundamente, e soube quando girou a cabeça e a olhava de perto. Sustentou-a contra seu peito, seu grande corpo refugiando-a, seu braço envolto ao redor dos ombros para que os dedos pudessem brincar com os cachos de um lado da cabeça.

— Marly, olhe para mim. — Ela tremia ante a escura e áspera qualidade de sua voz.

Inclinou a cabeça para trás, o olhando fixa e silenciosamente.

— Disse que tinha ouvido sobre mim e sobre o que eu gostava sexualmente? — perguntou ele suavemente.

Marly assentiu, agradecida pelos efeitos calmantes do vinho.

— Então sabe que não te machucaria, não é? — Perguntou suavemente, sua outra mão emoldurando sua face carinhosamente enquanto a olhava.

— Sim. — Umideceu os lábios, um pouco de seus nervos anteriores deslizando-se sobre ela.

— Não me fez mal, Cade.

— Se tiver ouvido o que eu gostava, então saberá o que me faz quando luta comigo. Quando sei que o prazer está te matando e me nega isso. Não faça isso, Marly. Pelo bem de ambos, porque eu não gosto de te assustar. — Olhava-a atentamente, fixamente enquanto respirava asperamente.

— Não posso me controlar até que você o faça.

— É muito. — Ela tremeu contra ele. — Não posso fazer outra vez, Cade. Não posso.

Precisava que ele entendesse. Odiava estar tão assustada. Nunca tinha estado assustada desde que Cade tinha tirado a ameaça de Joe golpeando-a outra vez. Ele, Sam e Brock faziam tudo para assegurar-se de que sua vida não contivesse medos. E agora estava aterrada.

— Confie em mim, Marly. — Beijou-lhe a frente suavemente. — Confie em mim para te guiar através disto.

Ela sacudiu a cabeça, depois se imobilizou enquanto os olhos de Cade se obscureciam. Ele sorriu lentamente, atrativamente.

— Posso sentir quanto me deseja, Marly. — Assegurou. — Posso vê-lo nesses pequenos e duros mamilos se sobressaindo através de seu vestido, e aposto que suas calcinhas estão molhadas, inclusive agora.

Marly tremeu ante o som de sua voz.

— Supõe-se que este filme é bom. — Gaguejou ela, em uma desesperada tentativa de atrair sua atenção longe dela. — Estava querendo vê-lo, Cade.

Seu olhar se estreitou. Finalmente suspirou, afastando a mão de sua face e voltando sua atenção ao filme.

— É obvio, vamos ver então. — Disse com resignação. — Podemos falar depois.

Viram o filme enquanto a tensão formava redemoinhos ao redor, mantendo seus sentidos intensificados. Finalmente, Cade se moveu e foi ao bar de um lado da sala. Verteu uma bebida, misturou outra para Marly, depois voltou para seu lugar. Marly tinha se movido de lugar um

pouco, colocando as pernas a um lado do sofá enquanto a cabeça caía contra o respaldo do sofá.

— Tome. — Cade lhe entregou o copo, olhando enquanto o provava, então sorveu comodamente.

A combinação de soda, gengibre e uísque baixariam brandamente, e esperava que a ajudasse a acalmar os nervos. Estava oscilando entre os nervos e a excitação, lutando ambos com seus temores pela inexperiência. Tinha que acalmar esses temores. Senão sabia que nunca viria voluntariamente a seus braços outra vez. E estava morrendo por ela. Recordava o estreito e quente apertão de sua vagina, como se fizesse segundos em vez de horas que tinha empurrado nela. O escorregadio, úmido calor, o torturante apertão na sensibilizada carne de sua pau foi mais prazeroso do que jamais tinha conhecido com outra mulher.

O filme finalmente acabou. Quando os créditos apareciam verificou o copo dela, agradecido que estivesse vazio. Tomando-o, o pôs com a taça de vinho sobre a mesa do lado. Entrecerrando os olhos, olhou como o próximo filme começava. Não ia sobreviver a esta noite, pensou miseravelmente. Estava tão duro, tão quente que mal podia suportá-lo.

— Por que me chamou puta no celeiro, Cade? — Sua voz era pensativa, lhe surpreendendo a pergunta. O membro de Cade deu um puxão com a lembrança da boca quente envolta a seu redor.

Girou para ela, orientando seu corpo no canto do sofá para poder ver sua expressão.

— Frustração. Desejava-a tanto que estava me destruindo com a culpa, Marly. — Sacudiu a cabeça ante sua própria ignorância esse dia. — Me empurrava muito longe, e reagi com raiva.

— Por que parou de lutar? — Elevou os olhos, a cabeça inclinada enquanto o estudava. — Se rendeu muito facilmente.

Ele a olhou, uma sombra de dor e ira em seus olhos.

— Há tanto que não sabe. — Disse, sua voz tão apazível, mais tão cheia de amargura que trouxe lágrimas a seus olhos. — Tantas coisas que não posso te dizer, Marly. Queria te proteger. Isso foi tudo. Só te proteger.

— Do que, Cade? — A confusão girava dentro de seu cérebro. — O que seria tão mau que tem que me proteger disso?

Ele colocou a cabeça no respaldo do sofá, olhando fixamente ao teto em silêncio enquanto ela o olhava. Era tão forte, tão largo. Exalava uma tranqüila confiança e poder. A fazia sentir-se suave, feminina, excitada.

— Amo você. — Sussurrou, a resignação enchendo sua voz. — Não sabe quanto.

O coração de Marly se acelerou, golpeando freneticamente em seu seio.

— Quanto me ama? — Tinha que saber. Tinha que saber que era o mesmo.

— Quero-te tanto, quero te dar tudo o que sou, Marly. Cada parte de mim. Inclusive o monstro que lutei para manter escondido. — Olhou-a, sombrio, triste. — Isso te assusta, neném?

Lambeu os lábios nervosamente. Podia dizer que se supunha que sim.

— Não. — Sacudiu a cabeça cautelosamente. — Quero tudo de ti, Cade. Tudo.

— As histórias que ouviu sobre mim, sexualmente. — Disse obscuramente. — Quão mal eram?

Marly tragou, lutando contra o repentino apertão na garganta, enquanto o zumbido das conversa longínquas se filtrava em sua cabeça.

— Más. — Murmurou finalmente, então mordeu o lábio enquanto seus olhos se obscureciam.

— Me diga quanto de má, Marly. A pior coisa que ouviu. Como era? O que era?

Ela teve que lutar por respirar.

— Você, Brock e Sam. — Mal podia empurrar as palavras através dos lábios.

A mão de Cade se enredou em seu cabelo enquanto se movia, enfrentando-a agora no sofá, seus olhos olhando-a fixamente. Não havia assombro em sua expressão. Marly viu aceitação, e

sentiu o tremor que de repente lhe atravessou o corpo.

— Você não faz isso.

Ele rompeu o contato visual, seu olhar foi ao ombro enquanto suas mãos lentamente lhe acariciaram os braços. Desolado. Seus olhos estavam tão escuros, as sombras e a dor agitando-se nas profundidades tempestuosas até que ela pensou que gritaria diante a tormenta que se refletia ali.

— Algo nos aconteceu, Marly. Faz muito tempo. — Colocou-lhe um dedo nos lábios quando começou a perguntar o que. — Por favor, por Deus, não me pergunte, só me escute. O que ocorreu não importa. Brock e Sam não lhe dirão isso, tampouco. É suficiente dizer, que foi o bastante mal para nos marcar. Nos fez diferentes, Marly. — Seus olhos lhe rogavam que entendesse o impossível.

— Diferentes? Isso vai além de diferente, Cade. — Sussurrou, sentindo a ponta calosa do dedo contra os lábios.

Ele respirou profundo e forte.

— Amo você. — Disse outra vez. — Mas chegará o dia, Marly, em que precisarei disso. Entende?

— E se eu não puder? — Marly sentia o coração rompendo-se ante a expressão de seus olhos. Tanta necessidade, tanta dor.

— Então tentarei aceitar isso. — Suspirou, o pesar enchendo sua expressão. — Será difícil, Marly. Mas tentarei.

— Não me pode dizer por que? — Tocou-lhe a bochecha, doída por ele, querendo aliviar a expressão atormentada de sua face.

— Não posso dizer por que, neném. Mas não mentirei a respeito de minhas necessidades. Assim como me nego a permitir isso de você. E não acredito que esteja tão ultrajada como deveria, Marly. — A intensidade dolorosa trocou a excitação enquanto a olhava.

A face Marly se ruborizou. Negava-se a aprofundar no que sentia. Mas sabia que o pensamento dos homens aos que mais queria amando-a fisicamente não era tão aborrecível como deveria.

Os olhos de Cade se estreitaram. As mãos foram aos botões de seu jeans e começou afrouxá-los lentamente. Os olhos de Marly se alargaram, os lábios abrindo-se de assombro quando seu membro se liberou do confinamento.

— Disse que não faria isso. — Lambeu os lábios ante a carne dura que se elevava do material.

— Disse que não naquele momento. Disse que não te feriria. — Negou. — Mas o olhar em seu rosto está me matando, Marly. Por que não está surpreendida, neném? Por que não está gritando?

— Gritando? — Evitava as outras perguntas; não podia encará-las naquele momento. — Eu não grito porque não está me fazendo gritar, Cade. — Recordou sugestivamente. — Me faça gritar.

Ele se moveu, levando-a para trás no sofá até que deitou sobre suas costas, olhando-a fixamente.

— Eu gosto da submissão, Marly. — Sussurrou com voz rouca. — Onde quiser, de qualquer modo que quiser. Sempre que quiser, como quero que queira. Quero-te gritando por ela, rogando por ela. Quero sua boca envolta ao redor do meu pau, quero-o enterrada profundamente dentro de seu pequeno e quente corpo. Quero te comer como um caramelo. Quero-o sempre que disser quer. Lute comigo em qualquer outra área de nossa vida que quiser, mas não sexualmente. O resto, faremos com que funcione. Mas não me rejeite. Não posso suportar se me negar isso.

Empurrou-lhe o vestido para cintura, gemendo ante a marca molhada que vislumbrou no meio de suas pernas, em suas calcinhas. Marly olhou em seus olhos, sua face avermelhando. O

desejo pulsou no ar, no sangue, no duro membro que se elevava de suas calças.

— Se toque para mim. — Sussurrou. — Coloque seus dedos dentro de suas calcinhas e se toque. Goze para mim.

Marly ofegou enquanto uma mão agarrava a sua, lhe empurrando os dedos até suas calcinhas. Ele olhou com agonia como a esbelta mão desaparecia sob o material. Os dedos se curvaram, depois ela gritou quando se afundaram na vagina. Cade gemeu, olhando fascinado como o material retrocedia, depois seguiu enquanto os dedos se inundavam. Podia ver a pálida carne por um lado das calcinhas, os dedos desaparecendo na brilhante abertura.

— Goze. — Sussurrou outra vez. — Me deixe te olhar se masturbar, Marly, e iremos dormir. Prometo-te que não te comerei. Só me dê isto.

Uma mão acariciou sua própria carne enquanto a outra movia o material que cobria Marly a um lado. Olhou como os dedos se afundavam na vagina, os lábios nus de seu sexo ao redor da carne enquanto pequenos sons emanavam do canal escorregadio. Lambeu-se, sabendo quão boa seria ela.

— Sim, vai. — Vaiou, inclinando-se mais perto, lhe separando as coxas ainda mais. — Faz gostoso e devagar, neném.

Olhou os dedos movendo-se enquanto ela dava prazer a si mesma, ouvindo seus gemidos e ofegos, olhando os quadris e coxas dobrarem-se. Não levaria muito tempo. Ela ainda não entendia a construção, o calor intenso e sexual da espera. Podia ensiná-la mais tarde. Primeiro, queria-a cômoda. Queria sua confiança.

Os dedos retrocederam, a umidade que os empapava aderindo-se a eles enquanto os movia para seus clitoris. Cade não protestou, mas moveu seus dedos lentamente, empurrando um deles no apertado canal de seu corpo enquanto os dela bricavam com o nó de nervos que morria por saborear.

Ela gritou então, estremecendo-se. Ele empurrou outro dedo dentro dela, olhando-a estirar-se ao redor dos dedos enquanto empurrava levemente dentro dela. Queria que gozasse rápido, sabendo que o aumento de tensão a assustava. Olhou os dedos movendo-se mais rápido em seu clitoris, e soube que passaria muito tempo antes que ele estivesse satisfeito. Permitiu-lhe esta vez, entretanto. Respirando-a, seus dedos empurraram dentro dela mais devagar do que queria, permitindo-a atirar-se sobre a borda a seu próprio ritmo.

Ela estava ofegando, gemendo enquanto seu orgasmo lhe empapava os dedos, os músculos de sua vagina apertando-o. Fez uma careta ante sua própria necessidade, sabendo que as horas que se vinham por diante seriam miseráveis. Finalmente, ela desabou nas almofadas, respirando trabalhosamente.

Cade retirou os dedos, ignorando sua necessidade de provar a nata suave que ela tinha orvalhado sobre eles, enquanto a mão em seu membro o acariciava mais rápido, lhe trazendo finalmente uma pequena liberação com sua ejaculação.

— Filha de puta, vai me matar. — Recostou-se contra o sofá, abotoando os jeans com uma borda de ira, depois de limpar as mãos com os guardanapos que tinha usado para os copos.

— Vamos, hora de ir para a cama. — Ela estava lânguida e sonolenta enquanto a levantava nos braços. Aconchegou-se contra ele, os olhos apagando-se enquanto o sono começava deslizar sobre ela.

Cade a levou para seu quarto, despiu-a e a colocou suavemente sob os lençóis antes de sair. Não havia maneira no inferno de que pudesse dormir com ela, pensou. Seu membro estava como uma besta revoltosa e não queria nada mais que saquear a tenra vagina que se agarrava tão apertada e quente. Além disso, Brock e Sam estariam de volta em menos de uma hora com seus “convidados”, os rastreadores pagos que rezava para que tirassem a ameaça que de repente os

perturbava.

CAPITULO 21

Vestida com uma das camisas de Cade, e um par de suas meias $\frac{3}{4}$, virtualmente segura de que ele estaria fora trabalhando, Marly cambaleou para a cozinha e foi direto preparar o café da manhã. Suas costas apoiada na mesa, seus olhos chorosos enquanto vertia o quente líquido em uma xícara e o sorvia com um suspiro de prazer. Cafeína, pura e intensa, deslizando-se lentamente através de seu sistema, passando por cima da capa de aturdida irreabilidade provocada pelas tantas bebidas tinha consumido a noite anterior.

A dor de seu corpo quase tinha desaparecido, mas seu nervosismo não. Estava mais que agradecida que Cade se foi...

— Fique simplesmente assim. — Sua voz soou atrás dela e uma firme mão se posou na parte superior das costas.

Marly apartou as mãos da xícara de café, tremendo quando sentiu outra mão levantar a camisa, e empurrar entre suas coxas. Estava molhada, a secreção de sua auto-liberação anterior estava ainda presente.

— Cade. — Fechou os olhos quando dois dedos se deslizaram lentamente dentro dela.

— Não se mova. Não diga não, não diga nada. — Levantou a camisa mais acima, suas pernas separadas ainda mais e sentiu as dele mover-se entre elas. Então, a enorme e quente cabeça de seu membro estava empurrando entre as suaves dobras de seus lábios sedosos.

O gemido de Cade foi brutal enquanto o grito dela rompia a manhã. Suas mãos lhe agarraram os quadris e se mergulhou dentro dela, enterrando sua longitude no úmido calor de sua vagina.

— Sam. Brock. — Marly ofegou ante o medo de que fossem descobertos. Preocupada porque aquilo não lhe incomodava agora tanto como deveria. Assim como o pensamento do que Cade necessitava não a aterrorizava.

— Deixe-os. — Grunhiu — Eles conhecem os fatos da vida.

Suas mãos se dirigiram aos seus seios, os dedos beliscando seus mamilos enquanto começava a mover-se com lentos, tortuosos embates dentro dela.

— Oh, Deus. Cade. — Sua cabeça desceu ao mostrador quando sentiu o relâmpago começar a golpear-la velozmente através de seu corpo.

— Oh, Marly. Está tão apertada. — Murmurou em seu ouvido. — Tão ardente e apertada que mal que posso me conter.

Ele se afundou dentro dela, retirou-se, deslizou-se devagar e lentamente, retirando-se e afundando-se de novo. Os golpes alternativos a deixavam ofegante, a pressão de seu corpo se incrementava e lutava contra as ameaçadoras sensações que a afogavam.

— Não, Marly. — Murmurou Cade em seu ouvido. — Neném, por favor, não lute contra isto agora. Só deixe ir. Relaxe, carinho. Juro que tomarei cuidado com você.

Ela se opôs a seu agarre, sua entrecortada respiração se converteu em gritos suaves enquanto o intenso prazer começava a alagar seu corpo. Então ficou sem fôlego quando ele a levantou, liberando-a do agarre por sua carne quando lhe deu a volta, levantando-a contra o mostrador e empurrou entre suas coxas para afundar-se outra vez em casa.

Seus lábios se equilibraram sobre ela quase delicadamente, mais suave do que esperava enquanto a língua dele empurrava a sua para entrelaçar-se lenta e eroticamente com a dela.

Movia-se contra ela delicadamente, prolongando-se em golpes alternativos suaves e lentos, e arrudas investidas que convertiam seus gemidos em gritos de prazer.

— Goze. — Grunhiu contra seus lábios, os dentes mordiscando-a enquanto ela sorvia os lábios que se retiravam. — Goze, Marly.

Ele a segurou firmemente, impulsionando seu pau dentro dela, o som da absorvente fricção, o ruído da sucção enchendo a conzinha com quentes, famintos gemidos que faziam explosão entre ambos. As pernas de Marly se enrolaram ao redor de sua cintura quando gritou, jogando a cabeça atrás, seu cabelo como uma cascata sobre o balcão quando sentiu o clímax precipitar-se nela. Não podia fazer nada, mas confiava em Cade para mantê-la estável enquanto o fogo açoitava através de seu corpo, mergulhando a de cabeça em meio das sensações.

Quando explodiu, o fez só um segundo antes de Cade. Sentiu o banho quente de seu sêmen pulsando em seu interior enquanto ela gritava ao alcançar seu orgasmo, ouviu seu gemido ofegante ao terminar quando a abraçou fortemente contra ele. Estremeceu e tremeu em seus braços, perguntando-se se seria capaz de permanecer consciente esta vez.

— Está tudo bem, neném. — Sussurrou em seu ouvido enquanto os espasmos voltavam de novo, depois outra vez, cada vez seu esgotamento ascendia—. Não fique assustada, somente deixa que ocorra. Segurarei você Marly.

Pulsava dentro dela, fazendo com que seu sangue cantasse através de suas veias, e seu coração corria ao compasso do desesperado estremecimento de liberação que tremia por seu corpo.

— Aí vai. — Ele acariciou com o nariz seu pescoço quando os primeiros tremores violentos começaram a afrouxar seu corpo. — Aí vai, neném. Vê, está tudo bem.

Acariciou-a e a tranqüilizou quando lentamente ela se afrouxou do aterrador agarre por sua liberação. Deslizando-se para trás lentamente, tirou o membro de seu interior, mas não a soltou de seus braços. Colocou a testa gentilmente sobre a dela e sorriu lentamente enquanto a via ofegar procurando ar.

Um forte golpe na porta que separava a cozinha da sala de jantar lhes fez saltar, surpreendidos.

— Se vocês já dois terminaram, preciso do meu maldito café. — Sam se queixou atrás da porta. — Maldição! Temos quartos para isto.

Marly ruborizou furiosamente enquanto seus olhos se dilatavam vergonhosamente, incomodados. Seu olhar se dirigiu a Cade enquanto ele se afastava lentamente.

— Deixa de se ruborizar, ele sobreviverá a isso. — Levantou-a do mostrador, então colocou seu jeans.

— Acha que entrou? — Não gostou da afiada dentada de prazer que a idéia trazia.

— Provavelmente. — Cade deu de ombros ante sua vergonha. — Ao menos teve o bom senso de sair da cozinha. Conheço outras pessoas que não o têm. — Lançou-lhe um pícaro olhar, lhe recordando a noite que o tinha pegado no estúdio e esteve condenadamente perto de lhe reduzir com sua escova.

— Ela era uma prostituta. — Marly ofegou, escondendo sua cara quando Sam entrou na cozinha.

— Vocês dois não são coelhos. — Resmungou enquanto se dirigiu majestosamente para a cafeteira. — E o maldito balcão não foi feito para esta merda.

Ele golpeou ruidosamente uma xícara contra o balcão em questão e verteu seu café. Os olhos de Marly se aumentaram com surpresa ante seu mau humor.

— Estarei no celeiro quando despertar, Sam. — Disse Cade, seu sorriso lento e calmo enquanto deixava cair um rápido beijo nos lábios do Marly. — Apresse-se, temos trabalho que

fazer.

Agarrou seu chapéu do cabide da parede e fez sua saída com um lento e puxador balanço que fez Marly ter boca na água.

— Pare de comê-lo com os olhos. — Sam se queixou enquanto se atirava em uma cadeira, olhando-a ameaçadoramente.

— O que aconteceu? — Marly combateu seu rubor e vergonha de ser pega em flagrante, uma verdade que ela simplesmente não queria confrontar ainda. — Nunca é assim, resmungão.

Sua expressão se fechou.

— Ele não usa camisinhas. — Sam cuspiu. — Sou atrasado, mas não estúpido.

Marly deu de ombros, sabendo que sua cara estava vermelha como uma beterraba com sua observação.

— Tomo pílula. — Deu de ombros. — E sei de fato que Cade toma cuidado. Muito se queixa de vocês de não o fazer.

Os olhos do Sam se entrecerraram nela.

— Cade sabe da pílula? — Perguntou-lhe curiosamente.

Marly pôs os olhos em branco.

— E porque que se importa?

— Nada. — Ele franziu o cenho misteriosamente, voltando sua atenção para o café.

Marly se levantou da cadeira, recuperou sua xícara e depois de atirar o café frio, colocou mais. Tomou sua xícara e foi à porta traseira, abrindo-a e saindo um momento ao alpendre. Tinha amanhecido fazia poucas horas, e a névoa matutina ainda se estendia sobre a terra. A primavera estava quase em cima, e sabia que o verão chegaria rapidamente.

Suspirou profundamente. Ia ter que se decidir sobre a escola rapidamente. Se voltasse, teria que sair em uns poucos dias. Os últimos meses antes do verão eram usualmente bastante intensos.

— Ele não te deixará partir agora. — Sam deu um passo atrás dela, de algum modo sintonizando com ela como sempre o fazia.

Isso a assustava agora, como conhecia a esses homens tão bem. Como a conheciam. Estava confusa, de que modo deveria sentir-se contra o que estava sentindo, e isso era o que se amotinava através de sua mente como uma multidão fora de controle.

Suspirou profundamente, olhando fixamente e com cenho o rocio da manhã.

— Ele não é o que eu esperava. — Sussurrou, sabendo que Sam entenderia. Sabendo que ele não a questionaria. Ele esperaria, como sempre o fez, para o que ela quisesse.

— E sei que te advertiu que não o seria, Marly. — Ele disse suavemente. — Você pressionou, todos nós o fizemos, e talvez estivéssemos errados nisso.

Ela deu de ombros contra seu aviso.

— Cade não é um homem fácil, nenhum de nós é. Conheço-lhe, e sei como é. Ele não esteve com uma mulher desde a noite que você o pegou no estúdio com uma de suas prostitutas, e tem um montão de tempo para compensar.

Marly franziu o cenho enquanto um brilho de luz metálico brilhou ao longe, atraindo sua atenção.

— Provavelmente eu seja muito inexperiente para ele. — Um crepitante som agudo pressagiou suas palavras.

As fortes mãos a agarraram, jogando-a de costas enquanto Sam grunhia dolorosamente. Aterrissaram no chão da cozinha entre o cabelo de Marly e o café derramado. Colericamente, ela começou a lhe dar uma bronca, então gritou enquanto o sangue emanava de seu peito.

— Sam! — Gritou, seu olhar fixo na sua ferida.

Ele piscou, a mão pressionando contra seu peito fracamente, depois a separou, coberta de

sangue enquanto olhava fixamente com horrível fascinação.

— Filho de puta. — Ofegou com surpresa ante o sangue que recobria a mão que ele pressionava contra seu peito. — Deus. Diabos, Marly.

— Cade! — Ela ficou rapidamente em pé, seu grito desesperado seguido do som de rápidas pegadas, ambos da casa e o alpendre. — Cade. Oh, Deus. Oh, Deus. Sam. — Colheu com força um pano de cozinha do balcão, pressionando contra seu peito quando Cade entrou correndo na casa, golpeando ruidosamente a porta atrás dele.

— Filho de puta. O maldito dispara imprudentemente. — Cade gritou, apressando-se para Sam quando viu seu irmão caído no chão.

Deslizou-se para chão enquanto Marly pressionava o pano na ferida ensangüentada. Estendendo a mão para tocar seu irmão, a afastou rapidamente, fechando os punhos enquanto seus olhos se dilatavam com horror.

— Sam? — Marly ouviu o medo, a dor nessa única palavra.

— Diabos, Cade, esta merda dói. — Sam sussurrou, olhando. — Dói malditamente.

Cade negou com a cabeça, seus olhos dirigindo-se para Marly enquanto ela via como sua expressão se enchia de fúria, com suas tripas retorcendo-se de dor. Ela exclamou ante a visão, perguntando-se porque ele não podia chorar.

De repente, Brock entrou precipitadamente na cozinha, seguido por desconhecidos, vozes agudas e cintilantes armas. A cozinha fez erupção em caos, devolvendo Cade de volta à realidade. Seus olhos se esclareceram, e Marly observou como toda emoção, dor, medo e necessidade foram afastados.

— Brock, chame o xerife. — Ordenou uma voz feminina quando se ajoelhou ao lado de Marly. — Cade, tire-a daqui. Rick, atirou nesse filho de puta de uma vez?

A mulher rasgou a camisa de Sam diretamente pela metade, separando as bordas enquanto pressionava o pano contra seu peito.

— O bastardo fugiu. — Marly contemplou a grande figura masculina olhando através da mira do rifle. — Não posso conseguir o tiro, o maldito filho de puta desapareceu.

Ele correu para a porta, abrindo-a enquanto provava outro ângulo do alpendre.

— A bala não causo muito dano, mas é uma ferida bastante desagradável. — Disse a mulher. — Ele precisa atenção médica já. Traga uma ambulância aqui, Brock.

Cade arrastou Marly para trás enquanto Brock gritava ao telefone. As vozes eram exaltadas e exigentes, enquanto os vaqueiros começavam a entrar em torrentes na casa, fazendo gestos com os rifles e as pistolas, em suas caras duras de determinação.

— Cade, o que está acontecendo? — O medo sacudiu seu corpo enquanto ele a aproximava, movendo-a ao longo da cozinha para um canto, fora do caminho.

— Fique aqui, Marly. Não faça nenhum movimento. — Exigiu, baixando os olhos a sua cara, com selvagem expressão. — Entendeu? Não faça nenhum movimento.

Ela assentiu tremula, seus olhos dilatando-se ante a fúria que podia ver em sua face.

— Não se mova. — Pegou de uma das jaquetas que penduravam em um cabide. Envolvendo-a rapidamente, ficou de pé, recolheu o rifle que caiu no chão e saiu rapidamente da casa.

— Agüenta, Sam. — A mulher trabalhando sobre o Sam era fria e calma, sua bonita cara concentrada enquanto ela continuava pressionando a ferida. Seus olhos se elevaram e se chocaram com os de Marly. — Ele vai ficar bem.

Marly assentiu, fechando a jaqueta de Cade enquanto olhava a comoção que continuava a seu redor, confusa e assustada enquanto seu corpo se estremecia pelo frio que parecia envolvê-la.

— Você está bem? — Perguntou a mulher rapidamente.

Marly assentiu novamente, ignorando a náusea que crescia em seu estômago.

— Você deve ser Marly. — Sorriu a mulher.

— Paem com as apresentações sociais. — Sam ladrrou severamente. — Onde demônios está o médico?

— Oh, deixa de choramingar. — Disse a mulher firmemente. — É simplesmente doloroso. Estará bem assim que chegar ao hospital.

Marly olhou o peito de Sam, depois voltou o olhar para a mulher. Quem quer que fosse, estava preocupada, Marly podia notá-lo.

— A hora prevista de chegada para a ambulância é de uma hora, pelo menos. — Gritou Brock. — Bret, prepare o helicóptero, nós o levaremos voando até lá.

— Filho da puta. Odeio esse helicóptero. — Gemeu Sam.

— Ponha em marcha. Vou prepará-lo para a viagem. Deixe que o xerife saiba o que estamos fazendo. Rick, chame o Monty e lhe diga para trazer Lisa e Anna aqui agora mesmo. Quero segurança em seu quarto.

Nada tinha sentido agora. Marly se apoiou contra a parede, olhando como todo mundo ia a toda pressa ao redor da cozinha, escutando como Sam ladrava e se queixava sobre o helicóptero, mas ouvindo o medo em sua voz. Os punhos apertados na jaqueta, voltava a ter doze anos; aterrada e indecisa, incapaz de entender que demônios estava acontecendo ou o que supostamente tinha que fazer.

Cade lhe ordenou que permanecesse quieta. Ele nunca tinha usado esse tom de voz, ou lhe tinha visto tão assustado por ela como quando a empurrou para o canto e lhe fez lhe jurar não se mover. Ficou ali. Odiava-se a si mesma por isso, odiava o medo e a falta de compreensão, a incapacidade de ajudar. Mas ficou, como lhe disse que fizesse.

CAPITULO 22

Permaneceu sentada ali durante horas. Marly observou o movimento das agulhas do relógio de parede das sete até as nove. O helicóptero se foi com um queixoso Sam, um preocupado Bret, e uma altamente competente mulher dando ordens a todos energicamente. O homem, Rick, ficou para atrás e ela pôde ouvir ele e Cade do outro lado da porta falando em voz baixa.

Cade tinha esquecido que ela estava ali. Colocada cuidadosamente no canto entre a despensa e a porta, escutando horrorizada a conversa.

— Era seu padrasto. Está louco. — Cade contou ao homem discretamente. — A mãe de Marly a trouxe aqui quando tinha doze anos, e começou a fugir, depois que começou a assediar Marly.

— Bem, ele é hábil. — Disse a profunda voz do estranho a Cade, com um lento acento. — Verificamos seus antecedentes e estive na Marinha. Aproveitou o tempo. Também temos informes de vários anos passados com os terroristas patriotas de Utah. É bom, Cade. Não tentarei suavizá-lo. Tem sorte que não tenha te matada na noite que foi atrás dele.

A respiração de Marly se estremeceu em seu peito, enquanto lutava por controlar os soluços que torturavam agora seu corpo.

— Marly é tudo o que me importa, Rick. — Cade disse com cautela. — Quero protegê-la, acima de tudo. O bastardo deve ter pensado que Sam era eu quando disparou. As fotos que encontramos nessa cabana demonstraram que conhecia minha relação com Marly, ou ao menos o suspeitava.

Marly rodeou o peito com os braços, fechando os olhos pela dor do que estava escutando.

— Definitivamente, está obcecado com ela. As fotos mostravam isso com certeza. — Rick assegurou a Cade. — Já sabe que encontrou a cabana, e o pequeno esconderijo na colina. Será mais difícil encontrá-lo agora. Sua melhor aposta deveria ter sido nos chamar primeiro, Cade.

— Sim, bem, não pensava realmente com clareza depois ver essas malditas fotos. — Resmungou com rudeza. — Merda, Rick. Marly já tem as coisas bastante difíceis. Não necessita isto.

— Seu quarto está em zona proibida. É muito acessível de várias direções. Mantenha-a em seu quarto.

— É por isso que está ali agora. — Grunhiu Cade, e Marly sentiu um golpe mortal a sua alma, que não estava certa se seria capaz de superar. A vergonha a golpeou, fazendo balançar-se seu corpo pela atroz dor infligida a seu coração.

— Não precisamos desse bastardo ao redor. — Suspirou Rick. — Bem, onde está Marly? Não a vi desde que começou o tiroteio.

Houve um momento de completo silêncio antes que ouvisse Cade balbuciar uma obscenidade. Não podia conter as lágrimas, assim só baixou a cabeça, enterrando-a na jaqueta com a qual se envolveu o corpo.

— Marly! — Havia uma grande quantidade de dor em sua voz enquanto rodeava a porta. — Deus, neném. Sinto muito.

Tinha a voz atormentada, áspera pela preocupação. Negou com a cabeça, recusando levantá-la quando ouviu que se ajoelhava frente a ela. Tocou-lhe o cabelo com a mão, a outra levantando o queixo. Havia preocupação e temor em seus olhos enquanto a observava.

— Mentiu para mim, Cade. — Sussurrou, a respiração entrecortada pelos soluços contidos. — Sobre o lobo, sobre o porquê de repente me desejava. Em tudo. Mentiu para mim.

Doía-lhe o peito pela dor, com a sensação da traição atravessando-a. E tinha razão. Sabia que tinha razão pela expressão em sua cara.

— Deus! — Fechou os punhos enquanto ela lutava com o desmoralizante conhecimento de que ele não a tinha tomado porque não podia resistir a ela, ou porque a amava ou a necessitava. Tinha-a tomado para mantê-la perto, para assegurar sua obediência e amparo.

Os soluços lhe rasgavam o peito enquanto a dor fustigava sua alma.

— Marly, por favor. Neném. Não é assim. — Mas era, ela sabia que era. Tinha visto a verdade em seus olhos.

Movendo-se dolorosamente, os músculos com câibras pelas horas passadas no chão se levantou, ignorando Cade que agora se elevava sobre ela.

— Disse que não me deixaria em paz. — Sussurrou, recordando essas horríveis horas antes que sua mãe voltasse para casa e pegasse seu padrasto tocando-a.

Recordava com cegadora vergonha as coisas nas que tinha se recusado pensar durante anos. As formas que ele a havia tocado, fazendo-a gritar de dor enquanto ele gemia com prazer. Recordava como a tinha dominado, machucando, seus lábios sempre movendo-se sobre ela, as mãos ásperas e horripilantes.

Tampou a boca com uma mão enquanto lutava contra as arcadas de seu estômago. Queria gritar, mas doía muito para nem sequer tentá-lo.

— Marly. — A voz de Cade agora estava atormentada enquanto tentava atraí-la para si.

— Não me toque! — Gritou, estremecendo e afastando-se, incapaz de suportar agora toque de suas mãos. Tinha sido uma tola. Tão tola ao pensar que ele poderia amá-la. — Foi tudo mentira. Tudo. Deus, que idiota eu fui.

Não houve milagre nem ternura, nem sensação de carinho em seu toque quando transou

com ela. E a havia penetrado. Não tinha feito amor com ela, não a havia possuído, tinha usado uma função corporal para controlá-la.

A mão voou, conectando firmemente com sua cara. Assombro e fúria cintilaram em sua expressão, entretanto permaneceu em silêncio.

— Mentiu para mim. — Tremia brutalmente, os dentes quase batendo pela esmagante dor e fúria. — Tudo foi uma mentira. “Me peça que a penetre, Marly”. — Repetiu as palavras com desprezo. — Bem, me fodeu Cade, bem fodida e oportuno. — Não se importou a audiência que tinha atraído. O desconhecido Rick ou a ameaçadora preocupação de Brock enquanto observava da porta da cozinha. — Me fodeu bem fodida.

Girou e se foi, com a cabeça erguida enquanto via a confusão na face morena do estranho, e a solidariedade de Brock. Não podia resisti-lo. Podia sentir como partia a alma, rompendo as amarras que sempre tinha contido. Durante oito longos anos tinha acreditado que seus sonhos se transformariam em realidade. Que Cade a amaria, que a necessitaria.

Um sonho de tolos. Negou com a cabeça e se separou deles com ar cansado. Não fugiu. Não havia nenhum lugar ao que fugir, nenhum lugar aonde ir. Todo seu mundo se derrubava ao redor e não sabia para onde se dirigir agora.

— Marly. — Brock lhe tocou o braço quando passou a seu lado. Afastou-se, olhando-o fixamente, e em lugar de ver o irmão que a tinha consolado durante os passados oito anos, só viu outro mentiroso. Lástima e compaixão em lugar do amor que tinha necessitado.

Apertou os dentes com força para sossegar os entrecortados soluços que lhe rasgavam o peito. Sacudindo a cabeça e mantendo a mão alto em rejeição, passou por seu lado lentamente.

— Maldição, Marly! — Cade gritou atrás dela, mas sua voz carecia da determinação habitual. Não se importava. Deveria alegrar-se de que finalmente ela soubesse.

Subiu as escadas lentamente, degrau por degrau, dando-se ânimos para subi-los. Um braço envolvendo o estômago, o outro no corrimão enquanto se obrigava a usar a energia para manter-se em movimento. Queria cair e lamentar-se de sua desgraça, mas o sofrimento recusava sair de seu corpo.

Entrou em seu quarto, fechando a porta atrás dela. As espessas cortinas estavam corridas sobre as portas do balcão. Permaneceu frente a elas, olhando fixamente o brocado escuro e perguntando-se se o filho da puta a tiraria de seu sofrimento se as abrisse. Negou com a cabeça. Não, Jack não queria sua morte. Sabia isso. Queria o que lhe tinha sido negado quando ela tinha doze anos.

As lágrimas se detiveram, os soluços desesperados já não a rasgavam. Baixando o olhar para a grande camisa de seda que levava começou a desabotoá-la lentamente. Caiu ao chão, e as grossas meias $\frac{3}{4}$ de homem que levava nos pés a seguiram. Indo para o armário, encontrou os únicos artigos deixados ali, as camisolas que Cade mantinha armazenadas. Tinha sido muito amável para lhe negar as camisas, pensou, mas tinha as camisolas à mão só em caso dela deixasse de precisar dormir com suas roupas.

Fez uma careta ao recordar a comodidade que essas camisas lhe trouxeram uma vez. Tomou uma camisola de linho combinando com o roupão do cabide, depois foi para a ducha. Podia sentir Cade em sua carne; cheirava a rica essência de sua colônia e sua liberação dentro do corpo. O estômago atado com renovada agonia. Deus, não conhecia nada que doesse tanto.

Permaneceu sob o jorro da ducha, deixando que a água corresse por sua face enquanto as lágrimas caíam de novo. Se apoiou contra a parede, sentindo-se tão miserável que não sabia se poderia enfrentar outro dia. Sam quase estava morto. Por sua culpa. Tudo era por sua culpa.

Um gemido escapou de seus lábios, depois fortes e míseros soluços. Rasgado-os sons que não pôde liberar antes, saíam agora.

—Oh, Deus — gritou, caindo no chão da ducha, balançando-se miseravelmente, morrendo por dentro—. Oh, Deus, me ajude.

Cade permanecia fora da ducha, agarrado à parede, amassando o gesso com a cabeça enquanto o lamento dela o fazia em pedaços nos limites cheios de vapor do quarto. Seus gritos o destruíram, ainda não havia nada que ele pudesse fazer para detê-los. Entretanto, precisava saber que estava bem, ao menos fisicamente. Sabia que tinha destruído algo precioso e querido no minuto que se deu conta que tinha ouvido sua conversa com Rick. Fazia mais que lhe arrebatara sua inocência. Fazia migalhas seu coração.

Baixou a cabeça, o coração quebrado por seus gritos. Tinha-lhe jurado que nunca mais teria medo. Que nunca choraria outra vez. E agora estava aqui, destroçada, soluçando de dor e medo, por sua culpa. E não havia malditamente nada que pudesse fazer.

Sacudindo a cabeça, saiu do banheiro as mãos afundadas nos bolsos de seus jeans enquanto sentia seu próprio desgosto avançando pelo corpo. Tinha visto sua vergonha, sua compreensão de que não a tinha levado para sua cama por um irresistível amor por ela. Que Deus o ajudasse, ele a amava, desejava-a como a nenhuma mulher que tivesse conhecido em sua vida, mas sabia que não era o amor que Marly necessitava. Ela necessitava um cavaleiro de armadura branca, e Deus sabia que sua armadura tinha sido deslustrada anos atrás.

Sentou-se na cama em seu quarto, as mãos pendurando entre as coxas enquanto o som de seu pranto vagava pelo quarto. O que faria agora, perguntava-se. O que tentaria fazer Marly? Sempre tinha sido delicada, frágil. Tinha estado protegida toda sua vida, e não tinha nem idéia como dirigiria a repentina destruição de tudo no que acreditava.

Não deveriam havê-la mimado tanto, pensou. Deveria ter sido mais firme com ela enquanto crescia, estabelecendo-se como uma figura de autoridade mais que uma a que adorar. Mas sua adoração tinha iluminado sua vida. Sua risada e liberdade com ele tinha dissipado muitos dias desgraçados e solitários que tivesse passado. Mas isso não o justificava. Nunca lhe havia dito que não, e quando se enfrentou com a única coisa que não podia lhe dar, Marly decidiu ficar teimosa. Consentida.

Ouviu a ducha ser desligada muitos minutos depois. Esperou, observando a porta entre os quartos com olhos melancólicos. Finalmente, entrou no quarto, coberta da cabeça aos pés com uma camisola. Ele franziu o cenho.

— Preciso de minhas roupas. — Sussurrou.

— Não pode dormir lá, Marly. — Negou com a cabeça cansativamente. — Sei que está triste e confusa, mas não deixarei que arrisque sua vida.

— Se deixar as cortinas fechadas e as luzes suaves ficarei bem. — Foi para o armário.

Segundos mais tarde saiu do grande guarda-roupa com um braço cheio de roupas e entrou em seu quarto. Cade permaneceu em silêncio enquanto ela levava as roupas do seu quarto e as depositava de volta em seu próprio armário, em suas gavetas.

— Mude tudo o que quiser, Marly. Mas quando chegar a hora de se deitar, é em minha cama onde vai dormir. — Levantou-se da cama, agarrando seu braço bruscamente quando passou frente a ele outra vez. — Está me entendendo? Maldição!, você começou isto. Agora aceite as coisas como puder.

— Você não me deseja de verdade! — Gritou, tentando se soltar. — Só foi me proteger.

— OH, sim, eu te desejo sim! — Resmungou em voz baixa, descendendo a cabeça até que esteve a sua altura, grunhindo. — Desejo tanto que meu membro pulsa por isso. E você sabe disso.

— Não. — Negou com a cabeça violentamente. — Não quer fazer isso, Cade. Você não me quer...

— Maldição! Eu te quero! — Sacudiu-a com dureza. — Sempre te quis Marly, só que não da maneira em que construístes o conto de fadas em que vive.

— Pare. — Negou com a cabeça, chorando pela ira em sua voz.

— Não, não quero parar. Vai me escutar.

— Não quero te escutar. — Gritou furiosamente, seus olhos azuis ardendo cheios de ira. — Me possuíu só para ter uma razão para me vigiar, foi isso. Isso foi tudo. Ouvi você. Seu pau pode ficar duro por mim, Cade, mas de qualquer forma nunca me amou o suficiente. Não era sua sobrinha, e não era o bastante mulher para chegar a seu coração tampouco. De qualquer forma, fui fodida.

Depois se separou dele, a fúria em seus olhos o surpreendendo, o brilho de tal ira sacudiu todos os ossos.

— Ficarei até que seus valentões encontrem Jack, depois voltarei para a escola.

— É uma merda. — Espetou Cade. — Pensa por um minuto que te deixarei partir antes de saber se levar meu filho ou não, Marly? Esqueceu o que acontece quando transa?

Ela virou-se para ele, com um sorriso zombador em sua face pálida.

— Sinto muito, Cade, tome a pílula desde que decidi te seduzir. Não sou tão estúpida como você obviamente acha que sou. Não há nenhum filho. Não com você. Nunca.

A porta fechou de repente atrás dela, e pela primeira vez em oito anos, ele ouviu a porta fechar-se com chave.

— Merda. — Espetou, passando os dedos pelo cabelo.

Apertou os dentes, pondo as mãos nos quadris enquanto considerava suas opções. Não havia muitas, admitiu. Mas tinha mudado de opinião quando levou Marly a sua cama. Queria se casar com ela. Ela era dele, e seria um maldito se a deixasse partir. Talvez não a amasse da forma que ela queria, e talvez mudasse a programação ao transar com ela devido à ameaça de Jack, mas não ia recuar agora. E Por Deus, tampouco ia deixá-la ir.

Ela o queria. Não seria capaz de negar-se durante muito tempo quando começasse a tocá-la. E uma vez o fizesse, ensinaria-lhe que significava ser sua amante. Pertencer a ele. Ser parte de sua família. Não se sentia ultrajada sobre Sam e Brock, sentia-se curiosa. Agora sabia. Ela veria onde levava a curiosidade.

Olhou a porta com os olhos entrecerrados. Tinha a chave. Ela não dormiria ali. Não a deixaria. Pertencia a sua cama, a seus braços, gritando sob o prazer que estava certo que receberia. O tempo de jogar tinha terminado.

CAPÍTULO 23

Estava vestida com jeans e um suave pulôver de cachemira que apenas chegava a cintura das calças. Não usava a corrente de ouro na cintura, mas o pequeno aro era visível debaixo da malha do pulôver. Cade a observou, pensativo, enquanto entrava na sala e se dirigia ao bar embutido na última hora da tarde. Misturou soda com gim, depois adicionou um jorro de Jim Beam. Provou-o várias vezes até que obteve o sabor que desejava.

Os jeans se curvavam sobre seu traseiro, e delineavam suas espetaculares pernas. Nos pés usava sapatilhas esportivas, e tinha o cabelo recolhido com um lenço cor de nata que fazia par com o pulôver. Na parte traseira de seu cremoso pescoço, via-se uma marca de um tom vermelho escuro de uma dentada de amor. O pênis de Cade se endureceu ainda mais ante a vista da marca.

— Marly, creio que é hora de que conheça nossos convidados. — Disse suavemente, mas sua

voz continha um fio resistente.

Voltou-se para ele, com os olhos escurecidos, e o rosto coberto por uma máscara de maquiagem expertamente aplicado. Nunca a tinha visto com maquiagem e não lhe agradou.

— Rick e Tara Glaston, esta é Marly McCall. Marly, Rick e Tara. São de Segurança Anônima...

— São vocês que, há alguns anos, resgataram uma menina pequena. — Marly sorriu alegremente enquanto se adiantava para lhes estreitar a mão. — Ouvi falar de vocês.

— Senhorita McCall. — Rick estava olhando-a com ternura nos olhos castanhos e lhe falou com sua dura voz cheia de simpatia. Cade o odiou.

— Marly, por favor. — Seu afável sorriso nenhuma vez chegou a lhe tocar os olhos, e Cade pôde ver o pequeno tremor na mão quando estreitou primeiro a de Rick, e depois a da Tara. — Como se encontra Sam? — Perguntou finalmente a Tara.

— Queixando-se com cada fôlego. — Soprou Tara, com um brilhante sorriso no fino e belo rosto.

Tara Glaston era vários centímetros mais alta que Marly, tinha cabelo ruivo sedoso e curto, e grandes olhos verdes. Também tinha um punhado de sardas sobre o nariz, e parecia amistosa e vivaz.

— Assim é Sam. — Marly se separou do grupo, evitando o sofá como à praga, sentando-se em uma das grandes cadeiras que estavam do outro lado da sala.

Tomou um bom gole da bebida e Cade franziu o cenho.

— Já comeu algo? — Perguntou com cautela, sabendo que não tinha aparecido na hora do jantar.

— É obvio. — Deu de ombros. — Estava morta de fome, e o assado de Marie é o melhor.

Por sorte, depois que Marly voltou, a antiga empregada tinha concordado em retornar para preparar as comidas. Agora era mais necessária que nunca, já que Rick e Tara também ficavam na casa. As habilidades culinárias de Cade não eram as melhores.

Entretanto, ao observar Marly, Cade franziu o cenho ainda mais. Ao menos seu apetite não estava sofrendo. E tampouco sua sede. Estava bebendo como se a bebida fosse água pura.

Ela se reclinou na cadeira, cruzando as pernas enquanto voltava sua atenção às notícias da televisão, enquanto Brock e Rick começavam a discutir como encontrariam Jack. Cade escutava só pela metade, sua atenção estava centrada em Marly. Estava exaltada, era um molho de nervos e isso o deixava nervoso. Sua mão tremia enquanto bebia, e sua expressão era distante, reservada. Nunca tinha visto Marly distante nem reservada.

— Quero que Marly e Cade fiquem dentro da casa. — Cade observou como Marly se esticava ante a advertência de Rick. — Ele sabe que têm relações sexuais, e isso o tira de prumo. Logo fará algum movimento. Até então, nos asseguremos de que podemos controlar a situação o máximo possível.

Marly entrecerrou os olhos, e apertou os dentes com tanta força que Cade pôde ver sua mandíbula esticar-se, enquanto seu rosto ardia pela vergonha.

— Então, logo se inteirará de que está enganado. — Disse com amargura enquanto inclinava o copo e tomava sua bebida.

Rick olhou para Cade como se perguntasse como encarar a situação. Cade deu de ombros. Demônios, ele não sabia como dirigi-la; nunca tinha agido desta forma. De qualquer maneira, quase esperava que recusasse qualquer sugestão que ele fizesse. Rick sacudiu a cabeça e fez uma careta de resignação. Evidentemente, tinha tido que encarregar-se de mulheres obstinadas antes. Então por que era Cade que recebia o olhar de desgosto?

— Olhe, sei que a situação é delicada neste momento. — Rick se inclinou para frente, com

uma expressão tão fodidamente suave e preocupada que Cade quis moê-lo de golpes. — Mas temos que ser cuidadosos, Marly. Jennings não está em seu normal. Neste momento, sua melhor defesa é deixar que continue acreditando.

Sua mão tremeu, apertando o copo com mais força. Cade podia ver as selvagens emoções lhe obscurecendo os olhos enquanto o olhava.

— Nenhum movimento em seu quarto, Marly. E não sai da casa sem Cade a seu lado.

A respiração de Marly era agitada, e profunda. Terminou o copo que estava cheio até a metade e tremendo ficou de pé para servir-se outro.

— Acredito que não. — Cade ficou em frente dela, segurando a mão antes de que pudesse pegar a primeira garrafa.

— Por favor. — Manteve a cabeça baixa, e ele sentiu o peito oprimir ante o medo e a dor que ouviu em sua voz.

— Beber não te ajudará, carinho. — Ela se encolheu ante sua suave expressão de carinho.

Sacudiu a cabeça, e ele se deu conta que seu controle pendia de um fio. Não pôde deter o movimento que fez para abraçá-la, inclinando-se em um gesto protetor, apoiando a cabeça dela em seu peito.

— Não deixarei que se machuque. — Ele sussurrou, angustiado. — Não outra vez, Marly.

Ela afundou as unhas em seu peito, e por um momento, só por um momento, Cade pensou que relaxaria o suficiente para lhe permitir consolá-la. Entretanto o empurrou, e se afastou, baixando a cabeça ao voltar a sentar-se. Pareceu render-se sobre si mesma, isolando-se de todo o mundo.

Rick olhou para Cade com um cenho preocupado.

— Marly, sei que é difícil. — Disse Tara suavemente. — Os bastardos como esse não merecem viver, e gente boa como você com certeza não merece sofrer. Mas é assim, e se quer viver, então vai ter que nos ajudar.

— Não disse que não vou cooperar. — Levantou a cabeça na defensiva, e olhou à mulher nos olhos. — Mas quero dormir em outro quarto.

— E entendo os motivos. — Não era nada simpatizante da causa de Cade. — Mas sua vida é mais importante que seu orgulho, ou o dele.

Marly deu um rápido olhar de rancor a Cade. O duro olhar quase o faz recuar. Marly nunca o tinha olhado assim, desafiante, furiosa. Entrecerrou os olhos. Sorriu-lhe, devagar e com segurança, com o olhar fortemente encoberto. Com uma labareda de satisfação, observou como se ruborizava. Sim, brigue carinho, pensou. Brigue tudo o que quiser, mas quando ajustarmos contas, veremos quem manda e quem termina implorando.

— Está bem. — Embora Marly não soasse nada contente com isso. Tinha os lábios fortemente apertados, brilhavam-lhe os olhos com fúria e determinação. Gostava desse brilho. Cruzou os braços sobre o peito e a observou com um sorriso inclinado.

— Muito bem então, meninos e meninas. Se minha intuição for correta, não teremos que esperar muito para que faça sua jogada. — Rick aplaudiu em um gesto determinado. — Sugiro que todos tenhamos uma boa noite de sono, e que amanhã comecemos a atrair o pequeno bode.

Marly girou a cabeça com presteza.

— O que quer dizer? Atraí-lo? — Perguntou.

— Bom, carinho, o que acha que quer dizer? — Cade se inclinou contra o bar como se sentisse relaxado e preparado. — Que faça sexo comigo é o que o atrai, assim veremos se podemos tentá-lo um pouco.

Marly ficou de pé com a velocidade de um raio, seus olhos estavam cheios de emoção e seu corpo tremia de fúria. Que o condenassem, se não era a maldita coisa mais linda que tinha visto

em sua vida. Tinha o rosto ruborizado, o firme corpo tenso, os seios se inchavam com cada furiosa respiração. Como um vulcão, fervendo e preparado para explodir, balançando-se bem na borda.

— Rogo ao inferno que não esteja sugerindo o que acredito que está sugerindo. — Exclamou com força.

Cade abriu muito os olhos, sorrindo com prazer.

— Bom, doçura, esta tarde as janelas do meu quarto foram substituídas por vidros a prova de balas. E sabe o quanto eu gosto de deixar as cortinas abertas para olhar o céu estrelado da noite.

Seu rosto empalideceu, seus olhos brilharam. Cade teve que fazer o impossível para ocultar a impressão que lhe causou ver a reação excitada que em seus olhos. Estava incomodada, furiosa, aferrando-se a seu orgulho e a seu sentido da moralidade, mas reconheceu esse pequeno brilho ardente que havia em seus olhos pelo que era.

— Bastardo. — Grunhiu. — De nenhuma maldita forma te deixarei me tocar com as cortinas fechadas, nem pensar com elas abertas para que um perverso possa nos observar.

Seu corpo vibrava com uma fúria ardente e violenta. Tinha os punhos apertados e seus músculos tremiam visivelmente.

Cade deu de ombros.

— Tara trouxe uma bonita peruca negra. Podemos deixar que ela... — Se agachou apenas a tempo para evitar o copo que ela lançou pelos ares em sua direção.

— Bastardo. Rasteiro filho da puta! — Gritou furiosa, com o corpo tremendo pela ira enquanto se girava para Tara. — Faça-o, por Deus. É mais que bem-vinda pelo maldito mentiroso.

Saiu a pernadas da sala, com o corpo tenso, e o rosto em chamas. Cade só pôde observá-la, surpreso e excitado. Merda, era a visão mais bonita que tinha visto em sua vida.

— Senhor August, sugiro que se abstenha de me utilizar em suas brigas. — A senhora Glaston se levantou nesse momento, olhando-o fixamente e com arrogância. — Eu não atiro copos, atiro murros e, me acredite, machucam.

Cade suspirou. Honestamente, não tinha tido má intenção. Desta vez.

— Só ia contar lhe o maldito plano que você e Rick fariam em nosso lugar. — Disse frustrado. — É que acaso todas as mulheres são tão malditamente sensíveis?

— Acaso os homens são tão malditamente estúpidos, ou é só você? — Disse Tara bruscamente. — Eu também vou me deitar. Tive mais que suficiente deste ignorante, tanto como posso suportar. Recorda-me porque deixei de acreditar nos homens em primeiro lugar.

Saiu da sala pisando em forte enquanto Rick cobria a boca, lutando para esconder um sorriso.

— É sempre tão malditamente sensível? — disse Cade desabando em uma cadeira, e olhando para a porta franzindo o cenho confuso.

— Geralmente. — disse Rick sorrindo.

— Deve ser um inferno estar casado com ela. — interveio Brock com um olhar escuro.

— Não sei, nunca perguntei a seu ex a respeito disso. — Rick deu de ombros, olhando para Brock com o cenho franzido.

— Se não é seu marido, o que é? — perguntou Brock. — Com certeza não parece seu irmão.

— Sou seu cunhado. Ex-cunhado para ser exato. — Se burlou Rick. — E me acredite, menino, tem uma figura excelente, mas essa é uma mulher com a que quer te enredar. Tem TPM todos os dias da maldita semana.

Cade fechou de repente a porta, entrando com passos irados em seu quarto. A excitação e a ira competiam pela supremacia dentro dele, embora seu eixo pulsasse mais duramente que sua fúria, que queimava no momento. Isto era do que queria proteger Marly. Esta fúria aumentava a necessidade, a demanda de dominá-la, tomá-la, reafirmar o controle sobre seu corpo. E o faria. Tinha tentado fazê-lo a sua maneira. Deus sabia que ele tinha brigado contra o instinto básico que sabia o dominava, mas não podia lutar contra eles por mais tempo. E Marly. A doce e preciosa Marly estava a ponto de aprender mais a respeito de seu amante do que tinha sonhado possível.

— Nua. — Mantinha em calma sua voz, seu corpo tranqüilo. Ele entendia isto. Podia dirigir-se a si mesmo sabendo do que se morava. A loucura dos combates o fez desmoronar-se.

O assombro cruzou por sua expressão.

— Não vou fazer isso. — Respondeu mordazmente, franzindo o cenho com fúria.

Cade sorriu, curvando seus lábios antecipando a noite por vir.

— Já te adverti que não se negasse a mim, Marly. — Disse, desabotoando sua camisa, tirando o cinto de suas calças ao ver seus olhos aumentar. — Eu esperava ser capaz de adiar esta opção até que estivesse mais cômoda comigo, mas vejo que não podemos.

Afrouxou seu cinturão, e depois tirou as botas de couro. Recolhendo suas botas as pôs cuidadosamente no armário, então tirou a camisa e a pôs em uma cadeira junto à porta.

— Você ficou louco? — gritou, piscando. — Isto já não é um jogo sexual, Cade. É um violador, também? Estranho, nunca tinha ouvido falar disso.

Sua valentia era elogiável. Gostava disso dela. Quase nunca se retratava e embora pudesse ver uma chama de apreensão em seus olhos, não estava resistindo. Ao menos, não a sua ira.

— Nunca foi um jogo, Marly, isso era o que estava tentando te fazer entender. — Fechou a porta do quarto, depois a porta que os comunicava. — Tentei te avisar, e até depois que fez caso omissivo das minhas advertências, tentei ir com calma. Mas me empurrou muito longe.

— Eu te empurrei muito longe? — Seu magro dedo era como um severo sinal de exclamação, destacando-se em primeiro lugar e logo a ele. — Está esquecendo quem está errado aqui? Você mentiu, Cade.

— Eu tentava te proteger, tal e qual tenho feito sempre. — Corrigiu suavemente. — Talvez da forma errada, mas tentei tudo. Agora tirará a roupa, ou terei que lhe arrancar isso.

Ela piscou, sacudindo a cabeça.

— Não.

Seu pênis deu um salto, vibrando enquanto a luxúria o golpeava com força no estômago. Ela estava dizendo que não, e se pensasse por um maldito minuto que ela não era consciente do que significava dizer essa única e pequena palavra, então se teria detido. Mas sabia. Podia vê-lo em seus olhos, na forma em que seus mamilos se apertavam debaixo de seu pulôver. Ela poderia negar até que o inferno congelasse, mas Marly sabia o que estava fazendo. Era sua escolha.

— Tire essa maldita roupa, Marly. — Grunhiu severamente. — Não quero ter que arruiná-la.

Seus olhos se abriram com apreensão. Era um tom de voz que só usava para os negócios. Um ao que ela nunca se negou nos oito anos que tinha vivido sob seu teto. E a excitava. Ele podia ver a excitação em seus olhos. Maldita, se não a conhecesse bem pensaria que isto tinha sido planejado por ela. Mas seus dedos tremeram quando ela tirou o pulôver pela cabeça, depois tirou as calças, olhando-o atentamente em todo momento. Antes de ir para ela, caminhou para a janela, abrindo as cortinas de um puxão, com um movimento brusco e rápido de pulso.

As janelas eram grandes, o que dava uma vista bem clara a quem olhasse o quarto bem iluminado, e Marly estava quase nua. Ela estremeceu, mas se manteve em seu lugar.

Era deliciosa. Aproximou-se lentamente, movendo-se a seu redor uma vez que ela o olhava

nervosamente. Seus seios subiam e baixavam rapidamente, os pequenos mamilos duros, franzidos e avermelhados.

Quando se moveu atrás dela, bateu em seu traseiro com um golpe seco. Gritando, Marly saltou, afastando-se dele.

— Para que diabos foi isso? — Franzindo o cenho, mantendo suas costas longe dele, afastando-se quando se aproximava.

— Deixou as calcinhas. Tire.

Manteve sua voz dura e sua expressão fechada.

— Estou cansada disto...

— Agora! — Não elevou a voz. Não tinha por que. Ele sabia como usá-la com eficácia.

Viu-a engolir com força, e depois suas mãos foram a cintura da calcinha.

— Te avisei, não foi, Marly? — Perguntou em voz baixa enquanto ela tirava a calcinha. — Te disse que não dissesse “não”. Te disse que meu apetite podia ser mais do que podia dirigir. Não lhe disse isso?

Levantando suas pestanas, os olhos estavam obscurecidos de medo e excitação.

— Sim. — disse ela vacilante.

— Você me disse “não” em várias ocasiões agora. — Disse, mantendo sua voz tranqüila e fresca. — Tem que aprender a não me dizer não, porque isso me deixa louco. E não quero te machucar. Se alguma vez não quiser fazer algo que eu queira, não me diga não. Me diga que está assustada. Me diga o que está errado. Mas nunca diga não. Sei o que estou fazendo, e sei se algo está doendo. Não há razão para que me negue alguma coisa, Marly.

Viu sua face vermelha pela ira.

— Isso não é justo. — Disse mordazmente. — Tenho mente própria... — deteve-se quando ele arqueou sua sobrancelha.

Com cada movimento cuidadosamente controlado, Cade passou perto da cama para chegar à cadeira, consciente de que qualquer movimento dali poderia ser visto da janela.

— Vem aqui. — Fazendo um gesto com a mão para que avançasse.

Ela olhou nervosamente pela janela.

— Não se preocupe com Jennings. Preocupe-se comigo, Marly. — ordenou suavemente.

Seus olhos voaram para ele, completamente abertos pela escura promessa em sua voz.

— Vem aqui agora. É a última vez que lhe peço isso amavelmente. — Deu uma palmada na coxa.

Lambendo seus lábios nervosamente, ela caminhou para ele.

Parou diretamente na frente dele, tremendo. Gostava de olhar seu estômago tenso pela excitação e os nervos. A forma em que seus mamilos se endureciam, apontando para ele, lhe suplicando de necessidade. Até mais, amava o brilho de umidade que se formava entre os lábios nus entre suas coxas.

Estendeu a mão, seu dedo percorrendo-a, lentamente, enquanto ela respirava com dificuldade.

— Está molhada. — Levou o dedo à boca, chupando a nata com prazer. — Me deseja, Marly.

Viu-a respirando forçosamente. Finalmente voltava a ter o controle.

— Está me assustando. — Sussurrou.

— Um pouco de medo é bom para você. — Moveu-se, tirando algo da gaveta da mesinha de noite. Ali, envolto em seda, havia um novo vibrador que tinha comprado para ela, vários plugues e outros dispositivos sortidos, e vários tubos de lubrificante. Marly ofegou.

— Deite-se atravessada na cama, com os quadris levantados. — Ordenou suavemente. — Baixe a cabeça até o colchão.

— Cade. — Não podia tirar os olhos dos artigos da gaveta.

— O plugue que comprou era muito pequeno, Marly. — Explicou suavemente. — Quando me tomar em seu cu, quero-te aberta e pronta. Não quero te machucar. Assim vamos conseguir que esteja preparada.

— Feche as janelas. — Sacudindo a cabeça vigorosamente. — Por favor, não deixe que ele veja isto.

Se ele pensasse por um minuto que não estava excitada, que não estava preparada para o que ele queria lhe dar, então fecharia as cortinas. Mas Cade viu a umidade formando-se entre suas coxas, e sabia que ela estava quente. Sabia que seu corpo palpitava pela excitação.

— Cada vez que me disser que não, alguém levará seu castigo. Normalmente, Brock e Sam. Estou deixando que isto seja fácil desta vez, neném. Agora te ponha na cama antes que me deixe louco.

Seus olhos se avivaram pela excitação. A profunda cor azul escura, aprofundando-se até que pôde ver a necessidade pulsando nela.

— Não o faria. — disse, mal sussurrando.

— Farei. — Grunhiu severamente. — Agora faz o que digo antes que tenha que prová-lo e trazer Brock até aqui eu mesmo.

Ela fez o que ordenou. Girando, ficou de joelhos na beira do colchão, sua cabeça sobre o edredom, seus quadris levantados para cima. Os globos pelados de seu traseiro faziam sua respiração se acelerar. Levantando-se da cadeira, aproximou-se dela por um lado. Queria que Jennings visse isto claramente, se estivesse olhando.

Apartou as suaves bochechas enquanto levantava um tubo de lubrificante. Marly estava tremendo, mas a umidade de sua vagina tinha revestido sua greta. Estava mais excitada do que nunca tinha estado.

Pouco a pouco, lubrificava o pequeno buraco, seus dedos estirando-a, agora ignorando seus gemidos, os pequenos movimentos em seu quadril e os músculos queimando ao redor de seus dedos, mal relaxados, estendendo-se com facilidade. Quando esteve seguro de poder introduzir dois dedos nela sem nenhuma resistência, tomou o extremo do grosso plugue lubrificando-o muito bem.

— Isto te apertará a primeira vez, não usou nenhum deste tamanho. — Explicou enquanto colocava a cabeça do plugue em seu ânus aberto. — Quero que respire profundamente, empurre e tente se relaxar. OK, Marly?

— Cade. — Sua voz estava cheia de dúvidas.

— Me responda. OK? — Igual a um chicote, sua voz se transformou em forte e cortante.

— OK — respondeu rapidamente.

— Saberei se te machucar, Marly. Confie em mim para fazer isto. — Começou a empurrar pouco a pouco dentro dela.

Ela gemeu quando seu buraco foi alargado pelo brinquedo, respirando profundamente como ele ordenou, empurrando contra a invasão. Depois, se converteu em um som mais forte, quando a parte mais grossa começou a entrar nela.

— Isto é quase tão grosso como meu pau. Estará preparada. — Ele disse, agora respirando asperamente. — Quando o tiver tirado, Marly, meu pau se deslizará facilmente em você, sem dor. — Pressionou a base dentro, escutando-a gritar de doloroso prazer, quando finalmente o alojou dentro do apertado anel de músculos que o mantinham em seu lugar.

Ele olhou para baixo à larga e plana parte traseira que se mantinha firmemente fora de seu corpo. Suas coxas se apertavam só de pensar que tão apertado estava ela mantendo o plugue, seus músculos apertando-o, quente e apertado. Levou sua mão para baixo na bochecha de seu traseiro

com outra pequena bofetada. Ela gritou, mas não tentou se mover. Outra vez, deu à outra bochecha o mesmo tratamento. Ela ofegou, mas ainda sobre seus joelhos.

— Você gosta disso. — Sua mão rodeou sua vagina, sentindo seus sucos, espessos e quentes contra ela. Estava empapada.

Golpeou-a outra vez, com o que outro grito saiu de sua garganta. Repetiu o pequeno castigo várias vezes, olhando as bochechas de seu traseiro ficarem vermelhas. Quando se deteve, Marly estava gemendo em voz alta com cada açoite, suas bochechas apertavam o plugue enterrado profundamente em sua carne, agora sua nata cobria as coxas.

— Levante-se.

Saiu de onde ela estava e foi para cadeira, depois tirou as calças. Marly se virou para a ele, enquanto tirava a calça de suas pernas, sua membro oscilando livre e rígido, se sobressaindo de seu corpo.

Recostou-se na cadeira e lhe fez gestos para que se aproximasse. Moveu-se timidamente, evidentemente não acostumada a caminhar com o plugue estirando-a tão apertadamente.

— Vai usá-lo todos os dias. — Ordenou com firmeza. — Antes que eu chegue, a cada tarde lhe inserirá isso. Se não o fizer, Marly, então o inserirei eu mesmo e vou deixar que Brock e Sam ajudem. Isso é o que quer?

Ela sacudiu a cabeça ferozmente, sua cara flamejava.

— Bom. — Sussurrou. — Agora estende as pernas. Desejo penetrar-te com seu novo brinquedo, antes que chupe o meu pau.

Levantou a grossa vara da gaveta, olhando seus olhos alargar-se pelo tamanho.

— Oh sim, caberá. — Prometeu, ao ver o protesto em seus olhos. — Agora estende as pernas. Apóia as mãos em meus ombros se tiver que fazê-lo, mas não se mova.

Cade se deslocou para frente e lubrificou a cabeça do vibrador. A excitação estalou dentro dele, pulsou fogo em seu membro. Ela era dele, e esta noite o provaria.

Marly estava tremendo enquanto olhava fixamente para Cade, mal era capaz de permanecer firme, alagada das mais incríveis sensações de sua vida. O plugue a tinha estirado a sua capacidade, queimando-a, pondo-a tão selvagem por ter Cade que não o suportava. Mas não era o que ela estava a ponto de conseguir, era o grosso vibrador que estava preparando lentamente, seus olhos bloqueando os seus enquanto estendia a lubrificação.

— Abre as pernas mais amplamente. Queremos que Jennings tenha uma vista clara. — ele disse brandamente.

Marly avermelhou, seu coração acelerando-se com temor à idéia de que seu padrasto a estivesse olhando. Depois não pôde pensar em nada mais. Suas mãos se aferraram a seus ombros quando a cabeça do membro de borracha ia inserindo em sua vagina.

— Agüente. — Quando ele empurrou até mais lentamente, um pouco mais profundo, girando e empurrando com força, se alojava mais profundo e mais profundo dentro dela. Estendendo-a até o impossível, fez que o plugue em seu traseiro se movesse ligeiramente quase lançando-a de cabeça em um comprido clímax.

— Sim, toma tudo, neném. — Ela sentiu as mãos em seus lábios quando empurrou o vibrador profundamente em seu corpo, fazendo que suas costas se arqueasse e gritasse um eco ao redor do quarto.

Tirou-o e o empurrou de novo, penetrando-a com lentos e fáceis golpes que a faziam esquecer-se de todo aquele que estivesse olhando, ou quem pudesse escutá-la. Tudo o que se importava era o fogo que estava queimando seu corpo e a necessidade de converter-se em uma criatura de excitação e luxúria.

— Cade. Cade. Não posso suportá-lo. — Sacudiu sua cabeça, o interior de seu corpo

apertando ao hábil dispositivo enquanto ele a empurrava e a empurrava dentro dela, deixando-a completamente louca. Ela podia sentir cada movimento, cada dobra da pele do grosso eixo e a cabeça queimava, apertando-a, em um agarre quente e apertado enquanto ela lutava pela liberação.

— Não, não desta vez. — Seus dedos brincavam brandamente com o mamilo enquanto retirava, e depois empurrava de novo. — Não pode gozar com o vibrador, neném. Estou preparado para seguir com meu pau. E sabe como eu gosto de meter em você.

Marly gritou quando o vibrador atuou de retorno em um comprido e duro impulso que a fez cambalear-se no clímax. Então ele o retirou facilmente, postergando-o quando ela gritou, quase lhe rogando de novo.

— Chupa meu pau. — Ele tirou o vibrador de seu corpo, lhe permitindo cair cuidadosamente ao piso. — Se incline e chupa o meu pau, Marly. Lembre-se que lhe estão olhando.

Ela encheu a boca com sua ereção, sem cuidar-se de quem visse ou que tão zangado estivesse. A carne quente encheu sua boca, os dedos de Cade foram a seu cabelo, apertando nos cachos enquanto ele gemia contra os movimentos de sucção enquanto o usava.

Atraiu a grossa longitude lentamente, desejando agradá-lo, desejando que gemesse da necessidade por ela. Ela sentiu seu membro pulsando entre seus lábios e debaixo de suas mãos que lhe apertavam a base. Seu quadril levantando-se para ela, empurrando-se a si mesmo dentro de sua boca enquanto lutava com sua própria liberação.

Sua língua tamborilava contra a cabeça, lavando-a, então sua boca o chupou profundamente, seus lábios se estendiam na largura, amando o sabor dele, o som de seus gemidos duros, a maneira em que seus quadris se levantavam para ela.

— Chega. — Empurrou-a. — Se deite na cama. Estende suas pernas amplamente para mim. Vou fazê-la gozar antes de tirar o plugue e me afundar nesse cu tão apertado.

Marly gemeu. Deitou na cama, fazendo o que ele havia dito, deitando-se de costas, estendendo as pernas. Ela viu como se movia sobre ela, seu membro duro de aspecto aceso, grosso e pleno, apoiando seu peso sobre os cotovelos. Ele não a preparou. Acabava de ajustar sua posição e então enterrou de repente até o punho dentro dela. Isso foi tudo o que teve. Ele estabeleceu um duro ritmo, conduzindo Marly em um compasso que fez pedacinhos sobre seu clímax. Escutou a si mesma gritando seu nome, sentiu seu corpo explodindo em brancos e quentes fragmentos de prazer que a deixaram boquiaberta, seu seio subindo e baixando com o esforço de aspirar suficiente ar para sobreviver enquanto ele a preparava de novo.

Ele empurrava, cravando-se nela uma e outra vez. Em seu rosto se desenhavam linhas agonizantes de prazer enquanto irrompia no já apertado e ultra-sensível canal. Marly sentia que encaixava comodamente em sua vagina ao redor de sua ereção. O dispositivo enchia seu traseiro fazendo o prazer tão extremo, tão impossível de resistir que em questão de minutos Marly explodiu em pedacinhos outra vez, corcoveando contra seu corpo, escutando o triunfante grito masculino e sentindo as duras explosões da liberação saqueando o receptivo portal.

Marly estava esgotada, seu corpo gotejando com a transpiração, os ecos de prazer a diferença de algo que ela tivesse conhecido vibrando através dela, enquanto sentia Cade girando gentilmente seu corpo, pondo seus quadris sobre o travesseiro que tinha permanecido a seu lado.

— Eu tinha sonhado com isto, Marly. — sussurrou, lentamente tirando o plugue de seu traseiro, fazendo seu corpo estremecer-se com renovado prazer.

Era muito. Ela gemeu em protesto quando sentiu o frio, escorrendo a aplicação da lubrificação ali uma vez mais.

— Esperei muito tempo, neném. — Grunhiu, movendo-se atrás dela, uma mão apartando as

bochechas de seu traseiro. — Muito para isto.

Afundou-se lentamente, com facilidade. Os gritos de Marly eram mais guturais agora. Ela estava distraidamente horrorizada pelos sons, enquanto o sentia escorregando até o punho dentro dela. Finalmente, agonizando, queimando-a, consciente da apertada plenitude, a corrente de sangue quando ela levantou seus quadris, tomou tudo dele.

Cade descansou sobre ela, seu peso sustentado em seus cotovelos por seus ombros, seus lábios percorreram uma linha de beijos sobre seu ombro.

— Esta tão apertada. — sussurrou acaloradamente. — Tão malditamente apertada e quente que não poderei durar muito.

Começou empurrando lentamente, movendo uma mão debaixo de seu corpo, seus longos dedos procurando a escorregadia carne de sua vagina, depois inserindo dois dedos dentro dela ao tempo que se acaloravam os impulsos de atrás queimando-a viva. Apertando-se ao redor dele, fazendo-a gemer duramente. Corcoveando contra ele, conduzindo-o mais profundamente, choramingava enquanto sentia o crescendo do prazer diferente ao que tinha conhecido antes. Se esta afogando nele, queimando-se viva tão logo começou a mover-se mais rápido, mais duro. Seus dedos a enchiam, seu membro a destroçava. Sua visão nublando-se como um fogo propagando-se em seu corpo, perfilando-a, assustando-a com sua extremidade.

— Não lute, Marly. — Ofegou em sua orelha quando ela sacudiu a cabeça com medo. — Estou aqui, neném. Segurarei você. Só deixa que aconteça, Marly. Deixa que aconteça.

Ela não tinha escolha. Marly queria gritar, mas quando o orgasmo lhe atravessou o corpo, ela não encontrou o fôlego para emitir um grito desesperado. Então os dedos de Cade se mergulharam uma última vez, e ela caiu sobre um precipício. Endureceu-se, empurrando sobre sua ereção, seus longos dedos, além disso, deleitando-se prolongando com gemidos sua rendição, sentiu os duros, quentes jorros de seu esperma liberando-se em seu corpo.

CAPITULO 25

— Meu reino por uma cerveja.

Sam era digno de compaixão, confinado na cama do hospital, olhando fixamente o reflexo sombrio da parede em frente de sua cama.

— Não tem um reino. — Informou Marly enquanto o olhava dos pés de sua cama.

Ele obsequiou com um olhar contrito prometendo vingança.

— Muito bem, então. O reino de Cade por uma cerveja. Minha Harley por uma cerveja. Que alguém me traga algo de condenado álcool.

— Que tipo de medicação estão te dando? — Marly franziu o cenho, perguntando-se por seu mal-humorado estado de ânimo.

— Não é assunto seu. — Sua boca se torceu, seus olhos azuis olharam fixamente mal-humorados em Marly. — Trouxe uma cerveja, doçura? Por favor, diga que o fez.

Marly inclinou a cabeça, depois inspecionou a porta, ignorando seu olhar esperançado.

— Trouxe-me uma cerveja?

O prazer alagava sua voz.

— Não, não te trouxe uma maldita cerveja. — Cuspiu mordazmente, voltando-se para ele e colocando a mão em sua grande bolsa. — Fiz algo melhor que isto. Fiz Cade parar em um Burger King. Isto é muito melhor.

Seus olhos se iluminaram ante a familiar bolsa, e se acomodou, sentando-se enquanto Marly

colocava a bolsa na mesinha e a girava mais perto. Depois tirou uma Coca-cola grande, jogou-a em um copo com gelo e a colocou a seu lado.

Sam pinçou na bolsa, choramingando de prazer quando o aroma do Whopper completo flutuou no ar através de seus sentidos. Dentro de uns segundos estava mordendo o enorme hambúrguer, grunhindo como um urso morto de fome enquanto comia.

Marly se sentou na cadeira ao lado de sua cama, com um sorriso cruzando sua face por seu prazer. Sam era pouco mais que um menino no corpo de um homem. Não era tão dominante como Cade, ou tão sério como Brock. Desfrutava com as coisas simples, e encontrava a risada onde podia. Se havia uma pessoa que sabia que se preocupava com ela, era Sam.

— Oh céus, Marly, sabia que me queria mais que os outros. — Lambeu os lábios quando engoliu, então fincou os dentes em outra dentada enquanto tirava várias batatas fritas da caixa e se abarrotava com elas.

Marly apoiou seu queixo no punho enquanto o olhava comer. Entusiasmo. Isso descrevia Sam. Fazia tudo com entusiasmo. Se ia a uma partida de beisebol, uma briga ou uma festa, ia atrás disso com tudo o que tinha. Combateu seu rubor enquanto se perguntava se ele tinha tido sexo com mulheres e as tinha compartilhado com seus irmãos da mesma maneira.

— Tem alguma idéia de quão péssima é a comida do hospital? — resmungou ante o hambúrguer. Depois sorriu abertamente. — Perdoe-me, carinho. Esquece.

Marly sacudiu a cabeça. Como podia ele esquecer-se de todas as vezes que ela esteve no hospital? Geralmente era a ele a quem Cade golpeava por ter estado envolto no que fora que a tivesse levado ali. Franziu o cenho. Desejava golpear Cade. O homem deveria ser proscrito por ser uma moléstia permanente.

— Me alegro de ver que está se recuperando tão bem. — Marly sentiu lágrimas acumular-se em seus olhos enquanto o olhava. — Lamento, Sam. É tudo por minha culpa.

Sam franziu o cenho.

— Como? — Perguntou entre outro bocado de comida.

— Sei quem o fez, e por que. — Não ia permitir que lhe mentisse. Não Sam. — Não poderia agüentaria tudo agora, Sam.

Sam suspirou, metendo a última dentada de hambúrguer e as batatas fritas na boca e mastigando pensativamente enquanto olhava o teto. Vários compridos goles da Coca-cola depois, voltou finalmente seu olhar para ela.

— Nenhum de nós poderia ter previsto o que ele faria. — Deu de ombros cautelosamente. — Não te culpo, Marly. Nada disto é sua culpa.

— Sabia que Cade estava deitando-se comigo para me proteger? — Tinha que saber a verdade. Tinha que saber quem estava envolvido nisso.

A surpresa iluminou seus olhos, depois a diversão.

— Não me diga. Esqueci-o. O membro de Cade fica duro por cada rapariga em apuros que encontra. Fala sério, Marly.

Marly abaixou a cabeça, o alívio precipitando-se através dela.

— Ouvi ele falando com Rick Glaston. Rick disse a Cade que me mantivesse em seu quarto, e Cade lhe disse que isso era pelo que estava ali para começar. — Disse brandamente, a dor daquilo ainda presente em sua voz.

Sam franziu o cenho. Inspirou pensativamente, depois franziu sua boca considerando-o.

— E acreditou nele? — perguntou-lhe Sam, entrecerrando os olhos.

Marly deu de ombros.

— Foi ele quem disse, Sam.

Ele arrotou devagar, depois se recostou, sem apartar seus olhos dos dela.

— Machucou você, não é?

Franziu o cenho ao pensar nisso.

— Sim. — Marly abaixou cabeça, seus dedos estirando um fio solto do joelho de seu gastos jeans. — Me machucou.

— Então vocês dois tiveram uma briga enorme, e se nega a transar com ele, e ele está agora defendendo-se, tentando penetrar de volta dentro de suas calcinhas? — Riu disto, sacudindo a cabeça. — Eu gosto muito disso. Não poderia havê-lo planejado melhor por mim mesmo.

Os olhos do Marly se entrecerraram.

— Tem certeza que essa bala não deu uma volta por seu cérebro, seu bobo?

Riu entre dentes de novo.

— É perfeito. Olhe, Marly. O imbecil profundo não tem nem idéia quanto te quer. Esteve opondo-se a isso durante anos. Agora, tem que deixar sua pequena ilha o tempo suficiente para poder comprová-lo.

Assentiu como se esse tivesse sido seu plano todo o tempo.

Marly piscou.

— Sabe, Sam. Estou realmente contente de não ser parente sua em particular, porque está completamente louco. E na verdade, não quero passar esse gens a meus filhos mais tarde.

Olhou-a assombrado.

— Demônios, Marly, Cade é meu irmão. É obvio que o passará.

— Não, se nunca o tocar de novo. — Grunhiu, pensando na noite anterior, a dominação, o selvagem prazer. A auto-confiança de um homem que sabia o que estava fazendo e o que queria.

— Nossa! — Agora pestanejava, com o assombro atravessando sua cara. — Parece como se quisesse dizer isso de verdade, pequena.

Marly pôs os olhos em branco. Não tinha falado com Cade sobre noite anterior, desde seu último gemido ofegante, sua última e desesperada súplica profunda na noite, conforme ele usava o grande consolador de látex em sincronização com suas profundas investidas em seu corpo enquanto lhe sussurrava ao ouvido. Reafirmando os selvagens rumores, advertindo-a, desafiando a lhe colocar isso à força. Desafiando-a que escolhesse negar-lhe sussurrando a palavra proibida, “não”.

— Eu prostrado aqui no hospital e todo fodidamente bom começa e não me podem culpar por isso. — Queixou-se. — Quando decidiu mostrar os dentes?

— Quando meu amante decidiu transar comigo para me proteger de morrer, em vez de porque simplesmente não podia tirar as mãos de cima de mim. — Informou-lhe amargamente. Quando seu amante a tirou de um puxão do conto de fadas no que teria estado contente de viver.

Marly não gostava das coisas que estava aprendendo de si mesma, ou as depravadas imagens que seu amante tinha posto em sua cabeça.

— Acha que sim, não é? — perguntou suavemente. — Interessante.

— Não está convencido.

Marly cruzou seus braços ao redor de seus seios enquanto olhava sua expressão quase inocente.

Sua frente se enrugou.

— O irmão Sam sabe muitas coisas, pequena. — riu arrogantemente. — Mas confie em mim, está longe da verdade. Mas lhe faça sentir no inferno de qualquer modo; necessita-o. Sempre foi muito agradável com ele.

Marly suspirou resignada, lhe observando com sua expressão sombria de antes. Tinha esperado que Sam fosse simplesmente um pouco mais pormenorizado com seu problema.

— Me diga, Marly, o que é o mais importante do Cade, que ama acima de tudo? — perguntou

ele por fim amavelmente.

Ela baixou a cabeça, lutando por controlar a dor e as lágrimas.

— Vamos. Tem que ser só uma coisa. — Urgiu brandamente, com seus suaves e aveludados olhos avelãs olhando-a com afeto.

Ela elevou um ombro descuidadamente.

— Me deixe ver, tivemos um montão de conversa no passado. — refletiu ele tranquilamente.
— Mas a única coisa que me vem à mente, é que Cade é sempre muito decidido. Custe o que custar, se ocupará de sua felicidade, sua segurança, seus sorrisos e seu prazer. Você sempre estive atemorizada por isso, não o compreende irmãzinha?

Ele contemplou suavemente

— Isto não tem nada que ver com isso.

Como podia ele ter o prazer dela em conta? As necessidades dela eram mais importantes. Ele queria compartilhá-la. Queria observá-la retorcer-se sob o contato das mãos de seus irmãos. Marly se livrou da labareda de excitação, atribuindo-o em seu lugar ao medo e ao desgosto. Não desfrutaria de tal coisa, não poderia.

— Não é isso, Marly? — perguntou ele pacientemente. — Vamos, Marly. Cade não poderia fazer amor contigo se te amasse como uma irmã ou sobrinha. Não estaria tão preocupado com todas essas coisas de qualquer outro modo, a menos que te amasse como a uma mulher. Cade simplesmente não se deu conta ainda.

Marly negou com a cabeça.

— Está errado, Sam. — negou dolorosamente. — Desejaria que fosse assim, mas não é. Isso não é amor, por mais que deseje que o seja.

Sam suspirou bruscamente.

— Vem aqui, pequena, se tiver que chorar, ao menos me deixe te mimar enquanto o faz.

Marly negou com a cabeça. Não podia estar entre seus braços. Não podia. Ficava duro quando a segurava? Enchia sua mente com pensamentos sexuais, necessidades sexuais? Suas mãos se estremeceram enquanto recordava sua própria labareda de desejo na outra manhã, o sufoco ardente de excitação em seu toque. A informação que Cade lhe tinha dado só o fazia pior. Poderia tratar com ele agora, sem perguntar-se...

— Marly? — Inclinou sua cabeça, seus azuis olhos interrogativos e fracamente doídos. — Não vai me deixar te abraçar?

Não podia ferir Sam. Não podia consentir que seus medos lhe fizessem isto. Eles não a forçariam. Sabia que não o fariam. Mas poderia ela suportar querê-lo?

— Aqui tem o que vai fazer. — Lhe aconselhou quedamente enquanto dava golpes em seu ombro. — Faça sentir-se no inferno por ser um estúpido. Ele merece. Mas tome cuidado, Marly, porque pode ser ferido, também. E você é a única pessoa malditamente capaz de machucar Cade.

— Não poderia machucar Cade. — Sussurrou. — Inclusive agora, quando isso dói tanto, Sam. Não posso machucá-lo.

— Isso é porque o ama. E sei que Cade não te machucou deliberadamente. Simplesmente tem um pouco frito o cérebro de todo esse tempestuoso e rápido sexo de cozinha que vocês estiveram tendo. Perigoso para as faculdades mentais menina Marly—disse meio a sério. — Sem mencionar meu bem-estar mental. Sou jovem e impressionável, sabia?

— Sei, claro que é. Também ouvi falar de você, grandalhão. — Resmungou. — Dillon Carlyle não esconde suas pequenas proezas.

Ao menos ele teve a discrição de ruborizar-se.

— Sai dessa maldita cama, Marly.

Sobressaltou-se surpreendida ante a furiosa voz de Cade, quando ele falou dos pés da cama.

Ela franziu o cenho.

— Não se cansa de rondar por aí? — perguntou com irritação, mas não se moveu dos braços de Sam.

— Último aviso. — Estava assombrada de ver sua cara acesa, seus escuros olhos com fúria. — Saia de uma maldita vez dessa cama e vamos.

— Diabos, Cade, não pode nem sequer agora ter um pouco de compaixão. — Sam também estava um pouco mais que ofendido com a atitude de Cade, se a rudeza em sua voz era algo a ter em conta. — Que diabos esta acontecendo?

Os olhos de Cade relampejaram com escuro fogo.

— Ansiosa por começar já, Marly? — Perguntou ele tranqüilamente, seu aspecto insinuante enquanto arrojava a ameaça em sua cara.

Marly se esticou colérica, e sentiu Sam fazer o mesmo. Não era ciúme. Era necessidade. Podia ver a luxúria encarapitando-se em Cade, furioso consigo mesmo, não com ela. Mas doía de todos os modos.

— Tem maldita sorte de que esteja aqui machucado, Cade. — cuspiu Sam. — Porque brigáramos por isso. — Abraçou Marly fortemente durante um segundo, depois tirou o braço de seu ombro.

— Lembre-se o que te disse, doçura. — Ele piscou o olho lentamente, mas não havia diversão em seu sorriso. — Estarei em casa em uns poucos dias, prometo.

— Obrigado, Sam. — Beijou sua bochecha suavemente, depois se levantou de seu lado, movendo-se rapidamente além de Cade. — Talvez quando voltar para casa, o burro estará de melhor humor. Ou eu irei.

Ouviu a maldição de Cade atrás dela, mas continuou até sair pela porta, e ficou de pé silenciosamente no corredor, cravando com determinação o olhar em Rick e Brock enquanto bloqueavam seu caminho. Suspirou profundamente, lutando com paciência e tolerância enquanto se enfrentava a eles.

— Um dia destes, — murmurou — algum destes imbecis grandalhões cruzará em meu caminho em um mau momento.

— Estarei enquanto houver algum louco espreitando nas sombras, carinho. — Os lábios do Rick torcidos de diversão enquanto a olhava.

Exalou enquanto elevava a vista para o teto, sentou-se em uma dura cadeira de plástico e se resignou a esperar, embora algo impacientemente, que o Senhor Asno decidisse sair.

Cade queria golpear a alguém. Preferivelmente Sam. Mas como golpeava a um homem que tinha recebido uma bala por ele? Escoltou Marly à limusine que esperava, olhando como se movia para o canto mais afastado do assento. Suspirou cansado, entrando e fechando a porta atrás dele.

Jogou a cabeça para trás e descansou no assento, fechando seus olhos cansadamente. Marly estava, uma vez mais, sem lhe falar. Sentada em teimoso silêncio, olhando através do vidro tinto, os braços cruzados sobre o peito. O comprido cabelo recolhido, caindo sobre seu ombro, tampando a maior parte de sua face, e sua expressão. Estava formosa encolerizada, mas estava se cansando de vê-la tão condenadamente furiosa. Não podia fazê-la entender, não importava quão forte o tentasse. Demônios, ele não entendia algumas vezes seus próprios sentimentos. Tudo o que sabia era que a necessitava. Necessitava-a como nunca tinha necessitado nada em sua vida.

— O que quer, Marly?

Estava cansado de brigar com ela. Queria abraçá-la; queria tê-la perto dele. Simplesmente em seus braços, nada mais. Odiava assustá-la. Ele odiava pressioná-la. Ele a queria, necessitava-a.

— Não quero nada, Cade. — Sua voz era calma, fria. Não o olhava, não admitia sua presença de nenhum outro modo que simplesmente lhe responder.

— Estou cansado de dizer que sinto. — suspirou — Sou quem sou, Marly. Adverti-te disto.

— Um mentiroso? — voltou-se para olhar com olhos atormentados. — Nunca pensei que mentiria para mim, Cade. Até agora.

— Não menti. — Passou seus dedos por seu cabelo impacientemente. — Não poderia havê-lo resistido muito mais, Marly. Sabe tão bem como eu. Mas a ameaça contra ti me aterrorizava. Simplesmente acelerei as coisas. — A frustração e a ofensa revestiram sua voz.

— Já nem é sobre isso, Cade. — Ela disse roucamente.

Cade sabia que estava perto. Ela estava assustada e preocupada. Mas não estava fugindo.

— Isto é pelo sexo? — cuspiu — Maldição! Se que o desfruta. Sei que o faz.

Sabia que as mulheres podiam ser confusas, mas isto desafiava algo que tivesse enfrentado antes.

— E nada mais além disso tem importância, não, Cade? — Sua voz soou pormenorizada, então por que se sentia como se ela não tivesse entendido o mínimo?

— Que mais importa? — perguntou rudemente. — Maldição!, disse que ouviu os rumores faz tempo. Suspeitava que seria algo assim Marly, não pode negá-lo. Pensa que não te amo? Que não te quero? Disse-lhe isso, esse não era o conto de fadas que necessitava.

— Como sabe o que necessito, Cade? — disse furiosamente. — Se nunca tentou dar assim como também aceitar. Possivelmente é isso o que necessito.

Cade sacudiu a cabeça, lutando por compreendê-la.

— O que necessita, Marly? Diga-me isso, ao menos me dê uma oportunidade de lhe dar isso.

— Se realmente quer. — Se encolheu de ombros.

— Está conforme, supondo.

Ela franziu o cenho por um momento, lhe observando, seus olhos obscurecidos e pensando enquanto alguma espécie de feminina lógica se retorcia em sua cabeça. Ele gemeu silenciosamente. Maldição!, quando havia se tornado tão complicada?

— Me diga Cade, quanto está de desesperado por fazer as pazes?

Seu membro certamente se animou, mas Cade tinha a impressão de que não era isso o que ela queria dizer.

— Estou bastante desesperado. — suspirou, franzindo o cenho. — Implicará dor?

— Provavelmente será a coisa mais dolorosa que alguma vez experimentou. — ela disse suavemente. — Pensa que poderá dirigi-lo?

Olhou-a entrecerrando os olhos.

— Poderei caminhar depois? — sobressaltou-se, ouvindo seu próprio desespero. Merda!

— Só se realmente quiser. — deu de ombros — Está conforme, suponho.

Seus lábios se franziram enquanto se perguntava se realmente poderia lhe machucar. Bem, suspirou, estava bastante furiosa..

— Bem. Vai em frente. — Sobressaltou-se, perguntando-se que era o que lhe induzia a fazê-lo.

Os olhos do Marly se entrecerraram.

— Se mova para o centro do assento. — ordenou suavemente.

Olhando-a com cautela, Cade fez o que pediu.

— Não está permitido me tocar. Se me tocar, então provará que não tem intenções de se reconciliar, e que tudo o que quer é transar. — Moveu-se um pouco mais perto dele.

A fresca essência de seu corpo o alcançou, fazendo seu corpo endurecer-se. Depois seus olhos se aumentaram enquanto ela se movia para montar-se escarranchado lentamente sobre suas pernas. Automaticamente suas mãos se elevaram para agarrar seus quadris, mas recordou as condições, arqueando uma sobrancelha.

— Vai me torturar. — Olhou-a enquanto ela permitia que suas pernas o agarrassem, acomodando-se contra o vulto de sua ereção suavemente.

— Tortura? — perguntou ela amavelmente. — Ontem à noite estava me rogando que te tocasse. Só vou te tocar, Cade.

Inclinou-se perto, seus lábios acomodando-se com delicadeza contra seu pescoço. Os olhos de Cade se fecharam enquanto sua língua lambia sua pele com pequenos e oscilantes golpes. A carícia era como uma língua de fogo fazendo seu corpo se esticar.

— Eu gosto de te tocar, Cade. — murmurou — Mas nunca me dá a oportunidade.

— Faço-o. — Gemeu, sentindo que seu corpo o atormentava com necessidade enquanto seus lábios acariciavam sua pele lentamente. Ela o saboreou, acariciou-o, seu toque inexperiente estava o transformando em um demente.

— Não, não o faz. — ela disse suavemente. — Toma o controle, e força a resposta que quer. Não quero ser forçada, Cade. Quero ser amada.

Suas mãos estavam sobre seu peito, queimando através da seda de sua camisa.

— Sabe por que sempre eu gostei de dormir com suas camisas, Cade? — perguntou enquanto cravava as unhas através do material.

— Por que? — grunhiu quando sentiu seus dentes contra sua pele. Estava matando-o. Nunca havia sentido nada tão malditamente abrasador como Marly movendo-se lentamente contra seu corpo, destruindo seu controle.

— Porque são suas. Estiveram pregadas a seu corpo, e cheiram a você. Tão masculino e quente. Fazem-me sentir segura. — Mordiscou sua orelha enquanto lhe murmurava seu segredo.

Sua respiração lhe estremecia o corpo, e teve que literalmente sentar-se sobre suas mãos para abster-se de tocá-la. Podia sentir o coração pulsando, o sangue correndo através de seu corpo, e isso o assombrou. Nunca havia sentido isso, um prazer profundo, mais forte que nada que tivesse conhecido alguma vez, e por uma coisa tão simples como os lábios do Marly em seu pescoço.

— Eu gosto que use minhas camisas. — gemeu — Sempre gostei, Marly.

Seus quadris se arquearam contra ela enquanto ela esfregava a bochecha contra a dele. Sua pele era tão malditamente suave que não podia agüentá-lo. Queria tocá-la tanto que isso o estava matando.

— Por que você gosta que eu use suas camisas, Cade? — perguntou, seus seios elevando-se e descendo com sua respiração apressada, pressionando contra seu peito.

Cravou os olhos nela, olhando seus olhos obscurecer-se com excitação, e considerando sua pergunta.

— No princípio, porque você gostava de fazê-lo. — Finalmente deu de ombros, incômodo.

— E depois? — Suspirou contra a comissura de sua boca.

Cade gemeu.

— Então eu sabia que algo meu estava te tocando. Algo. Deus, Marly, por favor, me deixe te tocar.

— Não. Você prometeu, Cade. — Seus dentes mordiscaram seu lábio inferior como castigo. — Só me sinta contra ti para variar. Me deixe te sentir. Nunca me deu a oportunidade de te sentir.

Seus dedos se dirigiram aos botões de sua camisa, e Cade soube que isso ia matá-lo. Demônios não, não seria capaz de caminhar depois, pensou. Seu membro explodiria e o mataria.

Observou seus magros dedos enquanto soltavam os botões, depois afastando as bordas do tecido com lentos e tortuosos movimentos. Sua cabeça caiu para trás contra o assento, não poderia agüentar olhar. Logo o prazer golpeou seu corpo como uma labareda de calor, enquanto ela apertava seus mamilos entre suas pequenas e afiadas unhas. Arqueou seus quadris contra ela, grunhindo ante a aguda sensação.

Seus olhos se abriram quando uma mão se levantou, enredando-se ao redor de seu pescoço para levantar sua cabeça.

— Quero te beijar. — Necessidade, nua e brutal estava refletida em seu rosto excitada. — Não como me beija, Cade. Quero-o suave e tranquilo, como se significasse algo.

— Demônios, Marly! Sempre significa algo. — Sacudiu a cabeça com confusão. Como podia acreditar ela outra coisa? — Age como se te violasse.

— Violou meus sentidos. Tomou a escolha de me controlar, tal como se apropriou da possibilidade de escolher participar, Cade. — ela acusou — Você controla tudo. Até seu prazer. Agora eu quero controlá-lo.

— Marly, carinho, não sei se posso fazer isto. — Murmurou, pensando. — Deus me ajude, eu quero fazê-lo, mas está me matando.

— Ainda não comecei. E me prometeu isso, Cade. Me toque e saberei que tudo o que se importa é te sair com a tua, não me agradar.

Era uma sereia, erótica e embriagada de seu próprio poder, pensou Cade desesperadamente. Não sabia ao demônio que estava tentando. Se tivesse alguma idéia do forte e aguda que era realmente sua necessidade por ela.

— Me deixe te beijar, Cade. — E seus lábios se acomodaram, ligeiros como uma pluma, contra os seus.

CAPITULO 26

O coração de Cade saltou em seu peito. Os músculos de seu estômago se esticaram, e suas mãos se fecharam em punhos enquanto lutava por lhe roubar um beijo. Seus lábios eram tão leves sobre os dele, provocando-o gentilmente, deixando-o louco por ela. Sua língua se alargou, a mais ligeira carícia do mundo açoitando-o, e deixando-o ofegante como um adolescente suplicando por mais, mas ela recuou, olhando-o fixamente, seus olhos escuros e selvagens enquanto suas mãos emolduravam seu rosto.

Então seus lábios retornaram, sua língua passando por seus lábios em um beijo que o destruiu. Gemeu fortemente, lutando contra a necessidade de atirá-la no assento e entrar dentro dela.

— É tão brusco e duro. — Sorriu contra seus lábios. — Está te matando, não é?

E se o fazia? Nunca tinha conhecido nada mais malditamente sensual em sua vida como as suaves carícias de Marly. Estava-o matando, ou era a necessidade por mais que o estava destruindo?

— Não pare. — Grunhiu bruscamente. — Por favor, Marly...

Viu o prazer cintilar em seus olhos, profundo e intenso.

Seus lábios pinçaram nos dele outra vez, e se moveu contra ela, sua pequena língua exploradora tocou a sua enquanto inclinava a cabeça para aprofundar o prazer. Agora ela estava respirando com dificuldade, quase com tanta dificuldade como ele. Suas mãos estavam ao redor do pescoço dele, as pequenas unhas lhe arranhando a pele enquanto seus seios empurravam contra seu peito, os jeans cobriam o crescido monte de Vênus contra sua ereção enquanto empurrava fortemente contra ela.

— Me deixe te segurar. — ofegou, levantando a cabeça enquanto ela o olhava fixamente, com as pálpebras pesadas. — Por favor, só me deixe te segurar.

Ia romper o couro do assento devido à força com a que estava enterrando seus dedos nele se

não lhe deixava tocá-la.

— Não. Quero te tocar. Se você me tocar, tomará tudo, Cade. — sussurrou — Esse é seu problema, sempre toma tudo.

Ela baixou a cabeça, então sua curiosa e pequena boca saboreou a pele de seu peito. Cade deixou cair a cabeça no assento, com os olhos fechados pela tortura.

— Só conheço uma maneira, Marly. — Grunhiu.

— Então é hora de aprender a maneira de Marly. — Disse com voz rouca e excitada, enquanto seus dentes mordiam a pele de seu peito.

O prazer percorria seu corpo enquanto os lábios dela foram baixando. Ia matá-lo. Lentamente, tortuosamente, estava-o matando. Seu membro estava pulsando como uma ferida, demandando alívio. O confinamento dos jeans o estava matando. Não podia pensar em nada mais torturador que na forma em que as unhas de seus dedos quase arranhavam sua pele. A menos que fossem as lentas lambidas, os suaves beijos e as delicadas dentadas que dava a seu peito.

— Está atormentando a um homem já possuído, Marly. — Grunhiu com a respiração entrecortada.

— Atormentando-o? — Perguntou distraída, enquanto sua língua chupava as bordas de sua camiseta. — É livre para me pedir que pare em qualquer momento, Cade.

Lhe pedir que parasse? Estava contendo o fôlego para não pedir mais. Levantou os quadris do assento, dirigindo a ereção ao “v” de suas coxas. Pequena descarada. Arqueou o corpo longe dele e uma suave risada se propagou por sua pele.

Cade nunca tinha experimentado nada como isto. Estava queimando-se vivo, seus sentidos sobrecarregados com os pequenos e delicados prazeres que lhe proporcionava. Queria atirá-la no assento e saqueá-la. Mas uma parte dele a queria debaixo, seus quadris lhe mostrando as tortuosas sensações que lhe proporcionava.

— Sempre quis te fazer amor, Cade. — Seu fôlego, quente e sensual sussurrando sobre sua pele. — E que você me fizesse isso também. Mas me lança a um torvelinho.

Mal escutava suas palavras, mas as sentia contra sua carne. Gemeu agitado enquanto ela se movia contra seu membro, afogando uma dura demanda de que o liberasse das correntes que lhe tinha posto. Umas correntes que não podia romper. Se a tocava, ela pararia. Meu deus, tão torturante como era, não podia lhe permitir que parasse.

— Você gosta. — Foi a única coisa coerente que ele pôde ofegar.

— Como sabe se o desfruto, ou se é só meu corpo que o faz? — Perguntou gentilmente, enquanto levantava a cabeça para olhá-lo fixamente aos olhos.

O que era que estava vendo dentro dessas profundidades escuras, perguntou-se Cade. Definitivamente paixão, definitivamente necessidade. Mas era um prazer e um calor erótico que nunca tinha visto antes, em nenhuma mulher.

— Isso não tem sentido. — Seus dedos enterrados no assento uma vez mais enquanto os lábios dela retornavam a seu pescoço, a pressão da sucção elevou sua pressão arterial ainda mais.

Ela deu de ombros languidamente, sorrindo contra sua pele enquanto descia. Cade deslizou seu corpo para baixo para manter sua dura carne em contato com o “v” entre suas coxas. Mas não importou quão duro o tentou, ela continuava estando muito abaixo, seus lábios e mãos agora nos apertados planos de seu estômago. E lhe encantava seu sabor, se os sons que vinham de sua garganta davam alguma indicação.

— Talvez tenha sentido mais tarde então. — Levantou-se de sua posição inclinada e começou a desabotoar a blusa.

Cade lutou para fazer entrar ar dentro de seus pulmões enquanto os dedos dela, trêmulos e inseguros, liberavam os botões da blusa. Depois a tirou e a jogou em um canto do assento. A boca

dele encheu de água enquanto ela tocava o sutiã branco que cobria os montículos de seus seios. Depois liberou o fechamento que os mantinha juntos e eliminou também esse obstáculo.

— Filha da puta, está tentando me matar. — Não podia tirar seus olhos da gordinha e excitada carne, ou da forma em que brincava lentamente com seus mamilos, fazendo-os mais duros e largos.

A suave carne rosada se obscureceu. Os montículos subiam e baixavam fortemente com a respiração, enquanto a mão dela os levantava e acariciava. Seu membro se sacudiu, gritando por alívio. Seu coração retumbou e em algum lugar dentro dele, Cade sentiu uma parte de sua alma desembaraçar-se.

Marly não podia acreditar que realmente o estivesse deixando tocar da forma que sempre tinha desejado. Esses olhos cinzas quase escuros pelo prazer, seu duro corpo tenso e elevando-se para ela. Sempre tinha sonhado com ele tocando-a também quando ela o fizesse, mas sabia que Cade tomaria tudo. Precisava desta oportunidade, este tempo roubado para lhe ensinar como o necessitava, como o amava.

Olhou-o, observando seu olhar fixo centrado em suas mãos, a forma em que sua língua percorria seus lábios com ânsia. Beliscou os mamilos ligeiramente, escutando o pequeno gemido que escapou de seus lábios, e o prazer atormentou seu corpo.

— Me deixe... — sua voz escura e profunda, ressonando em seu peito.

— Te deixar o que? Usar as mãos? — mofou-se — Não, Cade. Este é meu momento. Minha maneira.

— Deus, Marly. — Umedeceu os lábios uma vez mais, seus olhos obscurecendo-se ainda mais.

Marly sentiu seu estômago esticar-se pelo olhar dele. As bochechas ligeiramente rosadas, os olhos com as pálpebras pesadas, os lábios cheios, úmidos e separados para ela.

Aproximou-se, alojando o mamilo de um de seus seios entre seus lábios. Ele gemeu, acolhendo-o para instantaneamente sugá-lo dentro de sua boca.

Marly recuou, sentindo seu seio liberar-se de sua boca enquanto seus lábios o seguiam.

— Deus. Maldição, Marly! — Gritou, seus olhos nunca deixando de seguir a umedecida carne que tinha sustentado em sua boca..

Marly franziu o cenho enquanto ele a olhava fixamente como um homem faminto. Negou com a cabeça, sorrindo-lhe quando seus olhos alcançaram os dela.

— À maneira de Marly. — Sussurrou, arqueando a cabeça para um endurecido mamilo masculino em seu peito.

Sua língua tocou-o lentamente, envolvendo o mamilo enquanto ele se arqueava, gemendo como uma criatura demente.

— Droga. — Soltou o fôlego, resfolegando enquanto a cabeça caía contra o assento.

Enquanto seus lábios acariciavam o tenso mamilo, seus dedos foram ao outro, acariciando, acalmando, e depois o arranhou ligeiramente enquanto alternativamente lambia e sugava o mamilo que sustentava na boca.

Então levantou o rosto para ele uma vez mais, sua própria respiração fora de controle. O peito dele estava tenso, duro, musculoso e quente subindo e baixando duramente enquanto levantava a cabeça lentamente. Uma vez mais Marly deslizou seu mamilo nos lábios de Cade.

O fogo ardia em seu corpo enquanto sua língua a tocava. Lambeu ligeiramente, mas seu corpo estava tão tenso como um arco enquanto o fazia. Queria devorá-la, comê-la com todo o desespero que corria dentro dele. Mas fez o que lhe pediu, lavar e sugar com os dentes, mordiscando gentilmente. Mas lhe acrescentou uma nova dimensão. Uma que a faria gritar de necessidade dentro de uns segundos.

Sorveu, sugou, lambeu com lentos e preguiçosos movimentos e ásperos grunhidos de paixão. Suas mãos não a tocaram, mas sua boca, dente e língua o fizeram. Lambeu, acariciou e chupou lenta e ligeiramente, depois rápido e duro até que Marly o esteve agarrando-o pelos ombros, arqueando-se para aproximar-se e gritando de prazer.

— Tem sabor de néctar. — Sussurrou contra sua pele, depois sugou mais profundo uma vez mais. — Suave e exótica. — Lambeu-a bruscamente e depois suave e ligeiramente.

Marly se meneou contra a dura carne dirigindo-a para sua entreperna, amaldiçoando a barreira dos jeans e as calcinhas entre eles.

De repente, não a estava tocando mais. Deixou cair a cabeça contra o assento e gemeu como um homem louco.

— Não vou te levar ao orgasmo. — Grunhiu ele. — Não o farei, Marly. Não te levarei a orgasmo enquanto me tenha malditamente pronto.

Marly estava respirando com dificuldade agora, os seios lhe doendo, o ventre tenso de necessidade.

— Huh? Como? Não está me tocando. — Piscou ela.

Sabia que o prazer tinha sido delicioso, como nada que tivesse conhecido, mas não ia chegar ao clímax.

Ele levantou a cabeça, olhando-a com surpresa.

De repente grunhiu outra vez, sua cabeça caiu quando se deixou cair no assento.

— Não importa. Maldição, nego-me a fazer que goze, sem que tão sequer minhas mãos estejam implicadas.

Mas seus quadris empurraram contra ela outra vez, fazendo aos dois gemer de necessidade.

— Pode fazer isso? — Marly nunca tinha imaginado tal coisa. Sabia que o prazer era tão erótico, tão quente que a fazia gritar de necessidade, mas não acreditava que pudesse chegar ao clímax com isso.

Os olhos de Cade cintilaram com fogo, obscurecendo ainda mais seu rosto ruborizado.

— Oh sim. — Seus olhos piscaram em seus seios. — Posso fazer que goze assim. Mas tem que deixar usar as mãos.

Marly franziu o cenho.

— Como tem que usar as mãos?

Ele sorriu abertamente lenta e sensualmente.

— Não vou tocar nada mais que seus seios, prometo.

Marly se umedeceu os lábios nervosamente. Não queria perder o controle. Não queria perder a consciência.

— Às vezes esqueço quão sensível você é. — sussurrou ele, sua voz gentil, arrependida. — Já lhe disse isso, sou rude, e às vezes se requer um inferno de golpes para me mostrar que estou sendo muito rude. Você me mostrou isso, Marly. Agora me deixe provar que posso ser delicado.

— O que há com você? — Estava respirado bruscamente, morrendo por seu toque.

Ele levantou o olhar de seus pesados seios, e conteve o fôlego ao ver a fome em seu olhar.

— O que tenho eu? — perguntou em troca. — Você pediu, Marly. Estamos a horas de casa. Temos tempo mais que suficiente.

— Não quero perder a noção outra vez, Cade.

Isso a assustava, a falta de controle, a inabilidade de conter a paixão que lhe provocava.

Cade tragou dificilmente, obtendo um sorriso tenso.

— Não posso prometer isso, neném. — grunhiu —. Demônios, eu quero desmaiar cada vez que gozo dentro de ti. Mas juro que serei delicado com você. Isso é tudo o que posso fazer. Eu te quero muitíssimo, Marly. Te quero até sentir que estou morrendo.

O coração dela deu um tombo em seu peito, sua vagina apertando-se com necessidade.

— Sem coisas brutas? — Necessitava essa promessa.

— Não. — Negou com a cabeça bruscamente. — Sem coisas brutas, Marly. Prometo.

Umedeceu os lábios, lutando por respirar, pelo controle.

— Está bem. — suspirou — Faça amor comigo, Cade. Me ame, só desta vez.

— Só esta vez? — deixou escapar um gemido de excitação, de tortura — Demônios, Marly.

Para sempre. Vou te amar para sempre.

Cade despiu a ela e a si mesmo, lentamente. Seus dedos não tremiam como os dela, seu corpo não estremecia, mas estava quente e mal controlado. Sua respiração saía do peito rudemente, e quando a estendeu contra o assento e ficou por cima, pôde sentir a tirante tensão que o fazia parecer mais duro, mais masculino que nunca antes.

— Amo seu corpo, Marly. — Sussurrou quando seus lábios tocaram os dela. — Tão suave e formoso.

A língua se introduziu em sua boca, enredando-a com a dela enquanto a beijava suave e profundo. E lento. Uma carícia, uma união de calor e necessidade.

Marly se arqueou contra ele, gritando pelas deliciosas sensações, pelo desejo no beijo.

— Poderia te beijar o dia todo. — Recuou, o corpo nu escorado sobre ela, a longa, grossa longitude de seu membro em sua coxa como uma carnuda marca.

As mãos de Marly percorreram seus braços, os ombros. Sentia como o calor saía em quebras de onda de seu corpo, e se arqueou para ele.

— Tão formosos mamilos. — Lambeu cada um. Sua boca sorveu com delicadeza e logo seus lábios se fecharam sobre eles, os dentes raspando os delicados mamilos.

Marly gritou, arqueando-se contra ele, suas coxas apertando-se com desespero.

— E aqui. — Os lábios descendo por seu estômago, a suas coxas.

Marly choramingou, lhe permitindo abrir as coxas com cuidado.

— E aqui. Amo sua doçura, e como se umedece por mim. — Sua língua acariciou gentilmente ao longo dos lábios entre suas coxas, curvando-se entre eles, lambendo ligeiramente, deixando-a dolorida, rogando por mais.

A mão de Marly agarrou seus cabelos, as coxas abrindo-se mais até que uma perna descansou no piso da limusine, os quadris arqueando-se ante o suave e gentil toque.

— Nunca toquei uma mulher assim, Marly. — Sussurrou, arrastando sua língua através da maré de evidência de que o que seu toque lhe estava fazendo.

Quando sua língua alcançou seu clitóris, formou redemoinhos ao redor, lenta e com segurança. Sugou-o dentro de sua boca, fazendo-o vibrar ligeiramente com a língua enquanto aplicava uma firme pressão na pequena protuberância.

— Cade. — Arqueou-se, aproximando-se, afogando-se mais que perdendo o controle.

Marly nunca tinha conhecido nada tão destrutivo, tão sensualmente abrasador como as pequenas lambidas e as gentis dentadas que lhe estava dando. Não podia falar, não podia pensar, tudo o que podia fazer era agarrar-se a ele enquanto a descobria. Um comprido e longo dedo se afundou até o nódulo, profundamente dentro dela enquanto outro lentamente lubrificava o pequeno apertado buraco abaixo.

A respiração de Marly se intensificou, seu corpo se paralisou quando o sentiu acariciá-la aí. O fôlego se estrangulou em sua garganta quando sentiu o dedo afundar-se. Os músculos se apartaram com uma pequena resistência, depois se fecharam sobre o dedo desesperadamente. Seu corpo estava inflamado. Sua boca a levava a uma excitante luxúria enquanto seus dedos a deixavam louca. O lento e profundo impulso em sua vagina e ânus estavam construindo dentro dela um abrasador desespero, enquanto sentia seu clímax serpentear através de seu corpo.

— Agora, Marly. — Incrementou a sucção, as carícias, as vibrantes lambidas até que ela gritou, arqueando-se.

— Cade. — Seu grito ressonou enquanto sentia explodir, sua liberação profunda e ofegante, fluindo sobre ela, a seu redor até que estremeceu em seus braços.

— Minha vez. — Levantou-se rapidamente sobre seus joelhos, então afundou totalmente a longitude de seu eixo, profunda e duramente, dentro da apertada e latente profundidade de sua empapada vagina.

— Oh, Deus! — Suas pernas envolveram os possantes quadris, os braços sustentando-se nos ombros dele quando começou a amassá-la com largos e duros ataques.

Aturdida, com o prazer disparando-se forte e brilhante através de seu corpo, Marly olhou os olhos nublados de Cade, seu rosto esticando-se quando a tomou. Uma e outra vez, empurrou dentro dela até o punho, então recuou e empurrou uma vez mais, deixando-a louca. O primeiro clímax ainda a estremecia quando o segundo a rasgou. Não podia gritar, sua visão se obscureceu enquanto lutava por manter a prudência, agarrando-se a Cade quando empurrou uma última vez e então gritou sobre ela.

Sentiu os copiosos e duros jorros de sua liberação dentro de sua carne tremente, enquanto se estremecia uma vez mais com sua própria erupção. Depois se paralisou. Seus braços caíram de seus ombros, as pernas dos quadris e o olhou fixamente com perplexa confusão.

Tinha sido tão duro, tão destrutivo desta forma, embora ela o tinha suportado.

Rapidamente lutou por manter o fôlego em seus pulmões, sua respiração laboriosa. Cade a olhou fixamente. Marly ainda o agarrava, ainda pulsava a seu redor.

— Outra vez. — Grunhiu, movendo-se lentamente agora, acariciando mais que tocando. — Outra vez Marly, antes que morra.

Ela deixou cair a cabeça, fechou os olhos em êxtase quando começou a tomá-la lenta e tranqüilamente. Cade nunca tinha visto nada, ou alguém tão malditamente formosa, tão malditamente sexy e apaixonada em toda sua vida. Nenhuma outra mulher tinha estado tão apertada, quente e deixando-o louco com essa necessidade a que não podia pôr nome, mas sabia que só Marly podia satisfazê-la.

CAPÍTULO 27

Sam voltou para casa em uns poucos dias, embora ainda fraco e cansado, passava grande parte de seu tempo recostado no salão, sob o olho vigilante da televisão, ou sendo cercado com manjares por Marie, quando entrava para comprovar como estava. A antiga cozinheira ainda sentia fraqueza por Sam. Estava sendo mimado, e Marly entendeu porque Cade tinha posto fim aos mimos de Marie para eles, anos antes. Se lhe dessem alternativa, Sam se transformaria em um rico malcriado rapidamente.

Rick e Tara estavam fora de vista, rastreando Jack, Cade havia dito na noite anterior. Sua cara ardeu ao pensar nas coisas que tinham feito diante da janela. Tinha sido sem pensar em que os vaqueiros veriam. Ou o caçador. Não, aquilo não acrescentava uma nova dimensão ao sexo. Marly ainda não estava segura de porque seu sangue corria velozmente, sua respiração se acelerava com o pensamento dos olhos que puderam lhes observar.

Às vezes se assustava com as coisas que lhe sussurrava e a excitação que sentia ao pensar em fazê-las. Ele a estava pressionando, e Marly sabia. Empurrando os limites do que poderia aceitar, e com os que se sentia muito cômoda. Queria mais para ela, e Marly estava mais que receosa do fato

de que essas coisas não lhe eram aborrecíveis.

Conforme descia de seu quarto, as suaves reveste de suas esportivas, silenciosas nas escadas, ouviu o Cade e Sam na sala de estar, suas vozes um acalmado, reconfortante murmúrio, misturado com a televisão. Levava postas as roupas que Cade lhe tinha deixado na cama. Uma curta e diáfana saia, que evocava a primavera plena nos suaves e cremosos recursos e luminosos tons bolo das brumosas flores. A cor nata da elegante camisa que levava posta mal roçava a cintura da saia, com cada passo deixava ao descoberto sua cintura, e o pequeno anel de ouro e a corrente que a rodeava. Usava uma calcinha branca sem sutiã.

— Aqui está. — Cade lhe sorriu da porta da sala de estar, olhando-a com aprovação enquanto se movia para ele.

Seus olhos piscavam fortemente, seu olhar sexual enquanto a observava.

— Não está trabalhando hoje? — Perguntou suavemente, contente de ver que tinha decidido aceitar o conselho de Rick e ficar na casa, em vez de sair de um lado a outro

— Sim, Rick ficou firme. — Fez uma careta. — Se assegure de ficar dentro também, encontramos provas de que Jennings tentou que aproximar-se mais da casa.

Marly inspirou apenas enquanto o medo escorregava através dela.

— Onde? — murmurou.

— Sob a janela de seu quarto. Não acredito que o pesadelo da semana passada foi simplesmente seus medos aflorando, Marly. — Caminhou para ela, a mão tocando sua bochecha. — Acredito que Jennings estava em seu quarto. Por isso as portas estavam abertas quando gritou, ao despertar. Acredito que sabia que ele estava ali.

Marly sentiu a repugnância arrastar-se sobre sua pele. Ao pensar em Jack em seu quarto, tocando-a, tragou a bÍlis que subia por sua garganta. Era uma invasão que não poderia esquecer. Uma violação de sua intimidade e da sensação de segurança, aquilo borbulhava em sua alma.

— Voltou a entrar? — perguntou desesperada, aterrorizada por Cade agora.

Jack Jennings mataria Cade se pudesse; já o tinha demonstrado em seu ataque contra Sam.

— Não, Marly, ele não pode entrar agora. — disse Cade, ao por o braço ao redor de seus ombros. — Vamos à sala de estar. Tara e Sam estão vendo um filme. Uniremos a eles. — Deixou cair um beijo em sua cabeça, aproximando-a a seu corpo enquanto a metia na escura sala.

As persianas estavam fechadas, obscurecendo a sala intimamente. A luz oscilante da televisão escorregando sobre a beleza da Tara, embora de expressão agressiva, e o semblante preguiçoso de Sam.

— Pequena. Finalmente despertou? — sorriu de seu canto, atirado em um dos sofás. — Se aproxime e me dê um abraço. Cade e Tara estão sendo pouco caridosos comigo.

— Pensa que todos são mesquinhos com você. — Tara riu enquanto se levantava de seu assento — Controle-o Marly, minha paciência se está acabando.

Marly negou com a cabeça. Olhando a expressão juvenil, a brincadeira em seus olhos enquanto Tara saía da sala. Caminhou para ele e se agachou para abraçá-lo. Não esperava que ele segurasse sua cabeça e cobrisse sua boca com a sua enquanto a outra mão avançava sob a camisa e agarrava seu seio, beliscando seu mamilo.

Por um momento, scandalizou-se. A luxúria flamejou nela. Seu mamilo se endureceu dolorosamente, seus lábios abertos sob o contínuo assalto. Seus gemidos, segundos depois, a sacudiram com força de volta à consciência. Afastou-se de um salto dele, olhando fixamente com surpresa enquanto ele a olhava com uma pÍcara e conhecedora expressão.

Seu olhar voou para Cade. Ele a olhava com os olhos entrecerrados intensamente e sua ereção ameaçava explorando a parte dianteira de seu moletom.

— Venha aqui. — Cade estendeu lentamente a mão. — Não tenha medo, Marly.

Não ter medo? Ela estava malditamente assustada. Seu corpo ronronava com luxúria, a carne entre suas coxas úmida e pronta para o toque de outro homem. O toque de Sam. E se supunha que não tinha que ter medo?

— Por que fez isso? — Ignorou Cade, olhando fixamente para Sam, cautelosamente.

— Porque te quero também, Marly. — murmurou — Não tão profundo, não tão autêntico como Cade o faz, mas te amo igualmente.

Sua enigmática resposta a fez estremecer.

— Isto não é aceitável. — Disse a Cade, tremendo e consciente da repentina tensão sexual na sala.

— Venha aqui, Marly. — Somente repetiu sua ordem, mas em vez de esperar por ela, aproximou-se até que pôde segurar sua mão e conduzi-la até o sofá em frente a Sam, do outro lado da televisão. — Deixa de se preocupar tanto. Vamos nos sentar aqui simplesmente, e ver a televisão e tentar acontecer o momento. Com um pouco de sorte, este assunto com o Jennings terminará logo.

Marly não podia afastar os olhos de Sam. Sua mente estava revolta. Cade tinha visto o que aconteceu. Ele sabia que Sam tinha segurado seu seio, que sua língua estava em sua boca durante esse beijo, e não estava zangado. Não estava disposto a matar seu irmão, e não estava furiosamente morto de ciúmes. Estava animado. Quão mesmo Sam.

— Cade? — Ele se recostou no grande sofá, apoiando sua cabeça nas almofadas do final, depois puxou Marly tombando-a a seu lado. Estava acomodada contra ele no estilo de colher, olhando fixamente ao Sam enquanto ele a olhava.

Seus olhos estavam escuros, e as pálpebras pesadas. O suave material de seu moletom se levantava perigosamente com sua ereção.

— Está tremendo, Marly. — Cade murmurou em seu ouvido. — Não fique assustada, neném. Nada acontecerá que não goste. Seu corpo sabe o que gosta, a quem quer, e o que lhe acende. Não tenha medo disso.

Estava confusa. Não sabia onde olhar, mas não podia afastar seus olhos do vulto sob o moletom de Sam. Ele não tinha estado duro quanto entrou. Havia-se posto duro quando a tocou. Era o irmão de Cade. Uma parte indelével de sua vida. Queria-os a ele e a Brock, tinha passado suas horas de adolescente cobiçando os três homens antes dar seu coração a Cade. Não podia acreditar que isso estava acontecendo. Não podia consenti-lo.

A ereção de Cade estava intrometendo-se em seu traseiro. Ele também usava moletom, a vestimenta básica para os homens da casa. Não faziam nada para esconder a endurecida virilidade sob o material.

— O que vai fazer? — Seu sussurro foi um gemido quando ela sentiu sua mão acariciando, devastadora, na parte superior de sua coxa, subindo a pequena saia enquanto o fazia.

— Nada que não goste, Marly. — Ele prometeu, sua voz sombria e profunda. — Sei que fantasiou sobre ele. Há coisas que conheço de você muito bem. Por isso, apostaria dinheiro a que sua vagina está quente e molhada, agora mesmo, pensando em Sam te tocando.

Ela não podia negá-lo. Ele estava certo. Isso não queria dizer que tivesse que fazê-lo. Era indecente. Não era correto.

— Quero vê-lo, Marly. — Grunhiu em seu ouvido. — Há tanto que quero te ensinar. Tantos prazeres que não conhece. Coisas que nunca poderia imaginar. — Ela sentiu o zíper de sua saia baixando lentamente.

— Cade, por favor... — Ela não sabia se poderia fazer isto. Estava estremecendo-se, consumindo-se entre as chamas, não obstante tremendo como se estivesse congelando-se.

— Quero que faça algo por mim. — Murmurou. — Quero que tire sua roupa. Depois se deite

a meu lado e simplesmente fecha os olhos. Só fecha seus olhos Marly, e me deixe me encarregar de tudo. Fará isso por mim, neném?

— Não faça isto. — Murmurou ela, fechando os olhos, horrorizada ante o desejo de simplesmente fazer o que ele pedia. — Por favor, Cade. Não estou preparada para isto.

— Sim, está. — Seus lábios acariciaram seu pescoço delicadamente. — Está preparada, Marly, simplesmente não se deu conta. Somos amáveis e inofensivos no momento, e quero isto. Preciso-o. Faz isto por mim, Marly. Levante-se, e olhe ao Sam enquanto fica nua. Depois se deite e simplesmente fecha seus olhos para mim.

Deslizou a mão sob a saia, agarrando-a com a palma de sua mão no traseiro, enquanto a impulsionava para cima. Marly permaneceu tremendo sobre seus pés. Tirou primeiro os sapatos, os dedos enroscados contra a fria e dura madeira do chão. Então permitiu a sua frouxa saia cair ao chão.

A mão de Sam foi à cintura de seu moletom, empurrando-o pelas suas coxas, revelando o grosso membro que pulsava ante a visão de seu corpo quase nu, enquanto ele se levantava do sofá. Depois ela tirou a camisa, quase gritando pela sensibilidade de seus mamilos conforme o tecido os raspava. Então, mais indecisamente, suas mãos foram a sua calcinha. Foi tirando lentamente de seu corpo agora, sua boca enchia de água enquanto a mão de Sam acariciava sua vara lentamente, seus dedos subindo e descendo por seu membro com um movimento hipnótico.

— Agora se deite a meu lado, de costas. — Cade se deslocou para trás no largo sofá. Próxima à histeria, Marly se perguntou se era por isso que todo o mobiliário era tão largo, e tanta atenção emprestada ao conforto.

Estirou-se ao seu lado, olhando-o fixamente enquanto lutava por respirar. Despiu-se conforme fazia ela. Seu membro estava ao longo de sua coxa, seu largo peito elevando-se e baixando excitadamente.

— Não abra os olhos até que lhe diga isso. — Ele ordenou, seu tom terno, mas a aparência de seus olhos severa. — Me entende? Custe o que custar, não abra os olhos.

Marly engoliu nervosamente.

— Não me desobedeça nisto, Marly. — Ele advertiu claramente. — Se o fizer, então Sam me ajudará a te surrar. Quer isso?

Negou com a cabeça, incapaz de falar.

— Boa garota. Agora fecha esses bonitos olhos. — Pôs sua mão sobre eles, fazendo-a piscar contra ela, depois fechou seus olhos como lhe tinha ordenado.

— Agora, vou dizer te o que vamos fazer nesse teu precioso corpo. — Ela sentiu a suave mão desde seu seio até os molhados lábios de sua vagina.

Marly lutou para respirar. Ouviu Sam mover-se através da sala, e o estremecedor gemido de antecipação que escapou de seus lábios lhe provava que era tão depravada, estava tão terrivelmente excitada por isso enquanto temia o que ela seria.

— É tão bonita, Marly. — Murmurou Sam, sua voz rouca, áspera com sua excitação.

Sentiu-o reclinar-se ao lado do sofá, podia lhe ver em sua imaginação, seus olhos obscurecidos e cheios com luxúria enquanto eles percorriam seu corpo. Suas coxas apertadas involuntariamente, a carne entre elas tão quente e molhada. Sabia que não o passariam por cima. Ela sabia que a escorregadia evidência de sua excitação estava densa e úmida na carne entre suas coxas. Podia senti-lo, lentamente soluçando em seu corpo.

Então ele a montou. A mão de Sam. Cobriu totalmente seu seio, apertando pesadamente a carne enquanto Cade repetia o movimento no outro. Em sincronização, por muito tempo, os calosos dedos masculinos a acariciaram, beliscando seus mamilos, fazendo-a gemer enquanto o prazer percorria seu corpo. Não sabia se poderia sobreviver a isso. Só tocavam seus seios, e seu

corpo estava já inflamado de paixão.

— Tão doce. — A declaração de Cade foi seguida com o quente, úmido calor de duas bocas envolvendo seus mamilos.

Marly se esticou, gritando ante as sensações. Línguas roçando seus mamilos, bocas sugando seus seios, mãos vagando por seu ventre, suas coxas, depois lentamente deslizando suas pernas para os lados.

— Cade. — Ela gritou seu nome desesperadamente. Não sabia se poderia sobreviver a este prazer.

— Acalme-se, carinho. — Ele respondeu, sua voz enrouquecida com luxúria. — Está tudo bem. Prometo. Simplesmente a amaremos, Marly. Nunca a machucaremos, neném.

Quentes, possessivas, dois pares de mãos percorreram seu corpo. Sam levantou a cabeça de seu seio, uma mão acariciando-a de novo quando ele se aproximou, apoiando-se.

— Me deixe te beijar, Marly. — Sua voz, tão terna, tão cheia de emoção murmurou em seu ouvido. — Por favor, Marly.

Seus lábios se acomodaram sobre os dela. Incisivos e quentes, sensação atrás sensação rasgando-se através de seu corpo. Seus lábios se abriram, sua língua entrou e ele gemeu asperamente. O corpo de Marly corcoveou enquanto uma mão (de Cade ou Sam?) movia-se entre suas coxas. Dobradas estimulações assumiram o controle de sua mente, arrojando-a em um torvelinho de prazer do que não havia escapamento.

Os lábios de Sam possuíram os seus, a mão entre suas coxas se movia lenta e relaxada através do toque escorregadio que recobria sua carne nua. Movia-se da fenda até o pequeno broto de seu ânus, pulverizando os densos sucos.

Os lábios de Sam se afastaram dos seus, enquanto a mão entre suas coxas se movia e outra retornava.

— Tão boa. — Grunhiu Sam. — Seu sabor é delicioso, Marly.

Seus olhos se abriram repentinamente, conforme um dedo se deslizou entre seus lábios. Ele se ajoelhou a seu lado, sua ereção elevando-se ao longo de seu abdômen, larga e grossa, a cabeça palpitando, pulsando, uma pequena pérola de sêmen salpicando-a.

— Está olhando, Marly. — Cade voltou sua cabeça para ele.

Não houve tempo para lhe responder. Seus lábios cobriram os seus enquanto suas coxas foram separadas ainda mais. Sam se moveu; o sentiu ao fundo do grande sofá. Ela já não se perguntava por que tinham um sofá tão grande agora. Ele levantou a perna mais próxima a ele, colocando-a sobre seu ombro.

Marly soluçou no beijo de Cade, conforme sentiu os dedos de Sam separar sua carne escorregadia. A língua de Cade inundada em sua boca, bebendo o som, fazendo seus quadris se arquearem, involuntariamente entregues pelas deliciosas sensações que achou na última carícia. Os lábios de Sam provaram seu interior de forma similar a um beijo. Ela choramingou ante a necessidade, arqueando-se para que a língua tivesse maior alcance, lambendo entre eles, mergulhando-se dentro do poço de nata que emanava como mel de seu corpo.

Marly estremeceu, tremeu. Suas mãos agarraram a almofada atrás dela, agarrando-a com força. Os lábios de Cade se dirigiram a seus seios de novo, envolvendo a ponta do montículo inchado, raspando-o com sua língua.

— Cade. Cade. Estou morrendo. — Gritou, suas coxas abrindo-se para Sam, assim poderia continuar acariciando, empurrando, dando lambidas em sua carne.

— Ainda não, carinho. — Grunhiu, negando sua demanda. — Espera um pouco. Depois poderá explodir para nós.

— Não. Está me matando. — Gemeu ela, sua voz aguda. A diabólica língua de Sam

descendeu rápida e profundamente dentro dela, sua boca emitindo suspiros de prazer que vibravam contra sua carne.

— Devagar, Marly. — A cabeça de Cade se levantou, seus olhos olhando-a fixamente. A sensualidade de sua expressão fez seu ventre se apertar em uma quebra de onda de luxúria da que se ecoou.

A língua de Sam não afrouxava. Desceu em picado dentro dela repetidas vezes, lambendo-a, bebendo o fluxo do desejo que se derramava de seu corpo. As mãos de Cade perambulavam sobre a parte superior de seu corpo, seus seios, ventre, seus lábios sorvendo os seus, seus olhos olhando-a fixamente, lhe negando a liberação.

— Quero ver como goza para ele, Marly. — Ele gemeu contra seus lábios, seus olhos nunca deixando os dela. — Quero ver seus olhos aturdidos, o rubor em sua cara, e ver o êxtase atravessar sua expressão. Quero ver isso, Marly. Quero saber que o está sentindo. Necessitando-o.

Desesperava-se. Sua expressão era se desesperada. Seu corpo estava desesperado. Ela ia voltar-se louca de necessidade.

— Cade. Estou com medo. — A língua de Sam a estava conduzindo mais perto, os dedos em seus clitóris inchando-o, fazendo-a pulsar, pulsar, lançando-a mais perto de morrer.

— Estou aqui, Marly. — Extremamente terno, tão ardente, tão excitado e cheio de desejo, seu aspecto a transbordou com a aprovação que viu ali. — Estou aqui, carinho. Só se agarre em mim e deixe ir.

Ela não poderia fazer nada mais. Sentiu a explosão formando-se. Sentiu-a aumentando nela, ondeando sobre ela. Aquilo se fez em pedacinhos através de seu corpo enquanto sentia um dedo, um generoso dedo violando a pequena entrada de seu ânus e deslizando-se dentro. Isso rompeu através de seu corpo, elevando-se, enviando seu grito reverberante através da sala enquanto aquilo a rasgava, destroçando-a.

— Sim. Oh demônios, Marly. — Sam se moveu enquanto Cade elevou seu corpo sobre ela, sua voz rasgada.

Então Cade se colocou entre suas coxas, colocando as pernas ao redor de seus quadris e afundando seu membro dentro dela. Profundamente. Tão intenso e duro que ela se fez pedaços de novo quando Sam encheu sua boca com sua ereção. Não pararam. Eram insaciáveis. Sussurros suplicantes, um coro de estímulo enquanto se moviam dentro dela, amando-a, adorando seu corpo e o prazer que ela lhes dava.

Sua boca apertava a membro de Sam. A vagina apertando o de Cade. Seus olhos fechados, sentindo Sam pulsar em sua boca, sentindo Cade cavalgando as últimas atacadas para a consumação enquanto ela se levantava de novo para a próxima.

— Vou gozar, Marly. — Gemeu Sam, rude, gutural enquanto empurrava a grossa carne entre seus lábios. — Pare. Afaste-se, carinho, ou vou gozar em sua boca.

Ela não ia a nenhum lugar. Seus lábios apertados nele, as pernas apertadas ao redor de Cade. Ambos os homens gemeram, gritando, pulsando dentro de seu corpo até que seus destroçados homens gritaram. A luxúria pulsou através da sala pelo tom de seus gritos. Seus próprios gemidos se uniram aos deles, e começou a afogar-se em uma onda atrás de outra, um jorro atrás de outro até que seu mundo se transformou só nos homens aos que ela dava prazer. Só os homens que lhe davam prazer.

Sam se acomodou no chão a seu lado durante um longo momento. Cade se derrubou sobre ela, segurando seu peso com seus cotovelos enquanto seu peito exalava, lutando por ar.

— Marly. Carinho. — Disse asperamente contra sua bochecha. — Obrigado.

Ela suspirou contra seu peito.

— Amo você, Cade. — Sussurrou ela em resposta, desejando acima de tudo poder tirar a dor

de seus olhos.

— Amo você. — Jurou ele, seu sorriso um pouco amargo enquanto a olhava. — Mais do que acredita, Marly, amo você. Mas não terminamos, carinho. Preciso que faça uma coisa mais por mim.

Ela piscou, a satisfação até atravessando por seu corpo.

— Preciso que esteja com Tara. Preciso que aceite isso igualmente, Marly. Outra mulher. Quero que seu faça amor com ela.

CAPÍTULO 28

Cade tinha passado dos limites. Furiosa, ofendida, seu coração pulsando pela ira, dias mais tarde, Marly ainda tentava tranquilizar-se, pela declaração de Cade. Ela não o faria. Recordava a forma em que sua expressão se fechou, a maneira em que se acalmou ante sua negativa a lhe dar o que ele desejava. Não podia fazê-lo. Amava-o, amava Brock e Sam. Queria agradá-los. Podia aceitar isso, mas não entender esta necessidade que Cade tinha. Estar com outra mulher, ela não aceitaria. Não podia aceitá-lo.

— Não pode me ignorar eternamente. — A voz de Tara soava divertida, pormenorizada.

Ela estava apoiada na porta da cozinha, observando como Marly preparava um lanche.

Marly permaneceu com a cabeça abaixada enquanto continuava preparando o lanche. Um copo de cauda posado na mesa, e o prato que estava enchendo com fruta e molho quase terminado.

— Não me tinha dado conta de que estava te ignorando. — Disse, dando de ombros despreocupadamente.

Estava ignorando Tara. Não tinha vontade de recordar aquela tarde, de falar, ou de pensar nela. Queria seguir com a memória nebulosa, até que pudesse lutar com isso.

— É obvio que o faz, e entendo o por que. — A mulher entrou na cozinha, e se sentou na mesa, enquanto Marly também o fazia.

Ainda assim, Marly se negou a olhá-la.

— A primeira vez é duro. Ofende seu sentido da moralidade, seu julgamento de si mesma, revelando coisas de si que não conhecia antes. Entendo isso. Eu estive lá, Marly. Não será tão duro como pensa que será.

— Não quero falar sobre isso. — Marly sacudiu a cabeça rapidamente. —. Quero comer meu lanche, tomar ducha e dormir. Não quero pensar nisso agora.

— Se não quer pensar nisso agora, o que acontecerá quando Sam ou Brock trazerem uma amante para casa? Esperará participar então, Marly. Não é só aceitar o prazer, se não devolvê-lo. Isto é para o que Cade precisa te preparar.

— E você, por que está de acordo? — perguntou Marly — O que você ganha?

O olhar da Tara era sincero enquanto encolhia de ombros.

— É uma mulher atraente, Marly. É algo que desfrutaria.

— É...?

— Lésbica? — Tara sorriu — Não realmente. Mas há prazeres que se encontram nisso, igual a há prazeres que se encontram com um homem. Cade me conhece pelo trabalho que fiz em um rancho da vizinhança. Ele sabe que eu gosto de jogar.

O peito do Marly se fechou pela dor. Ira.

— E você “jogou” com Cade? — Sentia-se como se queria lhe lançar algo à cara.

Tara sacudiu a cabeça.

— Não. Embora sim com um amigo dele. Ele só olhou um momento.

Marly mordeu o lábio, tinha perdido o apetite, e só podia olhar fixamente os pêssegos frescos e as pêras suculentas que estavam aguardando-a.

Tara pegou uma parte de pêra, e os olhos de Marly se abriram com surpresa, quando de repente esta o balançou em seus lábios. Os profundos olhos verdes da Tara eram ternos quando esfregou o suave e gotejante parte de fruta nos lábios de Marly.

— Assim é como se sente Marly, e os sabores são assim doces. Não há nada a temer. — Empurrou a fruta na boca de Marly.

Era doce e frio, deslizando-se por sua língua como um suspiro de êxtase.

— Não espera aceitá-lo como aceita o toque de Cade ou seu sabor. Mas sei que ele espera que goste. Que o deseje. Eles estão atados por um vínculo que muitos irmãos não possuem. Vinculados de um modo que pode ser difícil de entender, por isso eles lhe protegeram das realidades mais duras de suas vidas.

Como esta mulher, esta estranha sabia tão mais sobre sua família que ela? Marly observou Tara, vendo a verdade em seus olhos, perguntou-se como podia saber ela tanto.

— O que quer dizer? — Marly sacudiu a cabeça. — Cade não contaria isso tudo a você. Ele nem sequer me explica isso tudo.

— Tudo? Não se alguém a parte desses homens sabe tudo. — Tara suspirou com brutalidade. — Sabia que seu pai abusou deles? Ele era um homem muito dominante, e permitiu que seus filhos fossem iniciados na dominação por um querido amigo seu. — disse com desprezo. — E se viram forçados a querer isso. Suas próprias vidas dependiam de convencer-se a si mesmos de que podiam resisti-lo. De que pudessem aceitá-lo. Isso os mudou. Mudou sua sexualidade e seus sentimentos um pelo outro.

— Não são gays. — disse Marly com força.

Tara arqueou uma sobrancelha com curiosidade.

— Ser gay é um estilo de vida, uma escolha. A sexualidade é algo completamente diferente, Marly. Cade prefere a uma mulher, sonha com você, deseja-a, mas também desfrutou de uma proximidade especial com seus irmãos quando era mais jovem. Um laço que se reafirmou cada vez que ele viu um deles penetrar uma mulher que ele tinha eleito. Cada vez que a compartilha, é a forma de demonstrar a seus irmãos seu amor por eles, e por você. Ele não te compartilharia, à mulher que quer mais que sua própria vida, com ninguém mais que com seus irmãos. Mas é sua escolha. Pode aceitá-lo, e aceitar o que necessita de você, ou pode se afastar. Cade não te obrigará a ficar.

Afastar-se? Como se supunha que ia se afastar dele?

— Não sei como lidar com isso. — Sussurrou ela. — Eu não gosto de como vejo a mim mesma, Tara. Esse não é o “eu” que conheci sempre. E não aceitarei estar com outra mulher. Você não é parte desta família. Isso é inaceitável.

— Você ainda não o aceitou. E ele não espera que o aceite da noite para o dia. — lhe assegurou Tara. — Ele necessita isto, Marly. Os quatro estão mais perto do que muitos casais poderiam imaginar. Ele o necessita, porque é uma parte dele. Porque também é uma parte de você. E Cade sabe. Ele não te permitirá se esconder disto.

— Como sabe o que está bem? — Marly sacudiu a cabeça perplexa. — Você acaba de chegar aqui.

— Porque, no fundo, sou igual. — disse ela com suavidade. — Rick é meu cunhado, Marly, não meu marido. Compartilhei sua cama todas as noites, e antes que meu marido morresse, compartilhei uma cama com os dois. Eu sei o que são eles, e o que necessitam, porque é igual para

o Rick e para mim.

Marly trouxe com força.

— Ele te enviou aqui, não é assim? — sussurrou ela.

— Cade quer que vá ao salão. Sam, Brock, e Rick estão lá. Há uma cama no centro do salão. Quando formos, tiraremos nossas roupas. Então você chamará um dos irmãos. Ele te inserirá um plugue no traseiro. Você e eu iremos para a cama e nos daremos prazer a uma à outra. Quando terminarmos, Cade, Sam e Brock a introduzirão na família, Marly. Você então pertencerá a todos eles.

Marly sacudiu a cabeça desesperadamente.

— É sua escolha, Marly. — disse Tara amavelmente. — Pode vir ao salão comigo, ou pode ir para o quarto de Cade. Se você fizer isso, então ele saberá qual é sua escolha e devolverá a sua antiga vida uma vez que tenha passado o perigo. Não irá para você. Ele não a tomará, a menos que você faça isto.

Os olhos de Marly se estreitaram pela fúria. Um ultimato? Ela não suportava ultimatoss. Cade a estava pressionando. Pressionando muito forte e muito rápido, deveria ser o suficientemente preparado para saber disso. Se não sabia, então lhe mostraria esse pequeno detalhe.

Ficou de pé. Suas mãos se apoiaram na borda da mesa enquanto ficava nariz com nariz com Tara.

— Nenhum homem, menos ainda Cade, tomará esta decisão por mim. — Resmungou. — Nem agora, nem nunca, e não até que eu o escolha. E estarei maldita se me afastar só porque não gosta disso.

Tara franziu o cenho.

— Marly. — começou a lhe advertir.

— Perdeu, Tara. Você e Rick estão supostamente para rastrear Jack Jennings, não para foder-me. Vai fazer seu trabalho, eu me encarregarei de Cade quando achar conveniente. Eu não gosto deste despotismo, eu não gosto que me tire as decisões, e descobrirá este pequeno detalhe agora.

Levantou-se em toda sua altura, e ela se reconhecia diminuta, caminhando irada pela casa. Estava esperando-a no salão, não? Pensou ela furiosamente. Todos estavam esperando-a. Tudo estava planejado? Ela faria isto. Ela faria aquilo. Chutaria primeiro o traseiro de todos. Maldição, ela não ia permitir que lhe ditasse por onde tinha que ir.

Irrompeu na sala, vendo-o tudo preparado para ela, justo como Tara lhe havia dito. Cade, Brock e Sam a olharam com cara de surpresa enquanto se dirigia para eles com as mãos nos quadris.

— Vocês três. Não digam nenhuma palavra. E você. — Girou-se para Rick com o cenho franzido. — Não tem um maldito trabalho para fazer? Eu gostaria de nadar em minha maldita piscina em algum momento deste ano. Assim, a menos que queira movê-la pessoalmente para dentro da casa, possivelmente deveria sair e rastrear a esse bastardo, em lugar de esperar para se divertir vendo como me fodem.

Rick saltou sobre seus pés, então franziu o cenho pela surpresa enquanto o fazia. Olhou para Cade.

— Ei, homem. — Marly lhe assinalou com o dedo. — Isso não vai acontecer, nem nesta noite, nem nunca. Vai fazer seu trabalho, burro, e deixe o resto disto para mim.

Os lábios do Rick fizeram uma careta estranha enquanto tentava não sorrir. Começou a afastar-se dela lutando por não rir, mas uma faísca de respeito brilhava em seus olhos.

— Sim, senhora. — Assentiu com força. — Farei o que me ordena.

Ela virou para os homens do outro extremo da sala, enquanto Rick e Tara saíam. Cade estava observando-a com o cenho franzido, seus olhos brilhavam escuros, ocultando qualquer emoção.

— Não sou um robô que possa ordenar atuar. — Lhe disse com voz áspera enquanto caminhava para ele. — Eu pertencço a você, e em parte a Sam e Brock também, e posso aceitar isso. O resto, pode relaxar ou pode beijar meu cu e me agüentar te perseguindo. Mas não serei forçada a tomar uma decisão para a qual não estou preparada. É minha escolha, Cade, e maldita seja se for empurrada a algo antes que esteja preparada. Agora, rapazes, se dispam. Deixe que veja quanto gostam de ser dominados para variar.

— Será castigada por isso, Marly. — Havia risadas e uma faísca de desejo como nunca antes tinha visto em seus olhos.

— Sim, bem, pode me castigar primeiro. — Ela agarrou sua camisa pelo centro e puxou. Os botões saíram voando, um segundo antes que ele puxasse ela e afundasse a boca na dela.

Ela ficou nas pontas dos pés, lutando por seguir pega a ele, era consciente de que tinha levado os três homens a um ponto sem retorno. Eles tinham as mãos sobre ela enquanto Cade a beijava duro e profundo, lhe tirando a roupa do corpo, dedos e lábios navegando por sua nudez, invadindo seus estreitos canais, fazendo-a gemer pela ardente sensação que deixavam a seu passo.

Ela foi girada, Cade se despiu rapidamente enquanto Brock a deitava sobre o chão, e colocava a cabeça entre suas coxas, comendo de sua doçura, e gemendo sobre sua carne. A boca de Sam atacou seus seios, e Cade se ajoelhou junto à pouco elevada cama, lhe colocando a membro na boca, ao tempo que ela gemia pelo ascendente prazer.

Estes homens, todos, eram dela, Cade tinha a maior parte de seu coração, mas os outros também tinham uma pequena parte. E eles compartilhariam seu corpo, e sua paixão, porque essa era sua escolha, e porque lhe proporcionava prazer.

Orgasmo atrás orgasmo se rasgavam sobre ela enquanto os gemidos na sala subiam de volume. Um depois de outro se foram alternando entre suas pernas, o suave som de sucção, de embate atrás embate, de ardentes línguas se elevava a seu redor, os gritos de Marly ressonavam acaloradamente. E ainda continuavam.

Finalmente, Cade a pôs sobre ele, segurando seu cansado corpo enquanto a empalava com sua torcida carne.

— Descansa, querida. Nós cuidaremos de você. — Gemeu ele, enquanto lhe pressionava a cabeça empapada em suor contra seu peito.

Ela sentiu Brock, ou Sam atrás dela. O calor atravessou seu corpo quando sentiu a fria sensação do espesso lubrificante enquanto a preparava lentamente para sua invasão. Minutos depois, a grossa cabeça de sua ereção empurrou suavemente a apertada abertura de seu ânus. Ela se relaxou para ele, afrouxando seu corpo, escutando o áspero gemido quando se deslizou profundamente em seu interior. Marly não pôde conter um grito de luxúria, ou de um prazer tão intenso que sentia chamuscada.

Então outra ereção, dura e quente, estava sendo empurrada através de seus lábios, enquanto alguém segurava sua cabeça. Mãos duras mantinham seu corpo firme, e ela tinha os olhos fechados. Não se importava de quem era cada membro que invadia seu corpo. Estava em uma espiral fora de controle, encerrada em um lugar onde só ouvia os gemidos, sentia os fortes empurrões, e a força do desejo que dominava o momento. Ela se arqueou, gritou ao redor da carne que empurrava seus lábios, e um orgasmo atrás de outro rasgou seu corpo, até que finalmente, felizmente, sentiu suas últimas e quentes ejaculações em seu interior, e desabou cansadamente contra o peito de Cade.

Dormiu antes que a inconsciência a reclamasse. Isso não a assustou muito. Não tinha que esconder-se. Não destes homens, que a amavam e lhe desejavam o melhor. Não havia motivos para esconder-se, para escapar. Ela estava a salvo, satisfeita, e tão cansada que se negava a mover-se por si mesma.

Cade observou enquanto Brock levantava com ternura a uma adormecida Marly de seu peito. Ele se levantou, sentando-se ao mesmo tempo que seu irmão se dirigia com ela em seus braços para o divã, tombando-a enquanto suspirava cansadamente, olhando-a fixamente.

Sabia que os outros dois estavam dando conta lentamente. Os orgasmos no corpo de Marly eram mais satisfatórios do que nunca tinham conhecido, pelo que nunca acreditaram possível. Sam estava caído no outro divã, lutando por respirar, e Brock finalmente desabou ao pé do divã onde se encontrava Marly.

— Filho de uma maldita puta! — resfolegou pesadamente, seus olhos encontrando com os de Cade. — Se soubesse disto, ela nunca teria começado a universidade.

Conhecer sua paixão, sua selvagem força, sua completa aceitação deles. Era o que Cade tinha temido, que ela fosse incapaz de aceitar render-se aos três.

— Ela vai nos matar, se isto continuar assim. — murmurou Sam. — Maldição, alguma vez tínhamos tido uma mulher que pudesse tomar a cada um de nós, e a todos de uma vez?

Não, não a tinham tido. Eles tinham visto forçados, as poucas vezes nas que tinha acontecido, a espaçar a paixão para ter em conta às mulheres e sua falta de habilidade para agüentar a paixão deles.

— E agora, o que? — perguntou Brock, com a cabeça descansando sobre o respaldo do divã. — O que faremos quando eles encontrem Jennings?

Cade o olhou surpreso.

— Casarei-me com ela. Ela não irá, Brock. Fez sua escolha, não se afastará de nós agora.

Brock sorriu de orelha a orelha.

— Bendito inferno, ela nos terá ocupados se não outra coisa. Talvez precisemos contratar mais vaqueiros. Não acredito que queira ir pôr cerca nunca mais.

Cade riu entre dentes. Aproximou-se de sua mulher, observando o rubor de satisfação em sua cara, seu corpo estava coberto de umidade e de suas liberações combinadas. Era a visão mais formosa que jamais tinha visto.

— Vamos, vocês dois podem me ajudar a banhá-la e colocá-la na cama. Não acredito que seja capaz de despertar para fazê-lo.

Levantou-se, inclinou-se sobre o divã e a segurou em seus braços. Ela grunhiu cansadamente, fazendo caretas ao ver-se incomodada, depois se aconchegou contra o peito de Cade com um suspiro. Ele sentiu seu coração expandir-se. Não seu membro, pensou ele, seu coração. Ela o enchia de formas que ele não tinha acreditado possível.

Com Sam e Brock lhe seguindo rapidamente, subiu as escadas. Queria-a descansando, e sabia que ela não poderia fazê-lo enquanto o suor começasse a secar em seu corpo. Queixaria-se pelo banho, mas quando sua cabeça caísse sobre o travesseiro, dormiria, como nunca antes o tinha feito. E Cade sabia, que ele também...

CAPÍTULO 29

Todos seus jeans tinham desaparecido, assim como seus shorts. Não havia nada no armário, ou no de Cade, exceto vestidos. Agarrou um dos compridos vestidos peixeiros de um cabide e o passou pela cabeça. Os sutiãs tinham desaparecido também; graças a Deus, os seios estavam cheios e firmes, e tinham boa pinta sem um. Entretanto, era o principal da questão.

Durante a última semana, Cade a tinha monopolizado, tanto na cama como fora dela. Não a tinha compartilhado com Brock e Sam, nem lhe tinha feito nenhuma estranha petição. Sua paixão

ainda era quente e a deixava louca enquanto a pressionava para alcançar cúpulas mais altas. Era como se aquela noite no salão fosse um sonho. Ao menos o era até esta manhã.

Antes de deixar o quarto, Cade tinha deixado um dilatador anal, e um pote de lubrificante, lhe jogando um duro e eloqüente olhar antes de ir. Sabia bem que queria que o usasse.

Apertando os dentes irritada ante sua arbitrariedade, inclusive quando sua vagina chorava de excitação, terminou de vestir-se, trancou apressadamente o cabelo e colocou um par de sandálias de tiras.

— Marly, vai descer algum dia? — chamou Cade de abaixo, sua voz se elevou, imperiosa enquanto lhe colocava pressa.

Meneando a cabeça, ajustou-se o vestido, então apressadamente deixou o quarto.

— Cade August, quero meu jeans azul de novo. — Apertou os dentes enquanto ia tão rápido como o mecanismo dentro do traseiro lhe permitia. — Os necessito.

Então parou subitamente. Cade se elevava com suas costas voltada para parede, sua mão elevada sobre a cabeça enquanto encarava o demônio do passado de Marly.

Jack Jennings permanecia ali, muito real, muito perigoso para aceitá-lo. A ameaça que tinham combatido durante os longos dias da passada semana já não podia ser evitada. O coração de Marly saltou de terror, a garganta fechou fazendo sua respiração pesada em seu peito.

Era alto, em razoavelmente em boa forma, e olhava para Marly com uns avivados olhos, vazios de expressão que a aterraram. Recordou-se da noite que tinha fugido com sua mãe, e quanto a tinha prejudicado seu toque. Tão rude como Cade tinha sido com ela muitas vezes, nunca lhe tinha feito mal, não realmente. Este homem, Marly sabia, mataria-a.

— Aí está minha garotinha. — Jack Jennings zombou enquanto Marly o olhava com horror. — Já era hora de que descesse aqui e saudasse seu papai.

Marly sentiu seu corpo esfriar. Parecia louco, seus marrons olhos maníacos como nunca, enquanto a olhava agora. Podia cheirar o fedor de sua maldade enquanto movia o corpo, aproximando-se para ela.

— Por que está aqui? — Marly agarrou o corrimão desesperadamente, sentindo que o medo e a fúria a esmagavam.

Riu baixo, como um monstro preparado para destruir.

— Por que? Vim pelo que é meu, é obvio. — Apertou os dentes, estirando-se e lhe agarrando o braço enquanto a puxava contra seu peito. — Deveria ter sabido que viria depois desse pequeno espetáculo que seu amante fez na semana passada, Marly.

Sentiu que os joelhos lhe afrouxavam, recordando as intencionadas brincadeiras de Cade para ele.

— Que bonita estava, completamente inclinada enquanto empurrava essa coisa por seu cu. — Apertou seu seio, fazendo que gritasse roucamente. — Seja amável e se prepare para mim, garotinha.

— Está louco — ofegou, o coração selvagem com o terror enquanto enlaçava o braço em torno dela, puxando-a perto de seu corpo.

— Isso não é amável, Marly. — Choramou em voz baixa contra sua orelha, o fôlego quente fez que seu estômago tivesse arcadas pelo medo. — Te farei pagar por isso mais tarde. Quando meu membro esteja golpeando sua garganta, suplicará por te tragar as palavras.

Morreria primeiro. Marly soube que morreria antes de poder suportar deixar a este homem tomá-la. Se não a matava, se mataria.

Marly meneou a cabeça desesperadamente, as lágrimas caindo de seus olhos enquanto via a expressão atormentada de Cade. Tinha que fazer algo. Agora tinha essa pistola para sua cabeça, sabendo que Cade não faria um movimento contra ele se significava sua vida. Encontrou com seu

olhar, viu a fúria e a negativa um segundo antes que ela se movesse.

Gritou, agachando-se e golpeando o joelho no meio das pernas de Jack enquanto girava lateralmente, caindo no chão e rodando contra suas pernas enquanto ele continuava agarrado dela. Mas era muito tarde. Cade estava sobre ele como um louco, então Rick, Brock e Tara se precipitaram na casa.

Rick a afastou, empurrando-a para a Tara enquanto se unia a Cade e Brock, contendo ao mais que surpreso Jack Jennings. Estava amaldiçoando; jurando vingança, mas um punho em sua mandíbula lhe calou rapidamente quando Rick se cansou de escutá-lo.

— Merda. — Cade olhou para Marly com surpresa.

— Tomei umas aulas na universidade. — Deu de ombros incômoda, não atrevendo-se a acreditar que realmente se acabou. — Cade, realmente preciso de uma bebida se não se importar. Não me sinto muito bem.

A adrenalina golpeava a seu redor. Bordeando a sala se curvaram e ficaram cinzas, deixando-a enjoada enquanto Cade a balançava entre seus braços.

— Carinho, pode tomar toda a maldita garrafa. — ele prometeu, levando-a ao estúdio.

Escutou Rick falando com o xerife por telefone; as vozes excitadas dos vaqueiros enquanto se davam conta que algo tinha acontecido e se precipitaram para a casa. Cade a apoiou com cuidado no sofá, depois se apressou ao bar. Misturou sua bebida, mal atrevendo-se a tirar os olhos dela enquanto o fazia.

— Não posso acreditar que fez isso. — Meneou a cabeça enquanto Tara se sentava ao lado dela, olhando-a com preocupação.

— Tudo terminou, Marly. — Prometeu enquanto Cade ajudava Marly a segurar sua bebida, enquanto a sorvia desesperadamente. — Está a salvo agora. Como se sente?

— Como se nunca tivesse acontecido. — Meneou a cabeça. — Isto me afetará depois, não é?

— Possivelmente. — Tara sorriu amplamente, levantando-se para misturar sua própria bebida. — Acredito que levará um tempo para que afete a qualquer um de nós. Fez o que nenhum de nós pôde fazer, pegar o bastardo com a guarda baixa.

— É boa fazendo isso com todo mundo. — Cade meneou a cabeça, a surpresa e prazer ainda lhe iluminavam os olhos. — O bastardo entrou na casa antes que soubéssemos. Vinte e cinco homens buscando, e Marly o derrubou. Por que isso não me surpreende?

— É uma mulher alucinante. — Tara concordou com ele, enquanto tragava uma grande quantidade de uísque. — Melhor que a segure, Cade. Não encontrará outra como ela.

— Oh, definitivamente. — Olhou nos olhos de Marly. — Para sempre. Não é, Marly?

Marly respirou com surpresa diante o que leu em sua cara.

— Para sempre? — perguntou hesitante, com os lábios separados em esperança e medo.

— Definitivamente para sempre, carinho. — Inclinou-se adiante, beijando seus lábios separados brandamente. — Casaria comigo, Marly?

— O que? — sussurrou enquanto suspendia seu vestido desesperadamente sobre suas coxas, pondo-a na borda do sofá enquanto a outra mão se movia depressa desabotoando a calça.

Sentiu que a bebida abandonava sua mão, só vagamente consciente de que Tara a tinha resgatado, enquanto Cade lhe separava as coxas e depois rapidamente comprovava sua boa disposição, empurrando seu membro profunda e rapidamente dentro do quente canal. Agarrando seus quadris, começou a penetrá-la em uns lentos, apaixonados impulsos que a fez gritar pela liberação. Fechou as pernas ao redor de seus quadris, os quadris se elevaram para ele, enquanto empurrava dentro dela uma e outra vez. Ofegou, lutando por respirar, encontrou-se com cada impulso de sua grossa verga dentro de seu corpo.

— Amo você, Marly. — Gemeu, a voz estrangulada como dando-a um puxão para diante,

tomando seus lábios em um beijo que tocou sua alma.

A língua se lançou dentro de sua boca, enredando-se com ela enquanto a sentia entre as coxas e lentamente liberou o dilatador de seu traseiro. Marly se arqueou, gritou, e teve um orgasmo com um grito destrozado, antes de atirá-la ao chão, incliná-la sobre o sofá e empurrar naquela apertada e quente entrada.

Suas costas se arquearam, um pranto estrangulado em sua garganta enquanto o sentia enchê-la uma vez mais. Então ele empurrou nela duro e rápido, enlouquecendo-os enquanto seus sentidos explodiam tão rapidamente como seus corpos, os deixando ofegantes nas seqüelas de uma liberação tão feroz que ainda se estremeciam seus corpos minutos depois.

Cade a segurou perto, apertada, seu corpo ainda junto ao dele. O calor e a dureza que foi sempre parte dele esquentaram sua alma. Sua respiração era arruda, amoldando-se aos seus entrecortados.

— Minha. — Sussurrou em seu pescoço, os lábios acariciando a pele úmida dali.

— Meu. — Sorriu, sabendo que finalmente era verdade.

Embora se preocupasse que a ameaça contra ela parecia ter sido vencida tão facilmente, recusou permitir danificar este momento de felicidade que sabia que Cade necessitava tão desesperadamente. Quando temia que a escolha que tinha tomado tivesse feito acalmar seus pequenos demônios, então se assegurou a si mesmo que seu amor ao menos poderia lhe facilitar o caminho. Amava-a. Sabia agora, e rezava para que juntos derrotassem os demônios de seu passado, e os problemas que pudessem surgir no futuro de ambos.

EPÍLOGO

Brock era um homem louco. Um homem que tinha alcançado o fim de seu frágil controle. Caminhou pesadamente através do ginásio, evitando as olhadas curiosas, preocupado, e se dirigiu a um canto traseiro onde um homem se exercitava entre os grandes pesos sob o olhar luxurioso de uma jovem mulher, que flertava por cima de seus protuberantes músculos.

A cólera se elevou por suas veias, pulsando com o ritmo da fúria encontrando graves dificuldades para controlar. Quando alcançou o homem, afastou os pesos de suas mãos e os atirou no chão. O trovão resultante que a ação teve na cavernosa sala proporcionou em um silêncio sepulcral.

— Ei, você está louco? — gritou Mark Tate, então ofegou ao ser agarrado pelo peitinho da magra camisa sem mangas e jogado pesadamente contra a parede.

Brock não lhe deu tempo para responder. Em um rápido movimento, tinha sua mão agarradas ao redor do pescoço de Mark, deixando só um exíguo espaço para que o homem respirasse. Mãos desesperadas se agarraram a seu pulso, mas Brock simplesmente apertou o agarre.

— Se divórcie dela. — Grunhiu furiosamente, uma fúria assassina surgindo através dele enquanto olhava à outra vestida escassamente, que sempre parecia ser a sombra de Mark. — Assina os papéis ou te farei desejar havê-lo feito. Entende-me?

Mark sabia exatamente quem e o que queria dizer Brock. Tinha sido advertido. Brock tinha se assegurado disso quando se inteirou de que Sarah tinha estado perguntando por um.

— Minha esposa. — Mark ofegou.

Brock apertou seu agarre, olhando desapaixadamente enquanto o outro homem

empalidecia.

— Minha mulher. — corrigiu Brock. — Minha. E quero tê-la.

Mark assentiu com um movimento rápido. Brock afrouxou a pressão em sua garganta.

— De quem é mulher, Mark? — perguntou-lhe friamente.

— Sua. — ofegou Mark.

— Assine os papéis. — lhe ordenou de novo. — Tem até manhã a tarde para fazê-lo. Se não, vou te encontrar de novo e prometo que vou te machucar muito.

Mark assentiu. Um forçado, doloroso movimento contra a mão de Brock. Lentamente, Brock o soltou.

— Não me faça te matar, Mark. — Inclinou-se perto para sussurrar as palavras. — Desta vez, prometo, que o farei.

Desapercebido, quieto e escondido, o observador observava a confrontação. Tinha sido por mera sorte que estivesse aí quando Brock atacou, que estivesse o suficientemente perto para ouvir tudo, salvo o último, palavras sussurradas.

Era sua mulher. Sempre foi sua mulher. Seu punho se apertou com fúria. Ódio, escuro e absorvente, surgiu através dele. Primeiro Cade, vitorioso, reclamando sua Marly, e agora Brock, pensando que poderia fazer o mesmo. Se o deixasse continuar, então Sam procuraria sua felicidade. Sam não podia ser deixado acreditar que podia procurar sua felicidade. Mas se Brock, o gêmeo maior tivesse êxito, então Sam acreditaria que também podia.

O observador conteve seu sorriso, como conteve sua ira. Ocuparia-se de Sarah antes que pudesse ser reclamada. Antes que fosse levada ao rancho, antes de que fosse oferendada como um sacrifício ao passado, ocuparia-se dela. Suficientes sacrifícios e os demônios da dor poderiam ser apaziguados. Não podia permitir que os demônios se calassem. Nunca calados. Eram os demônios e suas vozes os que lhe guiavam, planejavam com ele, asseguravam-lhe a queda do traidor. Os demônios necessitavam sangue. E sangue deviam ter. O sangue de um inocente para pagar o sangue do morto.

Olhou Brock sair rapidamente do ginásio, então olhou Mark. O bom e velho Mark. Sorriu sarcasticamente recordando quão fácil era manipulá-lo. Quão fácil era lhe guiar. Sim, justamente como Jack, Mark sairia bem. Os demônios nunca seriam silenciados.

Fim



Projeto Revisoras Traduções
Grupo Romances Traduzidos
<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>
Comunidade Romances S.A.
<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>